Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais
Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas

O Judaísmo em Philip Roth: um conceito às avessas

Dora Landa

São Paulo
2010

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Orientais
Programas de Pós-Graduação em língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas

O Judaísmo em Philip Roth: um conceito às avessas

Dora Landa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de Título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Berta Waldman

São Paulo

2010

Aos meus pais.

À memória de meu pai.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Berta Waldman por me acompanhar em mais uma complexa jornada pelo judaísmo e pela literatura. Seu rigor e uma profunda compreensão dos conflitos humanos ficarão presentes em minha memória.

aos Professores Doutores Daisy Wajnberg e Luis S. Krausz pela leitura atenta dos textos que apresentei em minha qualificação de doutorado. Suas observações foram importantes para o melhor balizamento de minha hipótese de trabalho.

ao Dr. Mayer Snitcovsky, psicanalista e professor de Medicina, pelo diálogo permanente que me estimula e abre novas perspectivas.

ao meu irmão, Fabio Landa, psicanalista e estudioso do judaísmo, pela interlocução e pelas importantes indicações bibliográficas.

à Capes/DS (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Programa de Demanda Social) pela bolsa de estudos a mim concedida, permitindo uma dedicação mais intensa à minha pesquisa.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar algumas das obras de Philip Roth em que a temática judaica é o eixo principal. Meu interesse reside especialmente nos romances em que o Holocausto Judeu na Segunda Grande Guerra e o Estado de Israel com sua complexa situação no Oriente Médio são abordados. Baseei minha análise dessas obras na seguinte hipótese: para se aproximar de recentes situações traumáticas da história judaica, Philip Roth precisou adotar recursos narrativos que lhe permitissem ampliar seu raio de visão, evitando estereótipos e generalizações infrutíferas. Assim, o estilo rothiano carregado de ironia e humor foi alterado. Em *O Averso da Vida* parte-se de uma situação absurda: um personagem judeu morto nos Estados Unidos ressurgiu vivo num assentamento judaico na Cisjordânia e lutando pelo “Grande Israel”. Esse recurso possibilitou uma abordagem inusitada da tensa relação árabe-israelense. Em *Operação Shylock* encontramos um duplo impertinente e exasperante, proclamando uma absurda solução para o conflito no Oriente Médio. Finalmente em *Complô contra a América* o autor adota o recurso da distopia com os Estados Unidos elegendo um presidente nazista, em 1940, com todas as funestas consequências para a comunidade judaica. Entrevistas do autor assim como livros em que analisa extensamente sua própria produção literária e a de outros autores, especialmente Primo Levi e Aharon Appelfeld, também mostraram-se fontes valiosas para a análise do sempre polêmico posicionamento do autor diante de sua condição judaica.

Palavras-chave (5): Temática judaica, Holocausto Judeu, Estado de Israel, situações traumáticas, recursos narrativos.

ABSTRACT

This paper aims to analyse some of Philip Roth's work, in which the Jewish subject is the main axis. My greater interest lies basically upon the romances in which the Jewish Holocaust, during the Second World War and the State of Israel with its complex situation in Middle East are approached. I have based my analysis of his works on the following hypothesis: in order to get closer to recent traumatic situations of the Jewish history, Philip Roth had to use narrative resources that allow him to enlarge his point of view, avoiding stereotypes and fruitless generalizations. Therefore, the Rothian style, highly ironic and humorous, has been altered. In *The Counterlife* the point of departure is an absurd situation: an American Jewish dead character resurges alive at a Jewish settlement on Cisjordanie, and fighting for the "Great Israel". Such resource enabled a unusual approach of the tense Arab-Israeli relationship. In *Operation Shylock* we find an impertinent and exasperating double, that heralds an absurd solution for the Middle East conflict. Eventually, in *The Plot Against America*, the author adopts distopy as a resource, having the U.S. elect a Nazi president, in 1940, with all the appalling consequences for the Jewish community. Interviews with the author, as well as books in which he extensively analyses his own and other authors literary production, specially Primo Levi and Aharon Appelfeld, also acted as valuable sources for the analysis of the ever polemic positioning of the author towards his Jewish condition.

Key words (5): Jewish subject, Jewish Holocaust, State of Israel, traumatic situations, narrative resources.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT.....	vi
I. INTRODUÇÃO*	1
II. FORTUNA CRÍTICA	11
III. PHILIP ROTH E O JUDAISMO	36
III.1 - A polêmica sobre <i>Adeus, Columbus e O Complexo de Portnoy</i>	36
III.2 - Conversa com Primo Levi	55
III.3 - Conversa com Aharon Appelfeld.....	60
III.4- <i>The Facts</i> : Uma Autobiografia Ficcionalizada de Philip Roth.....	67
A- As Origens Judaicas.....	67
B- Tudo em Família.....	77
C- Agora talvez possamos começar.....	83
IV. O AVESSO DA VIDA E A RELAÇÃO COM ISRAEL	86
V. OPERAÇÃO SHYLOCK E A RELAÇÃO COM O DUPLO.....	119
1. Contexto Histórico	120
2. O Surgimento do Duplo	126
3. Incontrolabilidade das Coisas Reais.....	133
4. Conclusões.....	157
VI. COMPLÔ CONTRA A AMÉRICA, UMA DISTOPIA NECESSÁRIA.....	160
1. Contexto Histórico	161
2. Personagens históricos ficcionalizados	167
3. Seguidores de Cristãos	171
4. Tributo ao Pai	176
5. Conclusões.....	178
VII. CONCLUSÕES FINAIS	186
VIII. APÊNDICE	196
VIII.1- A Psicanálise e o Processo Civilizatório	196
VIII.2- Autores em busca da Civilização.....	204
IX- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	211

I. INTRODUÇÃO*

Alguns críticos (também) dizem que meu trabalho fornece “combustível” para o antissemitismo. Estou certo de que essas acusações serão feitas novamente - embora o fato é que (e eu penso que há até uma pista para isso em minha ficção tenho me sentido mais satisfeito com minha boa sorte de ser judeu (...) do que meus críticos possam imaginar. É uma demanda moral complicada, interessante e uma experiência muito singular; e eu gosto disso. Situo-me na condição histórica de ser judeu, com todas as suas implicações¹.

Philip Roth

A declaração de Philip Roth com a qual inicio este capítulo foi feita em 1969, ano do lançamento de seu polêmico livro *O Complexo de Portnoy*² e no auge das acusações de antissemitismo e auto-ódio feitas ao autor.

Quarenta anos já se passaram desde então e acredito que a declaração continue válida. Isso porque Philip Roth continuou escrevendo sobre judeus inseridos na sociedade americana, confrontando-se com os dilemas daquele país, relacionando-se com a memória do Holocausto e com a criação do Estado de Israel. Desde os lamentos de Alexander Portnoy (afinal o título em inglês de seu famoso romance é *Portnoy's Complaint*) até *Complô contra a América*³ lançado em 2004, Philip Roth não deixou de abordar os fantasmas que assombram a vida judaica. Faz

* Sobre as traduções: Ao iniciar meu trabalho de tese, os livros de Philip Roth com específica temática judaica traduzidos para o português eram: *Adeus, Columbus*, *O Complexo de Portnoy* e *Complô contra a América*, com traduções de Paulo Henriques Britto e *Operação Shylock-Uma Confissão*, com tradução de Marços Santarrita. Essas traduções foram por mim utilizadas. Os livros *Shop Talk*, *The Facts* e *Reading Myself and Others* não estavam traduzidos para o português. Portanto, as traduções de extratos retirados dessas obras foram feitas por mim. Em 2008 foram publicados os livros *Entre Nós*, com tradução de Paulo Henriques Britto para o livro *Shop Talk*, e *O Averso da Vida*, com tradução de Beth Vieira para o livro *The Counterlife*. A partir de então passei a adotar essas traduções como referência. Todas as demais fontes em inglês, francês e castelhano têm as traduções feitas por mim.

¹ ROTH, Philip. “On Portnoy’s Complaint”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, pp. 17-18. A tradução é minha.

No original: “Some critics (also) say that my work furnished “fuel” for anti-semitism. I’m sure these charges will be made again-though the fact is (and I think there’s even a clue to this in my fiction) that I have always been far more pleased by my good fortune in being born a Jew than my critics may begin to imagine. It’s a complicated, interesting, morally demanding, and a very singular experience, and I like that. I find myself in the historic predicament of being Jewish, with all it’s implications.”

² ROTH, Philip, *O Complexo de Portnoy*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³ ROTH, Philip, *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

isso à sua maneira, com altas doses de humor e ironia. Mas, creio que houve um aprendizado de sua parte e é nesse ponto que se situa minha hipótese de trabalho. Há na obra de Philip Roth uma visão de mundo baseada na não-idealização dos seres humanos, independentemente do grupo ao qual pertençam. Homens, mulheres, judeus, não-judeus, americanos, não-americanos, todos são submetidos a um olhar irônico, atento aos lados obscuros da mente humana mas que sabe reconhecer gestos de aproximação ou amizade.

Isso faz com que o alicerce sobre o qual aborda as questões do judaísmo tenha uma grande complexidade, e não se dê a ver de forma imediata. Os traços desse alicerce vão aparecendo a cada obra e uma visão ampla dos problemas apresentados só se torna possível ao final da análise. Por isso essa introdução deve ser lida como um posfácio mais que uma apresentação.

Ao longo das obras, o autor vai tornando mais complexa sua visão do judaísmo, na medida em que recusa os estereótipos e as explicações simplificadoras. Por outro lado, se ironia, humor ou descrições detalhadas de atos sexuais fadados ao fracasso criaram um estilo rothiano perfeitamente identificável, já no início de sua carreira literária, esses elementos mostraram-se insuficientes para abordar traumas profundos causados pela barbárie nazista, manifestações antissemitas revestidas por um novo discurso ideológico ou o seu oposto, o recrudescimento do fanatismo ultraortodoxo judaico baseado na ideia do “Grande Israel”. Philip Roth soube reconhecer esse fato e introduziu em suas obras elementos-chaves para aumentar a percepção de situações extremamente complexas.

Assim, em *Operação Shylock*⁴ o narrador Philip Roth encontra-se em Jerusalém com seu duplo denominado pejorativamente, em ídiche, de “Moishe Pipik” (Moishe Umbigo). Esse duplo exaspera o narrador, pois defende uma solução absurda para o conflito no Oriente Médio, que implicaria no fim do Estado Judeu.

A crítica literária Elaine Safer aponta em sua análise de *Operação Shylock*⁵ para uma declaração de Philip Roth que me parece fundamental: o autor declarou que a impertinência de “Moishe Pipik”, ao propor o diásporismo ou o retorno dos

⁴ ROTH, Philip. *Operação Shylock, Uma Confissão*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁵ SAFER, Elaine. “The Double, Comic Irony and Postmodernism in *Operation Shylock*”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 101-118.

judeus ashkenazitas de Israel para seus países de origem - Polônia, Romênia, Alemanha - possibilitou que ele se confrontasse com sua própria impertinência, que tanto irritou seus interlocutores. Referia-se, então, a Gershom Sholem e Irwing Howe que consideraram *O Complexo de Portnoy* um “livro antissemita” e uma “manifestação do auto-ódio judaico”.

Retornarei à questão do auto-ódio judaico mais adiante, mas aqui penso ser importante ressaltar como a criação de um recurso literário - o duplo impertinente - permite ao autor deslocar-se por áreas que talvez não estivessem claras nem mesmo para ele. Ao exasperar-se com seu duplo, coloca-se na pele de seus interlocutores, revendo algumas posições adotadas no passado. Isso porque à época da polêmica sobre *O Complexo de Portnoy*, uma das críticas mais contundentes que recebeu foi a de que Alexander Portnoy, com seu linguajar rude e práticas sexuais que beiravam a obscenidade, reforçaria o estereótipo do judeu criado pelos nazistas - ou seja, o judeu como um ser lascivo, que corromperia a sociedade (ariana). Philip Roth respondeu a essas críticas ironicamente dizendo que seus críticos não admitiam a presença da sexualidade no judeu⁶.

Há nesse momento um debate que se polariza em posições intransigentes. É preciso levar em conta o período histórico em que ele se apresenta - 1969 - período de grandes mudanças comportamentais e apenas vinte e cinco anos após a grande catástrofe humanitária estabelecida durante a Segunda Grande Guerra.

A narrativa de *Operação Shylock* ocorre em 1988 e o livro é publicado em 1993. Portanto, após vinte anos da ácida polêmica, Philip Roth pôde criar um duplo que lhe permitiu estar na posição de seus interlocutores exasperados.

Um desses interlocutores foi Leon Uris. Em 1961, seu livro *Exodus* era um sucesso editorial (quatro milhões de cópias vendidas) e já havia a versão hollywoodiana filmada do livro com Paul Newman e Sal Mineo nos papéis principais. Philip Roth havia publicado em 1959 um livro de contos, *Adeus, Columbus* que também gerou intensas polêmicas. Ao entrar no debate, Leon Uris assim se pronunciou:

Há toda uma escola de judeus americanos que gasta seu tempo condenando seus pais, odiando suas mães, retorcendo

⁶ ROTH, Philip. “Imagining Jews”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, pp. 251-280.

suas mãos e querendo saber por que nasceram. Isso não é arte ou literatura. Isso é psiquiatria.⁷

Mais adiante em sua declaração Leon Uris afirma que tem uma posição firme: ele é definitivamente pró-judeu⁸. Assim, o autor aponta para o suposto auto-ódio de escritores como Philip Roth.

O debate com Leon Uris foi ácido e Philip Roth levantou questões que vão desde a glamourização da imagem do judeu até interesses monetários envolvidos. Mas aqui seu interlocutor apresenta um questionamento interessante: de onde surge essa autocrítica tão fulminante que não permite que se vejam aspectos positivos dessa mesma comunidade? Acrescento aqui duas indagações: quando essa autocrítica fulminante se transforma em auto-ódio? Além disso, Philip Roth seria realmente portador dessa autodestrutividade?

Em seu clássico estudo sobre o auto-ódio judaico⁹ Theodor Lessing aponta para o fato de que toda minoria perseguida desenvolve uma extrema vigilância sobre seus atos para não deixar qualquer margem à crítica. Essa vigilância é de tal magnitude que a minoria corre o risco de perder sua espontaneidade. Porém, ao lado dessa extrema consciência crítica há uma tendência à ironia. Lessing acredita que o povo judeu, em função de sua história ininterrupta de perseguições, acabou por hipertrofiar essa capacidade de rir de si mesmo, fato que pode ser ilustrado pelo número impressionante de expressões e ditados populares não encontrados em nenhum outro povo. Cita então duas expressões populares que dão a dimensão da angústia presente nesse povo: “O judeu não pode celebrar Jontef (Iom Tov) o que significa que o judeu tem sempre a necessidade de complicar sua existência. Ou ainda: ‘Lá onde o góy ri, o judeu chora.’”¹⁰

Há também uma citação de Heinrich Heine. Nela o poeta ri de si mesmo dizendo que seus amigos alemães afirmam que ele não é um gênio natural alemão como eles; mas possuiria esse talento tão bem conhecido do judeu de “parecer-se

⁷ ROTH, Philip. “Some New Jewish Stereotypes”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, p. 184. A tradução é minha.

No original: “There is a whole school of Jewish American writers, who spend their time damning their fathers, hating their mothers, wringing their hands and wondering why they were born. This isn’t art or literature. It’s psychiatry.”

⁸ Ibidem, p. 184.

⁹ LESSING, Theodor. *La Haine de Soi-Le Refus d’être Juif*. Paris: Berg International Editeurs, 1990.

¹⁰ Ibidem, p. 35. A tradução é minha.

No original: “Le juif ne peut célébrer Jontef (Yom Tov). Le qui signifie que le juif éprouve toujours le besoin de se compliquer l’existence. Ou encore: ‘Là ou le goy rit, le juif pleure’.”

com”. Como Heine tem a firme intenção de continuar a “parecer-se com” até sua morte, ele espera que o resultado (de sua encenação) faça com que o vejam como um gênio natural alemão¹¹.

Essas imagens carregadas de ironia vão ao encontro do que Lessing quer demonstrar: que um povo perseguido desenvolve mecanismos protetores para enfrentar o extremo sofrimento que a perseguição ocasiona. Hipervigilância e ironia são as duas faces dessa mesma moeda. Mas, como elas se transformam em auto-ódio, uma insatisfação permanente consigo mesmo levando a autopunições ou mesmo ao suicídio?

Para responder a essa questão, o autor lança mão das histórias de cinco judeus que levaram às últimas consequências esse ódio. Privilegiarei aqui a história de Otto Weininger pois o desenrolar trágico de suas concepções sobre o judaísmo indica o grau de deterioração e sofrimento psíquicos que ideias preconcebidas podem gerar.

Otto Weininger, um jovem estudante judeu de filosofia cometeu suicídio em 4 de outubro de 1903. Tinha então 23 anos. Atirou contra si mesmo com uma pistola, mas deixou registradas no livro *Sexe et Caractère* suas ideias a respeito das relações entre o masculino e o feminino, o elementar e o espiritual e entre os judeus e os não judeus.

Theodor Lessing faz uma análise do livro partindo de categorias filosóficas que Weininger utilizava com maestria. Mas, é interessante observar como toda essa habilidade intelectual acaba por conduzi-lo a algumas equivalências perigosas. Assim, há uma contraposição inicial entre o elementar e o espiritual: o elementar é associado ao aspecto maternal e o espiritual ao aspecto viril e criador das coisas. Em seguida há uma contraposição entre mulher e homem, entre umbelical e intelectual e finalmente entre tronco e folhas. Todas essas reflexões são feitas num contexto moral, onde o Deus dos judeus é considerado colérico e assassino do belo mundo das divindades gregas e das maravilhas germânicas desaparecidas¹².

Além disso, a mulher é vista como culpada pelo rebaixamento de Deus, que passou a ocupar-se colericamente da matéria inerte e não mais da elevação do

¹¹ Ibidem, p. 35.

¹² Ibidem, p. 66.

espírito. A equivalência mais perigosa vem a seguir: Weininger associa os judeus a essa feminilidade não confiável; portanto, é preciso destruí-los¹³.

Todas as categorias filosóficas utilizadas por Otto Weininger ao invés de ampliarem seu raio de visão, estreitaram-no. Isso porque serviram como justificativa para o prejulgamento negativo do judaísmo que já existia em sua mente conturbada.

Theodor Lessing examina um mecanismo psíquico fundamental: ao identificar o “inimigo” a ser odiado, o indivíduo precisa torná-lo odiável e para isso todo sentimento de simpatia será eliminado¹⁴. Assim, os prejulgamentos e os estereótipos são criados a partir de uma tentativa de explicação para o sofrimento humano.

É preciso encontrar um culpado para esse sofrimento e o autor aponta para o que denomina “uma das verdades melhor estabelecidas da psicologia dos povos”: o fato de que os judeus foram os primeiros, e talvez os únicos, a considerarem a si mesmos culpados pelas tragédias da humanidade¹⁵. Nesse processo estaria envolvida a relação particular do povo judeu com Deus - um Deus que pune rigorosamente o povo que ama.

Penso que o caminho para a criação de estereótipos surge a partir de afirmações taxativas e a procura de culpados leva a uma polarização infrutífera. Invariavelmente se chega às mesmas conclusões: ou os culpados são os outros ou somos nós mesmos.

Assim, na conversa com Aharon Appelfeld¹⁶, Philip Roth introduz o tema da imagem de “góí” para o judeu. Observa que numa das obras de Aharon Appelfeld o gentio é descrito como um ser primitivo, brutal e sem controle sobre si mesmo. Ao mesmo tempo é invejado por ter raízes fortes com seu país. Philip Roth aponta também para alguns personagens judeus retratados por Aharon Appelfeld como estúpidos e atrasados e dessas observações surgem novos elementos para uma melhor compreensão da gênese do ódio ao outro e a si mesmo.

Assim o “góí” primitivo é apontado como o culpado pelos sofrimentos judaicos, mas no auto-ódio esse primitivismo é localizado no próprio judeu. O que

¹³ Ibidem, p. 67.

¹⁴ Ibidem, p. 27.

¹⁵ Ibidem, p. 26.

No original: “L’une des vérités le plus sûres et les mieux établies de la psychologie des peuples.”

¹⁶ ROTH, Philip. “Conversation with Aharon Appelfeld”. In: *Shop Talk, a Writer and his Colleagues and their Work*. New York: Vintage International, 2001, pp. 18-39.

*Góí – termo pejorativo que significa o não judeu.

não se percebe nesse jogo de espelhos é que todo ser humano carrega dentro de si elementos primitivos e não primitivos. Se, por um lado essa ambiguidade gera angústia - daí a necessidade de se colocar no outro um de seus polos - a percepção da existência dessa duplicidade pode dinamizar nosso mundo mental, tornando mais difícil a realização de prejulgamentos taxativos e empobrecedores.

Retornando ao debate entre Leon Uris e Philip Roth, ambos partiram de prejulgamentos: Leon Uris, ao imaginar que todo judeu, ao sofrer ou reclamar de uma educação restritiva e claustrofóbica seria um porta-voz da autodestruição do povo judeu, opta por não enxergar mazelas tão presentes nesse povo como em qualquer outro. Philip Roth, ao considerar Leon Uris apenas como um escritor comercial e que não quer levantar problemas ou angustiar o leitor com sua literatura, acaba por não enxergar que é preciso também valorizar algumas conquistas desse povo.

Com relação a Philip Roth, esse prejulgamento pôde ser desfeito em obras como *O Averso da Vida*¹⁷, *Operação Shylock*¹⁸ e *Complô contra a América*¹⁹. Todas são obras ficcionais, embora *Operação Shylock* e *Complô contra a América* contenham dados autobiográficos. Nelas é possível observar um autor que se mantém fiel a uma ideia central - a não-idealização dos judeus - mas que incorpora novos elementos ao seu fazer literário para poder expressar outros sentimentos ou diferentes posicionamentos.

Outra característica de Philip Roth que salientei em meu trabalho é a sua procura por interlocução. Ela está registrada em seu livro *Shop Talk, a Writer and His Colleagues and Their Work*²⁰ do qual extraí importantes observações sobre literatura e judaísmo, especialmente das conversas com Primo Levi, Aharon Appelfeld e Isaac Bashevis Singer.

Além disso, Philip Roth analisou também sua produção literária e abordou fatos determinantes em sua carreira, como a polêmica em torno de seus livros *Adeus, Columbus* e *O Complexo de Portnoy*. Essas análises estão registradas nos

¹⁷ ROTH, Philip. *O Averso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁸ ROTH, Philip. *Operação Shylock – Uma Confissão*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹⁹ ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

²⁰ ROTH, Philip. *Shop Talk, a Writer and his Colleagues and Their Work*. New York: Vintage International, 2002.

livros *Reading Myself and Others*²¹ e *The Facts, a Novelist's Autobiography*²² ambos amplamente citados por mim neste trabalho.

Minha tese nasce de uma hipótese que se manteve mas a ela foram incorporados outros elementos surgidos ao longo das análises, tornando a hipótese mais complexa e seu estudo mais exigente. Além disso, as formas literárias encontradas pelo autor abriram tantas perspectivas e desdobramentos na abordagem das questões do judaísmo, que foi preciso fazer algum corte arbitrário para se chegar a alguma finalização.

Tomo como exemplo a obra *The Facts, a Novelist's Autobiography* em que o autor está com cinquenta anos e sua proposta é fazer uma avaliação de sua vida até essa data pois sente-se angustiado por um fato: a “vida” de seus personagens tornou-se mais importante e mais presente para ele do que sua própria vida. Quer então contá-la, relatando os fatos o mais fielmente possível. Tudo isso parece bastante legítimo mas há um detalhe: Philip Roth endereça sua “autobiografia” a um personagem, Nathan Zuckerman.

Assim, no início da narrativa há uma carta de Philip Roth a Nathan Zuckerman pedindo sua opinião sobre o livro e perguntando-lhe se aprovaria sua publicação. Ao final Nathan Zuckerman responde a Philip Roth com uma avaliação nada positiva sobre o livro e não recomendando sua publicação: considera o livro muito melodramático! A nomeação do personagem e do autor introduzem o leitor no terreno da ficção, mas os fatos relatados realmente aconteceram, como atestam diversas entrevistas por mim coletadas de Philip Roth.

Um dos fatos relatados foi o que o autor denominou a “batalha de yeshivá” quando foi convidado, no fim dos anos 60, para falar sobre a literatura das minorias a um grupo de judeus religiosos. A animosidade contra Roth era tão grande que o encontro quase terminou em agressão física. Acusavam-no de reforçar o estereótipo do judeu lascivo e imoral. Philip Roth afirma que esse fato marcou-o para sempre²³ e a partir dele, ao invés de se afastar, sentiu-se cada vez mais ligado aos temas relacionados ao judaísmo.

Nesse sentido, a resposta dada por Philip Roth ao rabino de Nova York, David Seligson, é esclarecedora. Philip Roth diz ao rabino que não se considera

²¹ ROTH, Philip. *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001.

²² ROTH, Philip. *The Facts, a Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1997.

²³ ROTH, Philip. *The Facts, A Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1997, p.130.

nem antissemita nem portador de auto-ódio porque em seus livros ele não pretende retratar o judeu, mas sim aquele judeu que é o seu personagem no momento; ou melhor, ele pretende retratar aquele personagem que acontece ser judeu. Assim, o personagem está sujeito a todas as mazelas e alegrias que ocorrem com qualquer ser humano, judeu, não-judeu, branco, negro, americano ou não-americano²⁴.

Avesso a generalizações e estereótipos, Philip Roth adota até os dias de hoje narradores judeus em suas histórias. Mas, uma mudança de tom ocorreu e nesse ponto retomo minha hipótese de trabalho.

Em *O Avesso da Vida* o narrador Nathan Zuckerman vai a Israel em busca do irmão perdido para o fanatismo religioso. Defronta-se então com uma realidade mais complexa do que imaginara e é possível até vislumbrar um traço de depressão num narrador sempre muito ativo e irônico.

Em *Operação Shylock* e *Complô contra a América* o narrador Philip Roth vai em busca da história judaica em Israel nos anos 80 e nos Estados Unidos na década de quarenta. Também aqui é possível vislumbrar um traço de depressão, e até estupefação, diante de conflitos insolúveis num narrador também sempre muito ativo e irônico.

Na vida real, penso ter sido importante nessa mudança de tom diante dos traumas judaicos a amizade e profundo respeito por dois sobreviventes do Holocausto: Primo Levi e Aharon Appelfeld. Ao lermos os registros das conversas de Philip Roth com esses autores, percebemos um aprendizado humano: o de que algumas feridas ocasionadas pelos homens a outros homens não cicatrizarão nunca. Mas, os escritores, em sua busca de palavras que melhor as expressem, podem tornar essas feridas mais suportáveis. Para isso é preciso calma e silêncio muitas vezes não existentes no mundo judaico.

Aharon Appelfeld disse a Philip Roth que para manter-se fiel a si mesmo e à sua infância, e sendo um sobrevivente de guerra, tornou-se uma pessoa distante e contemplativa. O autor vive em Israel, onde a agitação externa é permanente, mas acredita que há também uma impaciência judaica que contribui para o intenso rumor presente naquele país: tudo é motivo de discussão e palavrório. Conclui, então, que

²⁴ ROTH, Philip. "Writing about Jews". In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, p. 198.

o “shtetl”²⁵ judaico não desapareceu²⁵. Eu acrescentaria que esse “shtetl” judaico internalizado, onde múltiplas vozes convivem no mesmo indivíduo, na vida real é fonte de profundos conflitos, muitas vezes insolúveis. A partir dessa constatação e trabalhando com um autor que traz para o primeiro plano de sua obra ficcional essas múltiplas vozes, optei também por fazê-lo.

Assim, em meu trabalho vários personagens rothianos entram em cena, dialogando entre si ou com personagens de outros autores que são referência para Philip Roth.

Minha voz é perceptível nas escolhas de personagens que fiz e no modo como conduzo as análises.

Desses personagens destaco Sandy, o irmão pré-adolescente de Philip Roth em *Complô contra a América*. Num determinado momento da narrativa esse menino percebe três situações fundamentais: que seu pai não está paranóico (há mesmo uma perseguição aos judeus); que ele está mais interessado no sexo oposto do que em ser garoto-propaganda de uma ideologia discriminatória e que, finalmente, é preciso ajudar seu pai a sair da degradação moral a que está exposto.

A partir dessas três constatações, e projetando um futuro para esse personagem, acredito que Sandy poderá chegar aos vinte e três anos querendo viver, respeitando sua herança judaica, porém mantendo-se crítico com relação aos estereótipos carregados de preconceito. Penso ser essa a expectativa presente na obra de Philip Roth.

²⁵ ROTH, Philip. “Conversation with Aharon Appelfeld”. In: *Shop Talk, a Writer and his Colleagues and Their Work*. New York: Vintage International, 2001, p. 32.

*Shtetl: aldeias onde os judeus viviam na Europa Central e Oriental.

II. FORTUNA CRÍTICA

Num determinado momento do extenso perfil traçado por David Remnick - editor da revista *The New Yorker* - sobre Philip Roth, o jornalista relembra um trecho de *O Complexo de Portnoy*. Nele Alexander Portnoy fala, evidentemente, de sua mãe onipotente e onipresente, controladora de seus movimentos intestinais e de sua sexualidade além de controlar, com as estritas regras judaicas sobre comida *kosher*, sua alimentação. Sua mãe era até mesmo capaz de “desafiar a lei da gravidade”, fazendo gelatinas em que pedaços de pêssego ficavam “boiando no meio, suspensos”. Assim, o narrador, com sua ironia e amargura, vai nos preparando para o golpe final. Alexander Portnoy conta, então, para seu analista que, certa vez, quando muito pequeno, estava observando, pela janela, uma nevasca. Virou-se, então, para a mãe e perguntou: “mamãe a gente acredita em inverno?”²⁶

Digo que essa frase é um golpe final, pois acredito ser essa uma das características marcantes dos textos de Philip Roth. São textos contundentes, carregados de ironia e que acabam por nos fazer rir de situações absurdas. O absurdo dessa situação é estarmos diante de uma criança tão acuada, que se vê na contingência de pedir permissão à mãe para acreditar num fenômeno da natureza.

Outra característica da literatura feita por Philip Roth: seus narradores sempre estão em luta contra si mesmos, contra a ordem instituída, contra regras estabelecidas para o bem ou para o mal. Não admitem que alguém lhes diga o que devem ou não fazer e a origem dessa revolta permanente parece estar nessa pergunta absurda do pequeno Alexander Portnoy.

Os críticos literários aqui selecionados, apesar de refletirem em diferentes direções sobre a obra literária de Philip Roth, têm em comum essa percepção da revolta que, muitas vezes, leva os narradores a um beco sem saída mas, ao mesmo tempo, dá ao texto um vigor admirável. Vigor que permite ao autor avançar, após quarenta anos de literatura, e setenta e cinco anos de idade, num terreno tão minado como o do envelhecimento. Suas últimas obras, *A Marca Humana*²⁷ *O*

²⁶ REMNICK, David. “Em Campo Aberto: Philip Roth”. In: *Dentro da Floresta*. Trad. Álvaro Kattner, Celso Nogueira, Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 148.

²⁷ ROTH, Philip. *A Marca Humana*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

*Animal Agonizante*²⁸ e *Homem Comum*²⁹ tratam, sem nenhuma complacência, não cedendo à tentação do “politicamente correto”, de um tema que a sociedade contemporânea teima em negar: a proximidade da morte.

Mas, retornemos a David Remnick e seu texto. O jornalista encontrou-se com Philip Roth no ano 2000. Nesse momento o autor estava escrevendo *A Marca Humana*, livro ambientado na era Clinton, no apogeu do “politicamente correto” e do escândalo sexual envolvendo o presidente dos EUA e Monica Lewinsky. É interessante o que Remnick afirma de Philip Roth naquele momento:

Roth não pretende dar um tratamento ficcional a figuras históricas, como fez Don DeLillo com Lee Harvey Oswald em **Libra** e com, J. Edgar Hoover em **Submundo**. Em vez disso, em cada volume da trilogia, a história invade a vida das pessoas comuns sem explicação racional. (...) ele trabalha na tradição de Stendhal ou Tolstói, que punham seus Fabrices e Pierres, e não Napoleão, em primeiro plano. A história não é cenário: a história permeia a narrativa, a mente dos personagens e a tessitura moral do livro.³⁰

A trilogia a que se refere Remnick é composta por *Pastoral Americana*³¹, *Casei com um Comunista*³² e *A Marca Humana*. Todas as narrativas são ambientadas em momentos históricos importantes da vida americana: guerra do Vietnã, macarthismo e era Bill Clinton. É interessante observar que a não ficcionalização de personagens históricos foi válida para essa trilogia, mas, em *Complô contra a América*³³, ela foi utilizada. Ali vemos Franklin D. Roosevelt e o aviador Charles Lindbergh interagindo num contexto puramente ficcional - e criando uma desestabilização no leitor que, muitas vezes, é obrigado a consultar o apêndice do livro, para verificar o que realmente ocorreu ou não. O próprio David Remnick se vê na contingência de escrever um apêndice a seu texto, acrescentando a

²⁸ ROTH, Philip. *O Animal Agonizante*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²⁹ ROTH, Philip. *Homem Comum*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³⁰ REMNICK, David. “Em Campo Aberto: Philip Roth”. In: *Dentro da Floresta*. Trad. Álvaro Hattner, Celso Nogueira, Ivo Korytowsky. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.137.

³¹ ROTH, Philip. *Pastoral Americana*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³² ROTH, Philip. *Casei com um Comunista*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³³ ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

publicação de *Complô contra a América* em 2004 - o que atesta, a seu ver, o vigor da obra de Philip Roth. Vigor e complexidade, pois Philip Roth não escreve uma literatura de fácil digestão, exatamente porque o autor usa de vários recursos na forma literária para contar sua história. Aqui um outro elemento entra na análise que Remnick faz da obra de Philip Roth: para que se percebam as muitas nuances, e os múltiplos recursos que o autor utiliza, é preciso que haja leitores interessados numa ampliação da consciência, numa superação de lugares comuns e clichês literários. Philip Roth acredita que o número de leitores sérios esteja diminuindo. Assim Roth diz a David Remnick:

A literatura exige um hábito mental que desapareceu, exige silêncio, algum tipo de isolamento e concentração continuada na presença de um fator enigmático. É difícil apreender um romance maduro, inteligente, adulto. É difícil saber o que fazer da literatura. Por isso digo que dizem coisas estúpidas sobre ela, pois, a não ser que as pessoas sejam suficientemente educadas, elas não sabem o que fazer dela.³⁴

O que David Remnick salienta em seu apêndice sobre *Complô contra a América* é que apesar desse panorama trágico com relação ao hábito da leitura, *Complô contra a América* foi o livro de Roth mais vendido desde *O Complexo de Portnoy*.

A análise sobre os caminhos da literatura num mundo com tantos outros apelos sedutores foge em muito do objetivo desse trabalho, mas é interessante. Numa entrevista recente, em função do lançamento de seu último livro *Fantasma sai de Cena*³⁵, ao ser perguntado sobre onde estão os leitores, Philip Roth responde que eles estão “olhando para as telas de seus computadores, as telas de televisão, dos cinemas, dos DVD(s), distraídos por formatos mais divertidos”. E afirma: as telas nos derrotaram. O fato é que *Complô contra a América* teve uma boa acolhida nos Estados Unidos recebendo inclusive, em 2005, um prêmio da Sociedade Americana de História, por se revelar um surpreendente romance histórico.

³⁴ REMNICK, op. cit., p.155.

³⁵ MANTILLA, Jesus Ruiz. “Habemus Obama”. In: *Folha de São Paulo*, 8 junho 2008. Caderno Mais, pp. 2-3.

Para Elaine B. Safer³⁶ uma combinação particularmente engenhosa de fatores contribuiu para o grande impacto que o lançamento de *Complô contra a América* causou. Um deles em especial merece ser salientado: o fator medo, que faz com que massas de pessoas sejam facilmente manipuláveis, no sentido de abdicarem de seus direitos mais básicos ou de perderem o que a autora denomina de decência humana básica.

Assim, Elaine Safer³⁷ afirma que ao longo de suas obras - especialmente na trilogia histórica *Pastoral Americana*, *Casei com um Comunista*, *A Marca Humana* - Philip Roth coloca-nos frente à renúncia voluntária às liberdades civis, tão duramente conquistadas; mas, em *Complô contra a América* a perda é mais completa, como se as próprias instituições básicas caíssem diante do medo do país de uma guerra contra Hitler³⁸, e a autora acrescenta: “Complô conecta-se com os romances anteriores a ele porque traz à tona a temerosa facilidade com que as pessoas caem num comportamento irracional quando abrem o caminho para o excesso.”³⁹

A autora afirma ainda que Philip Roth usa do humor - que atinge os limites do grotesco - para nos advertir sobre os perigos da disseminação do medo e da histeria. Acredita também que as implicações dessa advertência justificam o fato de o livro ter sido objeto de mais de cento e oitenta resenhas no mês seguinte à sua publicação (outubro 2004). Citarei aqui algumas das críticas selecionadas pela autora, porque elas mostram como um romance bem construído é capaz de suscitar aquilo que Philip Roth tem chamado de “ampliação da consciência”.

Assim, a crítica Joan Acocella do *New Yorker* assinala o poder emocional de *Complô contra a América* quando diz que Roth, assim como Kafka, Gogol e Swift é capaz de “conduzir a mais extravagante e grotesca fantasia num absoluto realismo

³⁶ SAFER, Elaine B. “The Plot Against America: Paranóia or Possibility”. In: *Mocking the age – The later Novels of Philip Roth*. New York: State University of New York Press. Albany, 2006, pp.147-162.

³⁷ Ibidem, p. 160.

³⁸ Ibidem, p. 160.

³⁹ Ibidem, p. 147. No original: “(Plot Against America) connects to the novels prior to it by bringing to light the frightening facility with which people fall into irrational behaviour when they give way to excess.”

mundano, de tal forma que o leitor não pode dizer “Não, isso não poderia acontecer.”⁴⁰

Michael Schaub observa que o romance é mais sobre 2004 do que sobre 1940: “Sessenta e quatro anos não é um tempo longo, historicamente falando, mas é assim mesmo assustador o quanto não avançamos.”⁴¹

Elaine Safer observa também que *Complô contra a América* chama a atenção para o fato de que o que parece paranóia pode realmente ser possível, e acrescenta uma informação dada por Philip Roth: ele queria que aqueles lugares parecessem reais. Para isso descreveu com a maior precisão possível o meio social em que os fatos ocorreram. Essa precisão foi atingida a partir de uma profunda pesquisa histórica, presente como apêndice do livro. Assim, o leitor é transportado para um “absoluto realismo mundano” em que a única saída para aquela minoria retratada é seu deslocamento para o oeste americano e futuramente para a morte (como de fato acontece com a mãe de um personagem, linchada por membros da Ku Klux Klan).

É interessante observar que a minoria retratada e perseguida é a minoria judaica - e isso realmente ocorreu na Europa, mas não nos Estados Unidos. Diante de afirmações como a de que *Complô contra a América* seria seu romance mais judaico ou que “essa parece ser a grande história judaica de Philip Roth”⁴², há uma resposta negativa veemente. Philip Roth afirma: “É meu livro mais americano. É sobre a América. É uma distopia americana.”⁴³ É como se o autor nos dissesse que se esmerou tanto em recriar aquele ambiente conturbado e aquela comunidade amedrontada não para defender uma causa, mas para mostrar uma realidade humana aterrorizante que pode atingir qualquer agrupamento humano. Ao retratar aquele pequeno Philip Roth confuso entre adultos tão díspares como seu íntegro pai e sua tia seduzida por uma ideologia que lhe proporcionava aparente ascensão social, ele está retratando qualquer criança, judia ou não, diante de circunstâncias

⁴⁰ Ibidem, p. 189. No original: “Acocella pinpoints the plot’s emotional power when she states that Roth, like Kafka, Gogol, and Swift, is able to couch the most extravagant, grotesque fantasy in an utterly mundane realism, so the reader cannot say, ‘no, this could not happen’.”

⁴¹ Ibidem, p.188. No original: “Michael Schaub observes that the novel ‘is much about 2004 as it is about 1940. Sixty-four years in not a long time historically speaking, but it’s still a bit scary how far we haven’t come’.”

⁴² KRASNIK, Martin. “Em busca da salvação”. In: *Folha de São Paulo*, 12 março 2006. Caderno Mais, p. 10.

⁴³ Ibidem p. 10.

absurdas. J.M. Coetzee observa: “se podemos falar sobre a afeição de um homem maduro por sua infância, então a afeição e o respeito do escritor pelo pequeno Philip é um dos mais comoventes aspectos do livro.”⁴⁴

Da mesma forma, a tentativa de analisar o livro como uma metáfora do governo Bush foi sistematicamente rejeitada por Philip Roth. Numa declaração recente, o autor constata que *alguns leitores querem tomar esse livro como um “roman à clef” para o presente momento na América*. Mas ele afirma: “Eu não estou fingindo estar interessado nesses dois anos (1940-1942). Eu estou interessado nesses dois anos.”⁴⁵

Nesse sentido, a polêmica se estabelece: se é verdade que há um contexto histórico específico (dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001) que permeia a obra ficcional - afinal o autor escreve sobre perseguição a minorias numa época em que velhos discursos racistas são desencavados em função do medo - a obra não pode ser reduzida a uma metáfora ou a uma mensagem. A propósito J.M. Coetzee assinala:

Em qualquer leitura mais sensata, *Complô contra a América* é “sobre” a presidência de George W Bush somente de uma forma periférica. (...) É necessário um leitor paranóico para torná-lo um “roman à clef” para o presente. Entretanto um dos elementos que compõem *Complô contra a América* é, precisamente, a paranóia.⁴⁶

A forma na qual o romance é escrito evidencia a sensação de paranóia, de perseguição e de instabilidade presente na comunidade retratada no livro. Um exemplo paradigmático disso é o modo como Charles Lindbergh aparece e desaparece da história: aparece majestosamente num comício, a bordo de seu lendário avião, é aclamado e eleito presidente. Os atos discriminatórios contra

⁴⁴ SAFER, op. cit., p. 187. No original: “J.M. Coetzee observes: ‘If one may speak of the affection of a grown man for his childhood self, then the affection and respect of the writer for young Philip is one of the most appealing aspects of the book’.”

⁴⁵ Ibidem, p. 151. No original: “I am not pretending to be interested in these two years (1940-1942). I am interested in those two years”.

⁴⁶ SAFER, op. cit., p. 187. No original: “In any sensible reading, *The Plot Against America* is ‘about’ the presidency of George W. Bush in only the most peripheral way (...) it needs a paranoid reader to turn it into a *roman à clef* for the present. However one of the things that *The Plot Against America* is about is precisely, paranoia.”

judeus começam a ser aplicados, a perseguição aumenta. Alguns personagens ascendem socialmente (como o rabino Bengelsdorf e sua mulher, a odiosa tia Evelyn) e outros rumam a um inferno pessoal (como Seldon e sua mãe, vizinhos dos Roth). Mas, assim como tudo começou com Lindbergh, tudo termina com Lindbergh. Ele desaparece misteriosamente no mar. Roosevelt é reempossado e a história volta ao “normal”.

Alguns críticos se ressentiram com o final abrupto e mesmo assim por motivos diferentes. O que faz pensar no grau de incômodo que a ficção criada por Philip Roth foi capaz de causar.

Para Elaine Safer é sintomático que o desaparecimento de Lindbergh ocorra no penúltimo capítulo. Ele voa para dentro do céu para nunca mais voltar. Há rumores sobre esse desaparecimento mas, para a crítica, a introdução desse *deus ex machina* para a resolução do conflito pode ser comparada aos finais dos romances de Charles Dickens:

Como em Dickens, percebemos que precisaria haver um milagre para livrar o povo de Lindbergh. O voo de Lindbergh para o azul é similar ao significado de Oliver Twist receber uma herança. A sugestão é de que seria preciso um milagre para que um pobre como Oliver pudesse prosperar na Inglaterra do séc. XIX.⁴⁷

Michiko Kakutani critica a conclusão abrupta, mas de um outro ponto de vista. Ela acredita que *Complô contra a América* se apressa para um final “ilógico (embora inteligente) e ocorre num contexto político que permanece por demais ‘caricatural.’”⁴⁸

Sanford Pinsker comenta: “Os últimos parágrafos do romance avançam pelas páginas sem tornar claro se os temores dos judeus ali retratados são

⁴⁷ SAFER, op. cit., p. 160. No original: “As with Dickens, one realizes that it would take a miracle to deliver the people from Lindbergh. Lindbergh’s flying into the blue is similar to Dickens’s implied meaning when Oliver Twist gets an inheritance. The suggestion is that it would take a miracle for a pauper like Oliver to prosper in nineteenth-century England.”

⁴⁸ Ibidem, p. 189. No original: “Prosperous (albeit clever) ending and takes place in a political landscape that remains cartoony in the extreme.”

evidências de paranóia ou preocupações justificáveis.”⁴⁹ O interessante aqui é que a dúvida do crítico é a mesma de um dos personagens do romance, Sandy, o irmão mais velho de Philip.

Sandy, um jovem de treze anos, é cooptado pela tia para fazer parte de um programa governamental proposto só para jovens judeus. Eles passariam inicialmente alguns meses em fazendas do oeste americano, aprendendo a plantar, criar gado e conhecendo “patrioticamente” os rincões mais afastados do país. Na prática, o programa visava deslocar os judeus da costa americana, realocando-os em zonas mais longínquas e desérticas. Sandy quis ir para o Kentucky, pois via nisso uma aventura e uma chance de se afastar dos pais. Num contexto explosivo e de antissemitismo crescente, esse fato gerou um diálogo áspero com seu pai, a quem Sandy acusa de paranóico, embora percebesse a segregação em relação aos judeus. Mas a dúvida do crítico, semelhante à de Sandy, faz pensar que o romance, ao retratar situações extremas e absurdas, coloca-nos numa posição semelhante a dos judeus europeus, que inicialmente não acreditavam na realidade dos fornos crematórios.

Com *Operação Shylock* ocorreu um processo semelhante: como retratar uma realidade tão complexa, multifacetada e repleta de conflitos insolúveis como a realidade israelense? Além disso, Philip Roth mostra-se invariavelmente avesso a qualquer imposição de regras de como pensar uma situação. Assim, seria impossível para o autor escrever um romance partindo de uma posição fixa, a favor ou contra um dos lados do conflito.

A solução encontrada em *Operação Shylock* foi a utilização de um duplo falando, a princípio, absurdos, mas que ao longo do romance revelam uma lógica interna.

Alan Cooper, citado por Elaine B. Safer, em seu estudo sobre *Operação Shylock*⁵⁰ aponta que:

⁴⁹ SAFER, op. cit., p. 189. No original: Sanford Pinsker comments: “the novel’s last paragraphs simply dribble of the page, without making it clear if the Jewish worries he chronicles are evidence of paranoia of justifiable concern.”

⁵⁰ SAFER, Elaine B. “The Double, Comic Irony and Postmodernism in *Operation Shylock*”. In: *Philip Roth, Edited and with an introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 101-117.

As ideias em *Operação Shylock* giram em torno de locais, pessoas e tópicos de discussões obsessivas: o Holocausto, a criação do Estado de Israel, a justiça israelense, Ivan - o terrível, antissemitismo, direitos dos palestinos, o judeu na história e, evidentemente, o escritor judeu. Todos esses elementos são paradoxos: eles são o que parecem ser e são também os opostos diretos do que parecem.⁵¹

A partir desse jogo de espelhos torna-se possível ao leitor participar de um universo conflituoso, onde qualquer solução simplificadora mostra-se ineficaz.

Utilizando uma outra terminologia, Elaine Safer aponta que a mistura de gêneros literários (história, ficção, não-ficção, filmes) é uma característica dos romancistas pós-modernos. Essa mistura de gêneros ocorre em *Operação Shylock* uma vez que o mote inicial, o aparecimento do duplo, surge a partir de uma experiência real, autobiográfica: Philip Roth vivenciou uma despersonalização a partir da ingestão de um medicamento ansiolítico, Halcion. Mas, a partir daí, esse mote inicial segue caminhos puramente literários.

Ao mesmo tempo, as descrições das sessões do julgamento de Ivan, o terrível, em Jerusalém, são realisticamente detalhadas. Todavia o narrador faz comentários que indicam o seu posicionamento diante desse personagem histórico. Assim, numa das passagens mais interessantes, o narrador assiste a uma das sessões do julgamento e se flagra irritado com o fato de jovens escolares estarem presentes na sessão. O que irrita é o fato de ao invés de ouvirem os depoimentos, extremamente chocantes e depressivos, passam bilhetinhos uns aos outros, ou os meninos puxam os cabelos das meninas, etc. Pondera, então, ser bom que os judeus tenham agora um país em que os adolescentes vivam uma vida normal e não sejam maquinalmente encaminhados para a morte.

Nesse emaranhado entre ficção e realidade, o que se evidencia é o próprio processo criativo. Elaine Safer relembra uma passagem do livro *Deception*⁵² em que

⁵¹ SAFER, op. cit., p.114. No original: "Ideas in *Operation Shylock* revolve around its locales, its people, and the topics of its obsessive discussions: the Holocaust, the creation of Israel, Israeli justice, Ivan the Terrible, gentile anti-semitism, rights of Palestinians, the Jew in history, and, of course, the Jewish writer. All are paradoxes: they are what they seem and they are also the direct opposites of what they seem."

⁵² ROTH, Philip. *Deception*. New York: Vintage International, 1997.

o narrador afirma: “Eu escrevo ficção e eu digo que é autobiografia. Eu escrevo autobiografia e digo que é ficção... deixe que eles decidam o que é e o que não é.”⁵³

É exatamente isso que ocorre quando se observam as análises de diversos críticos literários sobre esse livro tão complexo. Alguns acreditam que *Operação Shylock* seja o terceiro volume de uma trilogia autobiográfica - que incluiria *The Facts*⁵⁴ e *Patrimony*⁵⁵; outros discutem a emergência do árabe como “o novo outro” na ficção de Roth. Outros, evidentemente, enxergam um antissemitismo latente na obra, uma vez que o duplo de Roth, “Moshe Pipik”, advoga o retorno dos judeus ashkenazitas para a Europa, deixando Israel para os árabes e para os judeus sefaraditas.

Dando um toque de humor a todas essas análises em torno do livro, por ocasião do lançamento, agentes literários, não sabendo como catalogá-lo, perguntaram ao editor de Philip Roth o que fazer; receberam a seguinte resposta: “Ele grasna como um romance e nada como um romance, então é um romance.”⁵⁶

Retornando à questão do pós-modernismo na obra de Philip Roth, penso que só em termos esse conceito pode ser aplicado à *Operação Shylock*. Isso porque, embora alguns elementos pós-modernos estejam presentes na narrativa (mistura de gêneros, fragmentação e desorientação do narrador, ironia e estupefação diante de um mundo não compreensível), dificilmente o narrador de Roth poderia ser visto como alguém à deriva, totalmente à mercê dos acontecimentos.

O Philip Roth *real* de *Operação Shylock* interage ativa e raivosamente com seu duplo: quer encontrá-lo e debate com ele as ideias que considera absurdas, envolve-se com a realidade israelense, com seu amigo árabe, agora transformado num porta-voz palestino contra o “colonialismo israelense”; envolve-se também com o serviço secreto israelense. Portanto, o narrador de Roth é um narrador vigoroso apesar de combalido por circunstâncias internas e externas, diferentemente dos narradores de romances tipicamente pós-modernos, em geral abatidos e melancólicos diante de circunstâncias que não entendem.

⁵³ SAFER, op. cit., p. 102. No original: “I write fiction and I’m told it’s autobiography. I write autobiography and I’m told it’s fiction... let them decide what it is or it isn’t.”

⁵⁴ ROTH, Philip. *The Facts*. New York: Vintage International, 1998.

⁵⁵ ROTH, Philip. *Patrimony*, a true story, New York, Vintage International, 1991.

⁵⁶ SAFER, op. cit., p.105. No original: “If it quacks like a novel and swims like a novel, then it’s novel.”

De qualquer forma é interessante observar a aproximação que alguns críticos vêem entre a ficção de Philip Roth (especialmente a produzida de meados dos anos 90 até os dias atuais) com o pós-modernismo. De fato há uma percepção de mudança, de uma não-estagnação em modelos já estabelecidos e de sucesso. Philip Roth é um dos escritores americanos mais aclamados, premiados e eterno concorrente ao Prêmio Nobel⁵⁷.

Assim, Elaine Safer observa que a partir dessa mistura de gêneros literários tão característica do pós-modernismo utilizada por Philip Roth, há também a possibilidade de se adotar alguns elementos clássicos da literatura, com uma intencionalidade diferente. A apresentação do duplo por Philip Roth, não teria a finalidade de examinar aspectos próprios, como em Dostoiévsky ou Gogol. Esses autores são citados pelo *real* Philip Roth em *Operação Shylock*, conectando-o com uma tradição literária e, ao mesmo tempo, desconectando-o dessa tradição. “Moshe Pipik”, seu duplo, terá uma conotação diversa. Ele permitirá ao autor explorar aspectos de si mesmo e da realidade judaica difíceis de serem admitidos.

Elaine Safer acredita que a dualidade de ideias é o centro de *Operação Shylock* e acrescenta:

Num nível, há as realidades mutantes de Philip Roth, o autor ficcional, “Pipik” - a sombra do outro - e o real autor Roth. Todos os três representam a questão central do romance: como cada um define a natureza judaica.⁵⁸

Portanto, parece que é disso que se trata: criar uma forma narrativa que permita um deslocamento de posições e, a partir desse deslocamento, uma ampliação de nossa percepção sobre um tema tão complexo como a condição judaica.

⁵⁷ A esse respeito, ao ser perguntado sobre o fato de já ter recebido todos os prêmios possíveis e agora ter seus livros junto aos clássicos, na coleção *Library of America*, Philip Roth respondeu: “É melhor do que ser atropelado por um caminhão, não acha?” Conforme entrevista dada a Helena Celestino para *O Globo on Line* em 24/09/2005. Vemos aí um toque de ironia atestando o compromisso do autor com a literatura e com a sua manutenção dentro desse universo, que lhe é tão caro.

⁵⁸ SAFER, op. cit., p. 110. A tradução é minha. No original: “On one level, there are the shifting realities of Philip Roth, the fictional author, “Pipik”, the shadow self or the other, and the real author Roth. All three represent a quest central to the novel: how does one define the Jewish self?”

Partindo desse ponto de vista, Timothy L. Parrish acredita que, para Philip Roth, “o ato de escrever e o fato de ser judeu estão entrelaçados.”⁵⁹ O autor afirma que as estratégias formais utilizadas por Roth não são autorreferentes, visando a sua reavaliação ou desconstrução, nem estão engajadas no “debate contemporâneo filosófico relativo a natureza do Eu.”⁶⁰ São, na verdade, respostas ativas da imaginação do autor frente a um tema que lhe é fundamental: a contradição inerente ao fato de ser judeu e também ser americano.

Nesse sentido, o autor cita em seu artigo Robert Alter que veria na criação do duplo, por Roth, algo menos ameaçador do que a corporificação de um obscuro eu; seria algo como a reinvenção do eu com um propósito ficcional. Timothy Parrish acredita que, ao contrário, “Moshe Pipik” é ameaçador para o **real** Philip Roth porque atinge sua identidade - e isso porque “fazer ficção sempre ameaça e transforma a identidade pessoal.”⁶¹

Timothy Parrish expõe em seu artigo aquilo que lhe parece uma dificuldade inerente à obra de Philip Roth: como contar uma história judaica expondo lados positivos e também lados negativos de uma comunidade tão massacrada? Esse tema está presente desde sempre nas obras de Philip Roth e já lhe causou sérios dissabores, especialmente com as críticas contundentes de Gershom Sholem e Irving Howe com relação àquilo que leram como antissemitismo em *O Complexo de Portnoy*.

Numa posição oposta, Aharon Appelfeld, escritor israelense, analisa os embates de Philip Roth com o judaísmo. Em seu artigo “L’artiste en tant qu’écrivain juif”⁶² afirma:

Philip Roth é, a meu ver, um escritor judeu não porque ele se considere como tal ou porque outros lhe coloquem essa etiqueta, mas porque ele escreve sobre pessoas que se chamam Zuckerman, Epstein ou Kepesh, sobre suas mães, sobre suas vidas e suas subversões como um romancista que conhece essas coisas intimamente.

⁵⁹ PARRISH, Timothy L. “Imagining Jews in Philip Roth’s *Operation Shylock*”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, p. 120. No original: “The act of writing and the fact of being a Jew are intertwined.”

⁶⁰ Ibidem, p. 120. No original: “In contemporary philosophical debates concerning the nature of self.”

⁶¹ Ibidem, p. 122. No original: “The act of making fiction always threatens and transforms identity.”

⁶² APPELFELD, Aharon. “L’artiste en tant qu’écrivain juif” (1988-extrait). Reading Philip Roth - Dossier Philip Roth”. In: *Transfuge - Le Magazine de Littérature Étrangère*, nº 4, septembre, 2004, p.85.

Consequentemente, ele compreende os gestos visíveis e os movimentos dissimulados de seus personagens. Quando é possível, ele os observa minuciosamente e sem intervir em suas vidas. Ele nunca idealiza os judeus, ele nunca os santifica ou os torna anônimos: ele os faz seres de carne e osso, mostra seus defeitos e seus sucessos. Eu utilizo a expressão “de carne e osso” porque não encontro outra melhor para descrever a essência da existência humana.

Não encontramos na ficção de Philip Roth a filosofia judaica, as tradições, o misticismo, a religião ou a discussão sobre quem é judeu. Encontramos nela aqueles que acreditam em seu judaísmo e aqueles para os quais o judaísmo não tem nenhuma importância. Os judeus de Roth são judeus sem judaísmo.⁶³

Mais adiante em seu artigo, Aharon Appelfeld diz que nenhum escritor judeu suscitou tanta raiva entre os judeus, em todos os estratos sociais: rabinos, lideranças judaicas, universitários. Em função dessa reação passional, o mais importante foi esquecido: o fato de que Philip Roth conhece profundamente seus personagens. Ele retrata a vida dos pequenos e dos grandes, dos calmos e dos violentos. De acordo com sua visão, Appelfeld acredita que os opositores de Roth percebem o conhecimento profundo do autor sobre a existência judaica contemporânea e talvez isso gere tanta raiva.

Em *Operação Shylock*, Aharon Appelfeld entra para a ficção de Roth ficcionalizado. O debate sobre a existência judaica foi transposto para o romance de uma forma muito peculiar: Aharon Appelfeld surge como um outro não ameaçador, uma espécie de antídoto contra o veneno destilado na relação Philip Roth - "Moshe Pipik".

Para Timothy L. Parrish, Roth percebe Appelfeld como uma metade complementar - os dois formando um eu judaico completo:

⁶³ APPELFELD, op. cit., p.89. No original: “Philip Roth est à mon sens un écrivain juif, non pas parce qu’il se considère comme tel ou parce que d’autres lui prêtent cette étiquette mais parce qu’il écrit sur des gens que s’appellent Zuckeman, Epstein ou Kepesh, sur leurs mères, sur leurs vies et ses bouleversements à la manière d’un romancier qui connaît ces choses intimement.

Par conséquent, il comprend les gestes visibles et les mouvements dissimulés de ses personnages. Quand cela est possible, il les observe à la loupe et sans intervenir dans leurs vies. Il n’a jamais idéalisé les juifs. Il ne les a jamais sanctifiés ou rendus anonymes: Il en fait des êtres de chair et de sang, il montre leurs défauts et leurs succès d’êtres humains. Dans les fictions de Philip Roth, on ne trouve guère de philosophie juive de traditions, de mysticisme, de religion ou de discussion sur qui est juif ou ce que c’est que d’être juif. Il y en a qui sont fiers de leur judaïsme et ceux pour lesquels cela n’a aucune importance. Les juifs de Roth sont de juifs sans judaïsme.”

O judaísmo europeu, partido ao meio primeiramente pela imigração em massa para a América e posteriormente pelo Holocausto, recombina-se em um corpo onde quer que Roth e Appelfeld se encontrem - em Jerusalém ou Nova York. A existência de Appelfeld não ameaça a identidade de Roth precisamente porque ele não se sobrepõe à noção de Roth sobre si mesmo como um judeu americano. O escritor israelense é talvez único na ficção de Roth uma vez que ele é um duplo que pode ser confortavelmente descrito como “outro.”⁶⁴

A própria estrutura da narrativa, exacerba complementaridades ou antagonismos. Não será apenas com “Moshe Pipik” que Philip Roth trará diálogos ácidos: há também o agente do Mossad, o amigo árabe e a amante de “Pipik”. Com todos eles Philip Roth manterá diálogos venenosos muitas vezes sem saída e exasperantes, o que parece ter suscitado nos críticos uma reação negativa. A maioria deles classificou essa mistura de ficção e realidade como autoindulgente.

Robert Alter comparando *Operação Shylock* com obras de um grande romancista autorreflexivo como Nabokov, classificou-o como um romance raso; mas a crítica que mais desagradou Philip Roth foi feita por John Updike, um amigo próximo e leitor atento de Roth. Ele publicou na revista *New Yorker* uma resenha em que afirma que *Operação Shylock* põe por terra a copiosa pesquisa de Roth sobre a judeidade. Updike expõe no artigo seu desgosto por aquilo que ele considera como pós-modernismo. Reconhecendo *Operação Shylock* como uma peça fundamental para o entendimento da obra de Roth, acaba por desqualificar todo o trabalho do autor, excetuando de sua crítica *Adeus, Columbus*, de 1959. Roth recebeu a crítica como um duro golpe, principalmente por aquilo que qualificou como uma leitura superficial feita por um amigo⁶⁵.

A partir de outro ponto de vista, Andrew Furman⁶⁶ ressalta que *Operação Shylock* pode ser visto como uma tentativa de investigação sobre o Oriente Médio a partir de vozes até agora colocadas em segundo plano. Ao trazer George Ziad, um

⁶⁴ PARRISH, op. cit., p.128. No original: “European Jewry, broken in half first by mass immigration to America and then by the Holocaust, is recombined into one body whenever Roth and Appelfeld meet – be it in Jerusalem or New York. Appelfeld’s existence does not challenge Roth’s identity precisely because he does not impinge on Roth’s sense of himself as an American Jew. The Israeli writer is perhaps unique in Roth’s fiction since he is a double figure who may be described as comfortably ‘other’.”

⁶⁵ PARRISH, op. cit., pp. 139-140.

⁶⁶ FURMAN, Andrew. “Philip Roth’s Israel Fiction”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, p.145-162.

amigo de faculdade do narrador e agora porta-voz das reivindicações palestinas, como um interlocutor à altura do narrador, Philip Roth retira a autopiedade derivada do Holocausto de cena. Substitui esse sentimento por um discurso que precisa ser ouvido, até para poder ser contestado. Há uma admissão da existência desse outro - o árabe - e toda a angústia dessa admissão surge inescapavelmente.

Andrew Furman compara uma fala de George Ziad com um estudo de Paul Breines, publicado em 1990, intitulado: “Judeus violentos: fantasias políticas e o dilema moral do judaísmo americano”. George Ziad afirma que os judeus se sentem autorizados a expandir suas fronteiras ou bombardear Beirute pelo fato de terem sido massacrados em Auschwitz e ele recusa essa autorização.

No estudo de Paul Breines, o autor afirma que o sionismo estabelece uma ruptura com a tradição judaica de fraqueza e delicadeza. Essa não é uma ruptura total, pois a violência que substitui a fraqueza ainda preserva a tradição antiga dos judeus de se verem como povo escolhido. Assim, pensaríamos que as frágeis vítimas, ao invés de se encaminharem passivamente para a morte, exercitariam sua reconquistada potência sobre o outro - o árabe⁶⁷.

Essa argumentação certamente agradaria George Ziad que, para provar seu ponto de vista, leva o narrador a um julgamento de três jovens palestinos acusados de jogar coquetéis molotov. Mas o romance de Philip Roth não admite soluções fáceis: Ziad não é o que parece ser, assim como o romance apresenta dilemas morais num tenente israelense que não quer bater em ninguém e que acredita que Israel não pode sobreviver sem uma ideologia moral.

De qualquer forma, o que Andrew Furman aponta é que *Operação Shylock*, ao escapar de clichês ideológicos, permite que escritores como Cynthia Ozick - uma fervorosa sionista - só possam ser elogiosos ao trabalho ficcional de Philip Roth. A escritora disse numa entrevista, que *Operação Shylock* é totalmente surpreendente na linguagem, no intelecto, no enredo, na tese, na análise: “(Roth) é o mais corajoso escritor americano vivo.”⁶⁸

⁶⁷ FURMAN, op. cit., p.158-159.

⁶⁸ FURMAN, op. cit., p.161. No original: “[Roth is] now the boldest American writer alive.”

Hillel Halkin observa: “uma paixão completa, quase abstrata por ser judeu parece tornar-se cada vez mais forte no trabalho de Roth.”⁶⁹ Sanford Pinsker elogia Roth por “arrancar as ficções judaico-americanas sobre Israel da piedade convencional em que frequentemente caíram.”⁷⁰

André Bleikasten⁷¹ acredita que para Philip Roth a história judaica se repete num movimento circular de violência. Em *Operação Shylock* presenciamos o julgamento de Ivan, o carrasco de Treblinka - mas a tragédia continua como uma fatalidade. No passado havia as perseguições nazistas; no presente os enfrentamentos cotidianos da Intifada. O autor vê *Operação Shylock* como uma “nova meditação em várias vozes sobre a judeidade, o antissemitismo e uma nova interrogação sobre o futuro do Estado de Israel.”⁷² Há no romance longos monólogos e o autor acredita que Roth toma tão pouco partido de cada um deles que cada discurso se impõe com igual força. “Qualquer que seja o ponto de vista expresso, ele o é com a mesma energia, a mesma eloquência, a mesma convicção.”⁷³

Essa fúria da história é percebida desde sempre por Philip Roth em seus efeitos nos agrupamentos humanos bem como em seus reflexos no mais íntimo psiquismo individual. André Bleikasten, nesse sentido, traça um paralelo entre Philip Roth e Dostoievsky lembrando o que André Malraux teria dito sobre Dostoievsky - que ele foi um gênio em fazer dialogar os lobos de seu cérebro. Para Bleikasten, Philip Roth, o romancista mais “dostoievskiano” de sua geração, faz dialogar com maestria partes conflitantes de seus personagens. Mistura, para isso, ficção e realidade, experiências pessoais vividas e outras puramente ficcionalizadas; cria o que o autor denominou autoficção e, através dela, mostra-nos realidades complexas e não passíveis de reducionismos⁷⁴.

Operação Shylock retrata um elemento da história judaica que é o Estado de Israel, mas o mesmo retrato implacável pode ser visto em *O Complexo de Portnoy*

⁶⁹ Ibidem, p. 161. No original: “(the) sheer, almost abstract passion for being Jewish seems to grow stronger in Roth’s work all the time.”

⁷⁰ Ibidem, p. 161. No original: “Wrenching Jewish-American fictions about Israel from the conventional pieties into which they have too often fallen.”

⁷¹ BLEIKASTEN, Andre. *Philip Roth*. Paris: Belin, 2001.

⁷² BLEIKASTEN, op. cit., p.96. No original: “Une (nouvelle) meditation à plusieurs voix sur la judéité et l’antisémitisme, et une nouvelle interrogation sur l’avenir de l’État d’Israël.”

⁷³ Ibidem, p. 96. No original: “Quel que soit le point de vue exprimé, il l’est toujours avec la même énergie (pugnace), la même éloquence (raisonneuse), la même (tenace) conviction.”

⁷⁴ Ibidem, p. 96.

estudado, em detalhes, por Bruno Bettelheim em seu artigo “Portnoy Psicanalisado”⁷⁵. O autor, colocando-se no papel do Dr. O. Spielvogel, analista de Alexander Portnoy, apresenta suas anotações sobre as sessões com esse personagem judeu tão conflituado. A partir dessa ficcionalização emerge a ótica do autor, que foi um grande psicanalista, sobrevivente do Holocausto.

Para Bettelheim, Alexander Portnoy verborrágico, insaciável e terrivelmente sedutor, precisava do analista apenas para poder controlá-lo, redimensionando o controle exercido por sua mãe judia superprotetora. Ao lado disso, Dr. Spielvogel, percebe que, a partir dessa verborragia, cria-se um personagem e se pergunta: “Estará ele tentando me testar, para descobrir se eu sou esperto o suficiente para não confundir o que é essencialmente uma produção literária com o que é um esforço de análise?”⁷⁶

A esse respeito e aprofundando um pouco mais o esforço de análise, Robert M. Greenberg⁷⁷ cita o narrador Zuckerman em *Lição de Anatomia* e sua própria definição sobre as diferenças entre a primeira geração e a segunda geração de judeus americanos. Lemos então: “A primeira geração, a do pai americano, possuída pelos demônios judaicos; a segunda geração, a do filho americano possuída pelo exorcismo (desses demônios): essa foi toda a sua história.”⁷⁸

O autor acredita que a necessidade de se desvencilhar desses “demônios judaicos”, associada à necessidade de romper barreiras e ser aceito pelo meio circundante, leva os narradores de Roth a adotarem uma postura transgressiva.

Os impedimentos sociais precisam ser constantemente confrontados o que faz com que narradores jovens como Alex Portnoy, Peter Tarnopol e David Kepesh sintam “que somente através de um comportamento transgressivo, a resistência

⁷⁵ BETTELHEIM, Bruno. “Portnoy Psychoanalyzed”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 13-23.

⁷⁶ BETTELHEIM, op. cit., p. 22. A tradução é minha. No original: “Was he trying to test me in order to find out whether I am smart enough not to mistake what was essentially a literary production for an effort at analysis?”

⁷⁷ GREENBERG, Robert, M. “Transgression in the Fiction of Philip Roth”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp.81-100.

⁷⁸ Ibidem, p. 93. “A first-generation American father possessed by the Jewish demons, a second-generation American son possessed by their exorcism: that was his whole story.”

cultural pode ser energicamente desafiada e suas identidades plenamente definidas.”⁷⁹

Se em *O Complexo de Portnoy* a transgressão se dá a partir do ataque à família judaica, seus rituais, neuroses e obsessões, em *Operação Shylock* a transgressão se dá a partir da “fricção dos duplos” e seus desdobramentos. Robert M. Greenberg conclui, então: “Tantos pontos de vista sobre a identidade política e étnica são dramatizados por personagens secundários que o leitor é levado à conclusão de que não há uma identidade judaica essencial.”⁸⁰

Ao mesmo tempo o autor relembra uma fala de Smilesburger, agente israelense do Mossad que recruta o *real* Philip Roth para uma missão em *Operação Shylock*. Smilesburger questiona Philip Roth sobre o motivo de ele negar seu patriotismo judaico - isso porque ele percebe que em Roth o ser judeu habita-o tão intrinsecamente quanto sua libido masculina. Greenberg vê nessa correlação entre judeidade e libido masculina algo fundamental para uma definição identitária. Mas o autor alerta, que, ao longo de *Operação Shylock*, somos confrontados também com a ideia de que a configuração identitária é algo múltiplo e mutante “um produto das circunstâncias, estado de espírito, despersonalização imaginária e invenção.”⁸¹

Seguindo outra linha de raciocínio, Jeffrey Rubin - Dorsky aborda em seu artigo “Philip Roth and American Jewish Identity: The question of Authenticity”⁸² um tema, polêmico: qual seria o ambiente cultural propício para o florescimento da criatividade judaica - especialmente a criatividade literária? Os Estados Unidos ofereceriam melhores condições do que Israel? Ou o exílio seria uma forma limitante para os artistas judeus? Cita vários autores e pensadores como Golda Meir, que acreditava que o judeu, como homem livre, só existiria em Israel; no sentido oposto, Jacob Neusner que acredita que a América tornou-se a “terra prometida” para os judeus - e que, portanto, ali se encontra o apogeu da criatividade judaica. Segundo

⁷⁹ Ibidem, p 94. No original: “(...) that only through transgressive behaviour can cultural resistance be energetically challenged and their identities fully defined.”

⁸⁰ Ibidem, p.97. No original: “So many points of view about political and ethnic identity are dramatized through secondary characters that the reader is lead to the conclusion that there isn’t an essential Jewish identity.”

⁸¹ Ibidem, p.97. No original: “A product of circumstance, mood, imaginative impersonation and contrivance.”

⁸² RUBIN - DORSKY, Jeffrey. “The Question of Authenticity”. In: *Philip Roth Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 205-232.

Jacob Neusner, hoje, em todo o mundo judaico, quem lê um livro israelense, vê uma pintura israelense, assiste a uma peça israelense, ou ouve música israelense?

Jeffrey Rubin-Dorsky traça um paralelo entre essa afirmação e outra feita em 1820 pelo crítico britânico Sydney Smith sobre as modalidades artísticas de uma nação recém-criada. Smith disse: “Nos quatro cantos do mundo, quem lê um livro americano? Ou vai a uma peça americana? Ou vê uma pintura ou escultura americana?”⁸³. Existe aqui, um terreno movediço pois, afinal, a criação artística ocorre sob as mais diversas condições e independente da recepção do público; mas o autor tem em seu artigo um objetivo: inserir Philip Roth nesse contexto.

Como o próprio autor relembra, Philip Roth define-se como um escritor que é judeu e que está nos Estados Unidos, país que Rubin-Dorsky trata de descrever de uma forma muito específica. Seu foco está na vida acadêmica e política tratando de demonstrar a ampla liberdade atingida pelos judeus nessas áreas. Na vida acadêmica o autor cita que existem cento e cinquenta cadeiras universitárias sobre estudos judaicos e que, com a emergência de uma nova geração de *scholars* nessa área, há um remodelamento dos currículos, movendo os estudos judaicos para programas interdisciplinares. Cita então alguns trabalhos originados dessa interdisciplinaridade: De Miriam Peskowitz “Spinning Fantasies: Rabbis, Gender, and History” (1997); de Laura Levitt, “Jews and Feminism: The Ambivalent Search for Home” (1997); de Pamela Nadell, “Women Who Would be Rabbis: A History of Women’s Ordination, 1889 - 1985” (1998) e de Riv-Ellen Prell “Fighting to become american: Jews, Gender and The Anxiety of Assimilation” (1999).

Na vida política, o autor relembra que o candidato democrata à presidência da República escolheu um judeu ortodoxo, o Senador Joseph Lieberman, de Connecticut, como vice-presidente para sua chapa - o que foi reconhecido por Lieberman como uma “quebra de barreiras na história americana”.

O autor acaba por concluir que, nesse contexto de ampla liberdade, “na América, a judeidade é, e continua sendo, um componente vital da mistura de raças e etnicidades que compõem essa extraordinária nação multicultural”⁸⁴ (*). Em

⁸³ Ibidem, p. 206. No original: “In the four quarters of the globe who reads an American book? Or goes to an American play? Or looks at an American picture or statue?”

⁸⁴ RUBIN-DORSKY, op. cit., p. 215.

No original: “In America Jewishness has, and continues to be, a strong and vital component of the mix of races and ethnicities that compose this extraordinarily multicultural nation.”

paralelo, a indicação foi louvada por diversos representantes da comunidade judaica como um avanço americano nas questões de etnicidade.

Chega-se, então, à pedra angular da argumentação do autor quando ele diz:

(...) Assim, a autêntica condição dos judeus americanos contemporâneos ou pós-modernos é a liberdade - não uma liberdade ilimitada e não-restritiva, certamente, mas a liberdade de criarem a si mesmos como judeus - precisamente o tipo de liberdade que uma sionista míope como Golda Meir pensava ser impossível atingir em qualquer outro lugar que não Israel.⁸⁵

Retornando, portanto, a Philip Roth, o autor acredita que ele pode se reinventar como judeu exatamente porque está inserido num contexto de liberdade e de ampliação de limites. O autor vai mais além classificando Philip Roth como o escritor mais engajado nas questões de autodefinição judaica e o “profeta da vitalidade irreduzível da vida judaica americana, o cronista da energia propulsora dos judeus nesse país”⁸⁶.

Penso que dificilmente Philip Roth concordaria em ser classificado como representante de qualquer agenda política ou ideológica. Mas, independentemente do deslize da análise de Jeffrey Rubin-Dorsky, o autor aponta para temas centrais da obra de Roth. Afinal, o que é ser judeu? Onde se é judeu? Qual a liberdade que temos para escolher ser ou não judeu?

Em *Operação Shylock*, livro também analisado pelo autor, surge mais uma indagação: quem é o judeu real?

* É interessante analisar esse artigo, de 2001, à luz do livro *Complô contra a América* de Philip Roth, lançado em 2004. Nele esse enaltecimento da liberdade americana é contestado linha após linha, a partir de uma mudança ficcional da história – algo que não ocorreu, mas poderia ter ocorrido – um presidente americano simpatizante do nazismo.

⁸⁵ RUBIN -DORSKY, op. cit., p. 215. No original: “Therefore, the authentic condition of contemporary or postmodern American Jews is freedom – not an unlimited, unrestritive freedom, to be sure, but the freedom to create themselves as Jews, precisely the kind of freedom that a myopic Zionist like Golda Meir though impossible to attain anywhere but in Israel.”

⁸⁶ Ibidem, p. 217. No original: “The prophet (...) of the irreducible vitality of American Jewish life, the chronicler of the energy propelling Jews forward in this country.”

Gershom Shaked em seu artigo “Shadows of Identity: A Comparative Study of German Jewish and American Jewish Literature”⁸⁷ aborda a questão identitária a partir de outro ponto de vista: como escritores judeus, alemães e norte-americanos respondem ficcionalmente a essa dupla vinculação, a essa dupla linguagem relacionada ao país onde vivem e a uma herança judaica cada vez mais longínqua? Analisando autores tão distintos como Joseph Roth, Franz Kafka e Jakob Wasserman, Shaked conclui que para esses autores a identidade judaica é um fardo a ser carregado e internalizado; e o conflito de identidades acaba não sendo resolvido por nenhum artifício literário criado por eles. A ferida permanece aberta e veríamos em Kafka, por exemplo, “a mais complexa internalização (numa linguagem estrangeira) dos sentimentos experimentados por personagens cuja identidade é determinada pela perseguição e ambigüidade.”⁸⁸ Para o autor, o que diferencia a literatura judaica alemã da americana é que esta “orgulha-se de sua identidade dual, mais do que qualquer outra literatura ‘estrangeira’ judaica jamais o foi.”⁸⁹ Portanto, os recursos literários utilizados pelos autores judeus americanos serão outros que os dos autores alemães.

Citando Philip Roth e *O Complexo de Portnoy*, o autor salienta que Alexander Portnoy, assim como personagens alemães, não encontra nenhum prazer em sua identidade judaica; mas, contando suas experiências no divã do analista, experimenta um alívio prazeroso. A procura por uma identidade própria dar-se-á, portanto, em Roth a partir de outros caminhos, uma vez que há uma dificuldade em representar o que o Shaked denomina “novo judeu”.

O autor cita então o próprio Philip Roth e seu artigo “Writing About Jews”:

Os judeus são um povo que não é o que os antissemitas dizem que é. Há uma afirmação que diz que um homem deve começar a construir uma identidade para si mesmo. Isso agora não funciona tão bem assim, pois é difícil agir contra o que se espera de você, uma vez que cada vez menos pessoas definem você por essas expectativas. O sucesso da luta contra

⁸⁷ SHAKED, Gershom. “Shadows of Identity. A Comparative Study of German Jewish and American Jewish Literature”. In: *What is Jewish Literature, Edited with an introduction by Hana Wirth – Nesher*. Philadelphia – Jerusalém: The Jewish Publication Society, 5754/1994, pp. 167-187.

⁸⁸ SHAKED, op. cit., p. 174. No original: “(...) the most complex internalization in “foreign-language” (Jewish fiction) of the feelings experienced by characters whose identity is determined by persecution and ambiguity.”

⁸⁹ Ibidem, p. 176. No original: “American Jewish Literature today is prouder of its dual identity than any other “foreign” Jewish literature has ever been.”

a difamação dos judeus nesse país tornou mais premente a necessidade de uma autoconsciência judaica que seja relevante para esse tempo e esse lugar.⁹⁰

Roth argumenta, no mesmo artigo, que é ridículo se comportar como vítima num país em que ninguém o força a viver de uma determinada maneira. Shaked conclui que a questão central para Philip Roth é: como se constitui uma “identidade judaica” num indivíduo que não é perseguido, mas se sente como tal?

Em seu artigo “From Newark to Prague: Roth’s Place in the American Jewish Literary Tradition”⁹¹, Hana Wirth-Nesher investiga paralelamente duas questões: a primeira é sobre a existência ou não de uma literatura que possa ser denominada judaica e a outra é sobre a especificidade da ficção criada por Philip Roth em algo que a autora denomina herança judaica. São dois temas complexos uma vez que o que está em pauta é a forma como o judeu é visto, e a forma como o judeu se vê ao longo da tão intrincada história judaica.

Assim, a autora inicialmente cita um ensaio, de Irving Maling e Irwin Stark em que os autores adotam a tese de que os judeus “devido a sua vitimização, seu desenraizamento e sua história de sofrimento, são os mais aptos a simbolizar a humanidade no século XX.”⁹² Segundo a autora, a partir dessa tese chegaríamos a uma generalização muito próxima a fala de Shylock em *O Mercador de Veneza*: “se você nos fere, nós não sangramos”?

A autora acredita, por outro lado, que há especificidades na literatura feita por judeus, mas elas devem ser procuradas em cada autor. A partir dessa ideia Hana Wirth-Nesher passa a analisar alguns elementos da obra ficcional de Philip Roth.

⁹⁰ Ibidem, p. 181. No original: “Jews are people who are not what anti-semites say they are. That was once a statement out of which a man might begin to construct an identity for himself; now it does not work so well, for it is difficult to act counter to the ways people expect you to act when fewer and fewer people define you by such expectations. The success of the struggle against the defamation of Jewish character in this country has itself more pressing the need for a Jewish self – consciousness that is relevant to this time and place.”

⁹¹ WIRTH – NESHER, Hana. “From Newark to Prague: Roth’s Place in the American Jewish Literary Tradition”. In: *What is Jewish Literature? Edited with an Introduction by Hana Wirth-Nesher*. Philadelphia-Jerusalém: The Jewish Publication Society, 5754/1994, pp. 216-230.

⁹² WIRTH-NESHER, op. cit., p. 216. No original: “The Jews are singled out because of their victimization, uprootedness, and history of suffering, as the most apt symbol for humanity in the twentieth century.”

Um deles é o efeito da história recente do povo judeu, em especial o Holocausto nazista, sobre uma geração que não o vivenciou diretamente. Esse efeito é retratado de uma forma pungente e ao mesmo tempo irônica, em *Lição de Anatomia*.

A autora inicia sua análise num momento crucial da obra: Nathan Zuckerman, logo após a morte de sua mãe, em consequência de um tumor cerebral, recebe do médico neurologista um pedaço de papel com uma palavra escrita por ela em seu leito de morte - Holocausto. Essa palavra foi a resposta dada por sua mãe ao médico quando ele lhe pediu que escrevesse seu próprio nome. Nathan Zuckerman observa então que a palavra estava escrita com uma ortografia correta, surpreendente para uma mulher que só costumava escrever receitas culinárias ou cartões de agradecimento⁹³.

A partir dessa imagem inicial - um papel com a palavra Holocausto inscrita nele - a autora analisa a importância da história judaica para Philip Roth. Mais ainda: demonstra como essa importância precisa ser recriada, a cada novo livro e de formas as mais variadas. A autora cita o próprio Philip Roth em seu texto "Imagining Jews" quando ele afirma: "Não se trata de ir em frente e forjar no mais íntimo de sua alma uma consciência de sua raça, mas encontrar inspiração numa consciência que foi criada e destruída centenas de vezes, apenas nesse século."⁹⁴

Para Philip Roth essa reinvenção constante da consciência de ser judeu está diretamente ligada à percepção de que as consequências da história judaica fazem-se sentir no corpo e na alma. O que leva a autora a afirmar que "Roth sempre foi um autor cômico com um traço moralístico, preocupado com a relação entre os (aspectos) carnis e espirituais."⁹⁵

Em *Lição de Anatomia* esses elementos aparecem de forma gritante, pois Nathan Zuckerman, um autor consagrado, é acometido subitamente por uma incapacitante e inexplicável dor nas costas. A dor é tão intensa que o impede de sentar e continuar a escrever. A única posição possível é deitar-se no chão e ser cuidado por quatro mulheres (amantes) diferentes que se revezam, em turnos. Ele

⁹³ Ibidem, p.216.

⁹⁴ Ibidem, p.219. No original: "Has not been to go forth to forge in the smithy of his soul the uncreated conscience of his race, but to find inspiration in a conscience that has been created and undone a hundred times over in this century alone."

⁹⁵ Ibidem, p. 221. No original: "Roth has always been a comic writer with a moralistic streak, preoccupied with the relation between the carnal and the spiritual."

está incapacitado de escrever, mas sua vida sexual prossegue e é o que o mantém alerta. Em paralelo, deve se confrontar com a morte da mãe e com a história do Holocausto nazista.

Assim, a autora, a partir da análise de *Lição de Anatomia* e de outras obras⁹⁶, traça uma odisséia particular (de Newark onde nasceu, a Praga - onde viveu seu “pai literário - Kafka”) não isenta de sofrimento, mas com uma indiscutível característica própria. Hana Wirth-Nesher ressalta “a impossibilidade de Philip Roth não ser um escritor judeu, dada a sua necessidade de documentar imaginativamente toda nuance cômica e trágica de sua própria inadequação.”⁹⁷

Hermione Lee⁹⁸ aponta para uma característica da obra de Philip Roth, o humor, a partir de uma fala de Alexander Portnoy a seu analista: “Eu sou o filho na piada judaica, só que eu não sou nenhuma piada.”⁹⁹ Ela salienta também uma característica fundamental na ficção de Philip Roth, que lhe dá uma marca distintiva: a mescla de vários tipos de vozes, os palhaços e os queixosos, num processo que parece simples, mas que envolve uma profunda elaboração literária. É dessa mescla que os conflitos judaicos mais profundos emergem, não necessariamente para encontrarem uma forma de resolução, mas como uma nova consciência. Além disso, o discurso vulgar, agressivo, cru e obsceno também deve ser disciplinado por uma forma literária. Tudo isso para que se consiga chegar a essa fala sintética de Alexander Portnoy, que indica a sua exasperação: “Édipo rei é uma famosa tragédia, idiota, não uma nova piada!”¹⁰⁰

A autora acredita que *O Complexo de Portnoy*, assim como a maioria dos escritos de Roth, dependem da “simbiose entre comédia e dor” e que Portnoy é mais que uma piada judaica: é, na verdade, uma piada contra o humor judaico: “O

⁹⁶ “I always wanted you to admire my fasting: or looking at Kafka” – onde Philip Roth constrói uma narrativa em torno de um Kafka vivo, trabalhando como professor de hebraico em New Jersey e com a mesma timidez em relação às mulheres; *The Ghost Writer*, onde Anne Frank está viva em New England e decide não revelar seu paradeiro pois isso prejudicaria a fama e o efeito de seu livro *O Diário de Anne Frank* sobre o público leitor e *The Prague Orgy* onde o narrador viaja para Praga com a missão de reabilitar um autor judeu morto pelos nazistas, numa referência a Bruno Schulz.

⁹⁷ Ibidem, p. 228. No original: “The impossibility of Philip Roth’s not being a Jewish writer, given his need to document imaginatively every comic and tragic nuance of his own displacement.”

⁹⁸ LEE, Hermione. “Nathan Dedalus: Jewish Sons, Jewish Novelist, Jewish Jokes”. In: *Philip Roth*. London and New York: Methuen, 1982, pp. 23-44.

⁹⁹ LEE, op. cit., p.38. No original: “I am the son in the Jewish joke – only it ain’t no joke!”

¹⁰⁰ LEE, op. cit., p.39. No original: “Oedipus Rex is a famous tragedy, schmuck, not another joke!”

protesto de Roth contra a ideia rabínica ou de sua mãe sobre um judaísmo limitante é a mesma queixa feita por Portnoy por ter ficado preso numa piada judaica.”¹⁰¹

Percebe-se, portanto, os giros narrativos realizados pelo autor, necessários para que se tenha a dimensão da complexidade da existência judaica, especialmente para a segunda geração pós-Holocausto, geração em que o próprio autor se insere e foi definida por ele como aquela destinada a eliminar os demônios resultantes da perseguição nazista.

¹⁰¹ Ibidem, p.38. No original: “Roth’s protest against the Rabbi’s or Jewish mother self-limiting idea of Jewishness is the same as Portnoy’s complaint at being trapped inside a Jewish joke.”

III. PHILIP ROTH E O JUDAISMO

III.1 - A polêmica sobre *Adeus, Columbus* e *O Complexo de Portnoy*

A relação de Philip Roth com o judaísmo foi sempre conflituosa por ele ter em si mesmo uma percepção muito aguçada das forças contraditórias presentes em todo ser humano. Tal percepção aplicada a diversos grupos, sejam eles minorias ou não, perseguidos ou perseguidores, gerou polêmicas amargas em torno do próprio autor e de sua literatura.

Porém, ao não se esquivar dessas polêmicas, acabou por registrá-las em livros como *Reading Myself and Others*¹⁰², *The Facts*¹⁰³ e *Shop Talk*¹⁰⁴. Nesses livros, observa-se um autor num debate permanente com ideias preconcebidas, clichês literários, preconceitos arraigados e sua indisposição com relação a esses componentes do psiquismo humano e da literatura. Ao lado disso, o significado da literatura para Roth torna-se explícito, pois o próprio fazer literário é dissecado em vários artigos e entrevistas.

A literatura, para o autor, é um meio de expansão de nossa percepção. Já na introdução, “Nota do Autor” para seu livro *Reading Myself and Others*, há uma espécie de declaração de princípios. O livro é uma coletânea de vinte e três trabalhos, escritos esporadicamente num período de quinze anos. Quinze anos fundamentais para o autor, pois parte de 1959, data de sua primeira publicação, e vai até 1974, após o estrondoso sucesso de *O Complexo de Portnoy*. Devido ao seu reconhecimento público e à polêmica gerada especialmente por suas descrições irônicas, sem concessões, de famílias judaicas norte-americanas, o autor sentiu-se compelido a escrever sobre sua “posição literária” e “defender seu flanco moral”, conforme a citação que segue:

¹⁰² ROTH, Philip. *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001.

¹⁰³ ROTH, Philip. *The Facts – A Novelist’s Autobiography*. New York: Vintage International, 1997.

¹⁰⁴ ROTH, Philip. *Shop Talk, a writer and his colleagues and their work*. New York: Vintage International, 2001.

Esses trabalhos, conjuntamente, revelam-se a mim como uma contínua preocupação com a relação entre o mundo escrito e o não escrito.

Essa distinção simples foi tomada emprestada de Paul Goodman. Acredito que ela seja mais útil do que a distinção entre imaginação e realidade, ou entre arte e vida; primeiro porque qualquer pessoa pode pensar imediatamente sobre as diferenças entre (esses) dois mundos; e segundo porque os mundos entre os quais me vejo correndo todos os dias não poderiam ser melhor descritos para frente e para trás, carregando novas informações, instruções detalhadas, mensagens deturpadas, indagações desesperadas, expectativas ingênuas, mudanças confusas (...) como o mensageiro Barnabás (...) na novela de Kafka.¹⁰⁵

É nesse território complexo, repleto de armadilhas, que Philip Roth fincou suas estacas há quarenta anos. Até hoje não cessa de polemizar, como em seu último romance *Fantasma sai de Cena*¹⁰⁶ em que personagens judeus, que se dizem democratas, revelam que votarão no partido republicano porque esse partido tem uma postura mais pró-Estado de Israel do que o democrata. Assim Philip Roth, aos setenta e cinco anos, continua correndo entre o mundo escrito e o não escrito, transformando o não escrito em escrito, apesar de todo o incômodo que isso possa gerar.

Incômodo que permeia toda a leitura de um artigo seu denominado “Some New Jewish Stereotypes”¹⁰⁷, do qual destacarei alguns aspectos, pois eles permitirão visualizar a posição do autor diante desta questão tão complexa: o que é ser judeu?

Nesse artigo de 1961, Roth polemiza com Leon Uris. Até então, *Exodus*¹⁰⁸ já havia vendido quatro milhões de cópias e a versão filmada com Paul Newman e Sal Mineo com a canção título também já era um sucesso. Philip Roth inicia seu artigo

¹⁰⁵ ROTH, Philip. *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 1985, pp. XIII-XIV. A tradução é minha. No original: “Together these pieces reveal to me a continuing preoccupation with the relationship between the written and the unwritten world. The simple distinction is borrowed from Paul Goldman. I find it more useful than distinction between imagination and reality or art and life. First, because everyone can think through readily enough to the clear-cut differences between the two, and second, because the worlds that I feel myself shuttling between every day couldn’t be better described back and forth bearing fresh information, detailed instructions, garbled messages, desperate inquiries, naive expectations, baffling challenges (...) cast somewhat in the role of the courier Barrabás (...) in Kafka’s novel.”

¹⁰⁶ ROTH, Philip. *Fantasma Sai de Cena*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁰⁷ ROTH, Philip. “Some New Jewish Stereotypes”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 1985, pp. 183-192.

¹⁰⁸ URIS, Leon. *Exodus*. Trad. Vera Pedroso. Rio de Janeiro: Record, 2003.

dizendo que ele “repentinamente” percebeu-se vivendo num país em que o judeu se tornou - ou foi-lhe permitido pensar que é – “um herói cultural”¹⁰⁹. Ao ouvir no rádio a “única versão autorizada” da canção título, executada por Pat Boone (“autorizada por quem?”, pergunta-se o autor), deu-se conta de que a imagem do judeu patriota, guerreiro e destemido estava sendo elaborada e satisfazia grande parte do público americano.

Leon Uris, então, numa entrevista a Joseph Wershba diz que: “Há toda uma escola de judeus americanos que gasta seu tempo condenando seus pais, odiando suas mães, retorcendo suas mãos e querendo saber por que nasceram.”¹¹⁰ Para o autor, isso não é literatura e sim psiquiatria e ele se diz enjoado dessa discussão. Leon Uris se posiciona a favor dos judeus e afirma que sua pesquisa para escrever *Exodus* revelou a verdadeira face dos judeus: eles têm sido desde sempre lutadores.

O debate com Leon Uris é ácido, pois Philip Roth levanta a hipótese de que também há um interesse monetário na manutenção de uma imagem glamourizada do judeu; mas aqui examino alguns estereótipos para depreender quais seriam os objetivos em mantê-los.

Na obra de Leon Uris, há o estereótipo do judeu guerreiro, destemido; na obra de Harry Golden, *Only in America*, também analisada por Roth, surge o estereótipo da “vivacidade judaica”¹¹¹. Philip Roth ironiza essa situação, comentando que as mesmas pessoas que, ao conversarem com negros, enfatizam o seu “ritmo”, vêm agora conversar com ele sobre sua “vivacidade” - e acreditam, com isso, que o estão elogiando. Aqui, a percepção aguçada de Philip Roth para o não dito se faz sentir agudamente. Afirma que qualificar os judeus como guerreiros ou vivazes é o reverso da moeda da qualificação dos judeus como covardes ou não-humanos - e, evidentemente, deve servir a algum propósito. Lemos então:

¹⁰⁹ ROTH, Philip. “Some New Jewish Stereotypes”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, p. 183. No original: “A cultural hero.”

¹¹⁰ Ibidem, p. 184. No original: “There is a whole school of Jewish American writers, who spend their time damming their fathers, hating their mothers, wringing their hands and wondering why they were born.”

¹¹¹ No original: “warmth of life.” Em sua obra, Harry Golden, segundo Roth, glamouriza a vida judaica em Nova York, apresentando os judeus como cheios de vida e energia, disciplinados e com essa “vivacidade judaica” tão peculiar.

Golden e Uris não sobrecarregam ninguém com nada. Na verdade, muito do seu apelo deve-se a que eles ajudam a dissipar a culpa, real ou imaginária. É como se os judeus afinal não fossem as pobres vítimas inocentes - todo tempo em que estavam sendo perseguidos, na verdade estavam vivendo bem, sendo calorosos uns com os outros e tendo sua maravilhosa vida familiar. O que eles estavam desenvolvendo, então, (...) era seu caminho amoroso, alternativo, judaico, no mundo.¹¹²

Se os judeus estavam construindo esse caminho amoroso - então, as consciências culpadas pelo Holocausto podem ser acalmadas: a vítima não é mais vítima e o carrasco não é mais carrasco. A vida pode continuar, sem grandes percalços ou expiações. Philip Roth vai mais além em sua análise ao conjecturar se esse fardo que se está querendo aliviar, através de uma literatura mitificadora dos judeus, não seria a memória do próprio Holocausto judeu, “em toda a sua dureza, falta de sentido e horror diabólico”¹¹³.

Não deixa de ser impactante a imagem que Philip Roth traz, ao final de seu artigo, exemplificando o grau de banalização da história vivida a que se pode chegar aqui através da imprensa: numa semana a revista *Life* apresenta como capa a foto de Adolf Eichmann e, algumas semanas depois, a foto de Sal Mineo¹¹⁴ como um lutador judeu pela liberdade. A mensagem implícita nessa sequência de imagens seria, segundo Roth: não precisamos mais nos preocupar com os judeus, nem nos sentirmos culpados - eles sabem se cuidar sozinhos.

Tudo resolvido, então, nenhuma reflexão é mais necessária, inclusive sobre o que significa matar uma pessoa. Philip Roth refere-se aqui ao fato de que, a seu ver, a descoberta de Leon Uris de que os judeus podem ser lutadores, deixa-o orgulhoso; ao contrário de Elie Wiesel que, em seu livro *Dawn*, narra a história de um jovem terrorista judeu, cuja missão é executar um major britânico, feito refém. O romance trata das terríveis horas que esse jovem passa antes da execução, em função de seu dilema moral. Assim, Roth demonstra que os reducionismos e as

¹¹² Ibidem, p. 189. No original: “Golden and Uris burden no one with anything. Indeed, much of their appeal is that they help to dissipate guilt, real and imagined. It turns out that the Jews are not poor innocent victims after all – all the time they were supposed to be being persecuted, they were having a good time, being warm to one another and having their wonderful family lives. What they were developing (...) was their ‘lovely Jewish slant on the world’.”

¹¹³ Ibidem, p.191. No original: “(...) in all its raw, senseless, fiendish horror.”

¹¹⁴ Adolf Eichmann, em função de seu julgamento em Jerusalém; Sal Mineo representou no filme *Exodus* um jovem judeu terrorista ligado ao Irgun.

qualificações impedem que tomemos contato com grandes dilemas morais, mas trazem um imediato alívio de culpas e, eventualmente, um bom retorno mercadológico.

Em seu artigo “Writing About Jews”¹¹⁵ Philip Roth detém-se nas críticas que recebeu sobre dois contos de seu livro *Adeus, Columbus*¹¹⁶: “Epstein”¹¹⁷ e “O Defensor da Fé”¹¹⁸. É importante abordar em detalhes a análise de Philip Roth, pois ela revela a posição desse autor diante de dilemas e preconceitos que, desde sempre, estão presentes no interior da comunidade judaica e fora dela.

Assim, em “Epstein” encontramos um judeu na faixa dos sessenta anos, casado com uma mulher que perdeu sua beleza, engordou e que vive em torno dos assuntos domésticos, e uma filha envolvida com a política e liberada sexualmente. Sua situação financeira é boa e ele apenas vive seu dia-a-dia modorrento, sem maiores emoções. Assim, para sua surpresa, acaba se envolvendo com sua vizinha cinquentona, também judia, mas viúva e exuberante.

O adultério abala sua vida, pois num dia em sua casa, após o banho, sua mulher surpreende-o nu e descobre uma erupção em seus pênis. A mulher se desestrutura, pede o divórcio e ele se vê num emaranhado de justificativas a dar, até ser acometido por um enfarte à porta da casa de sua amante. Socorrido pela mulher e pela filha, a reconciliação se dá numa ambulância - não sem antes sua mulher perguntar ao médico se há alguma solução definitiva para a erupção.

O conto trata de vários assuntos com a ironia que é característica do autor. Porém, o que chama a atenção de Philip Roth são os pontos destacados por seus críticos mais ferozes.

Um deles pergunta: adultério não é uma característica judaica? Assim, a partir de uma pergunta tão simples e direta vislumbra-se novamente o interior de um furacão que tantas tragédias já ocasionou ao povo judeu. Afinal, a primeira edição de *Adeus, Columbus* data de 1959, poucos anos, portanto, do fim da Segunda Guerra e do Holocausto judeu ocasionado por uma sistematização político-

¹¹⁵ ROTH, Philip. “Writing About Jews”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 1985, pp. 193-211.

¹¹⁶ ROTH, Philip. *Adeus, Columbus*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹¹⁷ Ibidem, pp. 193-220.

¹¹⁸ Ibidem, pp. 155-192.

ideológica de todos os preconceitos contra os judeus: eles seriam adúlteros, corromperiam o sangue com sua devassidão, contaminariam o mundo com sua imoralidade etc. As leis de Nuremberg que regeram o IIIº Reich estavam baseadas nessa doutrina e eis que, em 1959, Philip Roth depara com o mesmo preconceito, como se a humanidade já não tivesse sofrido o bastante em função dele. Mas o autor, com sua forma direta e sem subterfúgios, responde ao leitor da seguinte maneira:

Quem disse isso? Anna Karenina cometeu adultério com Vronsky, com consequências mais desastrosas que (o adultério de) Epstein. Quem pensaria em perguntar: "Isso é uma característica russa?". (Adultério) é decididamente uma possibilidade humana".
(...) o adultério tem sido um dos meios pelos quais pessoas de **todas** as religiões têm procurado prazer - ou liberdade, ou poder, ou amor, ou humilhação.¹¹⁹

Roth fala, de adultério como uma possibilidade humana e aqui destaco uma característica do autor, que permeia toda sua obra: para ele, os judeus são seres humanos como outros quaisquer, com suas qualidades e defeitos, falhas ou idiossincrasias. A polêmica que sua obra gerou, especialmente num período próximo ao final da Segunda Guerra, penso estar relacionada, por um lado, a preconceitos praticamente inalterados, apesar da catástrofe judaica; por outro, a uma idealização excessiva dessa comunidade - como se só fosse possível apontar aspectos edificantes dela, pois qualquer outro aspecto poderia servir de munição para o antissemitismo.

Assim, Philip Roth destaca a crítica do rabino Emanuel Rackman explicitada no "Conselho Rabínico da América" - a de que *Adeus, Columbus* criava uma "imagem distorcida dos valores básicos do judaísmo ortodoxo" e negava ao mundo

¹¹⁹ ROTH, Philip. "Writing about Jews". In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 1985, p.196. No original: "(...) 'Who said it was?' Anna Karenina commits adultery with Vronsky, with consequences more disastrous than those Epstein brings about. Who thinks to ask: 'Is it a Russian trait? It is decidedly human possibility'.
(...) adultery has been one of the ways by which people of **all** faith have sought pleasure - or freedom, or vengeance, or power, or love, or humiliation..."

não judeu a oportunidade de apreciar “a enorme contribuição que os judeus ortodoxos têm feito em todos os campos do desenvolvimento moderno”¹²⁰.

Outro rabino, David Seligson, condena Philip Roth e outros escritores judeus por criarem uma “galeria de caricaturas melancólicas”¹²¹ que não corresponderiam ao que os judeus realmente são. Vai mais além, declarando que:

Eles (os escritores judeus em questão) devem ser livres para escrever - afirmamos isso veementemente; mas que conheçam (melhor) seu próprio povo e tradição - isso é o que veementemente desejamos.¹²²

A partir dessa crítica do Rabino Seligson, Philip Roth afirma novamente sua convicção de que sua literatura está retratando seres humanos - que acontece serem judeus. Com relação ao conto “Epstein”, Roth afirma que a narrativa não é sobre o que ele entende, ou não, da tradição judaica, mas sim sobre o que ele entende, ou não, sobre Lou Epstein.

No conto, ele não está retratando um judeu devoto, mas sim um comerciante; sua mulher e filha não são mulheres devotas, mas mulheres com conflitos próprios daquela família e daquele momento histórico. Assim, a outra crítica do rabino, de que ele deveria procurar encontrar, em seus livros, um “retrato balanceado dos judeus” também é rebatida, porque não é essa a sua motivação ao escrever. Acredita que essa excessiva preocupação do rabino com a imagem do judeu estaria relacionada com um medo ancestral dos judeus sobre o julgamento feito pelos góim*¹²³ de suas atitudes.

Nada poderia estar mais longe das preocupações do autor; novamente ele lança mão de exemplos literários para sua argumentação: alguém pensaria em pedir a Dostoiévsky um retrato balanceado dos estudantes russos, já que em *Crime e*

¹²⁰ ROTH, op. cit., p.193. No original: “(The) overwhelming contribution which Orthodox Jews are making in every avenue of modern endeavor.”

¹²¹ Ibidem, p.197. No original: “melancholy parade of caricatures.”

¹²² Ibidem, p. 198. No original: “(That) they (the Jewish writers in question) must be free to write, we would affirm vehemently, but that they would know their own people and tradition, we would fervently wish.”

¹²³ *Góim – gentios. Há uma conotação pejorativa nesse termo, refletindo um conflito ancestral do judeu com o meio exterior.

Castigo um estudante mata uma velhinha; ou exigiria de Vladimir Nabokov um retrato balanceado dos adolescentes, já que *Lolita* seduz um homem mais velho?

Penso, portanto, que a partir desse debate com leitores e com rabinos Philip Roth faz uma declaração de princípios sobre o que para ele é ser judeu e, principalmente, o que para ele é ser escritor e judeu. Lemos então:

(A) ficção não é escrita para afirmar princípios e crenças que todos parecem ter, nem ela procura garantir a adequação de nossos sentimentos. O mundo da ficção, de fato, nos liberta das limitações sociais aos sentimentos; uma das grandezas da arte é que ela permite, tanto para o escritor como para o leitor, responder às experiências de maneiras não disponíveis em nosso dia-a-dia.

(...) Podemos nem mesmo saber que temos essa gama de sentimentos e respostas **até** que entramos em contato com eles através da ficção.¹²⁴

E mais adiante:

(...) Cessando, por um momento, de ser cidadãos responsáveis, entramos num outro nível de consciência, e essa expansão da consciência moral, essa exploração da fantasia moral tem um valor considerável para o homem e para a sociedade.¹²⁵

Então, a literatura, para Philip Roth não é escrever sobre o conhecido - e, em relação aos judeus, sabe-se que sempre foram perseguidos, que o antissemitismo é algo latente, mesmo em sociedades com um grau de liberdade maior, como a americana; que basta uma pressão externa maior para reativá-los. Mas, o que não se sabe, ou se teme saber, é sobre a gama de sentimentos que perpassam aquele judeu específico (Epstein) e é esse o foco de interesse de Philip Roth.

É nessa “ampliação da consciência” procurada por Philip Roth, que se insere um outro conto - “O Defensor da Fé”¹²⁶. Nele se encontra, dissecado em minúcias,

¹²⁴ ROTH, op. cit., p. 195. A tradução é minha. No original: “Fiction is not written to affirm the principles and beliefs that everybody seems to hold, nor does it seek to guarantee the appropriateness of our feelings. The world of fiction, in fact, frees us from the circumscriptions that society places upon feeling; one of the greatneses of the art is that it allows both the writer and the reader to respond to experience in ways not always available in day-to-day conduct. (...) we may not even know that we have such a range of feelings and responses **until** we have come into contact with the work of fiction.”

¹²⁵ Ibidem, p. 195. No original: “Ceasing for a while to be upright citizens, we drop into another layer of consciousness. This exploration of moral fantasy is of considerable value to a man and to society.”

¹²⁶ ROTH, Philip. “O Defensor da Fé”. In: *Adeus, Columbus*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 155-192.

um outro tema tabu: o privilégio. O conto se passa num quartel nos Estados Unidos, em 1945, poucas semanas após o fim da Segunda Guerra. Nele um batalhão de soldados está sendo preparado para a ação. Os soldados não sabem ainda para onde serão convocados - provavelmente para o Pacífico.

A narrativa é contada por Nathan Marx, primeiro-sargento que tem sob seu comando recrutas judeus. Ele é judeu e em seu grupo de comandados há Sheldon Grossbart - um jovem judeu que usava dessa prerrogativa para obter vantagens. O exasperante no conto é a forma como Grossbart usa essa familiaridade e enreda Nathan Marx num cipoal de sentimentos contraditórios.

Então, Sheldon Grossbart não gosta da comida do quartel e há supostamente um jantar de Pessach* sendo preparado na casa de sua tia naquele fim de semana. Ele deveria ficar no quartel, mas pede uma licença a Nathan Marx - ninguém precisaria saber dessa exceção à regra (o quartel está vazio) e ele poderia comer as delícias judaicas preparadas com tanto carinho pela tia. Até poderia trazer essas delícias para seu comandante. Além disso, já que a dispensa será dada a ele, ela poderia ser estendida a seus dois outros companheiros judeus.

Assim, acompanhamos a narrativa em primeira pessoa até o desfecho final: os rapazes voltam do suposto jantar e trazem não delícias judaicas para o comandante, mas delícias chinesas. Diante da raiva e estupefação de Nathan Marx, Grossbart diz que havia esquecido que o jantar fora adiado - então, eles foram comer num restaurante chinês. Afinal, precisavam aproveitar a licença e comer uma comida decente.

Ao analisar seu conto, Philip Roth admite que poderia tê-lo feito, com o mesmo conteúdo, tendo como personagens recrutas e sargentos negros ou irlandeses. Afinal, o tema - privilégios - não é exclusivo dos judeus. Mas, não o fez e isso porque, para ele, não havia escolha¹²⁷ nem sequer pensou em fazer um dos personagens judeu e outro não e explica por quê:

(...) contar a metade da verdade seria o mesmo que dizer uma mentira.

* Páscoa judaica onde se comemora o fim da escravidão judaica e a saída do Egito.

¹²⁷ ROTH, Philip. "Writing About Jews". In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, p.201.

A maioria das piadas (sobre judeus) perde sua (comicidade) quando um dos judeus (...) é retratado como inglês ou um republicano.¹²⁸

Ou seja, Philip Roth quer falar dos judeus e do privilégio entre os judeus. Seus críticos perguntam, então: mas esse não é um estereótipo antissemita?

A resposta de Philip Roth é contundente e, ao mesmo tempo, abre novas perspectivas de entendimento da condição judaica. Ele diz que Sheldon Grossbart, não quer comer a comida do quartel. Envolve, então, seu superior hierárquico judeu numa chantagem emocional. Roth afirma que Sheldon “não é representado como um estereótipo do judeu - mas como um judeu que age como um estereótipo, oferecendo a seus inimigos (a mesma) visão sobre ele, respondendo à punição com o crime.”¹²⁹ Ao inverter os fatores, Philip Roth permite pensar que, se é verdade que a imagem do judeu perdulário, aproveitador, traiçoeiro existe independentemente do judeu real, também é verdade que, muitas vezes, comportamo-nos exatamente de acordo com o que se espera de nós a partir do preconceito.

Seguindo nessa linha de pensamento, Philip Roth aproveita para se aprofundar num tema que lhe parece mais importante: que pessoas sintam rancor ou aversão umas pelas outras é um fato da vida, mas elas não necessariamente matam umas às outras. Há barreiras sociais que as impedem, barreiras essas que foram rompidas pelo nazismo e esse rompimento não pode ser explicado apenas a partir do antissemitismo. Algo ocorreu na Alemanha, onde a intolerância aos judeus e o aproveitamento dessa intolerância para fins ideológicos tornaram-se o centro do pesadelo nazista.

Penso estar aí o foco de interesse de Philip Roth sobre o judaísmo: ele não está preocupado em retratar o judeu bem ou mal, mas em investigar o porquê de certas características humanas intoleráveis serem colocadas nos judeus; e eles muitas vezes comportarem-se como o esperado. Mas, ao contrário da ideologia nazista, que deu permissão à matança do intolerável, para Philip Roth é preciso

¹²⁸ Ibidem, p. 201. No original: “(...) telling half the truth would have been much the same here as telling a lie. Most of those jokes (...) lose a little of their punch if one of the Jews (...) is disguised as an Englishman or a republican.”

¹²⁹ Ibidem, p. 202. No original: “He is represented not as the stereotype of the Jew but as a Jew who acts like a stereotype, offering back to his enemies their vision of him, answering the punishment with the crime.”

aprender a conviver com essa intolerabilidade. A literatura, segundo sua concepção, ao não eleger nenhum tema como tabu, pode ajudar nessa árdua tarefa.

O artigo “Imagining Jews” de Philip Roth, também presente na coletânea *Reading Myself and Others*¹³⁰ é construído de forma engenhosa. Inicialmente o autor detém-se sobre *O Complexo de Portnoy* e levanta hipóteses sobre o porquê de seu sucesso editorial. Posteriormente, Philip Roth detém-se nas obras de Saul Below, Bernard Malamud e Norman Mailer comparando-as a partir do ponto de vista que lhe interessa nesse momento; o papel do judeu no imaginário não-judaico - para finalmente retornar a Alexander Portnoy, seu personagem tão polêmico e que originou tantas controvérsias.

A engenhosidade de Philip Roth está enraizada numa percepção de que ao judeu é reservado um papel que varia de acordo com o contexto vivido. O autor lançou seu livro em 1968-1969, apogeu das revoltas estudantis, da liberação dos costumes, da guerra do Vietnã e de uma convulsão política mundial. Situou-se, querendo ou não, no centro de uma grande polêmica pois *O Complexo de Portnoy* é fruto de uma era de rebeldia. O próprio autor admite que o romance teria outro impacto, ou talvez nem fosse compreendido, se tivesse sido lançado três ou quatro anos antes, por exemplo.

O autor se pergunta o que teria levado 420.000 mil pessoas (um número sete vezes maior do que o número de exemplares vendidos de suas obras anteriores) a comprarem seu livro, descrito como uma “novela realista que trata do autoritarismo familiar com uma impiedade cômica e representa o sexo como um lado farsesco de uma aparentemente respeitável vida civil.”¹³¹ Mas os tempos eram de liberação dos costumes. Assim, um personagem envolvido em dilemas sexuais tornou-se tolerável para os leitores. Para Philip Roth, o fato de esse personagem ser judeu de alguma forma aumentou a tolerabilidade para assuntos como masturbação, atividades sexuais proibidas e ofensas contra a família.

Percebe-se, imediatamente, pela análise do autor, que há um terreno minado, pois os judeus não foram, desde sempre acusados de lascívia, obscenidade

¹³⁰ ROTH, Philip. “Imagining Jews”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, pp. 251-280.

¹³¹ Ibidem, p. 257. No original: “A realistic novel that treated family authority with comical impiety and depicted sex as a farsical side of a scemingly respectable citizen’s life.”

e de conspurcar as famílias? Mas, nesses novos tempos um outro lado do judeu vem à tona: seu lado “outsider”, desenraizado, e as tentativas de adaptação ao meio circundante. Em 1968-1969 havia um sentimento de desadaptação entre a juventude, judaica ou não, um desconforto diante do estabelecido e esse sentimento talvez tenha sido captado pelos leitores de classe média como presente em Alexandre Portnoy.

Philip Roth, através de Alexander Portnoy, mostra um judeu escondido e revelado a partir de sua libido masculina. Polemizando com Marie Syrkin, conhecida líder sionista americana, cita um trecho da carta enviada por ela para a revista *Commentary* em março de 1973, em que ataca *O Complexo de Portnoy*. Nela Marie Syrkin afirma que na recente ficção judaica está presente o pior estereótipo criado pelo discurso antissemita: a imagem do judeu lascivo e corruptor sexual¹³². Aqui se percebe novamente o terreno minado: Philip Roth estaria sendo antissemita ao retratar seu personagem como praticamente dominado por seus impulsos sexuais e masturbatórios?

O autor considera, a seu modo irônico, a carta de Marie Syrkin como um aperfeiçoamento dos ataques que já havia sofrido por parte de Irwing Howe e pelo editor da revista, Norman Podhoretz. O editor associado da revista, Peter Shaw, também havia criticado duramente *O Complexo de Portnoy* como sendo uma obra fanática em seu ódio contra o mundo judaico¹³³. Relembra que para Irwing Howe, sua obra excedia a vulgaridade, acabando por se tornar patológica. Mas, para Marie Syrkin, a caracterização luxuriosa de Alexander Portnoy especialmente no que diz respeito à sua relação com uma shiksa* que se “submetia” a seus desejos mais devassos, correspondia “à clássica descrição do que os nazistas denominavam rassenschande (perversão racial); exatamente de acordo com o ‘script’ de Goebbels-Streicher.”¹³⁴ Acrescenta que Alexander Portnoy está de acordo com a “acusação antissemita feita por Hitler sobre o judeu como destruidor do mundo gentio.”¹³⁵

¹³² Ibidem, p.277.

¹³³ Ibidem, p. 277.

* shiksa – gentia, em terminologia vulgar, outro termo pejorativo, refletindo a difícil relação dos judeus com o mundo não judaico.

¹³⁴ Ibidem, p. 278. No original: “A classic description of what the nazis called rassenschande (racial defilement); (...) straight out of the Goebbels – Streicher script.”

¹³⁵ Ibidem, p. 278. No original: “The anti-semitic indictment straight through Hitler is that the Jew is the defiler and destroyer of the Gentile world.”

Ao ser alinhado com Hitler, Goebbels e Streicher, Philip Roth argumenta que Marie Syrkin estaria alinhada com Theodor Hertzl, Weizmann, Jabotinsky e Nahman Syrkin; ou Sartre, Moshe Dayan e Meir Kahane, que saberiam exatamente como é o judeu de fato - ou como ele deveria ser. Roth situa-se antipodamente a essa posição, acreditando que para o romancista coloca-se a tarefa de “encontrar inspiração numa consciência que foi criada e destruída centenas de vezes apenas nesse século.”¹³⁶

Portanto, para o romancista sério não se trata mais de criar novos estereótipos de judeu, mas de retratá-lo como um ser humano como outro qualquer, inclusive com desejos sexuais. Nesse ponto Philip Roth ironiza a queixa de Marie Syrkin sobre a caracterização luxuriante de Alexander Portnoy. Afirma que, para sua interlocutora, somente um nazista imaginaria o judeu como um ser sexualizado. É nesse ponto que reside a diferença entre o discurso nazista e a escrita de Roth. Para o nazista, o judeu é um ser dominado pela luxúria a ser eliminado para não contaminar a raça humana; para Roth, desejos sexuais fazem parte do humano. Assim, podem, e devem, ser retratados em judeus e não-judeus.

Ao ser questionado por Alain Finkielkraut sobre qual o significado da leitura em sua vida, Philip Roth foi taxativo: ele lê ficção para se libertar de sua própria perspectiva de vida, estreita e sufocante; e para ser absorvido por um mundo imaginativo, criado a partir de um outro ponto de vista que não o dele. Esse é também o motivo pelo qual escreve¹³⁷.

Penso que essa postura do autor está no centro de todas as polêmicas que surgiram em torno de seu trabalho - polêmicas não só restritas à comunidade judaica. Na entrevista, entrevistador e entrevistado relembram a acidez do debate com o movimento feminista quando do lançamento do livro *My Life as a Man*. Nele há uma personagem feminina vingativa e raivosa - perseguidora e exploradora - todos elementos que o movimento feminista “descobrirá” serem característicos dos homens. Philip Roth ressalta que, em 1974, um artigo de primeira página no jornal *The Village Voice* intitulava-se “Por que esses homens odeiam as mulheres?”. Em seu interior havia fotos de Saul Bellow, Norman Mailer, Henry Miller e Philip Roth

¹³⁶ Ibidem, p.280. No original: “To find inspiration in a conscience that has been created and undone a hundred times over in this century alone.”

¹³⁷ ROTH, Philip. “Interview with Le Nouvel Observateur”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, p.103.

sendo que *My Life As a Man* era analisado exatamente sob o ponto de vista da perseguição dos homens contra as mulheres.

Assim, o choque causado por *O Complexo de Portnoy* em alguns segmentos da coletividade judaica foi equivalente ao de *My Life As a Man* na comunidade feminista. Isso, segundo o autor, se deve ao fato de que para alguns leitores a literatura deve apenas mostrar o que eles já sabem, confortando-os em suas angústias e reafirmando suas convicções.

Retornando às questões ligadas ao judaísmo, os debates em torno do personagem lascivo, despuadorado e obsceno criado por Roth ocorreram em diversos níveis. Irwing Howe e Gershom Sholem escreveram artigos criticando-o duramente. Philip Roth amargurou-se, revidou os ataques com outros artigos, ou mesmo transformando Irwing Howe num personagem - Milton Aptel - em *Lição de Anatomia*¹³⁸. Mas, o que dizer de um grupo de judeus enfurecidos que, ao final de uma mesa redonda, circundam o autor e ameaçam sua integridade física? Pois é essa cena que Philip Roth descreve em seu livro autobiográfico *The Facts*¹³⁹.

Em 1962, historicamente poucos anos após a barbárie nazista, Philip Roth é convidado para um painel na “Yeshivá University” em Nova York. O tema do painel é “A crise de consciência nos escritores originários de minorias”. Os outros dois convidados são Ralph Ellison - que também já havia recebido críticas ácidas de militantes negros contrários a algumas caracterizações de negros em suas obras; e um autor italiano menos conhecido, Pietro Di Donato, cujo romance proletário *Christ in Concrete* havia sido um sucesso nos anos 30.

Philip Roth conta que não estava seguro quanto aos rumos que o debate seguiria já que não se sentia familiarizado com um grupo de judeus ortodoxos. Mas, como o debate ocorreria no âmbito de uma universidade, acreditava que tudo transcorreria bem, a partir apenas da exposição de ideias, embora divergentes. Porém, não foi o que ocorreu. Após a exposição dos debatedores, o julgamento começou e uma das perguntas feitas foi: “Sr. Roth, o senhor escreveria as mesmas histórias se estivesse vivendo na Alemanha nazista”?

¹³⁸ ROTH, Philip. *Lição de Anatomia*. Trad. Lya Luft. Porto Alegre: LP&M, 1983.

¹³⁹ ROTH, Philip. “All in the Family”. In: *The Facts, A Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1997, pp. 123-130.

Trinta minutos depois, o autor, após exaustivas explicações, continuava enredado por perguntas raivosas. Percebe então que não havia apenas oposição às suas ideias, mas ódio. Foi tomado, então, por uma reação física atordoante: uma enorme fadiga e uma necessidade urgente de sair do local, embora continuasse a responder às perguntas. Ralph Ellison percebeu sua reação e começou a defendê-lo, mas o auditório não estava interessado na posição do autor de *O Homem Invisível*.

Para Philip Roth aquela plateia tinha um objetivo, do qual não podia ser desviada: reconduzirá-lo, inquisitorialmente, para um caminho favorável aos judeus. Apesar da fadiga, Roth tentou encaminhar-se para a saída, mas viu um pulso erguido contra ele e ouviu: “Você ressuscitou a literatura antissemita! Mas o que é isso? Literatura inglesa! Literatura inglesa é literatura antissemita!”¹⁴⁰

Inicialmente, após essa cena dramática, Philip Roth pensou em não mais escrever sobre judeus. Passado o choque, sua reflexão sobre o assunto caminhou num sentido oposto. Passou a considerar quão complexa é a definição do ser judeu - complexidade capaz de movimentar os impulsos mais agressivos e raivosos. Conclui que esse grupo humano tão coeso é também constituído por uma brutal insegurança, que o torna fanático:

Que outra conclusão poderia tirar do fato de terem me dito que cada palavra que escrevi potencialmente colocava em perigo cada um dos judeus (da comunidade).

(...) Segurança fanática - insegurança fanática - nada em minha história de vida poderia exemplificar melhor que aquela noite quão profundamente enraizado está o drama judaico nessa dualidade.¹⁴¹

Essa dualidade e a violência gerada poderiam tê-lo afastado do tema judaísmo, mas isso não ocorreu. A própria dualidade acabou por alimentar uma

¹⁴⁰ Ibidem, p. 129. No original: “You were brought up on anti-semitic literature and what is that? (...) English Literature! (...) English literature is anti-semitic literature!”

¹⁴¹ Ibidem, pp. 129-130. “How could I conclude otherwise when I was told that every word I wrote (was a disgrace), potentially endangering every Jew? Fanatical security, fanatical insecurity – nothing in my entire background could exemplify better than that night did how deeply rooted the Jewish drama was in this duality.”

ficção que utiliza os mais variados recursos narrativos para uma melhor observação da complexidade da vida judaica¹⁴².

Embora contrário a qualquer tipo de classificação de sua literatura, Philip Roth não esconde seu imenso interesse com relação a alguns personagens da vida judaica. Seu interesse não está em nenhum agrupamento particular de judeus, mas sim em situações específicas, emblemáticas das condições vividas por judeus em diversos países.

Ao ser perguntado por Alan Finkelkraut¹⁴³ sobre o que pensa de ser conhecido na França como um escritor americano judeu e, juntamente com Saul Bellow e Bernard Malamud membro da assim chamada “Escola Judaica Novaiorquina”, Philip Roth afirma inicialmente que esse é um clichê jornalístico. Em seguida, discorre sobre suas diferentes origens, influências e caminhos literários. Apesar de tudo isso, os três autores são judeus o que implica, numa similaridade, mas não aquela imaginada pelo clichê literário:

Obviamente, Bellow, Malamud e eu não constituímos uma escola de nada. Se constituímos uma escola judaica é somente no estranho sentido de que cada um de nós encontrou sua forma particular de transcender o paroquialismo imediato de suas origens judaicas e transformar situações muito particulares, com colorações muito particulares (...) em uma ficção que tem intenções completamente diferentes - mas que se mantém enraizada na especificidade local.¹⁴⁴

Mais adiante:

(...) e mesmo essa similaridade conta muito pouco quando pensamos em tudo o que surge a partir de nossas diferenças de idade, criação, origem regional, classe, temperamento, educação, interesses intelectuais, ideologias morais, antecedentes literários, objetivos artísticos e ambições.¹⁴⁵

¹⁴² Ibidem, p. 129-130.

¹⁴³ ROTH, Philip. Interview with Le Nouvel Observateur”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, p.98-110.

¹⁴⁴ ROTH, op. cit., p.108. A tradução é minha. No original: “Obviously, Bellow, Malamud, and I do not constitute a New York School of anything. If we constitute a Jewish School, it is only in the odd sense of having each found his own means of transcending the immediate parochialism of his Jewish background and transforming what once had been the imaginative property of anecdotal local colorists (...) into a fiction having entirely different intentions, but which nonetheless remains grounded in the colorful specificity of the locale.”

¹⁴⁵ Ibidem, p. 108. No original: “(...) and even this similarity amount to little when you think about all that must follow from our differences in age, upbringing, regional origin, class temperament, education, intellectual interests, moral ideologies, literary antecedents, and artistic aims and ambitions.”

Philip Roth constrói assim seu argumento sobre a impossibilidade de rotulações, mas a possibilidade de interesses comuns, embora os autores trilhem caminhos diferentes.

Nesse momento da entrevista introduz-se um elemento autobiográfico importante para se entender o ponto de vista particular desse autor diante do judaísmo. Philip Roth, diz ter sido criado por pais judeus e com uma autoconsciência de ser judeu. Porém, ele vivia nos Estados Unidos; assim sentia-se parte de uma maioria composta de minorias que competiam entre si, sem que nenhuma delas lhe parecesse em melhor posição do que outra. Situação completamente diferente da vivida pelos judeus da Europa de seus pais e avós, onde a luta eterna sempre foi por serem considerados iguais. O autor ressalta:

(...) foi na vasta discrepância entre (essas) duas condições judaicas que eu encontrei o terreno para minhas primeiras histórias e posteriormente para *O Complexo de Portnoy*. Ser judeu em New Jersey era cômico exatamente porque estava ligado a esses eventos terríveis.¹⁴⁶

Roth enfatiza também que sempre ansiou por entrar em contato com dois mitos nacionais americanos: o “da vastidão territorial” e o “da rica diversidade” de seu povo. Assim que pôde afastou-se de New Jersey, de sua família judaica e de sua vizinhança judaica. Ao entrar em contato com esses dois tipos de mitologia - a mitologia americana especialmente ligada à ideia de patriotismo¹⁴⁷, e a mitologia judaica, especialmente ligada à ideia de vitimização¹⁴⁸, Roth pôde incorporá-las, de formas bastante específicas, em sua literatura.

No que diz respeito ao judaísmo, criou uma literatura não conformada com respostas fáceis. Philip Roth não está em busca de um povo judeu genérico; está sim em busca de personagens judeus específicos reais ou imaginários, em torno dos

¹⁴⁶ Ibidem, p.108. No original: “It was in the vast discrepancy between the two Jewish conditions that I found the terrain for my first stories and later for *Portnoy’s Complaint*. Being a Jew in New Jersey was comical just because it was somehow bound up with the ghastly events.”

¹⁴⁷ É interessante observar como essa ideologia da vastidão territorial e diversidade cultural ressurge em *Complô contra a América* e seduz Sandy, irmão mais velho do narrador, que também tem dentro de si (assim como Philip Roth nesse fragmento autobiográfico) vontade de conhecer o país, para além dos limites de sua família – e para além da formação judaica).

¹⁴⁸ Aqui é possível recordar os diálogos “hilariantes” de Alexander Portnoy com sua mãe em torno de alimentação – onde ela tentava convencê-lo a comer toda a comida feita exaustivamente segundo os preceitos judaicos porque afinal na *Europa*, nos campos de concentração, os judeus morriam de fome.

quais busca uma caracterização detalhada. Acredita que a partir dessa caracterização possa aproximar-se de uma certa judeidade.

É assim com Bruno Schulz, escritor judeu polonês morto na rua por um oficial nazista, em função de uma disputa trágica. Bruno Schulz foi tema de sua entrevista com Isaac Bashevis Singer, publicada em seu livro *Shop Talk*¹⁴⁹.

Observa-se que dois autores tão distintos, com interesses tão diversos acabam por entabular uma conversa profunda, em torno da literatura de um autor cuja morte é um fato traumático: dois oficiais nazistas desentendem-se - cada um tinha um judeu encarregado de cuidados domésticos. No auge da disputa, um dos oponentes mata, na rua, “o judeu do outro” e se vangloria disso. Bruno Schulz era esse judeu¹⁵⁰.

A entrevista é datada de 1976 e Philip Roth situa-a no contexto em que ele se encarrega de publicar, na série *Writers from the other Europe*, as obras de Bruno Schulz. Em suas pesquisas, descobrira que I. B. Singer havia feito a revisão e introdução do livro autobiográfico de Bruno Schulz, *The Street of Crocodiles*. Singer e Schulz são poloneses com uma diferença de 12 anos de idade e Philip Roth interessou-se em saber sobre como era a vida na Polônia para um escritor judeu e num período tão conturbado.

A partir desse foco de interesse, a entrevista segue um caminho que vai desde a afinidade de almas entre Bruno Schulz e Kafka, até o fato de Bruno Schulz ter sido um escritor judeu polonês que escrevia em polonês (e não em ídiche) e o que isso poderia significar.

I.B. Singer descreve Bruno Schulz como um homem muito talentoso e, ao mesmo tempo, modesto. Viveu toda sua vida em Drohobycz e sentia-se asfixiado pelo provincianismo da cidade. Falava perfeitamente o polonês - o que poderia significar uma saída do provincianismo local. Mas era uma alma dividida entre galgar rumos maiores ou manter-se enraizado a algo que o sufocava. Philip Roth considera que essa divisão interna poderia ser uma das fontes de sua imensa criatividade.

¹⁴⁹ ROTH, Philip. “Conversation in New York with Isaac Bashevis Singer about Bruno Schulz”. In: *Shop Talk, a Writer and His Colleagues and Their Work*. New York: Vintage International, 2002, pp. 70-89.

¹⁵⁰ O episódio é narrado, numa narrativa fantástica, por David Grossman em seu livro *Ver: amor*.

I.B. Singer acrescenta a essa análise dados concretos. Em Varsóvia, ele seria mais um escritor entre tantos. Além disso, seria um escritor judeu, o que serviria de munição para críticas ferinas gerando um círculo vicioso que talvez Bruno Schulz tenha tentado evitar permanecendo em Drohobycz.

Para que Philip Roth percebesse a gravidade da situação, I. B. Singer afirma que ela seria impensável nos Estados Unidos, onde dificilmente Philip Roth e Saul Bellow não seriam considerados escritores americanos. Também não teriam que provar o quão americanos são.

Conforme a análise de Roth e Singer avança, outros elementos são agregados a ela e fazem pensar que afinal de contas em todos nós há aspectos arrogantes e preconceituosos. Inclusive, entre os judeus. Assim, I.B. Singer salienta uma divisão interna entre os escritores judeus poloneses: aqueles que escreviam em ídiche viam os que escreviam em polonês como “abandonando suas raízes e cultura” e incorporando-se à cultura polonesa que consideravam mais jovem e menos importante que a cultura judaica. Aqueles que escreviam em polonês acreditavam que a escrita em ídiche era endereçada às pessoas ignorantes, pobres, sem educação - enquanto eles escreviam para os letrados¹⁵¹.

Penso que I.B. Singer está dizendo que qualquer agrupamento humano tenderá a afirmar que é mais puro, mais importante, mais significativo que outro. Ele até ironiza a situação lembrando que, embora tenha nascido na Polônia, o polonês não é uma língua tão próxima a ele como o ídiche. Fala polonês com sotaque. Assim como fala qualquer língua com sotaque. Philip Roth retruca: “Menos o ídiche!”. Ouve, então, a surpreendente resposta: “Os lituanos dizem que eu falo ídiche com sotaque”¹⁵² - o que reitera a ideia anterior de que cada grupo reivindicará para si a maior pureza (da língua, dos costumes).

¹⁵¹ ROTH, op. cit., p. 87.

¹⁵² Ibidem, p. 82. No original: “*Roth*: Not Yidish, I take it. *Singer*: Yes. The Litvaks say I speak Yidish with an accent.”

III.2 - Conversa com Primo Levi

Em fevereiro de 1986, Philip Roth e Primo Levi estabeleceram uma longa conversa em torno de temas que lhes eram muito caros: o fazer literário, a inter-relação entre ficção e realidade, ser judeu e, finalmente, enraizamento e desenraizamento.

Essa conversa está registrada em *Shop Talk*¹⁵³ e percebe-se o profundo respeito e interesse que esses dois judeus têm um pelo outro. São judeus de origens distintas, com histórias de vida diversas e escritos que seguiram por caminhos muitas vezes opostos. Philip Roth caracteriza-se por ser um autor tão embrenhado na ficção que a própria realidade - e dados autobiográficos - são modificados para servir a uma forma literária. Primo Levi caracterizou-se por ser um escritor embrenhado na realidade - especialmente a realidade dos campos de concentração - que descreveu de forma meticulosa, atento aos detalhes da vida diária vivida naquele inferno humano.

A conversa entre esses dois escritores segue rumos que permitem entender como a procura por uma forma literária pode ser, em si mesma, restauradora de um equilíbrio psíquico - perdido, evidentemente, quando um ser humano é obrigado a vivenciar situações tão dolorosas, como as vividas por Primo Levi.

Philip Roth quer saber o que teria impulsionado Primo Levi a escrever *Se não agora, quando?* seu livro mais “imaginativo”. Isso porque, embora baseado em fatos históricos - a participação de guerrilheiros judeus, de origem polonesa e russa, na luta contra os alemães na fronteira oriental - Primo Levi não participou desse episódio; ele foi preso quando estava reunido com grupo da resistência italiana. Philip Roth pondera se, ao escrever sobre a bravura desses judeus, Primo Levi não estaria se confrontando com um dever moral e político que, não necessariamente, estariam presentes nos livros autobiográficos.

A resposta de Primo Levi é extremamente complexa e composta por dois elementos básicos: uma motivação pessoal ao escrever o livro - ele quis testar a si

¹⁵³ ROTH, Philip. “Conversation in Turin with Primo Levi”. In: *Shop Talk - A Writer And His Colleagues And Their Work*. New York: Vintage International, 2001, pp. 1-18.

mesmo como escritor; e uma motivação conjuntural - ele também quis testar preconceitos contra os judeus, tão arraigados na sociedade italiana.

Assim, Primo Levi diz a Philip Roth que, depois de tantos anos escrevendo claras ou disfarçadas autobiografias, ele se propôs a alçar novos voos, construindo um romance com personagens em situações nas quais nunca esteve. Ao lado disso quis entreter seus leitores com uma “história otimista, de esperança, embora tendo como pano de fundo um massacre.”¹⁵⁴

Nesse momento, Primo Levi relaciona seu voo literário a algo mais amplo: a imagem do judeu, tão carregada de ideias preconcebidas e que, em última análise, originará o horror nazista:

Eu quis atacar o lugar comum que ainda prevalece na Itália: o judeu como uma pessoa indulgente, um estudioso (da religião ou leigo) não afeito a guerra, humilhado, que tolerou séculos de perseguição, sem sequer lutar. Parecia meu dever prestar homenagem àqueles judeus que, em condições desesperadas, encontraram a coragem e a habilidade para resistir.¹⁵⁵

Penso que essa passagem mostra a convergência de interesses entre esses dois escritores tão distintos: ambos querem ver o judeu como ele é, e não como dizem que ele é. E não o judeu idealizado - para o bem ou para o mal - mas aquele judeu real, combatente na frente russa, disputando um prato de comida ou privilégios num campo de concentração¹⁵⁶, num quartel¹⁵⁷, ou transformando-se num grave neurótico¹⁵⁸.

Talvez ambos tenham percebido que qualquer cerceamento, tanto formal como temático, em sua literatura, poderia causar sérios danos pessoais - especialmente para autores como eles, para quem a literatura é, mais que um ofício, um instrumento de investigação de realidades muitas vezes trágicas - como a do mundo ashkenazita. Assim, Primo Levi diz:

¹⁵⁴ Ibidem, p.15. A tradução é minha. No original: “A story of hope, even occasionally cheerful, although projected onto a background of massacre.”

¹⁵⁵ Ibidem, p. 15. A tradução é minha. No original: “I wished to assault a commonplace still prevailing in Italy: a Jew is a mild person, a scholar (religious or profane), unwarlike, humiliated, who tolerated centuries of persecution without ever fighting back. It seemed to me a duty to pay homage to those Jews who, in desperate conditions, found the courage and skill to resist.”

¹⁵⁶ Como em *Os Afogados e Sobreviventes* de Primo Levi.

¹⁵⁷ Como em “O Defensor da Fé” de Philip Roth.

¹⁵⁸ Como em *O Complexo de Portnoy* de Philip Roth.

Eu nutri a ambição de ser o primeiro (talvez o único) escritor italiano a descrever o mundo ídiche. Eu pretendi “explorar” minha popularidade em meu país, impondo a meus leitores um livro centrado na civilização, história, linguagem, o modo de pensar ashkenazita; tudo que é virtualmente desconhecido na Itália.¹⁵⁹

Primo Levi, a partir de seu livro *Se não agora, quando?* faz algo por seus compatriotas italianos - mostrar um mundo que eles desconhecem - e, por isso mesmo, fantasiado muitas vezes da pior maneira possível. Faz algo valioso para si mesmo também, pois, segundo ele, o ano que passou escrevendo esse livro foi um ano feliz em que, pela primeira vez como escritor, teve a impressão - quase uma alucinação¹⁶⁰ de que os personagens estavam à sua volta, sugerindo espontaneamente ações e diálogos¹⁶¹.

Primo Levi fala muito em alçar novos voos, experimentar, escrever de outra forma - o que, surpreendentemente, dá oportunidade para que outro assunto surja: o desenraizamento. A surpresa vem do fato de que a questão do desenraizamento do judeu é tratada, de modo geral, a partir de fatos históricos que levaram o povo judeu a se dispersar, tornando-o um povo ligado à diáspora apenas parcialmente, com uma nostalgia da terra perdida etc. Mas, Primo Levi e Philip Roth dão um outro enfoque a essa questão.

A princípio, Philip Roth dirá que não conhece nenhum escritor contemporâneo tão profundamente enraizado a seu país, sua família e seu trabalho como Primo Levi. Excetuando-se os anos da guerra, sempre morou no mesmo lugar - Turim - no mesmo edifício, no mesmo apartamento e sempre trabalhou como químico na mesma fábrica, até sua aposentadoria. O próprio encontro entre eles foi marcado para um local próximo à fábrica de tintas.

Percorrendo aquela área de Turim, Philip Roth descreve que Primo Levi mora com sua mulher e sua mãe de noventa e um anos; sua sogra mora não muito longe dali, seu filho de vinte e oito anos é seu vizinho de andar e sua filha mora a alguns quarteirões de distância. Isso faz com que Philip Roth avalie que para Primo

¹⁵⁹ ROTH, op. cit., p.15. A tradução é minha. No original: “I cherished the ambition to be the first (perhaps the only) Italian writer to describe the Yiddish world. I intended to “exploit” my popularity in my country in order to impose upon my readers a book centered on the Ashkenazi civilization, history, language, and frame of mind, all of which are virtually unknown in Italy.”

¹⁶⁰ Ibidem, p. 16.

¹⁶¹ Ibidem, p. 16.

Levi é imprescindível sentir-se enraizado à profissão, a seus ancestrais, sua região, sua língua e que esse sentimento foi uma dádiva quando ele se encontrou “tão sozinho e tão desenraizado como nenhum homem pode ser.”¹⁶²

Nesse momento da conversa, e em função do grau de intimidade que se estabeleceu entre esses dois homens, surge toda a singularidade da experiência humana. Primo Levi concorda com Philip Roth: é uma dádiva sentir-se parte de uma família, de um lar ou de um trabalho. Mas acrescenta um elemento fundamental:

(...) são boas coisas em si mesmas; mas elas me tiram algo de que ainda sinto falta: aventura.
O destino decidiu que eu encontraria aventura na horrível confusão da Europa submersa na guerra.¹⁶³

Primo Levi lembra que um bom amigo seu afirmara que suas lembranças antes e depois de Auschwitz são em branco e preto. As lembranças desse amigo sobre Auschwitz e de sua viagem de volta para Turim são em technicolor, da mesma maneira que para Primo Levi.

Isso faz pensar que enraizamento - desenraizamento, para além da “questão judaica”, é um dilema humano; pois se é verdade que precisamos de um lar e vínculos afetivos sólidos, também é verdade que precisamos conhecer realidades além-muros; e que a pecha lançada contra os judeus de que seriam um elemento estranho, “um grão de mostarda”, desenraizado, vindo de fora para contaminar a sociedade, acaba por camuflar completamente essa polaridade presente em todos nós. Pior que isso, a polarização, os de dentro / os de fora, acaba por gerar violência. Primo Levi ressalta:

Eu não vejo nenhuma contradição entre “enraizamento” e ser (ou se sentir) “um grão de mostarda”. Para nos sentirmos um catalisador ou estimulador de nosso meio cultural, algo que confere sabor e sentido de vida, não precisamos de leis raciais, antissemitismo ou racismo em geral; entretanto, é uma vantagem pertencer a uma minoria não necessariamente racial.

¹⁶² Ibidem, p. 11. No original: “So lonely and so unrooted like anyone can be.”

¹⁶³ Ibidem, p. 11. No original: “[They] are good things themselves, but they deprived me of something that I still miss: adventure. Destiny decided that I should find adventure in the awful mess of a Europe swept by war.”

(...) Você não se sente, Philip Roth, enraizado em seu país e, ao mesmo tempo, “um grão de mostarda”? Em seus livros eu percebo um agudo sabor de mostarda.¹⁶⁴

Mais adiante, Primo Levi acrescenta dois elementos que aprofundam a discussão: ele acredita que possuir duas tradições é algo enriquecedor para os escritores, mas não só para os escritores. Ao lado disso, Primo Levi percebe que, apesar de fazer parte da vida cultural italiana, continua sendo um corpo estranho, uma impureza. Isso ocorre não devido ao fato de ser judeu, mas ao fato de ser um sobrevivente de Auschwitz e também por ser um escritor “vindo de fora” - não do meio literário ou universitário, mas do mundo industrial. Assim, ser judeu, sobrevivente do Holocausto, italiano, químico numa fábrica em Turim e escritor torna-o um “outro”, integrado e não integrado, ao meio.

Ao invés de tentar simplificar situações tão complexas, Primo Levi propõe, no que encontra total concordância de Philip Roth, uma imersão nelas e purificação pela literatura. O termo purificação é utilizado aqui num sentido “químico” - ou seja, no sentido de extrair dessas experiências trágicas algum conhecimento que nos permita evoluir. Para isso é preciso eliminar clichês, moralismos ou julgamentos.

¹⁶⁴ Ibidem, p.13. No original: “I see no contradiction between ‘rootedness’ and being (or feeling) ‘a grain of mustard’. To feel oneself a catalyst, a spur to one’s cultural environment, a something or a somebody that confers taste and sense to life, you don’t need racial laws or anti-semitism or racism in general; however, it is an advantage to belong to a (not necessarily racial) minority. (...) Don’t you feel yourself, Philip Roth, ‘rooted’ in your country and as the same time ‘a mustard grain’? In your books I perceive a share mustard flavor.”

III.3 - Conversa com Aharon Appelfeld

No encontro com Aharon Appelfeld, ocorrido em 1988¹⁶⁵, aparecem algumas das preocupações de Philip Roth com a existência judaica e sua inter-relação com a literatura, mas num enfoque diferente daquele que surgiu na conversa com Primo Levi. Logo no início um dos elementos centrais para essa diferenciação é destacado: a idade em que esses autores experimentaram os horrores do nazismo. Primo Levi era um adulto quando foi trancafiado em Auschwitz - adulto, com uma profissão e poliglota. Esses elementos auxiliaram-no em sua dura trajetória no inferno concentracionário. Não lhe davam garantia de sobrevivência; mas em tendo sobrevivido, proporcionaram-lhe uma visão do contexto mais amplo que lhe permitiu escrever sobre temas tão complexos como privilégio ou dietas hipocalóricas, planejadas para matar grandes populações de fome.

Com Aharon Appelfeld o panorama é outro; ele é descrito de uma forma sintética e comovente por Philip Roth logo na apresentação da conversa. Philip Roth está no apartamento de dois dormitórios em Jerusalém, modestamente decorado, onde Aharon Appelfeld vive com sua mulher e sua filha (Appelfeld tem mais dois filhos - um que está terminando o serviço militar e outro que está ingressando nele). Sente um clima de acolhimento e harmonia criado por esse casal, necessários para o desenvolvimento de uma criança; clima que contrasta veementemente com as agruras vivenciadas por Appelfeld, dos oito aos quatorze anos, quando finalmente conseguiu chegar a Israel. Philip Roth vê então um porta-retrato:

Um retrato antigo tirado em Tchernovtsy, Bukovina, em 1938, quando Aharon Appelfeld tinha seis anos de idade - um retrato trazido à Palestina por parentes que sobreviveram - e que mostra uma criança burguesa, refinada e delicada, sentada num cavalo de brinquedo e vestindo uma roupa de marinheiro. Não podemos imaginar essa criança, apenas vinte e quatro meses depois, confrontando-se com as exigências de sobreviver como um menino perseguido e sem parentes nos bosques. A inteligência aguçada está ali; mas onde estão a astúcia, o instinto feroz, a tenacidade biológica necessárias para resistir a essa terrível "aventura"?¹⁶⁶

¹⁶⁵ ROTH, Philip. "Conversation with Aharon Appelfeld". In: *Shop Talk, A Writer and his Colleagues and their Work*. New York: Vintage International, 2001, pp. 18-39.

¹⁶⁶ Ibidem, p.19. No original: "Na antique-looking picture taken in Chernovtsy, Bukovina, in 1938, when Aharon was six – a picture brought to Palestine by surviving relatives – shows a delicately refined

Penso que, a partir da descrição pungente de uma infância perdida, esses dois judeus tão diferentes acabam por se confrontar com questões literárias e existenciais de difícil abordagem.

Assim, Aharon Appelfeld, cuja língua materna é o alemão “(não o alemão dos alemães, mas o alemão do império dos Habsburgos, de Viena, Praga e Tchernovtsy, com uma entonação especial, que os judeus trabalharam duro para criar)”¹⁶⁷ escreve agora em hebraico. São livros que, segundo a análise de Roth, apesar de terem por cenário a Europa e lembrarem a ficção kafkiana, não são ficção europeia. Isso faz Roth afirmar que Aharon Appelfeld é um “escritor deslocado, um escritor deportado, um escritor despossuído e desenraizado. Appelfeld é um escritor deslocado de uma ficção deslocada, que fez do deslocamento e desorientação um tema unicamente seu.”¹⁶⁸

Deslocamento e desorientação estão presentes numa criança nos bosques poloneses, tentando apenas sobreviver. É a partir desse fato que Philip Roth imagina se a falta de contextualização histórica nos romances de Appelfeld não estaria relacionada com as limitações do ponto de vista da criança, que sofre as consequências de uma realidade trágica, mas não tem condições de entender de onde ela surge. Appelfeld concorda com a afirmação, mas acrescenta um elemento fundamental: se é verdade que a criança tem uma visão limitada sobre o que ocorre com ela, também é verdade que, mesmo para os adultos, tornou-se impossível entender o que estava acontecendo. De tão absurda, a situação dos judeus tornou-se ahistórica.

Appelfeld afirma que explicações históricas tornaram-se estranhas para ele desde que começou a escrever. O que foi vivenciado com o nazismo parecia história, com horários, trens, cargas e engenheiros. Na verdade tratava-se de jornadas da imaginação: “Entramos em contato com forças míticas arcaicas, um tipo

bourgeois child seated alertly on a hobbyhorse and wearing a beautiful sailor suit. You cannot imagine this child, only twenty-four months on, confronting the exigencies of surviving for years as a hunted and parentless little boy in the woods. The keen intelligence is certainly there, but where is the robust cunning, the feral instinct, the biological tenacity it took to endure that terrifying adventure?”

¹⁶⁷ Ibidem, p. 22. No original: “No the German of the Germans but the German of the Hapsburg Empire, of Vienna, Prague, and Chernovtsy, with its special tone, which, by the way, the Jews worked hard to create.”

¹⁶⁸ Ibidem, p. 20. No original: “A dislocated writer, a deported writer, a dispossessed and uprooted writer. Appelfeld is a displaced writer of displaced fiction, who has made of displacement and disorientation a subject uniquely his own.”

de subconsciente escuro, cujo significado não conhecíamos, e que ainda não conhecemos.”¹⁶⁹

Roth e Appelfeld acreditam que o efeito de estranhamento e profundo desconforto que os romances de Appelfeld geram estaria ligado à representação de um povo desatento, ou não percebendo que está no centro de um cataclisma.

Nesse ponto um encadeamento de ideias muito interessante se dá, pois Appelfeld aborda um preconceito muito arraigado no ideário antissemita: o de que os judeus são seres astutos, manipuladores; seres sofisticados, que usariam seus conhecimentos para adquirir vantagens pessoais. Mas, como explicar então, a facilidade com que esses seres são enganados? Appelfeld continua: “Com os mais simples truques, truques até infantis eles são reunidos em guetos, privados de alimentação por meses a fio, encorajados com falsas promessas e finalmente enviados por trem para sua morte.”¹⁷⁰

A partir dessa contradição entre a realidade e o preconceito, Appelfeld aborda um tema pelo qual Philip Roth tem um grande interesse: a ideia de que os judeus são pessoas e não estereótipos. Apresentam portanto, defeitos e qualidades, cegueiras e momentos de lucidez. Appelfeld, como vítima das atrocidades nazistas, quer entender as vítimas; contudo, ele não as idealiza. Não foi em vão que ambientou seu romance *Badenheim, 1939* num balneário que existe realmente e, como ele, há vários espalhados pela Europa. São lugares que sempre considerou fúteis e pequeno-burgueses em suas formalidades. Os judeus, em seu romance, passam suas férias ali, negando-se a enxergar os sinais mais contundentes do agravamento de sua situação. O autor considera essa cegueira como fraqueza; encanta-se com ela que, em última análise, indica o exagero do mito de que os judeus comandam o mundo com maquinações.

A conversa entre esses dois grandes escritores segue, a partir do questionamento sobre a idealização dos judeus, caminhos interessantes. Philip Roth quer saber se Aharon Appelfeld pensou em escrever algo não ficcionalizado, como Primo Levi, uma descrição mais direta de suas experiências como criança, tentando

¹⁶⁹ Ibidem, p. 25. No original: “We came into contact with archaic mythical forces, a kind of dark subconscious the meaning of which we did not know, nor do we know it to this day.”

¹⁷⁰ Ibidem, p. 26. No original: “With the simplest, almost childish tricks they were gathered up in guettos, starved for months, encouraged with false hopes and finally sent to their deaths by train.”

sobreviver à barbárie. A resposta é contundente e faz pensar em como a criação literária teve um papel fundamental na cicatrização de profundas feridas criadas pelo desamparo. Appelfeld responde que a realidade é sempre mais forte que a imaginação. Em suas tentativas de escrever algo não-ficcional sobre si mesmo, deparava-se com o horror, sem disfarces e sem limites. A ficção proporcionou-lhe limites que amenizam os horrores. De outra forma, os leitores não acreditariam em suas histórias.

Seu trabalho com a memória é suavizá-la para que possa ser contada e lida. Além de tudo, ela será contada em hebraico. O hebraico não é a língua materna de Aharon Appelfeld e Philip Roth quer saber como Appelfeld apropriou-se dessa língua, já que entrou em contato com ela apenas em Israel e já profundamente marcado pela guerra.

Appelfeld conta que, ao sair da Europa, sabia falar várias línguas: alemão sua língua materna, ídiche, porque a ouvia de seus avós, romeno, pois essa era a língua falada na Bukovina onde viveu quando criança, ucraniano pois era a língua falada pelos camponeses entre os quais viveu escondido. Finalmente, em 1944 quando foi resgatado pelo exército russo, teve que aprender russo. Ele, então, sintetiza toda sua experiência com diversas línguas da seguinte forma: “quando finalmente cheguei à Palestina em 1946, minha cabeça estava repleta de línguas, mas na verdade, eu não tinha nenhuma língua”¹⁷¹. Entra em contato com o hebraico, língua para ele difícil, severa e ascética:

Sua antiga base é um provérbio da Mishná: “O silêncio é a proteção para a sabedoria”. O hebraico me ensinou como pensar, como ser econômico com as palavras, não usar muitos adjetivos, não intervir muito e não interpretar. Eu digo que ele “me ensinou” (pois) se não fosse pelo hebraico, duvido que eu tivesse encontrado meu caminho em direção ao judaísmo.¹⁷²

¹⁷¹ Ibidem, p. 31. No original: “When I finally reached Palestine in 1946, my head was full of tongues, but the truth of the matter is that I had no language.”

¹⁷² Ibidem, p. 31. No original: “Its ancient basis is the proverb from the Mishna: “silence is a fence for wisdom”. The Hebrew language taught me how to think, to be sparing with words, not to use too many adjectives, not to intervene too much, and not to interpret. I say that it “taught me”. (...) If it weren’t for Hebrew, I doubt whether I would have found my way to Judaism.”

Para esse autor, o hebraico, uma língua milenar onde cada palavra pode estar associada a vários significados, ajudou-o a sair de um emaranhado de línguas que, ao final, tiveram um só significado: morte aos judeus.

Porém, se foi possível para Appelfeld deixar sua língua materna, não lhe foi possível abandonar as memórias. Philip Roth pergunta como é sua vida em Israel, um país convulsionado por guerras e numa turbulência constante. Quer saber também como esse contexto influencia sua produção literária. Appelfeld diz que ele é um sobrevivente de guerra e, para manter-se fiel a si mesmo, tornou-se uma pessoa distante e contemplativa. A agitação externa certamente faz parte de sua vida, mas ele acredita que ela só em parte é derivada de uma pressão externa: “A impaciência judaica contribui também. Tudo aqui é rumoroso e denso. Há muito palavrório e muitas discussões raivosas. O shtetl judaico não desapareceu.”¹⁷³

Appelfeld mantém-se distante da balbúrdia; acredita que, a partir do respeito às suas memórias, e do trabalho artístico que realiza sobre elas, não se sente na obrigação de responder a essa agitação imediatamente. Sua atenção está voltada para uma reflexão permanente sobre a existência judaica composta por vários elementos. Na conversa com Roth, alguns deles foram levantados: memória, idealização negativa dos judeus, não-idealização dos judeus nos romances de Appelfeld, “shtetl” que se perpetua em Israel. Para finalizar, os autores tratam de mais um componente da vida judaica: o “gói”.

O tema é introduzido por Roth a partir de uma citação da obra de Appelfeld *To the Land of the Cattails* onde o gentio é descrito pela personagem principal como a corporificação da mais absoluta estupidez: um ser primitivo, brutal, bêbado e espancador de mulheres, que não tem controle sobre si mesmo. Ao mesmo tempo, e contraditoriamente, é invejado como alguém enraizado, saudável, “com sangue calmo correndo em suas veias”. Philip Roth aponta que muito também pode ser dito sobre a obscuridade e estupidez dos judeus das pequenas aldeias retratadas por Appelfeld; mas o ponto crucial aqui é a observação de que, se para os “gentios” há uma imagem de judeu, deformada pelos preconceitos, o inverso também é verdadeiro - e que desse choque entre estereótipos muito sofrimento humano foi

¹⁷³ Ibidem, p. 32. No original: “Jewish restlessness contributes its part. Everything is buzzing here and dense. There’s a lot of talk, the controversies rage. The Jewish shtetl has not disappeared.”

produzido. Nesse momento Appelfeld aponta que é preciso também pensar que toda essa hostilidade contra o “gói” pode ser direcionada contra o próprio judeu.

É interessante a análise que Appelfeld faz dessa passagem do ódio ao outro para o ódio a si mesmo. Ele localiza essa modificação no Holocausto: para os judeus assimilados, como sua família, que adotaram a cultura alemã como fundamental, a perseguição nazista era algo que ocorreria em relação aos outros - aos “verdadeiros” judeus - e não a eles. Recordando sua experiência pessoal de ter que esconder sua origem judaica (e o fato de ser loiro ajudou) sentiu-se, desde então, afastado, ou envergonhado, dessa origem:

Demorou muitos anos para que eu pudesse estar perto do judeu dentro de mim. Eu tive que me livrar de muitos preconceitos e conhecer muitos judeus para me encontrar entre eles. Antissemitismo contra si mesmo é uma criação judaica original. Eu não conheço nenhuma outra nação tão imersa em autorrecriminações.¹⁷⁴

A partir desse elemento que, segundo Appelfeld, é uma criação judaica - a autorrecriminação permanente - vemos uma série de ideias se concatenarem.

Philip Roth cita o questionamento feito por um personagem de Appelfeld. Bartfuss quer saber como a experiência do Holocausto modificou os sobreviventes. Pergunta a Appelfeld se após sua experiência como jovem vagando pela Europa, e após décadas vivendo em Israel, ele distingue padrões de experiências naqueles que sobreviveram. O quê os sobreviventes fizeram desde então e no que eles se modificaram?

Appelfeld fala, então, de dois impasses criados por duas soluções dadas para o sofrimento causado pelo Holocausto. Uma solução foi o sionismo. A criação do Estado de Israel deu aos sobreviventes não apenas um lugar para viver, mas também esperança. Segundo Appelfeld, haveria uma expectativa de que eles trouxessem uma mensagem, um exemplo humano de superação de adversidades. Contudo eles não são capazes de corresponder a essa expectativa. Suas vidas se

¹⁷⁴ ROTH, op. cit., p. 37. No original: “It took me years to draw close to the Jew within me. I had to get rid of many prejudices within me and to meet many Jews in order to find myself in them. Anti-semitism directed at oneself was an original Jewish creation. I don’t know of any other nation so flooded with self-criticism.”

organizaram em torno de fugas e esconderijos e agora não há mais lugares para se esconder. Então, um sentimento de culpa toma conta desses sobreviventes - e se torna uma acusação - como em Kafka. “A ferida é tão profunda que os curativos não ajudam. Nem um curativo como o Estado de Israel.”¹⁷⁵

A outra solução foi a religião - uma fé religiosa exacerbada foi adotada por alguns sobreviventes, como um gesto em relação a seus pais assassinados. Mas essa é uma solução baseada no desespero, o que não deixa de ser uma autopunição.

Appelfeld acredita que seu livro (*The Immortal Bartfuss*) oferece um outro tipo de consolo. Bartfuss engoliu o Holocausto como um todo, mas não perdeu sua “face humana” e conclui: “Isso pode não ser muito, mas é alguma coisa.”¹⁷⁶

¹⁷⁵ Ibidem, p. 39. No original: “The wound is too deep and bandages won’t help. Nor a bandage like a State of Israel.”

¹⁷⁶ Ibidem, p. 39. No original: “That isn’t a great deal, but it’s something.”

III.4- *The Facts*: Uma Autobiografia Ficcionalizada de Philip Roth

A- As Origens Judaicas

The Facts: A Novelist's Autobiography é um livro curioso. Pretende ser um relato objetivo de fatos que marcaram a vida do escritor e que determinaram suas escolhas temáticas. Logo no início há uma declaração de princípios do autor. Ele expõe algumas ideias que regem seu ofício: uma delas é a de que para ele, assim como para a maioria dos ficcionistas, todo evento imaginativo tem sua origem em fatos, naquilo que é específico e não ideológico ou abstrato¹⁷⁷. Então, para ele os fatos são importantes apenas no sentido de fornecerem o tema ou a ambientação a partir dos quais a imaginação poderá seguir seu curso.

A partir daí o autor se interroga por que exatamente nesse momento, quando já é um homem de cinquenta anos, com uma carreira literária estabelecida, surge a necessidade de relatar os fatos como eles realmente ocorreram? Acrescente-se a isso, outro dado: ninguém lhe requisitou esse livro, nem editores, nem amigos e nem leitores. Assim, não há pressão externa nenhuma para realizá-lo.

Conclui, que a pressão surge dele mesmo, motivada por eventos que ocorreram há muito tempo atrás e que o marcaram profundamente. O ano de publicação de *The Facts* é 1988; portanto, trinta anos após sua estreia como romancista, já causando polêmica com o conto “O Defensor da Fé”¹⁷⁸ e em seguida com seu livro *O Complexo de Portnoy*¹⁷⁹. Encontra-se agora uma afirmação irônica, marca diferencial que faz identificar imediatamente um texto de Philip Roth: “A demanda (para escrever o livro), se em algum momento ocorreu, surgiu há trinta anos atrás quando judeus mais velhos quiseram saber quem era esse garoto que estava escrevendo essas coisas”¹⁸⁰.

¹⁷⁷ ROTH, Philip. *The Facts: a Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1988, p. 3.

¹⁷⁸ ROTH, Philip. “O Defensor da Fé”. In: *Adeus Columbus*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 155-192.

¹⁷⁹ ROTH, Philip. *O Complexo de Portnoy*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁸⁰ ROTH, Philip. *The Facts: a Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1988, p.4. No original: “The order, if it was ever even placed, went out thirty years ago, when certain of my Jewish elders demanded to know just who was this kid who was writing this stuff.”

O autor, que sempre se considerou combativo, quer agora falar de sua fragilidade, ou de seu medo, diante de reações vistas por ele como desproporcionais àquilo que ele realmente estava fazendo ou escrevendo.

As acusações de antissemitismo e de auto-ódio em suas obras calaram fundo em sua alma, ao mesmo tempo em que cristalizaram na época uma posição de antagonismo. Philip Roth não admitia ser censurado por judeus e continuou escrevendo sobre eles, em seus aspectos negativos ou positivos, sem travas.

Nesse momento era preciso fazer também um balanço de três outros episódios desencadeantes desses escritos: a morte recente da mãe, de um ataque cardíaco; o envelhecimento e morte do pai, temas do livro *Patrimônio*¹⁸¹; e seu próprio adoecimento psíquico, em 1987, enfocado em seu livro *Operação Shylock*¹⁸². O autor descreve esse último período como perigoso, uma vez que esteve à beira de uma dissolução emocional e mental. Como reação a esse perigo quis retraçar suas origens como homem, como judeu e como escritor - retornar ao grau zero.

Para sua surpresa, não encontrou um momento de origem; encontrou séries de momentos, uma história de múltiplas origens. Como a partir de seu trabalho sempre transformou sua vida real em ficção, quer agora ver os fatos ou as origens como elas realmente são ou foram. Tudo isso parece perfeitamente coerente e até razoável: um autor, beirando seus cinquenta anos, recuperando-se de fatos traumáticos e fazendo um balanço de vida. Mas, para Philip Roth, nada é tão simples, ou tão linear.

A complexidade da vida, ou dos papéis que desempenhamos nela, revela-se para esse autor invariavelmente pela ficção. Nessa obra autobiográfica não será diferente: a declaração de princípios será feita para um interlocutor especial, Nathan Zuckerman, seu alter ego em várias obras. Philip Roth dialogará com um personagem e pedirá a ele que leia atentamente seu manuscrito e diga se ele merece ser publicado.

Intensificando o conflito comparar-se-á com Zuckerman e com o irmão do personagem em *O Averso da Vida*¹⁸³ que “renasceram” - o primeiro a partir do

¹⁸¹ ROTH, Philip. *Patrimônio, uma história real*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Siciliano, 1991.

¹⁸² ROTH, Philip. *Operação Shylock, uma confissão*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹⁸³ ROTH, Philip. *O Averso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

relacionamento com sua esposa inglesa; o outro, a partir de sua ida para Israel e seu engajamento com o movimento ultraortodoxo judaico.

O *Averso da Vida* será analisado mais adiante, especialmente no que diz respeito à vida em Israel e aos dilemas para o povo judeu, vistos a partir da criação do estado judeu. Para o contexto que estou abordando aqui, é importante salientar que Zuckerman e seu irmão têm uma segunda chance de recomeçar: ambos morrem em mesas cirúrgicas e reaparecem vivendo suas vidas, agora com um novo sentido. É a isso que Philip Roth se refere quando diz que foi exaurido pelas regras que estabeleceu para si próprio. Está cansado de sua imaginação, que o faz pensar não em como a realidade é, mas em como ele pensa que a realidade seja. Conclui que: “se esse manuscrito carrega alguma coisa é a minha exaustão com as máscaras, os disfarces, as distorções e as mentiras.”¹⁸⁴

Ao construir esse diálogo com um personagem pedindo sua aprovação, a possibilidade de abertura do raio de visão para fatos traumáticos se dá. Ao final do livro há a longa carta-resposta de Zuckerman criticando o tom melodramático do manuscrito, duvidando de algumas passagens - principalmente as passagens idílicas da infância - sugerindo outras interpretações para os seus problemas com as mulheres ou com o judaísmo; mas, principalmente, o que Zuckerman reivindica é sua independência do autor.

Citarei uma passagem que é a síntese dos dilemas do autor/personagem em relação às mulheres e ao judaísmo, elementos sempre presentes em sua obra e que se inter-relacionam permanentemente. Na carta-resposta de Zuckerman a Roth, ele diz que está feliz em Londres, com sua mulher inglesa, não-judia, e que espera seu primeiro filho. Ele não se sente particularmente judeu. Mas, deixa crescer uma barba que o faz parecer judeu. Reclama que Roth, para atormentá-lo, fez com que tivesse essa barba. A mulher inglesa de Zuckerman, Maria, reclama:

Oh Nathan, você realmente pensa que essa barba é uma boa ideia? Você parece sempre sentir que precisa explicar o que ninguém está pedindo para que explique - (explicar) o seu direito de ser e de estar aqui, mas ninguém precisa desta garantia de você. (...) esses são sentimentos muito judaicos e

¹⁸⁴ ROTH, Philip. *The Facts: A Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1988, p. 6. No original: “If this manuscript conveys anything, it's my exhaustion with masks, disguises, distortions, and lies.”

francamente eu acredito que se não fosse por ele (o autor) você não os teria.¹⁸⁵

Zuckerman reflete então como a harmonia de seu casamento pode durar se o futuro dele está determinado por alguém com tendências tão dramáticas. Essa dramaticidade está representada agora na barba rabínica, como um símbolo da necessidade do autor de retornar a sua tribo. Zuckerman revolta-se contra isso, pois quer um pouco de paz; também não está muito convicto se essa paz não seria entediante e questiona Philip Roth:

Você está sugerindo que sem as brigas, sem a raiva, sem os conflitos, a vida é incrivelmente chata; e que não há alternativa para a obsessão fanática (...) exceto os bons jantares em que você, à luz de velas e com uma boa garrafa de vinho, fala sobre a babá ou sobre corte de cabelo? A barba representa o protesto contra a palidez de tudo isso.¹⁸⁶

Zuckerman acusa Philip Roth de estar mais preocupado com seus conflitos do que com o bem-estar de seu personagem e sabe que não pode reivindicar tratamento especial. Mesmo assim, pede que Roth pense na vitimização gratuita que está sofrendo em função de um ritual neurótico do autor. Pede que Roth pense nisso especialmente quando for a hora dele, Zuckerman, se barbear pela manhã.

É interessante como a partir de uma cena absolutamente fictícia, relatada numa carta completamente ilusória, percebe-se a real dimensão de um problema. Na situação aqui descrita o problema central é: o que fazer com o judaísmo? Aqui ele está representado pela barba rabínica. O que fazer com ela? Cortá-la pela manhã? Não cortá-la? Redimensioná-la? Ressignificá-la?

Um dos aspectos mais interessantes em *The Facts* é evidentemente a forma pois, ao endereçar o manuscrito do livro a um personagem, pedindo sua opinião caminha-se no terreno da ficção, onde tudo é possível, inclusive uma resposta do

¹⁸⁵ Ibidem, p.193. No original: "Oh Nathan, do you really think that beard is a good idea? You seem always to feel that you have to explain what nobody is asking to explain - your right to be, and to be here. But no one needs that kind of warranty from you (...) those are very Jewish feelings and frankly I believe that if it weren't for him, you would not have them."

¹⁸⁶ Ibidem, p.194. No original: "Are you suggesting that without the fights, without the anger, without the conflicts and ferocity, life is incredibly boring, that there is no alternative to the fanatical obsession (...) except these nice dinners where you talk over candlelight and good bottle of wine about the nanny and haircut? Is the beard meant to represent a protest against the pallidness of all this?"

personagem. Ela de fato ocorre e surpreende porque é uma mescla de desaprovação, dúvidas a respeito da versão dos fatos dada pelo autor e tristeza. Tristeza pelo fato de Nathan Zuckerman perceber que é (apenas) um personagem de Philip Roth, sem vida própria e que seu destino está nas mãos do autor. Nathan quer seguir sua vida em Londres, com sua mulher não-judia e seu filho por nascer, sem pensar tanto em judaísmo. Mas, o símbolo rabínico está lá porque o autor quer que esteja. Assim como Philip Roth reclama de sua dependência em relação a Nathan Zuckerman, este reclama de sua dependência em relação a Philip Roth.

Dessa dependência nasceu uma obra ficcional prolífica¹⁸⁷ e aqui, com *The Facts* uma obra que se pretende autobiográfica, mas que introduz uma dúvida. Pois o leitor, que já havia se acostumado com um tom duro, irônico e sem rodeios, depara-se aqui com um tom dramático, quase choroso ou magoado, especialmente quando o tema é judaísmo. Quanto mais dramático ou melodramático se torna o relato, mais a dúvida aparece: será que foi assim mesmo? O que um rabino ou um estudioso judeu disseram sobre seu suposto auto-ódio, foi o que determinou o rumo de seus escritos, ou foi apenas a gota d'água para um processo que já estava em andamento talvez desde sua infância em Newark?

Assim, de dúvida em dúvida, o leitor se desequilibra; não está diante de uma narrativa linear, coerente mas diante de um imenso painel de contradições. Percebe-se que a forma encontrada por Philip Roth para descrever fatos marcantes de sua vida, todos eles relacionados ao judaísmo, acentua as contradições inerentes à condição judaica. O leitor consegue por exemplo, se colocar na pele do autor quando descreve o que denominou “batalha da yeshivá”. Nesse episódio, após uma mesa redonda foi ameaçado fisicamente por fanáticos religiosos que lhe diziam o quanto sua literatura era antisemita. Ao ler seu relato é possível questionar sobre as reais motivações que o levaram a aceitar o convite para falar diante de uma plateia tão hostil.

Estaria ele então, aos trinta e cinco anos, imbuído de uma ideia megalomaníaca de que poderia modificar o pensamento de seus oponentes tão agressivos? Estaria ele buscando alguma aceitação no meio rabínico, tão excluído

¹⁸⁷ Os denominados Zuckerman Books: *The Ghost Writer*, *Zuckerman Unbound*, *The Anatomy Lesson*, *The Prague Orgy*, *The Counterlife*, *American Pastoral*, *I Married a Communist*, *The Human Stain* e seu último livro, *Exit Ghost*.

se sentia dessa comunidade? Ou talvez estivesse se questionando sobre o seu tão propalado auto-ódio? O fato é que, segundo o autor, ele chegara aos seus cinquenta anos com muitas questões em aberto, fato que ocasionou seu colapso psíquico no ano anterior.

O autor refere-se a uma cirurgia mal sucedida de joelho. Como no pós-operatório sentisse muitas dores, analgésicos e um ansiolítico (Halcion) foram receitados pelo médico. O episódio é relatado em *Operação Shylock*, pois a crise de despersonalização, que se descobriu ser ocasionada pelo Halcion, serviu de argumento para uma intrincada história sobre um duplo de Philip Roth.

Mas aqui, em *The Facts*, o autor quer ressaltar o colapso psíquico real que viveu, sua recuperação e a necessidade que surgiu, de se reencontrar com seu passado:

(...) Comecei, quase involuntariamente, a focalizar toda minha atenção em mundos dos quais havia tomado distância por décadas - lembrando onde comecei e como tudo começou. Para recobrar o que perdi tinha que voltar ao momento de origem. Encontrei não um momento de origem, mas uma série de momentos, uma história de origens múltiplas e é sobre isso que escrevi aqui, num esforço de retomar a posse da vida.¹⁸⁸

Aumentando a complexidade da análise desse limite entre ficção e realidade, o autor afirma que desde sempre seu interesse por fatos de sua vida se deu apenas na medida em que eles poderiam ser transformados em ficção. Mas agora, em função do colapso psíquico e da necessidade de lembrar-se de sua vida anterior, começou a apresentar sua experiência de vida não transformada pela ficção¹⁸⁹.

Para um leitor atento, imediatamente surge um problema: o que é uma experiência não-transformada? Pois, se é verdade que ao longo de nossa existência alguns fatos tornam-se determinantes para o rumo que seguimos, também é verdade que nossa versão sobre esses fatos é tão importante quanto eles em si

¹⁸⁸ ROTH, op. cit., p.5. No original: "(...) I began, quite involuntarily, to focus virtually all my waking attention on worlds from which I had lived at a distance for decades - remembering where I had started out from and how it had all begun (...) in order to recover what I had lost I had to go back to the moment of origin. I found no one moment of origin but a series of moments, a history of multiple origins and that's what I have written here in the effort to repossess life."

¹⁸⁹ Ibidem, p 5.

mesmos. Na medida em que sempre nos contamos histórias ou versões, estamos desde sempre no terreno da ficção. Ficção de nós mesmos que, em momentos dramáticos, pode nos afastar tanto da realidade que deliramos, alucinamos. Ou, como nos diz Philip Roth, quando de seus momentos de desesperada confusão mental, não entendia a vida que estava levando. O mais assustador em suas palavras era que: “Minha escrivainha havia se transformado em algo amedrontador, um local alheio.”¹⁹⁰

Como destaquei anteriormente, esse relato está sendo feito para um interlocutor fictício, o que dá uma outra dimensão para a revolta contra a ficção. É uma revolta, mas também uma admissão da necessidade de ficcionalizarmos fatos traumáticos. Sem a versão, ficaríamos diante da angústia gerada por eles, sem nenhuma proteção. Por outro lado, Philip Roth questiona a fixação nessa versão, fixação que cria um estereótipo. Então, se aos trinta e cinco anos ele ainda poderia ter algum interesse em se ver ou ser visto como o “enfant terrible” que contestava tabus judaicos, aos cinquenta teme ficar confinado nessa fórmula. Questiona seu personagem emblemático desse período. Quer uma segunda chance, assim como a que deu para Zuckerman em *The Counterlife*¹⁹¹: “Se enquanto escrevia não pude ver para o que eu estava preparado, posso agora: esse manuscrito corporifica minha outra vida, o antídoto e a resposta para todas aquelas ficções que culminaram na ficção (que é a minha vida).”¹⁹²

Quais fatos Philip Roth quer tanto contar? Ao longo de capítulos densos há uma recomposição da infância com um pai, uma mãe e um irmão muito amados; há também um judaísmo que permeia as relações com a família e a vizinhança - não um judaísmo alicerçado na religião ou na cultura mas, paradoxalmente, como um dos elementos de sua inserção diferenciada na sociedade americana.

Assim, logo somos confrontados com uma polarização: desde sempre Philip Roth se viu como um americano, mas desde sempre também observou situações que incidiam sobre os judeus. Para situar-nos imediatamente, e sem subterfúgios, no contexto em que foi criado, duas cenas são colocadas ao leitor. Primeira cena:

¹⁹⁰ ROTH, op. cit., p.4. No original: “My desk had become a frightening, foreign place.”

¹⁹¹ ROTH, Philip. *The Counterlife*. New York: Vintage International, 1986.

¹⁹² ROTH, Philip. *The Facts: A Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1988, p. 6. No original: “If while writing I couldn't see exactly what I was up to, I do now: this manuscript embodies my counterlife, the antidote and answer to all those fictions that culminated in the fiction of you.”

seu pai, Herman Roth, esforça-se para sustentar a família. Casou-se e inicialmente tentou um negócio próprio: uma loja de sapatos. Mal-sucedido no empreendimento, tentou outra série de empregos até chegar à Corretora de Seguros Metropolitan. Empregado lá graças à simpatia que despertou em seu superior imediato, também judeu, soube logo que as perspectivas de ascensão na empresa eram nulas devido a uma orientação antijudaica da empresa. Seu superior hierárquico, Mr. Peterfreund, era o único gerente judeu da firma e para sempre a família Roth lhe foi grata. Seu pai trabalhou ali por trinta anos, na mesma função, eventualmente tendo que trabalhar numa outra filial. Mas o sustento básico da família estava garantido.

A outra cena é a de um linchamento numa praia frequentada por judeus: Bradley Beach. Philip Roth, sua família e seus vizinhos costumavam passar férias de verão ali - um local modesto, com pequenos bangalôs, onde as mulheres se revezavam nas tarefas domésticas, numa atmosfera semelhante a um kibbutz, homens conversavam e crianças brincavam. Até que, numa ocasião, jovens de gangues invadiram o local gritando “judeus sujos” e batendo em tudo que viam pela frente. Na manhã seguinte, um jovem judeu foi pego pela gangue e espancado - especialmente seu rosto foi raivosamente dilacerado. Segue-se o comentário do autor sobre o episódio:

apesar desses distúrbios terem ocorrido só duas vezes tornou-se profundamente imprudente um jovem judeu sair à noite sozinho ou com seus amigos, embora a liberdade noturna em Bradley fosse um dos maiores prazeres para um menino de dez anos de idade, em férias.¹⁹³

Assim, a partir dessas imagens da infância, há uma aproximação do que o judaísmo pode ter significado para essa criança: ser judeu é algo que é dito sobre ele, ou sobre sua família, em situações de tensão, ou de competição. Não é algo que especialmente o preocupe - seus pais não são religiosos - embora ele tenha feito o bar mitzvá e toda a preparação religiosa para esse evento. Roth e seu irmão são a segunda geração da família nascida nos Estados Unidos, mas a integração ao país esbarra na lembrança que vem de fora, de que são judeus.

¹⁹³ Ibidem, p. 24. No original: “Though the riots occurred just twice (...) it was deemed unwise for a Jewish child to venture out after supper alone or even with friends, though nighttime freedom was one of Bradley’s greatest pleasures for a ten-year-old on vacation.”

Caminhando um pouco mais no tempo, vemos o autor agora no colegial. Ele e seus amigos viam a condição judaica como algo natural:

Sobre sermos judeus não havia mais nada a dizer (sendo tão natural como) ter dois braços e duas pernas; parecia estranho para nós **não** ser judeu - estranho também ouvir alguém dizer que gostaria de não ser um judeu ou que pretendia não ser no futuro.¹⁹⁴

A imagem que o autor traz, sintetizando as diferenças entre as gerações de seus avós, seus pais e sua é definitiva: seus avós, imigrantes da Galícia e da Polônia, ainda resguardavam uma religiosidade ortodoxa que começava a ser erodida pela vida americana. Mantinham laços familiares que foram transmitidos a seus pais, mas que para a nova geração pareciam antiquados.

Esse redimensionamento do judaísmo caminha ao lado da necessidade de integração ao mundo além-muros. Aqui novamente dois mundos voltam a se chocar, pois ao manifestar sua vontade de seguir seus estudos na universidade, Philip Roth se depara, como seu pai, com cotas para judeus. A história se repete mas com elementos que a tornam mais complexa. Isso porque a existência de cotas nas universidades é denunciada pela Liga Antidifamação da B'nei B'rit, a mesma Liga que, anos mais tarde, convocará o autor para explicar o porquê de seus escritos serem tão “contrários” aos judeus.

O intercâmbio permanente entre ser judeu e ser americano penso ser uma característica do autor. Ela permitiu que Aharon Appelfeld o classificasse como um judeu sem judaísmo. Para Philip Roth a religião judaica, com seus rituais e leis a serem seguidas, não está em primeiro plano; costumes e tradições, bem como a língua hebraica não são o foco de seu interesse; nem seu imenso interesse pela palavra escrita pode ser referenciado ao fato de pertencer ao “povo do livro”. No entanto, ao ler essa autobiografia, ou acompanhar seus personagens e suas desventuras, percebe-se o quanto a condição judaica determina suas escolhas.

¹⁹⁴ Ibidem, p.31. No original: “About being Jewish there was nothing more to say than there was about having two arms e two legs. It would have seemed to us strange **not** to be Jewish – stranger still, to hear someone announce that he wished he weren't a Jew or that he intended not to be in the future.”

Há um capítulo em *The Facts* que sintetiza, a partir de algumas imagens, a intrincada relação do autor com o judaísmo. Deter-me-ei nele nesse momento, (embora um dos fatos relatados já tenha sido abordado anteriormente - aquele que o autor denominou a “batalha de yeshivá”) porque oferece elementos - chave para a compreensão dos caminhos literários percorridos por Philip Roth.

B- Tudo em Família

“All in the family”¹⁹⁵ inicia com uma dúvida: o autor diz que foi pego de surpresa, aos vinte e seis anos de idade, por uma oposição ferrenha, a maior de sua vida, não por parte dos “gentios” de algum espectro social, mas por parte dos judeus - raivosos judeus de classe média, eminentes rabinos. A acusação era de antissemitismo e auto-ódio. A dúvida é se essa oposição foi uma surpresa tão grande assim. O fato é que Philip Roth não havia previsto essa contenda como parte da luta por escrever, ou mesmo a parte central dela.

A dúvida do autor pode ser a nossa também e certamente é a de Nathan Zuckerman, seu interlocutor no livro. Isso porque há ao longo do livro, uma insistência do autor em se colocar como alguém que simplesmente vivia sua vida e que, repentinamente, é atropelado por alguma circunstância aterradora que requer uma resposta imediata, como se não houvesse sinais de alerta.

O autor está na universidade, em 1954, e seus companheiros judeus parecem-lhe menos inibidos e incertos sobre si mesmos do que os “católicos irlandeses de Minnesota ou os batistas de Kansas”. São judeus seculares, não mortificados por suas origens e com um dom para a ironia. Acredita que essa ironia possa ser um antídoto contra o refinamento derivado das leituras de Henry James. Era preciso ser um judeu das ruas em contraposição às elites intelectuais. Assim, a vulgaridade era bem vinda.

Philip Roth estava na universidade de Chicago, recém-separado de sua primeira esposa, Em 1959 teve o conto “O Defensor da Fé” publicado na revista *New Yorker*. Com a remuneração recebida pela publicação, mudou-se para Manhattan e pretendia iniciar uma nova vida. O escândalo então começou. Interessante a forma com a qual o autor opta por contar a história: é como se o fato traumático estivesse à sua frente; ele quer contá-lo, mas precisa rodeá-lo, preencher os espaços com lembranças da infância, do pai, da mãe, para daí aproximar-se dele.

A acusação de ser um judeu com auto-ódio calou fundo em sua alma. Ele nunca havia pensado em si mesmo dessa forma e, então, é posto diante da Liga

¹⁹⁵ ROTH, Philip. “All in the Family”. In: *The Facts: A Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1997, pp. 113-135.

Antidifamação da B'nei B'rith. Dois representantes da Liga querem ouvir sua versão e ele se sente desorientado: está sendo acusado de produzir material difamatório. Lembra-se de que já quis ser advogado, para trabalhar para essa mesma Liga e defender os direitos dos judeus. Mas o clima da conversa era cordial e ele pôde perguntar sobre quem teria se sentido ofendido pelo conteúdo de “O Defensor da Fé”. Pôde até cogitar que o objetivo da conversa era verificar o grau de sua sanidade mental e até algumas risadas ocorreram. Despediram-se amigavelmente e só voltou a ter contato com a Liga quando, anos mais tarde, foi convidado pela filial em Chicago para participar de um simpósio inter-religioso sobre a “imagem” dos católicos e judeus na literatura americana.

Tudo indica, a partir do exposto, que o fato traumático não foi tão traumático assim. A conversa com a Liga Antidifamação terminou bem; ficamos sabendo que *Adeus, Columbus* - a coletânea de contos onde está incluído “O Defensor da Fé” - ganhou, em 1960, o prêmio “National Book Award for Fiction” e o “Daroff Award of the Jewish Book Council of America”. Então, por que o autor ficou tão incomodado com a acusação de auto-ódio?

Penso que a resposta está em seus próprios escritos. Todos os contos de *Adeus, Columbus* tratam de judeus insatisfeitos com suas vidas: o judeu secular que se transforma em religioso (“Eli, o fanático”), o judeu de classe média que quer ascender socialmente (“Adeus, Columbus”) ou mesmo em “O Defensor da Fé” onde o soldado judeu aproveita-se da condição judaica de seu superior para conseguir privilégios. O auto-ódio talvez se relacione a essa insatisfação permanente, essa busca contínua por algo necessariamente diferente daquilo que se está vivendo.

Se a conversa com a Liga Antidifamação terminou bem, o mesmo não se poderá dizer sobre o painel na “Yeshivá University” de Nova York, para o qual Philip Roth foi convidado em 1962. Se a pergunta sobre quem teria ficado ofendido com o conto “O Defensor da Fé” não foi totalmente respondida anteriormente, agora ela o será e de forma bem ameaçadora. Aqui surge novamente uma dúvida: o autor, com toda a sua perspicácia e inteligência, já não teria a resposta? Por que se colocar diretamente numa situação hostil e perigosa? Philip Roth aceita o convite e participa do simpósio intitulado “A crise de consciência nos escritores de ficção das minorias”. Lá estão também Ralph Ellison e Pietro Di Donato:

Embora não tivesse uma real compreensão sobre os judeus religiosos - um grupo tão estranho a mim quanto os católicos mais devotos - sabia não poder esperar muito deles (...) no sentido de apoiarem minha causa. Mas, desde que a discussão seria num auditório da universidade - e eu me sentia em casa em tais lugares - e como fui convidado não para falar de um assunto estritamente judaico, mas para investigar a situação geral do escritor de minoria nos Estados Unidos, com um escritor Ítalo-americano que eu tinha curiosidade de conhecer e um escritor negro que eu admirava, não antevi quão desmoralizadora essa confrontação poderia ser.¹⁹⁶

Há um imenso quebra-cabeças sendo montado que está relacionado com a insatisfação consigo próprio, com a necessidade de se estar em outro lugar que não aquele onde se está. Para aumentar a complexidade deste quebra-cabeças, Philip Roth afirma que foi a esse simpósio acompanhado de sua mulher (Josie - um nome fictício) e de seu editor. Uma rápida e sintética descrição de sua mulher é feita: Josie não é judia mas, após o casamento, e contra as convicções do autor, tomou aulas de religião judaica. Converteu-se, então, ao judaísmo. Eles haviam se casado numa cerimônia civil, apenas com a presença de duas testemunhas; mas, sete meses depois, casaram-se numa cerimônia religiosa e na presença das famílias. O autor relata essa cerimônia como um golpe contra ele, assim como contra seus pais, tão confusos na ocasião que não puderam ser mais que polidos com os convidados.

Vai mais além, afirmando que essa conversão contra sua vontade era uma tentativa fantasiosa de criar um vínculo matrimonial, numa ligação permeada de graves conflitos. Conclui então: “Para mim, ser judeu tem a ver com uma condição real, histórica, na qual você nasceu e não com alguma identidade que você veste após ler algumas dezenas de livros.”¹⁹⁷

Ironicamente diz: “Eu poderia tão facilmente ter me tornado um súdito da coroa da rainha (da Inglaterra) apresentando meu diploma em literatura inglesa para Winston Churchill, quanto minha mulher ter se tornado judia após os estudos com

¹⁹⁶ Ibidem, p.125. No original: “Though I had no real understanding of seriously observant Jews – a group nearly as foreign to me as the devoutest catholics – I knew enough not to expect such people, (...) to be supporters of my cause. But since the discussion would be held in a university auditorium – and I was very much at home in such places – and inasmuch as I had been invited not to address a narrowly Jewish subject on my own but to investigate the general situation of the minority writer in America with an Italian-American writer whom I was curious to meet and a highly esteemed black writer of whom I was in awe, I didn’t foresee just how demoralizing the confrontation could be.”

¹⁹⁷ Ibidem p.126. No original: “To me, being a Jew had to do with a real historical predicament into which you were born and not with some identity you chose to don after reading a dozen books.”

Jack Cohen (o rabino que a converteu).”¹⁹⁸ É interessante observar que a primeira afirmação poderia ser perfeitamente proferida por judeus ortodoxos que defenderiam, com grande veemência, uma origem especial para o verdadeiro judeu. São exatamente esses judeus que, confrontando-se com Philip Roth, dirão que ele é um antissemita. Assim, penso que a relutância do narrador em aceitar a conversão de sua mulher estava mais relacionada aos dilemas e sofrimentos pessoais do que a uma posição ideológica.

É importante salientar, e o narrador parece dirigir-se nessa direção, que sua condição judaica desperta sentimentos os mais variados que vão desde a necessidade de se sentir pertencente a um grupo coeso e harmonioso, até um sentimento de asfixia e uma necessidade de sair desse grupo, integrando-se ao mundo gentio. O casamento com Josie tem esse sentido. É com ela que ele se dirige a esse simpósio complexo, um jogo de cartas marcadas, mas que o narrador não tem condições de rejeitar.

Os três palestrantes falam, cada um a seu modo, durante vinte minutos; Philip Roth preparou algumas páginas escritas, prevenindo-se do imprevisto e de possíveis alterações de sentido que os interlocutores pudessem fazer - o que permite pensar que ele não estava tão desligado, ou inocente, nessa situação. Imediatamente após as falas, o bombardeio começou. Os dois outros palestrantes foram esquecidos e a primeira pergunta foi feita: “Sr. Roth, você escreveria as mesmas histórias se você estivesse vivendo na Alemanha nazista?”¹⁹⁹

O narrador assume uma postura, que vem adotando ao longo do livro, de relacionar ficção e realidade. Diz que esta pergunta real foi a mesma feita vinte anos depois a Nathan Zuckerman, em *The Ghost Writer* pelo juiz Leopold Wapter. Isso faz pensar que, apesar da queixa de Philip Roth de que ficcionalizou tanto sua vida que agora não sabe mais quem é - e por isso escreve esse livro sobre os fatos - a ficcionalização permitiu alguma abordagem para situações que, de outra forma, seriam inabordáveis.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 126. “I could as easily have turned into a subject of the Crown by presenting my master’s degree in English Literature to Winston Churchill as my new wife could become a Jew by studying with Jack Cohen.”

¹⁹⁹ Ibidem, p.127. No original: “Mr. Roth, would you write the same stories you’re written if you were living in Nazi German?”

A “batalha da yeshivá” é uma delas. Isso porque, a partir de um conto - “O Defensor da Fé”, uma ira tão grande foi despertada, que até a integridade física do autor foi ameaçada. O autor ter aceito o convite, e se colocar numa situação de perigo, também indica o grau de conflito que existe em algo que, aparentemente, é uma definição vinda de fora: nascemos ou não nascemos judeus. Mas a questão que está sendo discutida pelo narrador é: quem determina essa nossa condição judaica? Quem é o juiz?

O narrador conclui sua narrativa taxativamente, com uma declaração surpreendente, não em relação ao judaísmo, mas em relação à literatura. Declara que a “batalha da yeshivá” poderia tê-lo afastado dos assuntos judaicos para sempre; mas, ao contrário, ela instigou-o a permanecer no tema. Desidealizou esse grupo e deparou-se com a insegurança que gera violência:

Após uma experiência como a minha na yeshivá, um escritor pode não conseguir mais escrever - procurando em outro lugar sobre o que escrever. Minha humilhação diante dos beligerantes da yeshivá - na verdade, diante da raivosa resistência judaica que despertei desde o começo - foi a mais venturosa interrupção que eu poderia ter feito. Eu estava marcado (para sempre).²⁰⁰

A marca deixada por esse conflito foi a de que a condição judaica, para além de ser considerada algo natural e ligada diretamente à condição americana, passou a ter para Philip Roth um valor em si mesma. A partir da ira despertada em seus “iguais”, o autor pôde desenvolver suas ideias a respeito do fanatismo tanto externo quanto interno - fanatismo não só relacionado às questões religiosas, mas às relações familiares, amorosas ou sexuais.

Não é em vão que seu romance *O Complexo de Portnoy* tenha como cenário principal um consultório de psicanálise e um psicanalista silencioso. Alexander Portnoy fala ininterruptamente de seus pais, de suas namoradas, de sua masturbação e de sua infância, convicto de que é uma vítima da história judaica.

²⁰⁰ Ibidem, p. 130. No original: “After an experience like mine at Yeshiva, a writer would have had to be no writer at all to go looking elsewhere for something to write about. My humiliation before the yeshiva belligerents - indeed the angry Jewish resistance that I aroused virtually from the start - was the luckiest break I could have had. I was branded.”

Convicção fanática que tenta transmitir a seu analista, que permanece calado. É preciso refletir sobre essas lamúrias e, para isso, o silêncio é fundamental.

Paralelamente, as descobertas feitas por Philip Roth, a partir da escrita de *O Complexo de Portnoy*, dizem respeito a mudanças quanto à forma da narrativa.

C- Agora talvez possamos começar

Com essa única frase, o analista de Alexander Portnoy encerra a narrativa em *O Complexo de Portnoy* e esse é o último capítulo de *The Facts*. Nele há um detalhamento de como esse livro tão polêmico foi elaborado.

Aqui salientarei alguns aspectos que são importantes e o farei exatamente na sequência proposta pelo autor. Inicialmente ele conta que sua vida havia mudado: casara-se novamente e sua mulher situava-se num outro lado do espectro social norte-americano. Sua primeira mulher, não-judia, era da classe trabalhadora, não cultivada intelectualmente. A atual, também não-judia, era proveniente de uma família rica, dona de uma fábrica de tintas em Cleveland, refinada e culta. O autor acredita que foi atraído por essas duas mulheres tão diferentes porque, de forma intrigante, ambas se mostravam alheias ao estrato da sociedade americana a que pertenciam e ao fato de ele ser judeu. Por outro lado, apresentá-lo às respectivas famílias foi igualmente problemático.

Com relação a seus amigos, na época, a descrição do autor é reveladora.

O espírito de meu próximo livro, *O Complexo de Portnoy*, começou a se materializar como um entretenimento para Bob e Norma e para seus amigos, que se tornaram meus (também), judeus da cidade, de minha geração, analisando, com profundas ligações familiares, profissionais respeitáveis, não limitados por gentilezas desnecessárias e com um gosto bem desenvolvido pela improvisação farsesca - particularmente por reciclar comicamente os valores em que nossa irreduzível condição judaica foi moldada.²⁰¹

O autor fala também de condições pessoais explosivas, uma necessidade de confrontação com o fato de ser judeu, como um dos elementos centrais de sua escrita. Acrescente-se a isso o clima político da época, com o aprofundamento da guerra do Vietnã e um presidente, Lyndon Johnson, descrito pelo autor como tendo

²⁰¹ ROTH, Philip. "Now Vee May Perhaps to Begin". In: *The Facts: A Novelist Autobiography*. New York: Vintage International, 1997, p.136. No original: "The spirit of my next book, *Portnoy's Complaint*, began to materialize as entertainment for Bob and Norma and for the friends of theirs who became my friends, city Jews of my generation, analysands with deep parental attachments, respectable professionals unimpeded by the gentility principle and with a well-developed taste for farsical improvisation, particularly for recycling into boisterous comic mythology the communal values by which our irreducible Jewishness had been shaped."

“traído toda a política externa” proclamada por ele próprio. Isso o tornou alvo de grande hostilidade e revolta, além de gerar um estilo de sátira obscena que se faria presente nos anos 60.

Aqui o autor junta as peças do quebra-cabeças e afirma que muitos elementos propiciaram um ambiente acolhedor a uma escrita que se mostraria disruptiva. Ressalta que uma audiência de amigos simpáticos aos seus escritos, sua psicanálise individual e a gentileza de sua segunda mulher foram fundamentais nesse momento. Sua narrativa sofrerá uma abertura, uma exposição atrevida, de um tipo que ele não aprendeu com Henry James. Mais adiante, Philip Roth volta a citar Henry James e Flaubert, como modelos literários dos quais teve que se libertar para escrever *O Complexo de Portnoy*.

Nesse momento, o autor faz uma passagem interpretativa que abre uma nova perspectiva de análise dessa obra tão polêmica. Ele acredita que *O Complexo de Portnoy* tenha menos relação com “libertá-lo” de sua condição judaica do que libertá-lo de modelos literários. Liberado de Henry James cujo *Portrait of a Lady* influenciou-o na escrita de *Letting Go* ou de Flaubert, que o influenciou com seu *Madame Bovary* na escrita de *When She was Good*, pôde escrever numa linguagem dos judeus “das ruas”. Esses judeus desabafavam suas angústias no divã psicanalítico e tentavam conciliar lados inconciliáveis, como a herança judaica da Polônia ou Rússia, com uma vivência puramente americana.

Com material tão explosivo e diante de um contexto pessoal e nacional igualmente explosivo, era preciso criar uma linguagem própria. Nessa tarefa o autor foi plenamente bem-sucedido de tal forma que, quarenta anos após a publicação de *O Complexo de Portnoy*, é perfeitamente possível identificar uma escrita “rothiana” em seus diversos romances. Não é objeto de estudo dessa tese, mas apenas como um exemplo, em suas últimas obras Philip Roth vem tratando do tema envelhecimento.

Assim, Nathan Zuckerman reaparece em *Fantasma sai de Cena*²⁰² aos setenta e cinco anos, após uma cirurgia para retirada de próstata e usando fraldas geriátricas. Nem por isso deixa de se interessar por uma jovem de trinta anos com

²⁰² ROTH, Philip. *Fantasma sai de Cena*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

quem estabelece um diálogo interior. Vai também em busca de seu passado, a partir de Anne Bellette que ele já acreditou ser Anne Frank.

Penso, portanto, que Philip Roth e Nathan Zuckerman, aos setenta e cinco anos, e apesar de terem suas queixas um do outro, são um exemplo de como criador e criatura podem se amparar mutuamente.

IV. O AVESSO DA VIDA E A RELAÇÃO COM ISRAEL

Em seu livro *A Desumanização da Arte*²⁰³ José Ortega y Gasset faz uma interessante análise dos caminhos trilhados pela arte contemporânea, especialmente o seu afastamento do real. Obras de artistas, em diversas áreas, como Stravinsky, Pirandello ou Picasso são analisadas e, desde logo, somos confrontados com a tese principal do autor: a de que esses artistas introduziram distorções na forma da música, do conto ou da pintura tão evidentes, que nosso raio de visão imediatamente atém-se a elas e não mais ao conteúdo. Esse fato tornaria a nova arte impopular visto que o público aprecia os dramas humanos e quer vê-los retratados realisticamente; na medida em que elementos puramente estéticos impedem-no de identificar-se imediatamente com os heróis da trama: “o público fica desorientado e não sabe o que fazer diante do cenário, livro ou do quadro.”²⁰⁴

Toda a análise sociológica do autor é interessante uma vez que ele considera essa rebelião das massas, contra aquilo que não entende, como uma conquista do romantismo, a primeira arte verdadeiramente popular. Porém, vê nas novas tendências artísticas um arejamento necessário nesse momento (o livro é de 1924) pois é preciso ampliar nosso raio de visão, para além do real.

O autor está aqui falando de uma necessidade estética: para podermos experimentar outras sensações ou sentimentos, que não os já conhecidos, a forma deve se alterar. Vai mais além dizendo serem operações mutuamente exclusivas: ou nos atemos à história que está sendo contada ou nos atemos à forma pela qual está sendo contada e, a partir dessa forma, descobrimos o prazer estético inerente a ela:

A desgraça de Tristão só é tal desgraça e, conseqüentemente, só poderá comover na medida em que seja tomada como realidade. Porém, o caso é que o objeto artístico só é artístico na medida em que não é real. Para poder deleitar-se com o retrato de Carlos V, de Tiziano, é condição ineludível que não vejamos ali Carlos V em pessoa, (...) mas apenas um retrato, uma imagem irreal, uma ficção. O retratado e seu retrato são dois objetos completamente diferentes: ou nos interessamos por um ou por outro. No primeiro caso, “convivemos” com

²⁰³ ORTEGA Y GASSET. José. *A Desumanização da Arte*. Trad. Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p.26.

²⁰⁴ Ibidem, p.26.

Carlos V: no segundo, “contemplamos” um objeto artístico como tal.²⁰⁵

A abordagem estética de Ortega y Gasset vem ao encontro de uma análise possível do livro de Philip Roth - *O Averso da Vida*²⁰⁶. A alteração na forma proposta pelo autor é tão gritante que é muito difícil, senão impossível, ater-nos somente à realidade. Ela mesma adquire uma conotação diferente, a partir dessa alteração.

O Averso da Vida inicia a partir de uma situação absurda: o irmão de Nathan Zuckerman, Henry, um judeu assimilado, norte-americano, dentista, morre numa mesa cirúrgica após uma cirurgia cardíaca. Reaparece vivo, num assentamento judaico na Cisjordânia, transformado num judeu ortodoxo. É em busca desse irmão renascido que Nathan Zuckerman desembarca em Israel, em 1978, em pleno governo Menachem Begin, quando profundas modificações na sociedade israelense estão em curso.

A partir daí o leitor será confrontado com diversas vozes, presentes nessa sociedade tão conflituosa: a voz do amigo israelense de Zuckerman, ashkenazita, de esquerda; o rabino ultraortodoxo, mentor espiritual de Henry, irmão de Zuckerman; o próprio Henry, que se submeteu a uma cirurgia cardíaca para evitar o efeito colateral da medicação que vinha tomando: impotência genital - e que agora se vê potente e ativo na colonização da Cisjordânia e no enfrentamento com os árabes. Essa confrontação do leitor não se dará ao modo realista, mas a partir do absurdo da situação inicial. Assim, é possível desfrutar do prazer estético de ver uma obra de ficção bem construída.

Pode-se também conjecturar que o autor optou por essa forma exatamente para não cair nos clichês interpretativos (judeus maus, colonizadores versus palestinos vítimas da colonização, etc.) no que foi plenamente bem sucedido. Nuances são percebidas, mesmo em personagens tão nitidamente negativos, como o rabino ultraortodoxo, para quem a única existência possível para o árabe é sob o seu domínio.

²⁰⁵ Ibidem, p.28.

²⁰⁶ ROTH, Philip. *O Averso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Por fim, a partir de um anteparo estético formal, entra-se em contato com uma realidade complexa, a realidade israelense. Assim, vejamos uma situação “trivial” do dia-a-dia israelense e que se torna foco de uma tensão dificilmente contornável. Nathan Zuckerman encontra-se em Tel Aviv com seu amigo israelense Shuki Elchanan. Ele já fora assessor de imprensa de Ben Gurion e agora dá aulas de história contemporânea judaica na universidade. É um judeu ashkenazita, com um certo nível de cultura, crítico do governo atual de Menachem Begin e com um drama pessoal: sua mulher está deprimida porque seu filho - que se destaca como pianista - está sendo convocado para o exército; o jovem quer fazer o serviço militar porque se sente em dívida com Israel e porque todos seus amigos estão sendo convocados também. Rejeita a proposta da mãe de seguir carreira de pianista nos Estados Unidos.

Nathan e Shuki saem para jantar e a única vaga encontrada para estacionar o carro é muito pequena. Shuki faz uma manobra e estaciona o carro ali mesmo, diagonalmente. Ao voltarem para pegar o carro, após o jantar, encontram um “homem amorenado, de constituição forte, de uns trinta anos”. O carro de Shuki estacionado diagonalmente impediu-o de dar ré e sair. Então, ao vê-los, o homem passa a “berrar e sacudir o punho” e Nathan Zuckerman imagina se ele não seria um árabe-israelense. Situação tensa que fez Shuki levantar a voz, mas sua atitude foi não prolongar a briga e retirar o carro dali. Segue-se o seguinte diálogo entre Nathan e Shuki:

Assim que nos afastamos perguntei-lhe em que língua tinha sido reprimido tão severamente, árabe ou hebraico.

- Hebraico - riu Shuki. O sujeito é como você, Nathan, um judeu. Hebraico é claro. Ele estava me dizendo: Eu não acredito; mais um asno ashkenazi! Todo ashkenazi que eu encontro é um asno!.

- De onde ele é?

Não sei. Tunísia, Argélia, Casablanca. Você já ouviu falar sobre quem é que está vindo morar aqui agora? Judeus da Etiópia. Esses putos, como o Begin, estão tão desesperados para perpetuar a velha mitologia, que começaram a arrastar judeus **negros** para cá. Agradáveis, carinhosos, gente boa, a maioria vinda da roça, chegam aqui falando a língua etíope. Alguns tão doentes que têm que ser levados de maca direto para o hospital. A maioria não sabe ler nem escrever. Têm que aprender como abrir uma torneira, como fechar uma torneira, como usar a privada e o que são escadas. Tecnicamente, eles vivem no século XIII. Mas em um ano, eu lhe garanto, já serão israelenses, deblaterando sobre seus direitos, fazendo

greves, e não demora muito estarão me chamando de asno ashkenazita por causa do jeito que eu estaciono o carro.²⁰⁷

Como o autor já vem preparando o leitor para um cenário onde as emoções estão à flor da pele e podem explodir sob qualquer pretexto, é perfeitamente possível interpretar essa cena da seguinte maneira: Shuki, um intelectual ashkenazita, que sabe o que é uma torneira, ou o que são escadas, é incapaz de reconhecer que estacionou no lugar errado, de forma errada e que prejudicou uma pessoa - que, por acaso, era um judeu oriental e que, nesse caso, estava com a razão. Assim, o autor nos ajudou, a partir de uma cena corriqueira, captada a partir de sua sensibilidade aguçada e escrita num contexto formal específico, a sair dos clichês, repetidos à exaustão na vida real e que geram tantos conflitos dolorosos.

Philip Roth parece ter percebido que a politização dos conflitos no Oriente Médio impede que se observem as relações humanas naquele espaço geográfico a partir delas mesmas: repletas de amor, ódio, preconceitos, atrações e repulsões - como quaisquer relações humanas.

Já foi visto, anteriormente, que grande parte dos problemas que o autor teve com expoentes da coletividade judaica relacionava-se com essa mesma postura em relação aos judeus: para ele, os judeus são seres humanos como outros quaisquer, sujeitos a cometer erros e traições ou a ter gestos de amizade e generosidade. Não é de estranhar, portanto que adote o mesmo posicionamento diante do conflito árabe-israelense. Parte, portanto, da ideia de que árabes e judeus são pessoas e não símbolos de uma luta. Mas, por ser a realidade multifacetada e, muitas vezes não a compreendermos, tendemos a simplificá-la mesmo indo contra todas as indicações dadas pelo autor sobre possíveis leituras de sua obra.

²⁰⁷ ROTH, Philip. *O Averso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 91 No original:

- "Where's he from?"
- I don't know – Tunis, Algiers, Casablanca. Have you heard who is now come to live here? Jews from Ethiopia. So desperate are these bastards like begin to perpetuate the old mythology that they're beginning to drag **black** Jews here. Pleasant, affectionate, goog-natured people, most of them peasants, they come here speaking the Ethiopian language. Some are so sick when they arrive they have to be taken by stretcher and rushed to the hospital. Most are unable to read or write. They have to be taught how to turn on the tap and what stairs are. Technologically they live in the thirteenth century. But within a year, I assure you, they'll already be Israelis, shouting about their rights and staging sitdown strikes, and soon enough they will be calling me an Ashkenazi donkey because of how I park my car."
- ROTH, Philip. *The Counterlife*. New York: Vintage International, 1996, p.78.

Assim, Andrew Furman em seu artigo “Philip Roth’s Israel Fiction”²⁰⁸ analisa as duas obras de Philip Roth que abordam diretamente o conflito árabe-israelense: *The Counterlife*²⁰⁹ e *Operation Shylock*²¹⁰.

Ao analisar *The Counterlife* (*O Averso da Vida*) o autor salienta as contradições presentes no narrador Zuckerman, um judeu americano, que não se identifica com a história judaica construída em Israel. Percebe-se mesmo assim, envolvido nas tramas engendradas naquele pequeno espaço geográfico, onde tudo é levado às últimas consequências e não há perdão possível. Porém, o autor engana-se, exatamente em função dessa politização extrema do conflito, ao interpretar que Philip Roth contrapôs o personagem Shuki Elchanan ao rabino ultraortodoxo Lippman. Pois, se é verdade que Shuki é capaz de discorrer longamente sobre os métodos agressivos e coloniais de Lippman, também é possível vermos Shuki numa atitude intransigente e agressiva diante de uma situação em que ele estava errado.

Com relação à representação do árabe na obra de Roth, Furman vai mais além e diz que:

O judeu, representado por Lippman, surge como o agressor do Oriente Médio: o judeu empunha uma pistola, invade a pacífica comunidade árabe em Hebron, e ansiosamente aguarda pela violência.

Shuki reflete que judeus como Lippman sentem-se tão atraídos por sua arma (que representa a força heróica dos hebreus) como são pela barba - representante da santificada fraqueza (da comunidade) ídiche. Ele pergunta a Nathan: “Seu irmão está tão excitado com a religião quanto está com seus explosivos?”²¹¹

Aqui está o eixo central do equívoco de Andrew Furman: Lippman não surge como o agressor, mas como um homem perigoso porque está armado; e porque

²⁰⁸ FURMAN, Andrew. “Philip Roth’s Israel Fiction”. In: *Philip Roth, Edited and with an introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 145-162.

²⁰⁹ ROTH, Philip. *The Counterlife*. New York: Vintage International, 1986.

²¹⁰ ROTH, Philip. *Operation Shylock, A Confession*. New York: Vintage International, 1993.

²¹¹ FURMAN, op. cit., pp.151-152. No original: “The Jew, represented by Lippman, emerges as the aggressor of the Middle East. The Jew wields a pistol, invades the peaceful arab realm of Hebron market, and anxiously hopes for violence. Shuki reflects that Jews of Lippman’s ilk are at least as infatuated with the gun (representing heroic Hebrew force) as they are with the Jewish beard which has long stood for Saintly Yiddish Weakness. He asks Nathan: ‘Is your brother as thrilled by the religion as by the explosives?’”

suas ideias e explicações sobre o problema judaico são unívocas e se encaminham para uma única solução: a eliminação do outro. Esse outro, por sua vez, não é tão pacífico assim. Numa das descrições mais horripilantes do livro, Shuki descreve a Nathan a forma pela qual seu irmão arquiteto foi encontrado morto, assassinado pelos sírios na guerra de Yom Kipur:

Seu irmão, oficial paraquedista da reserva, arquiteto na vida civil, tinha sido capturado quando as colinas de Golan foram invadidas. Depois da retirada síria, eles o encontraram, e o restante do pelotão capturado, com as mãos atadas para trás, presas a uma estaca fincada no chão; tinham sido castrados, decapitados e os pênis enfiados na boca. Espalhados pelo campo de batalha abandonado havia colares feitos com as orelhas deles. Um mês depois de receber a notícia, o pai de Shuki, o soldador, morreu de um ataque.²¹²

Philip Roth mostra que o ser humano, judeu, árabe, americano, marroquino, qualquer ser humano, é capaz de agir irracional e sadicamente, sem a menor percepção de que o outro é uma pessoa, e não uma parte incômoda a ser eliminada.

Quando Furman cita Shuki e sua pergunta sobre a excitação do irmão de Nathan com explosivos ou com a religião, penso que novamente está equivocado ao interpretar essa fala como uma fala pacifista, pró-árabe. Isso porque se sabe, a partir da própria construção do romance, que Henry adere àquela comunidade ortodoxa pois nela volta a se sentir potente, percebe um sentido de vida e uma meta a atingir: o Grande Israel. A grande percepção de Philip Roth é a de que o fanatismo religioso tem menos a ver com ideologia política do que com potência física e emocional. Não é à toa que tantos jovens sejam atraídos por ele: esses jovens querem ser alguma coisa, nem que seja uma bomba num supermercado; e almejam a recompensa: o paraíso sexual, celestial. Henry tinha trinta e nove anos, nem tão jovem assim.

²¹² ROTH, Philip. *O Averso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 73-74.

No original: "His brother, a reserve paratroop officer who in civilian life had been the architect, was taken prisoner when the Golan Heights were overrun. After the Syrian retreat, they found him and the rest of his captured platoon with their hands tied behind them to stakes in the ground; they had been castrated, decapitated, and their penises stuffed in their mouths. Strewn around the abandoned battlefield were necklaces made of their ears. A month after he'd received this news, Shuki's father, the welder, died of a stroke."

ROTH, Philip. *The Counterlife*. New York: Vintage International, 1986, p. 63.

Morreu tentando recuperar sua potência genital - renasceu querendo recuperar “O Grande Israel”.

É interessante observar como uma análise de texto fincada na realidade tal qual ela nos é apresentada, e interpretada, por cada um dos lados do conflito impede a ampliação de nosso raio de visão. Acaba-se por girar em círculos, em torno do que já é conhecido, ou de ideias preconcebidas. Assim, a análise que Furman faz da cena de castração de soldados israelenses por soldados sírios é a de que:

A passagem não precisa de elaboração: ela inequivocamente apresenta o árabe como alguém sem moral. Qual reivindicação moral (ou de terras, ou sobre direitos humanos, ou sobre **qualquer** coisa) um povo tão sádico poderia ter? Poderíamos ler essa passagem e entender porque o filho de Shuki sente como um dever abandonar seu amado piano pelo serviço militar.²¹³

O autor vai mais além: acredita que, ao não dar voz aos árabes (uma voz mais positiva), Roth contribui para solidificar estereótipos contra eles; além de, indiretamente, justificar as atitudes violentas do rabino Lippman. A militância do rabino apareceria então como uma alternativa atraente para o tradicional papel de vítima do judeu.

Acaba por elaborar uma hipótese polêmica tanto do ponto de vista formal como do ponto de vista de conteúdo: a de que, talvez por reconhecer que emudeceu as vozes palestinas em seu romance *The Counterlife*, Philip Roth criou em *Operação Shylock* um personagem palestino significativo. Ziad, um amigo de faculdade do narrador, agora Philip Roth, retorna à Palestina e adere à luta palestina contra os “colonizadores” judeus. Aceita conversar com Philip Roth porque ainda mantém laços afetivos com ele e porque acredita que Philip Roth seja, na verdade, o duplo, que defende o diasporismo - a volta dos judeus ashkenazitas de Israel para a Polônia, a Alemanha, a Romênia, deixando as terras palestinas para os palestinos.

²¹³ FURMAN, op. cit., p.155. No original: “The passage hardly needs elaboration; It unequivocally strips the Arab of any moral high ground. What moral claim (on land, on human rights issues, on **anything**) can such sadistic people make? One need only read the passage to understand why Shuki’s son feels a duty to give up his beloved piano for military service.”

Terei oportunidade, mais adiante, de analisar *Operação Shylock* em detalhes, mas aqui penso ser importante salientar que dificilmente Philip Roth, a partir de suas declarações sobre o que pensa de seu ofício de escritor, sentir-se-ia no dever moral de retratar a voz palestina numa obra, já que não retratou em outra. Agendas político-partidárias, defesas de posições, não fazem parte de sua visão de mundo; e, como vimos anteriormente, em função dessa postura, Philip Roth teve muitos problemas com a própria comunidade judaica. O que penso sim fazer parte de sua visão de mundo é retratar o ser humano, em especial em seus aspectos menos louváveis e é claro que o faz a partir de alguns recursos literários.

Assim, mais do que querer dar voz a esse ou aquele personagem, Philip Roth utilizou o absurdo (um personagem morto que revive) em *O Averso da Vida* e o duplo em *Operação Shylock* para tentar se aproximar de uma realidade complexa, tensa e violenta, que surpreende a cada dia. As formas literárias permitem uma aproximação de sofrimentos humanos inenarráveis como os das vítimas do Holocausto, ou de um pai que recebe a notícia da morte trágica de seu filho e morre alguns meses depois. Além de permitir a aproximação em relação a frases tão sintéticas, e exasperantes, como a que Ziad enuncia para Philip Roth:

O que justifica aproveitar qualquer oportunidade para expandir as fronteiras de Israel (em direção aos territórios palestinos)? Auschwitz. O que justifica o bombardeio de civis em Beirute? Auschwitz.²¹⁴

Lembremos que Ziad está falando com Philip Roth que ele acredita defendia a volta dos judeus para países onde foram massacrados; e que Polônia, Romênia, Alemanha receberiam de braços abertos “os seus judeus”. A ironia faz rir acidamente da situação e pensar que não há caminho de volta; que os judeus não estão em Israel à toa: uma catástrofe ocorreu, Auschwitz; e que os palestinos também têm seus sofrimentos. Resta uma pergunta: como esses dois povos poderão conviver?

²¹⁴ FURMAN, op. cit., pp. 157-158. No original: “What justifies seizing every opportunity to extend Israel’s boundaries? Auschwitz. What justifies bombing Beirut civilians? Auschwitz.”

A partir de uma outra abordagem, Elaine Safer²¹⁵ afirma que *O Averso da Vida* é o primeiro romance totalmente pós-moderno de Philip Roth, embora o uso do pós-modernismo com propósitos de humor esteja evidente em outras obras como *The Ghost Writer* (1979), *Zuckerman Unbound* (1981), *The Anatomy Lesson* (1983) e *The Prague Orgy* (1985).

A autora salienta que o pós-modernismo é caracterizado por vários elementos, mas ressalta um deles: a metaficção - ou seja, o fato de a obra falar sobre si mesma, revelar a forma pela qual está sendo construída, ou desconstruída, torna-se um elemento central, para além da temática que está sendo abordada. É interessante observar como Philip Roth utilizou esse recurso, o que torna a leitura de *O Averso da Vida* instigante apesar dos temas abordados serem, há muito tempo, de difícil resolução. A autora cita uma definição dada por Philip Roth para seu livro onde ele diz que em *O Averso da Vida* “nunca atingimos o fundo das coisas - ao invés de concluir algo, ao final subitamente tudo se encontra em aberto.”²¹⁶ Essa autorreflexão da obra sobre si mesma, que propicia uma não-conclusão sobre os temas propostos, é percebida desde o início pois os personagens vivem histórias diferentes, com versões diferentes, apesar de fazerem parte do mesmo enredo.

Assim, na primeira parte do livro intitulada “Basiléia”, Henry relaciona sua doença cardíaca com sua covardia: não deixou sua mulher e filhos e foi viver em Basiléia com sua amante Maria. Tornou-se impotente, submeteu-se a uma cirurgia e morreu. Agora, no segundo capítulo intitulado “Judéia”, Nathan Zuckerman vai em busca do irmão, que está vivendo num assentamento judaico na Cisjordânia e reflete da seguinte maneira sobre o fato:

Se Shuki não tivesse exagerado e Lippman fosse o tipo de **shlayger** que tinha dito ser, então era possível que Henry fosse tanto um cativo quanto um discípulo e, até mesmo, algo semelhante ao que devia estar passando na cabeça de Carol quando dera a entender que lidar com um marido suburbano

²¹⁵ SAFER, Elaine B. “From the Ghost Writer to the Counterlife Comic Incongruity and Road to Postmodernism”. In: *Mocking the age, the later Novels of Philip Roth*. New York: State University of New York Press, 2006, pp.17-37.

²¹⁶ Ibidem, p. 26. No original: “*The Counterlife* (is a book where) you never get to the bottom of things – rather than concluding with all the questions answered, at the end everything is suddenly open to question.”

que se tinha transformado num judeu renascido era como ter um filho convertido à seita Moon.²¹⁷

E relembra uma declaração taxativa de Carol:

Eu não quero equiparar a irracionalidade dele com a minha, não quero agir prematuramente, mas ele não poderia ter se distanciado mais de mim se tivesse morrido na mesa de operação.²¹⁸

A narrativa dobra-se sobre si mesma e, a partir de duas histórias contraditórias, imagina-se o distanciamento desses dois personagens, não por motivos religiosos mas por motivações afetivas ou sexuais: no capítulo “Basiléia”, Carol no velório faz um discurso onde elogia o marido que teria se submetido a uma cirurgia arriscada para poder voltar a satisfazê-la sexualmente - quando, na verdade, Henry estava preocupado com sua performance sexual em relação à amante. A construção e desconstrução de expectativas ocorre a todo momento e em relação às várias temáticas abordadas no livro.

Com relação ao judaísmo, não há como obter nenhuma certeza e esse é um dos grandes méritos do livro. Quando parece que se chega a alguma conclusão, como a de Nathan Zukerman ser definitivamente agnóstico, eis que se encontra Nathan Zuckerman emocionado diante de um muro de pedras (o Muro das Lamentações), dizendo-se impressionado com os holofotes que o iluminam e “dramatizavam o peso enorme daquelas pedras antiquíssimas (...) iluminando os mais pungentes temas da história: transitoriedade, resistência, destruição, esperança”²¹⁹. Mas, diante desse mesmo muro, irrita-se com judeus ortodoxos que vêm lhe pedir donativos para “famílias pobres”.

²¹⁷ ROTH, Philip. *O Avesso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 93. No original: “If Shuki hadn’t exaggerated, and Lippman was anything like the **shlayger** he’d described, then it was possible that Henry was as much captive as disciple, and, in fact, something like what might have been in Carol’s mind when she’d indicated that dealing with a suburban husband who’d turned himself into a born-again Jew was like having a child become a Moonie.”

ROTH, Philip. *The Counterlife*. New York: Vintage International, 1986, p. 80.

²¹⁸ ROTH, op. cit., p. 93. No original: “I don’t want to match his irrationality with my own. I don’t want to act prematurely, but he couldn’t have gone any farther from me if he had died in surgery.”

ROTH, op. cit., p. 80.

²¹⁹ ROTH, op. cit., p. 98. No original: “(...) The floodlights dramatizing the massive weight of the ancient stones (...) illuminating the most poignant of history’s themes: Transience, Endurance, Destruction, Hope.”

ROTH, op. cit., p. 84.

A cena é interpretada por Elaine Safer²²⁰ como exemplo de um realismo que é utilizado por Roth a partir de um viés cômico. Isso porque o narrador ao dar suas moedas como donativo para o rabino, é surpreendido com a pergunta:

Você não tem dinheiro em notas? Alguns dólares? Nathan Zuckerman diverte-se ao pensar que o “antiquado “shnorring” é tão mais humanamente atraente que o autorizado, respeitável e humanitário “angariar de fundos”.²²¹

Mais ainda, quando Nathan volta-se para responder ao rabino, ele já está de costas, como se terminado o ato (teatral). “Ele não tinha levado o dia inteiro para se decidir a não perder tempo com um judeu barato como eu.”²²²

É possível novamente rir da situação, mas ela demonstra o grau de tensão presente na existência judaica que tanto Nathan Zuckerman quer investigar. A tensão fica exacerbada formalmente pelo contraste com a situação anterior em que Zuckerman se surpreende emocionado diante do Muro das Lamentações. Além disso, o narrador reflete sobre o fato de que a criação do Estado de Israel introduziu outros elementos, ainda imponderáveis, para a desde sempre multifacetada identidade judaica.

Assim, a discussão entre Nathan e seu irmão sobre onde deve estar o judeu, em Israel ou na diáspora, é paradigmática da dificuldade de uma definição sobre a condição judaica. Então, Henry afirma que:

Em Israel os judeus estão fazendo história, ao invés de estarem escapando da história, como seus avós que vieram para a América; ao que Nathan retruca que para os israelenses todo judeu é vítima em potencial do antissemitismo se eles tentarem viver normalmente em qualquer outro lugar.²²³

²²⁰ SAFER, op. cit., p. 26.

²²¹ Ibidem, p. 26. No original: “You don’t have paper money? A couple of dollars? (Nathan Zuckerman) is amused and thinks that ‘old-fashioned shnorring’ is so much more humanly appealing than authorized, respectable, humanitarian ‘fund-raising’.”

²²² ROTH, op. cit., p. 100. No original: “It hadn’t taken all day for him to decide not to waste time on a cheap Jew like me.” ROTH, Philip, op. cit., pp. 85-86.

²²³ SAFER, op. cit., p.28. No original: “Henry insists that in Israel the Jews are “making history” rather than “escaping history” – like his grandparents who came to America (and) Nathan believes that the Israelis see “every Jew... as a foreordained victim of a horrendous, impending Anti-Semitic catastrophe should they try living normally anywhere else.”

Ora, estamos diante das duas faces de uma mesma moeda. Observadas a uma certa distância, têm um certo sentido em vista das experiências dramáticas vividas pelos judeus; mas, colocadas lado a lado na narrativa formam um todo explosivo que Elaine Safer define da seguinte maneira: “As mudanças entre eus (selves) alternativos dramatizam o conceito pós-moderno de perda do núcleo do eu (self).”²²⁴ A partir do diálogo áspero entre esses irmãos, o leitor depara com personagens angustiados com a falta de definição sobre si mesmos. Mas, para além do dilema pós-moderno do homem fragmentado, desorientado e com vínculos fragilizados - resultando, portanto, na perda do núcleo do eu - não seria próprio da “questão judaica” esse sentimento de inadequação, de insatisfação permanente com o que se está vivendo, protagonizado por esses dois irmãos?

A criação do Estado de Israel acrescentou um elemento fundamental: após o Holocausto nazista, onde o único lugar reservado para os judeus eram os fornos crematórios, finalmente havia um lugar geográfico para onde se poderia ir e construir algum tipo de vida. Diferentes analistas, contudo, enxergam a criação do estado judeu sob ângulos muitas vezes opostos. Citarei duas dessas análises que, embora divergentes, apresentam um tom construtivo: valorizam o que foi criado pelos judeus, mas indicam uma complexidade inerente à condição judaica.

Sidra Dekoven Ezrahi é também citada por Elaine Safer em seu artigo. Ela considera que: “O sonho sionista de transformar a natureza judaica em algo totalmente **diferente** tornou-se o maior ato de representação na história judaica moderna.”²²⁵ Enfatiza que os judeus da diáspora estariam engajados num “empreendimento pós-moderno”, com foco na imaginação, nas artes mais do que em viver em Israel e se depararem com a história e o futuro dos judeus. Ezrahi inclui Philip Roth nesse processo na medida em que, a partir de sua literatura, estaria revelando uma “nova estética judaica”. Segundo sua linha de raciocínio, essa nova estética judaica estaria embasada no mundo ficcional e não mais nas sagradas escrituras ou nos lugares sagrados. Complementando esse raciocínio, Mark Schechner observa que, para os judeus da diáspora, *O Julgamento*, *A Metamorfose*

²²⁴ SAFER, op. cit., p. 29. No original: “The shifts between alternative selves dramatize the post modern concept of the loss of a core self.”

²²⁵ SAFER, Elaine B. “From the Ghost Writer to the Counterlife”. In: *Mocking the age, the later Novels of Philip Roth*. New York: State University of New York Press, 2006, p. 29. No original: “The Zionist dream of transforming the Jewish self into something utterly **other** (...) may have been the greatest act of impersonation in modern Jewish history.”

e *O Artista da Fome* assumem o *status* do Midrash, senão o status da própria Torá²²⁶.

Mas, aquilo que Sidra Dekoven Ezrahi chama de representação provocada pelo sonho sionista - o de se criar um novo judeu, forte, destemido, envolvido na criação de um estado, de um exército e de um lugar para viver (e não morrer), Isaiah Berlin²²⁷ denomina força de ideias moldando a construção de um país que, segundo qualquer modelo teórico sociológico, seria inviável.

Assim, em seu artigo “As origens de Israel”²²⁸ datado de 1953, ou seja, sob o impacto do fim da Segunda Guerra Mundial, dos fornos crematórios, das levas de sobreviventes procurando um lugar para viver, o que transparece é uma grande emoção. Emoção de ter presenciado um país em que instituições estavam sendo fundadas, vidas estavam sendo reorganizadas e lideranças eram confiáveis (seu artigo sobre Chaim Weizmann é igualmente comovente). Mas, ao lado da emoção, há uma análise criteriosa dos elementos conflitantes da sociedade israelense de então. Ele fala das características dos judeus alemães, ingleses ou dos judeus orientais, das forças conflitantes a partir dessas diversas culturas, do hebraico como fator de coalizão assim como do exército. Conclui que, como resultado de tudo isso, surge uma “nova espécie de seres humanos” que merece ser observada com mais atenção. Usando uma terminologia sociológica, diz:

Em nenhum outro lugar é possível presenciar uma colisão e uma “fertilização cruzada” tão extraordinária de tipos - de representantes de uma cultura antiga pré-clássica entrando em contato com produtos modernos mais sofisticados dos Estados Unidos; da forma mais teórica e intelectualmente coerente de, digamos, ideologia marxista entrando em colisão com uma atitude oriental vaga, mística, quase inexprimível para com a vida. Não há nenhum país em que tantas ideias, tantos modos de vida, tantas atitudes, tantos métodos de lidar com o cotidiano foram de repente lançados no conflito mais violento.²²⁹

²²⁶ Ibidem, p. 29.

²²⁷ BERLIN, Isaiah. “As origens de Israel”. In: *A Força das Ideias*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 202-227.

²²⁸ Ibidem, p. 202-227.

²²⁹ Ibidem, p. 225.

Numa síntese que reúne uma imagem religiosa e a análise sociológica, Berlin diz que “como na vara de Aarão” dessa mescla improvável, “desse objeto artificial” unido a golpes de martelo, surgem “folhas verdes”²³⁰; ou um país onde a força das ideias sobrepuja a improbabilidade de sua existência.

Esse “novo judeu” que foi criado no Estado de Israel pode ser visto como uma representação - uma nova imagem, artificial, talvez, na medida em que renega todo um passado histórico de humilhação, perseguição e morte; ou como fruto de uma necessidade histórica - exatamente de não ser mais humilhado, perseguido ou morto. Aumentando a complexidade da análise, diferentes períodos históricos originam diferentes observações - o artigo de Berlin é de 1953, o de Sidra Dekoven Ezrahi é mais recente; e, retornando a Philip Roth, *O Averso da Vida* tem seu enredo datado em 1978, em pleno governo Menachem Begin que introduz mudanças radicais na sociedade israelense.

A eleição de Menachem Begin em 1977 representou uma mudança profunda nos rumos trilhados pela sociedade israelense. Fugiria muito dos objetivos desse trabalho um aprofundamento nesse tópico, mas é importante salientar alguns aspectos, na medida em que eles são argutamente percebidos pelo narrador e transformados nas múltiplas vozes que constituem a narrativa.

A vitória de Begin foi popularmente denominada Mahapakh (“levante”) - um levante contra a elite ashkenazita, socialista, imersa em escândalos de corrupção. Ela foi substituída por uma coalizão que representava os judeus orientais e as comunidades religiosas. Para aquilo que diz respeito mais diretamente ao romance, estimulou os assentamentos judaicos nos territórios ocupados na guerra de 1967. Begin nomeou o ministro da agricultura, Ariel Sharon, para implementar em larga escala esses assentamentos; substituiu o plano Allon, de ocupação estratégica de áreas periféricas, pela construção de assentamentos em áreas de significado bíblico.

Apenas para se ter uma ideia do aprofundamento dessa política expansionista, quando do estabelecimento de Elon Moreh, um assentamento nas proximidades de Nablus, após anos de campanha do Gush Emunin, Begin declarou:

²³⁰ Ibidem, p.210.

“há muitos mais Elon Morehs por vir”. Ao fim de seu mandato, a população judaica na Cisjordânia e na faixa de Gaza mais que quadriplicou²³¹.

Já vimos que esses elementos históricos estão presentes na narrativa. O conflito entre ashkenazitas e judeus orientais aparece na cena em que o amigo intelectual de Nathan Zuckerman estaciona erradamente seu carro, provocando a ira daquele judeu “atrasado”, que teve sua passagem impedida. O estímulo à ortodoxia religiosa e os assentamentos são o pano de fundo para o “renascimento” do irmão de Zuckerman.

Aqui acrescentarei mais um elemento da história judaica para que se possa observar como ela assombra e acaba por determinar caminhos tanto individuais, como coletivos, geradores de muita angústia, ou de conflitos insolúveis. Em 6 de junho de 1982, Menachem Begin autorizou a invasão do Líbano em retaliação ao assassinato do embaixador israelense no Reino Unido. A operação “Paz para a Galiléia” visava também o fim dos ataques com foguetes na fronteira de Israel e expulsar a Organização para a Libertação da Palestina daquele país. Em discurso pronunciado no Knesset, em 5 de junho de 1982, Menachem Begin declara:

A hora da decisão chegou. Vocês sabem o que fiz, o que todos nós fizemos, para evitar a guerra e o luto. Mas, nosso destino é este na Terra de Israel - não há como escapar da luta. Acreditem-me, a alternativa à luta é Treblinka, e nós decidimos que não haverá mais Treblinkas. Esse é o momento no qual uma escolha corajosa deve ser feita. Os terroristas criminosos e o mundo devem saber que o povo judeu tem o direito a autodefesa, assim como qualquer outro povo.²³²

A OLP foi expulsa do Líbano, realocando-se na Tunísia; a fronteira não se tornou mais segura e forças israelenses permaneceram no Líbano até o ano 2000. Além disso, o massacre de Sabra e Shatila ocorreu. Israel investigou o caso, a partir da Comissão Kahan, que apontou o governo como indiretamente responsável pelo massacre, acusando o ministro Ariel Sharon de negligência. O repórter do jornal Haaretz, Uzi Benziman, publicou artigos em que acusava Ariel Sharon de, intencionalmente, enganar Menachem Begin com relação aos objetivos e ao

²³¹ Esses dados foram retirados do verbete “Menachem Begin” presente na Wikipédia: <http://en.wikipedia.org/wiki/menachembegin> – data da consulta: 20/09/2008.

²³² Ibidem.

progresso da guerra. Ariel Sharon processou-o e ao jornal. Sharon perdeu o caso, após onze anos de julgamento. Um dos pontos altos do julgamento foi o depoimento do filho de Begin em favor dos réus²³³.

Treblinka e massacre de civis são duas faces da mesma moeda. Evidentemente, há diferenças a serem observadas, como o fato de existir uma comissão, um julgamento, um jornalista que pôde denunciar o abuso - situações inimagináveis na Alemanha nazista, onde o extermínio não só era autorizado, como transformou-se numa política oficial.

Mas, é interessante observar como no romance Nathan Zuckerman inicialmente vai a Israel resgatar seu irmão do “obscurantismo religioso”, arrogantemente, de acordo com seu papel de homem esclarecido. Acaba por se perceber à mercê de emoções as mais variadas - inclusive em relação à essa terra, ou a essa história que, aparentemente, não lhe diziam respeito. A construção do romance nos faz caminhar por um labirinto de definições contraditórias sobre o que é ser judeu. Então, inicialmente, há uma definição taxativa de Zuckerman:

Meu texto sagrado não era a Bíblia mas sim os romances traduzidos do russo, do alemão e do francês para a língua na qual eu estava começando a escrever e publicar minha própria ficção - não era a gama semântica do hebreu clássico mas o ritmo sincopado do inglês americano o que me excitava. Eu não era um judeu sobrevivente de um campo de concentração nazista em busca de refúgio seguro e acolhedor, nem era um judeu socialista para quem a fonte primeira de injustiça estava no demônio do capital, ou um nacionalista para quem a coesão era uma necessidade política judaica, nem um judeu crente, um judeu estudioso, ou um judeu xenófobo que não podia suportar a proximidade de góis. Eu era o neto norte-americano de simples comerciantes galicianos que, no final do século passado, tinham sozinhos chegado à mesma conclusão profética de Theodor Herzl - de que não havia futuro para eles na Europa cristã, de que não poderiam continuar sendo o que eram por lá sem incitar à violência forças terríveis contra as quais não possuíam qualquer meio possível de defesa. Mas que em vez de batalhar para salvar o povo judeu da destruição fundando uma terra natal num canto remoto do Império Otomano que fora, certa feita, a Palestina bíblica, tinham simplesmente procurado salvar suas próprias peles judias.²³⁴

²³³ Ibidem.

²³⁴ ROTH, Philip. *O Avesso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 62-63. No original: “My sacred text wasn’t the Bible but novels translated from Russian, German, and French into the language in which I was beginning to write and publish my own fiction – not the semantic range of classical Hebrew but the jumpy beat of American English was what excited me. I was not a Jewish survivor of a Nazi death camp in search of a safe and welcoming refuge, or a Jewish

Em seguida há uma outra definição taxativa, desta vez vinda dos amigos de esquerda de Maria, mulher inglesa, de Zuckerman, não-judia. Num jantar, na véspera de sua vagem a Israel, esses amigos, mais jovens que Zuckerman, na faixa dos trinta anos, “gente de televisão, pessoal que mexe com livros, alguns jornalistas, todos brilhantes e bem-sucedidos, com sua BMWs na garagem, temporadas de esqui na Suíça e casas de veraneio na Toscana” sentenciaram:

É fato notório (...) que os judeus orientais são trazidos a Israel para serem explorados como proletariado industrial. Colonização imperialista, exploração capitalista - tudo executado por trás da fachada de uma democracia israelense e da ficção de uma unidade nacional judaica.²³⁵

Maria ficou transtornada e passou a defender Israel, papel que ela percebeu estava sendo destinado a Zuckerman, num jogo de cartas marcadas.

Finalmente, mais uma definição taxativa, agora dada a Shuki Elchanan, o amigo intelectual israelense de Zuckerman. Shuki havia passado uma temporada na Inglaterra, dando aulas na Universidade de Oxford. Aceitara o convite para se afastar um pouco de Israel, onde dizia “todos os dilemas judeus existem e estão encapsulados”. Então, foi convidado para dar uma entrevista na rádio BBC: “Nós estávamos no ar há dois minutos quando o entrevistador me disse: ‘Vocês judeus aprenderam um bocado em Auschwitz’. ‘O que eu perguntei’: ‘Como ser nazistas com os árabes’, ele disse.”²³⁶

Shuki diz a Zuckerman que não conseguiu mais falar. Acreditava que numa civilização como a da Inglaterra, tão bem falante, tão bem educada, isso não

socialist for whom the primary source of injustice was the evil of capital, or a nationalist for whom cohesiveness was a Jewish political necessity, nor was I a believing Jew, a scholarly Jew, or a Jewish xenophobe who couldn't bear the proximity of goyim. I was the American-born grandson for a simple Galician tradesman who at the end of the last century, had on their own reached the same prophetic conclusion as Theodor Herzl – that there was no future for them in Christian Europe, that they couldn't go on being themselves without inciting to violence ominous forces against which they hadn't the slightest means of defense. But instead of struggling to save the Jewish people from destruction by founding a homeland in the remote corner of the Ottoman Empire that had once been biblical Palestine, they simply set out to save their own Jewish skins.” ROTH, op. cit. p. 53.

²³⁵ ROTH, op. cit., p. 76. No original: It's well known (...) that Oriental Jews are brought to Israel to be exploited as an industrial proletariat. Imperialist colonization, capitalist exploitation - all carried on from behind the façade of Israeli democracy and the fiction of Jewish National Unity. ROTH, Philip, op. cit., p. 66.

²³⁶ ROTH, op. cit., p. 77. No original: “We'd been on the air two minutes when the interviewer said to me, “You Jews learned a lot from Auschwitz” “What's that?” I asked. “How to be Nazis to the Arabs” he said.” ROTH, op. cit., p. 66.

ocorreria como no resto da Europa, onde o antissemitismo é tão difundido. Acredita que se tivesse uma arma, teria matado o jornalista.

Alonguei-me nessas afirmações tão taxativas porque elas, ao lado da morte de Henry e seu ressurgimento em Israel, inserem-nos num contexto absurdo, em que todas essas afirmações terão que ser revistas. Nada é tão certo como parece. Essa instabilidade prepara o leitor para se confrontar com um outro personagem: Mordechai Lippman. Defensor armado do “Grande Israel”, perigoso em seu fanatismo, é visto agora a partir de um outro olhar - não exatamente concordante, pois o discurso de Lippman, acaba por gerar uma situação praticamente insolúvel e explosiva. De qualquer forma, esse outro olhar não deixa de ser instigante se comparado com o olhar viciado, que sempre se atém nos mesmos elementos.

José Ortega y Gasset em seu já citado livro *A Desumanização da Arte*, traz uma imagem apropriada para a retomada da análise. Se observar um jardim a partir de um vidro transparente e límpido, nosso olhar se deterá no “realismo” do jardim: nas flores, nas plantas e suas cores variadas, etc. Mas, se o vidro da janela tiver ranhuras, nosso olhar se deterá no vidro e não mais no jardim. É assim que ele analisava as alterações nas formas propostas pelos artistas modernos: elas provocariam nosso olhar, tirando-o do realismo, que já se esgotara como forma de representação do mundo²³⁷.

Proponho aqui uma outra alternativa: para nos aproximarmos de uma confrontação mais profunda com a condição judaica, talvez necessitemos de um “vidro com ranhuras”, que desvie nosso olhar de posições já conhecidas: prós e contras taxativos, clichês de esquerda ou de direita e preconceitos enraizados²³⁸.

A história judaica não pode ser reinventada. Ela é composta por fatos traumáticos, de difícil elaboração e transmitidos intergeracionalmente. Treblinka e Auschwitz são fatos traumáticos e é nesse contexto que Nathan Zuckerman é convidado por Mordechai Lippman para um jantar. Veremos agora seu discurso

²³⁷ ORTEGA Y GASSET, José. *A Desumanização da Arte*. Trad. Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p.27.

²³⁸ A esse respeito, Dr. Mayer Snitcovsky, amigo psicanalista, observou ao conversarmos que, independentemente do “vidro”, da forma que se interponha entre nós e a realidade, o grau de nossos conflitos internos poderá fazer com que enxerguemos somente o fruto desses conflitos, retornando à versão neurótica deles.

De qualquer forma, um romance como *O Averso da Vida* que nos desestabiliza a cada momento, pode criar um antagonismo produtivo em relação às posições estáticas do leitor. Isso evidentemente, em leitores com alguma abertura mental.

complexo, repleto de armadilhas, mas não desvinculado de uma realidade - realidade que irritou tanto Shucki Elchanan como Maria e Zuckerman.

Um dos temas discutidos no jantar promovido por Lippman foi o que fazer com os territórios ocupados na guerra de 1967 ou, como quer Lippman, com a Judéia e Samária. Ele, evidentemente, tem projetos claros para esses territórios: habitá-los com judeus que vieram para Israel para viver e não mais morrer. Justifica essa posição a partir dos horrores do Holocausto; argumenta que com os árabes não há acordo possível, pois eles só visam à destruição de Israel; e contra a interpretação de que todos os seus temores em relação aos árabes ou em relação o mundo extra-judaico, sempre propenso a ondas antissemitas, são paranóicos, tem uma argumentação irrefutável: ele, judeu alemão, foi educado entre os “sãos, precisos, razoáveis e lógicos judeus alemães sem paranóia, e conclui: São hoje um monte de cinzas.”²³⁹

Penso que, desafortunadamente, essa é uma das grandes vitórias do nazismo sobre o espírito humano: ter instaurado uma tal desconfiança em torno da racionalidade, ponderação ou mesmo sobre a ciência, que o oposto dessas conquistas da mente humana acaba por ser hipervalorizado. Então, em sua casa, Lippman tem uma grande biblioteca, com exemplares de traduções alemãs de Dante, Shakespeare e Cervantes que trouxera de Berlim, na década de trinta, quando da fuga de sua família para a Palestina. Mas, para que servem esses mestres da literatura para uma mente assoberbada por terrores e para um corpo armado com uma pistola? É interessante observar como esses terrores são realimentados por discursos que continuam culpabilizando os judeus - discursos que fizeram Shuki Elchanan querer matar seu entrevistador e Maria sair em defesa de Israel. Lippman capta a intenção desses discursos de forma aguda:

Os jornalistas, você sabe, se cansaram de ver o judeu fazer o deserto florir; isto se tornou maçante. Eles se cansaram de ver os judeus sendo atacados de surpresa e ainda assim ganhando as guerras. Isso também ficou maçante. Eles agora preferem o ávido e ambicioso judeu que ultrapassa seus

²³⁹ ROTH, op. cit., p. 143. No original: “The sane, precise, reasonable, logical, unparanoid German Jews who are now a mountain of ashes.” ROTH, Philip, op. cit., p. 124.

limites. O árabe como o bom selvagem versus o judeu degenerado, colonialista, capitalista.²⁴⁰

Vai mais além. Ao saber que Shuki Elchanan é amigo de Nathan Zuckerman, diz que ele faz parte dos “bonzinhos e bonitinhos” de Tel Aviv, que sentem necessidade de agradar pessoas em Paris, em Londres ou em Nova York. Para isso, precisam se posicionar contra o “colonial” Estado de Israel, numa atitude “humanitária” para com os árabes. E diz: “A mim é inacreditável que ainda haja judeus, mesmo aqui, mesmo no país onde eles são senhores, que vivam para que o góí sorria para eles e lhes diga que estão certos.”²⁴¹

A expressão “bonzinhos e bonitinhos”²⁴² é repetida várias vezes no discurso de Lippman. Ele quer se contrapor a essa postura que acredita ser serviçal, semelhante a adotada pelos judeus europeus diante dos góis, buscando sua aprovação e uma integração à sociedade - o que se mostrou inútil diante do antissemitismo. Lippman pretende enfrentar seus inimigos e assume a posição de dono da terra. Rejeita visceralmente uma postura que acredita derivada do “ódio judaico a si próprio” e diz, raivosamente, que seu sonho é construir um museu, como o museu de cera de Madame Tussaud, mas um “museu do ódio judaico a si próprio”. “Só receio que não venhamos a ter espaço suficiente para as estátuas de todos os Shuki Elchanan que só sabem condenar os israelenses e sangrar pelos árabes.”²⁴³

O narrador reage a esse bombardeio verborrágico com ironia. Diz que tudo isso foi-lhe dito “à guisa de aperitivo”, antes do jantar propriamente dito, enquanto Lippman exhibia obras-primas encadernadas em couro, “colecionadas em Berlim por seu avô, um célebre filólogo morto na câmara de gás, em Auschwitz”²⁴⁴. A ironia de

²⁴⁰ Roth, op. cit., p. 147. No original: “The journalists you know, got tired of the Jew making the desert bloom; It became boring to them. They got tired of the Jews being attacked by surprise and still winning all the wars. That too became boring. They prefer now the greedy grasping Jew who oversteps his bounds – the Arab as a Noble Savage versus the degenerate, colonialist, capitalist Jew.” ROTH, op. cit., p. 128.

²⁴¹ Roth, op. cit., p. 139. No original: “To me it is incredible that there are still Jews, even here, even in the country where they are masters, who live for the goy to smile at them and tell them that they are right.” ROTH, op. cit., p. 121.

²⁴² No original: “niceys and goodies”.

²⁴³ ROTH, op. cit., pp. 134-135. No original: “I’m only afraid we wouldn’t have room for the statues of all the Shuki Elchanans who know only how to condemn the Israelis and to bleed for the Arab.” ROTH, op. cit., p. 116-117.

²⁴⁴ Ibidem, p. 136. No original: “(All this merely) as appetizer and while proudly exhibiting (...) the treasured leatherbound masterpieces collected in Berlin by his grandfather, a celebrated philologist gassed at Auschwitz.” ROTH, op. cit., p. 118.

Zuckerman, presente em vários momentos do romance é uma forma de reação a um grande sentimento de tristeza e estupefação diante de algo insolúvel e perigoso.

Lippman tem sua arma, seu irmão também; suas pistolas parecem fazer parte de algo natural, um destino natural de todo judeu - o que causa um grande espanto em Zuckerman. Ele confessa para o leitor que, na conversa que teve com seu irmão após o jantar, só pôde provocá-lo com suas argumentações porque nesse momento o irmão não estava armado. Confessa também ao leitor que no início dessa conversa não tinha nada a dizer a Henry. Isso porque após o “seminário de Lippman”, após um jantar com tantas definições abruptas, sentia que a linguagem não era mais seu domínio²⁴⁵. Diz, então:

Não era exatamente um estranho à polêmica, mas nunca na vida tinha me sentido tão cercado por um mundo assim contencioso, onde a discussão é enorme e constante e tudo acaba sendo pró ou contra, posições tomadas, posições discutidas, e tudo grifado pela indignação e pela ira.²⁴⁶

Nesse jantar estavam presentes Lippman, sua esposa, seus dois filhos, Henry e Nathan Zuckerman e mais um casal de amigos de Lippman (Buki e Daphna). A animosidade contra os judeus que não estavam em Israel enfrentando o inimigo árabe - esse mundo contencioso do qual nos diz Zuckerman - era tão grande que foi expressa da seguinte forma por Daphna:

Meu marido já matou gente em quatro guerras, não porque ele ache matar uma ideia emocionante. Ele acha uma ideia horrível. Não é nem mesmo uma ideia. Ele mata para proteger um país minúsculo, para defender uma nação cercada de inimigos. Ele mata para que seus filhos possam talvez um dia crescer e levar uma vida de paz.”²⁴⁷

²⁴⁵ ROTH, op. cit., p. 149. No original: “Language didn’t really seem my domain any longer.” ROTH, op. cit., p. 130.

²⁴⁶ Ibidem, p. 149. No original: “I wasn’t exactly a stranger to disputation, but never in my life had I felt so enclosed by a world so contentions, where the argument is enormous and constant and everything turns out to be pro or con, positions taken, positions argued, and everything italicized by indignation and rage.” ROTH, op. cit., p. 130.

²⁴⁷ ROTH, op. cit., p. 145. No original: “My husband has killed people in four wars, but not because he thinks murder is an exciting idea. He thinks it is a horrible idea. It is not even an idea. He kills to protect a tiny country, to defend an embattled nation – he kills so that perhaps his children may grow up one day to lead a peaceful life.” ROTH, op. cit., p. 126.

É importante ressaltar que linguagem e ideias são produtos muito elaborados da mente humana e ambos se encontram aqui, se não totalmente abolidos, seriamente comprometidos. Nathan Zuckerman sente que a linguagem não é mais seu domínio porque todas as palavras a serem pronunciadas cairão numa rede de sentimentos intensos e num sistema de respostas quase neuronal - um arco reflexo.

Se, ao batermos com um martelinho no joelho, a perna salta, da mesma forma se um judeu da diáspora escreve livros em que a violência está em primeiro plano (no caso, Norman Mailer, citado por Daphna como um judeu “embevecido” pela violência) ele será criticado asperamente por escrever livros e não vir para Israel se defrontar com a violência real. Assim, a literatura acaba sendo desqualificada; ou, num outro momento, a vida na diáspora acaba sendo desqualificada porque nela o judeu estaria fugindo da história, ao passo que em Israel ele estaria fazendo história.

Durante o jantar de Lippman, essa bipolaridade certo - errado, esse hipercriticismo, torna-se exasperante e tem um de seus pontos culminantes na apologia à violência de Daphna. Porém, como essa é uma narrativa de um jantar, e não um jantar real, é possível fazer um último esforço imaginativo, o que seria talvez impossível num jantar real, onde se estaria reagindo defensivamente, reflexamente: imaginar o que é para um homem na faixa dos cinquenta anos, como Buki, ou como Lippman, (ou como Zuckerman - se estivesse em Israel) ter participado de quatro guerras - todas motivadas por um fundamento comum: destruir o Estado de Israel.

Assim, penso que o fantasma da destruição de um povo é revivido constantemente. Não é à toa que Auschwitz e Treblinka são lembrados. Há um dado de realidade que os realimenta. E novamente surge o sistema de arco reflexo, sem a possibilidade de reflexão. Tudo isso é resumido por Lippman numa frase que encerra o jantar:

Antes era a passividade judaica que era nojenta, o judeu humilde, o judeu acomodado, o judeu que marchava feito carneiro para seu próprio sacrifício; agora o que é pior que

nojento, absolutamente diabólico, é a força, a militância judaica.²⁴⁸

Então, esses judeus serão destemidos, enfrentarão o inimigo, mesmo que desagradem os “bonzinhos e bonitinhos” de Tel Aviv, Paris ou Londres, porque estão determinados a não cavarem suas próprias covas, como seus antepassados. Enfrentarão quatro guerras sem reclamar porque querem seus filhos livres para celebrar o Shabat, cantando músicas alegres nas terras do “Grande Israel”, sem ter que pedir licença ou desculpas por isso.

Zuckerman exaspera-se, perde o poder sobre a linguagem, mas ainda quer conversar com seu irmão e escolherá a pior maneira possível de fazê-lo. A exasperação ocorrerá devido à percepção do narrador sobre o outro legado que o nazismo deixou: a noção de que não há lugar no mundo para todos os seres humanos que o habitam. Lembre-se, além de tudo, que para os nazistas, os judeus não eram humanos. Lippman até admite que os árabes possam viver, possam ter seu estado, mas longe de seus domínios. Não há uma proposta de fornos crematórios para os árabes, mas uma afirmação taxativa de que aquela terra não é deles. Termina-se, então, a leitura sobre esse jantar dramático com um gosto amargo na boca e uma pergunta, pelo menos: na vida real esses seres humanos, sofridos, carregados de marcas vivenciais profundas, poderão encontrar algum meio termo possível, seguir suas vidas e afastar-se, um pouco que seja, dos fantasmas que os assombram?

Introduzirei aqui um interlocutor com quem, talvez, Zuckerman tivesse mais facilidade em conversar. Haim Beer é um escritor israelense, nascido em Jerusalém, em 1945. É religioso. Acredita nos preceitos básicos da religião judaica mas, depois do assassinato de Itzhak Rabin por um judeu ultraortodoxo, deixou de usar a “kipá”. Em entrevista a Guila Flint e Bila Grin Sorj²⁴⁹ disse que “não podia mais suportar usar o mesmo símbolo que usava o assassino de Rabin.”²⁵⁰

²⁴⁸ ROTH, op. cit., p. 148. No original: “First it was Jewish passivity that was disgusting, the meek Jew, the accommodating Jew, the Jew who walked like a sheep to his own slaughter – now what is worse than disgusting, outright wicked, is Jewish strength and militancy.” ROTH, op. cit., p. 129.

²⁴⁹ FLINT, Guila & GRIN, Bila. “O fundamentalismo ultraortodoxo e o fundamentalismo nacionalista - entrevista com Haim Beer”. In: *Israel, Terra em Transe - Democracia ou Teocracia*. Trad. Yara Nagelschmidt. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 311-344.

²⁵⁰ Ibidem, p.314.

É importante nesse momento lembrar que Itzhak Rabin foi morto em 4 de novembro de 1995 por um judeu iemenita ultraortodoxo -Ygal Amir - que tinha, então, vinte e cinco anos de idade. Segundo a descrição de seus passos no dia do assassinato, rezou na sinagoga e pediu para que fosse agraciado com a oportunidade de matar o primeiro-ministro - um traidor, segundo uma interpretação muito particular sua da Halachá, por estar entregando as terras judaicas aos árabes. Mereceria, portanto, morrer. Pegou sua pistola 9 mm e as balas modificadas por seu irmão para serem mais mortíferas. Dirigiu-se para o estacionamento por onde necessariamente o primeiro-ministro sairia de um evento: uma grande manifestação pela paz em Tel Aviv. Retirou a “kipá” e encostou-se numa jardineira de concreto. Ninguém o abordou ou questionou. Pensou-se inclusive que fosse um agente do Shin Bet à paisana. Aproximou-se de tal forma de Itzhak Rabin que a perícia mostrou que a arma chegou encostar no terno de Rabin²⁵¹.

Haim Beer e Ygal Amir retiraram suas “kipás”, mas por motivos radicalmente opostos. Nesse gesto vejo uma divisão profunda do povo judeu determinando caminhos diversos, irreconciliáveis talvez. Isso porque trata-se aqui de um tema central para a humanidade como um todo, e para o judaísmo em particular: o respeito à vida.

A religiosidade é uma forma de abordagem desse tema; mas, o fanatismo religioso, abolindo as simbolizações e exacerbando a tendência àquilo que venho denominando de atos reflexos (sinto-me ameaçado por um primeiro-ministro, pego minha arma elimino essa ameaça, através de um assassinato, que nem sinto como um assassinato, mas como obediência a uma lei halachica (!) e isso evidentemente num contexto político que favorece tal ato tresloucado) transforma-se numa ameaça real à sobrevivência física dos cidadãos de um país e de valores culturais conquistados.

Assim, com seu gesto, Haim Beer mostra que, apesar do objeto kipá ser o mesmo, ele passou a significar algo mortífero. Ele não quer mais compartilhar com isso. A partir daí, uma ruptura se dá. Ele é um homem religioso e por isso não deixa de ser emocionante ver alguém abdicar de valores que lhe são tão caros, em nome de um valor maior: o respeito à vida.

²⁵¹ YITZAK RABIN, O SOLDADO DA PAZ – Equipe da Revista *The Jerusalem Report*. Trad. Maria Ingegn Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pp. 251-264.

Toda a entrevista é permeada de emoção e apresenta-nos uma mente complexa que tenta através de todos os meios disponíveis, controlar sentimentos destrutivos. Citarei dois momentos da entrevista; neles torna-se muito clara a luta intensa que devemos travar conosco, para nos tornarmos aquilo que, muito genericamente, chamaríamos de homens civilizados.

As entrevistadoras falam de Yeshayahu Leibowitz²⁵². Ele acreditava que a ocupação (de Gaza e da Cisjordânia) iria corromper a sociedade israelense. Haim Beer diz:

Na realidade o sonho messiânico transformou-se no subtexto de toda a sociedade israelense da maioria da sociedade israelense. Também é meu subtexto. E eu invisto uma grande quantidade de energia na socialização, aculturação ou controle destes sentimentos.²⁵³

E mais adiante:

(...) gostaria de contar uma história interessante. Uma das pessoas mais importantes do Grupo Grande Israel, não desejo citar seu nome, ao voltar de uma viagem a Gaza feita pelos líderes do grupo, logo depois da Guerra dos Seis Dias... Eu notei que um deles, que usava sapatos do tipo mocassim mais sofisticado do tipo “francês”... me dei conta de que os sapatos dele estavam maravilhosamente engraxados. Ai perguntei a ele: “onde conseguiu engraxar tão bem estes sapatos:” e ele respondeu: “Em Gaza”. Perguntei. “Quanto você pagou?” ele disse: “O árabe pediu um preço baixo e eu respondi: Sou o dono desta Terra, pagarei quanto eu quiser”. Ele lhe deu mais dinheiro do que o valor pedido mas, para mim foi naquele momento em que senti algo se romper dentro de mim.²⁵⁴

Penso que Haim Beer depara aqui com ideias megalomaníacas, a serem controladas, visando o bem comum ou, minimamente, a convivência entre vizinhos.

Está falando também de uma dupla ruptura: a ruptura com um símbolo que até então significava respeito a Deus - e que passa a significar desrespeito à vida

²⁵² Yeshayahu Leibowitz (1903 – 1994), grande pensador judeu acreditava que a Halachá tinha um valor em si mesma; ou seja, a obrigação de observar os mandamentos haláchicos sobrepunha-se a qualquer benefício pessoal ou social. Essa interpretação permitiu-lhe defender a ideia de que as deliberações haláchicas deveriam estar numa inter-relação constante com as situações e desafios do mundo moderno. Admirável percepção desse grande pensador de que somente dessa forma a religião se torna algo orientador da relação fraternal entre os homens, e não mais um mecanismo de dominação e terror. Fonte: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/yleib.html>. Data da consulta: 28/08/2006.

²⁵³ FLINT & GRIN, op. cit., p.331.

²⁵⁴ Ibidem, pp. 333-334.

humana; e ruptura com a cegueira a que o fanatismo religioso pode levar. Pois qual argumento poderia ser utilizado com alguém imbuído de tal arrogância e megalomania que se sente o “dono da terra” - e, portanto, no direito de pagar o que quiser pelo trabalho do “inimigo”?

Além disso, o fanatismo religioso, ao simplificar nossa visão de mundo (pois comigo só ficarão aqueles que pensarem exatamente como eu, interpretarem as leis haláchicas exatamente como eu-ou seja, tiverem a concepção de Deus exatamente como a minha) faz com que se vejam inimigos até nos lugares mais inesperados: num outro judeu. Com o assassinato de Rabin, a sociedade israelense foi pega de surpresa: afinal, acreditava-se ainda que, apesar do ambiente político extremamente tenso, havia um elo fraterno ligando os judeus²⁵⁵.

O fanatismo religioso não surge do nada, ou apenas de uma disposição malévola daqueles que aderem a essa ideologia. O assassino de Rabin é um judeu iemenita, com pele mais escura, talvez parecido com aquele judeu oriental com quem Shuki Elchanan discutiu, ao retornar para pegar seu carro, estacionado de maneira errada. Essa briga reflete a profunda divisão dentro da própria sociedade israelense.

A partir do governo de Menachem Begin, os judeus orientais passam a ter uma outra voz e um peso político maior. Portanto, a briga entre Shuki Elchanan e o judeu oriental deixa de ser apenas algo interpessoal, carregado de preconceitos mútuos, revestindo-se agora de uma significação e representação política.

Retornando ao romance, Lippman é um rabino fanático religioso, de origem alemã e que viu seus conterrâneos alemães cultos, leitores de Shakespeare e Dante, transformarem-se em cinzas nos fornos crematórios. Em Israel, após quatro guerras, cujo objetivo era a destruição do Estado de Israel, entendeu, de um ponto de vista muito particular, que qualquer negociação com o “inimigo” seria um retorno a Treblinka.

²⁵⁵ Apesar de avaliações, menos emocionais, baseadas em pesquisas, indicarem o contrário. Assim Carmi Gilon, chefe do serviço de informações do Shin Bet, fez sua tese de doutorado na Universidade de Haifa. Sua tese tinha como tema o combate ao extremismo judaico de direita. Apesar dos estudos, e da observação direta da realidade, penso que uma espécie de entorpecimento da consciência ocorreu na sociedade israelense, representada aqui por seu serviço secreto – e pelo próprio Rabin, ao qual não foi oferecido o uso de colete à prova de balas, mas que, ao que parece, teria recusado se tal ocorresse. Fonte: YITSHAK RABIN, O SOLDADO DA PAZ – pela Equipe da Revista *The Jerusalem Report*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, pp. 265-276.

O romance se passa em 1978. É possível conjecturar que se Philip Roth escrevesse sobre Israel, em 2008, talvez Zuckerman tivesse que se confrontar com um rabino iemenita, ligado ao partido Shas que, oriundo de camadas mais pobres, teve muitas dificuldades para estudar; até que, por sua inteligência acima da média, pôde estudar numa yeshivá ortodoxa e acredita no “Grande Israel”, assim como Lippman.

O que traz à tona mais um elemento fundamental: independentemente das origens do indivíduo, sua maior ou menor cultura, maior ou menor conhecimento das leis judaicas, o que está em jogo na opção pelo fanatismo religioso são disposições internas, formas de elaboração de conflitos psíquicos, muito particulares de cada indivíduo. Como cada um de nós enfrenta sentimentos de inferioridade, insegurança e desproteção deve ser levado em conta quando se está diante de fenômenos políticos tão perigosos como o fanatismo.

Nathan Zuckerman ironicamente nos diz que só pôde questionar mais seriamente seu irmão quando ele guardou sua pistola. O questionamento era: o que um judeu americano, dentista bem sucedido, com mulher e filhos (além da amante) estava fazendo em Israel, armado e perseguindo os “inimigos” árabes?

O diálogo entre esses irmãos é duro. Mas, é importante perceber, para além da realidade israelense (onde a rigidez de posições impede, muitas vezes, que as partes em conflito se vejam no lugar do outro, com seus temores, raivas e necessidades de sobrevivência) a estrutura do romance. Nela, a cada momento, somos confrontados com a parte e a contraparte de cada questão levantada, o que permite que se observe a opção de Henry para além do clichê “ele enlouqueceu”. É exatamente essa a resposta que Henry dá a seu irmão tão inteligente e perspicaz: ele não quer ser visto como um clichê e sim como um ser autônomo. Ser um bom marido, bom pai, bom profissional e fazer de sua secretária uma amante são papéis esperados, predeterminados por um contexto de cartas marcadas. Era exatamente isso que tornara Henry infeliz. Critica duramente seu irmão Nathan e seu excesso de psicologia que acaba por desqualificar suas ações. Ironicamente diz:

(Minha vida aqui) não é um exercício para o cérebro divorciado da realidade! Não é escrever um romance, Nathan! Aqui as pessoas não ficam papagueando como aqueles filho-da-puta

dos seus heróis, a se preocupar vinte e quatro horas por dia com o que lhe vai na cabeça e se de deveriam ou não ir ver seu psiquiatra; aqui você luta, você batalha, aqui você se preocupa com o que vai por Damasco, o que importa não é mamãe e papai e a mesa da cozinha, nada dessa porra que você escreve, é quem controla a Judéia!²⁵⁶

Zuckerman conclui: “e lá se foi ele furioso, e antes que pudesse ser convencido a voltar para casa”²⁵⁷ porque, a meu ver, ele também não está convencido de seu argumento de que a vida nos Estados Unidos faz mais sentido do que a vida em Israel. Percebe, e diz a seu irmão, que aquilo que fez foi colossal - uma mudança completa de vida - mas se atrapalha ao tentar uma explicação psicanalítica para a opção de Henry e sua relação com Lippman:

Tira fora o intimidador agressivo, tira fora o ator canastrão e o palrador compulsivo.
E nós poderíamos estar de volta à mesa da cozinha em Newark, com papai fazendo para nós aquelas suas preleções sobre a histórica batalha entre o góí e o judeu.²⁵⁸

Se bem que não totalmente errada essa aproximação das imagens do pai e de Lippman, Henry também está correto em dizer que há uma distância brutal entre as conversas preconceituosas à mesa de jantar em Newark e colonos armados na Cisjordânia:

(São) judeus que não estão aqui para se divertir, judeus que têm alguma coisa mais por que seguir adiante do que suas paisagens interiores hilariantes. Aqui eles têm uma paisagem exterior, uma nação, um mundo.²⁵⁹

²⁵⁶ ROTH, op. cit., p. 161. No original: “This isn’t some exercise for the brain divorced from reality! This isn’t writing a novel, Nathan! Here people don’t jerk around like your fucking heroes worrying twenty-four hours a day about what’s going on inside their heads and whether they should see their psychiatrists – here you fight, you struggle, here you worry about what’s going on in Damascus! What matters isn’t Momma and Poppa and the kitchen table, it isn’t any of that crap you write about – it’s who runs Judea!” ROTH, op. cit., p. 140.

²⁵⁷ ROTH, op. cit., p. 161. No original: “And out the door he went, furious, and before he could be talked into going home.” ROTH, op. cit., p. 140.

²⁵⁸ ROTH, op. cit., p. 158. No original: “Strip away the aggressive bully, strip away the hambone actor and the compulsive talker, and we could have been back at the kitchen table in Newark, with Dad lecturing us on the historical struggle between the goy and the Jew.” ROTH, op. cit., p. 138.

²⁵⁹ ROTH, op. cit., p. 161. No original: “Jews who aren’t in it for laughs, Jews that have something more to go on than their hilarious inner landscape! Here they have an outer landscape, a nation, a world.” ROTH, op. cit., p. 140.

Mas a grande questão colocada pelo romance é que essa paisagem exterior, essa nação, esse mundo, são vistos a partir da ótica particular de cada um de nós, com nossos conflitos internos, frustrações e impotência.

De volta à imagem de José Ortega y Gasset, estamos observando um jardim a partir do vidro de uma janela; o que veremos desse jardim depende de vários fatores. Ortega y Gasset está interessado no prazer estético que um vidro não tão transparente possa proporcionar. A leitura de *O Averso da Vida* certamente brinda o leitor com essa sensação, pois imediatamente somos capturados por esse “vidro não-transparente” da ironia, do absurdo, da mistura entre realidade e ficção e das dobraduras da narrativa sobre si mesma. Ao lado disso, pode-se observar o jardim (a muito complexa realidade israelense) por outros ângulos. Principalmente, é possível ao leitor se colocar na pele de personagens que, de outra forma, somente seriam vistos como odiosos, a serem eliminados.

A situação no Oriente Médio suscita, de imediato, polarizações rígidas, prós e contras peremptórios, mesmo em campos mais neutros como a literatura ou a crítica literária. Assim, em seu artigo “Philip Roth and American Jewish Identity: The Question of Authenticity”²⁶⁰ Jeffrey Rubin-Dorsky parte de uma ideia central: ao contrário do que imaginavam os fundadores do Estado de Israel, uma identidade judaica plena, livre de censuras e coerções é exercida na diáspora, mais especialmente nos Estados Unidos. Isso é fruto de lutas de três gerações que se esforçaram, e conseguiram, integrar-se plenamente à sociedade americana, influenciando seu modo de vida, seu linguajar ou mesmo seus costumes. Situa Philip Roth nesse contexto. Considera o autor como “o profeta da vitalidade irredutível da vida judaica americana, o cronista da energia propulsora dos judeus nesse país.”²⁶¹

Porém, como o próprio Philip Roth mostra em seus livros, as questões do judaísmo não se esgotam na polarização diáspora - Estado de Israel (ou em qualquer outra: judeus laicos - judeus religiosos, judeus ashkenazitas - judeus orientais e assim por diante). Há nos personagens judeus de Philip Roth uma insatisfação permanente, uma busca de respostas em diversos lugares, indicando

²⁶⁰ RUBIN-DORSKY, Jeffrey. “Philip Roth and American Jewish Identity: The Question of Authenticity”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea Publishers, 2003, pp. 205-232.

²⁶¹ Ibidem, p. 217. No original: “The prophet of the irreducible vitality of American Jewish life, the chronicler of energy propelling Jews forward in this country.”

que essa pacificação do espírito, ou essa “vitalidade irredutível” tal como quer Jeffrey Rubin - Dorsky, não deixa de ser uma idealização da própria condição judaica.

Os personagens judeus de Philip Roth sofrem grandes baques mesmo em sociedades tão abertas como a americana ou a inglesa. Foi assim, com Henry, um típico americano judeu de classe média alta que se sentia “a beira de ser um clichê” e que no auge de sua conversa definitiva com o irmão Nathan Zuckerman, diz: “Talvez eu fosse um homem que, virava e mexia, caía no estereótipo - talvez isso responda por um bocado de tristezas que sentia nos Estados Unidos.”²⁶² Foi assim também com Shuki Elchanan ao ser entrevistado pela rádio BBC e ouvir, estarecido que os judeus aprenderam em Auschwitz como ser nazistas com os árabes.

A análise de Jeffrey Rubin-Dorsky vai em outra direção. Ele argumenta, baseado em Theodor Herzl, que os reais objetivos do sionismo foram atingidos nos Estados Unidos. Essa argumentação não deixa de ser interessante, embora extremamente tendenciosa. Já a partir do título do livro de Herzl, agora revisado, o autor demonstra como a questão religiosa não era o eixo central das ideias sionistas de Herzl. O novo título - *The Jew's State* - numa tradução mais recente feita Henk Overberg (e não mais *The Jewish State*) mostra que Herzl almejava um estado para os judeus e que estaria baseado em “concepções científicas modernas”; baseado, portanto, em teorias contemporâneas de economia, tecnologia e de leis. Mais ainda: os assuntos referentes à moralidade pessoal, fé e organização religiosa estariam reservados à vida privada, ou seja, o estado para os judeus estaria baseado em “ideais seculares modernos e não por qualquer sonho messiânico de restauração do antigo reino de David e seu esplendor sagrado.”²⁶³

Nessas circunstâncias, os dois objetivos principais do sionismo poderiam ser atingidos: a aculturação dos judeus e a normalização da vida judaica. Os judeus seriam um povo como qualquer outro povo, segundo a definição dada por Amos Elon, e que “poderia desfrutar os benefícios de uma identidade nacional sem as

²⁶² ROTH, Philip. *O Avesso da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 160. No original: “(And) maybe that was once even so, maybe I was a man who kept dropping into the stereotype, maybe that accounts for a lot the unhappiness that I felt back home.” ROTH, Philip, *The Counterlife*. New York: Vintage Internacional, 1996, p. 139.

²⁶³ RUBIN -DORSKY, op. cit., p. 209. No original: “(...) (Inspired) by modern secular ideals rather than any messianic dream of restoring the ancient kingdom of David and its sacral splendor.”

rupturas, constrangimentos ou perseguições que marcaram sua vida no exílio.”²⁶⁴ Ao mesmo tempo poderiam desfrutar sua vida enquanto judeus. A questão para o autor é saber se os Estados Unidos preenchem essa visão sionista para a normalização da vida judaica.

Jeffrey Rubin-Dorsky conclui que os Estados Unidos oferecem aos judeus plenas condições de se manifestarem tanto como americanos como quanto judeus. Porém, fugiria muito dos objetivos desse capítulo detalhar cada um de seus argumentos. Ficarei apenas com um deles, pois ele sintetiza o dilema vivido por Nathan Zuckerman diante de seu irmão, que encontrou um objetivo de vida na luta pelo “Grande Israel”.

Um dos exemplos de plena integração dos judeus à sociedade americana dado pelo autor é a escolha de um judeu ortodoxo, o senador Joseph Lieberman, de Connecticut, como vice-presidente na chapa de Al Gore que concorria a presidência dos Estados Unidos. Para muitos essa escolha confirmaria a aceitação dos judeus como plenos cidadãos americanos. Muitos rabinos manifestaram-se entusiasmados com o fato, como o rabino David Rosen, diretor do setor israelense da Liga Antidifamação, que afirmou ser esse um grande tributo ao sucesso da comunidade judaica nos Estados Unidos.

É interessante observar que quanto mais se imerge na complexa definição de uma identidade judaica, mais dúvidas surgem. Anteriormente foi salientado que a aculturação era um dos objetivos do sionismo. Aqui cabe dizer algo que por Rubin-Dorsky enfatiza: por aculturação (ou assimilação) os sionistas não entendiam o abandono da identidade histórica e étnica dos judeus, mas o seu desprendimento em relação a uma identidade particular: a identidade religiosa. Segundo Amos Elon, assimilação significa “trocar a singularidade absoluta de um povo isolado por uma diferença relativa, ou normal, semelhante a que existe, por exemplo, entre franceses e alemães.”²⁶⁵

Segundo o autor, os judeus americanos estão plenamente aculturados ou assimilados à sociedade americana. Mas, para a escolha de um vice-presidente foi

²⁶⁴ Ibidem, p. 208. No original: “(...) Who would enjoy the benefits of a national identity without the disruption, harassment, and persecution that had marked their lives in exile.”

²⁶⁵ RUBIN – DORSKY, op. cit., p. 208. “Exchanging the absolute uniqueness of a people that dwelleth alone for the more relative or “normal” difference that existed between Frenchmen and Germans.”

preciso recorrer a uma definição religiosa - um judeu ortodoxo; o que não deixa de ser uma contradição. Pode-se também pensar sobre o porquê da escolha de um judeu para vice-presidente o que indicaria a força política, ou econômica, dos judeus na sociedade americana.

Rubin-Dorsky não se esquivava das contradições mas, desafortunadamente, acaba adotando uma polarização infrutífera com os pais do sionismo político. Especialmente com Golda Meir. Irrita-se com aquilo que denomina sua miopia, por ter afirmado que nenhum judeu no exílio pode crescer como um homem livre ou como um judeu livre. Isso só poderia ocorrer em Israel. Em contrapartida Rubin-Dorsky afirma:

(...) a condição autêntica dos judeus americanos contemporâneos ou pós-modernos é a liberdade - não uma liberdade ilimitada, irrestrita, certamente, mas a liberdade de criarem a si mesmos como judeus - precisamente o tipo de liberdade que uma sionista míope como Golda Meir pensou ser impossível alcançar em qualquer outro lugar que não Israel.²⁶⁶

Creio ser essa uma polarização infrutífera porque há que se pensar nos indivíduos em seus contextos históricos. Para Ben Gurion ou Golda Meir tratava-se de construir um país onde os judeus pudessem viver, num contexto histórico em que fornos crematórios eram os únicos lugares geográficos que foram destinados a eles. Sessenta anos depois pode-se discutir os rumos de um país (Israel) - mas um país existente, com instituições funcionantes e cidadãos vivos e pensantes.

Para os judeus americanos, penso que a questão é a mesma: é preciso situá-los historicamente o que foi feito, a meu ver, de forma bastante clara, por Nathan Zuckerman: "Minhas paisagens não eram as areias do Neguev, ou as colinas da Galiléia, nem as planícies costeiras da antiga Filistéia; eram os Estados Unidos dos imigrantes, industrializados - Newark, onde tinha me criado."²⁶⁷

²⁶⁶RUBIN – DORSKY, op. cit., p. 215. No original: "The authentic condition of contemporary or postmodern American Jews is freedom, not an unlimited, unrestrictive freedom, to be sure, but the freedom to create themselves as Jews – precisely the kind of freedom that a myopic Zionist like Golda Meir thought impossible to attain anywhere but in Israel."

²⁶⁷ ROTH, Philip. *O Averso da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 62-63. No original: "My landscape wasn't the Negev wilderness, or the Galilean Hills, or the coastal plain of ancient Philistia; it was industrial, immigrant América - Newark where I'd been raised." ROTH, op. cit., p. 53.

Mas, ele é neto de simples comerciantes galicianos, que optaram por salvar “suas peles judias” percebendo a gravidade do antissemitismo, tal como o fez Herzl. Assim, numa síntese que parece anular qualquer polarização infrutífera Zuckerman afirma: “Na medida em que o sionismo significasse tomar para si, ao invés de deixar a cargo de outros, a responsabilidade de sobreviver enquanto judeu, seria este o tipo de sionismo deles.”²⁶⁸

Esse neto estudou, aculturou-se, tornou-se um cidadão americano, falando um inglês perfeito, sem sotaque (o ritmo sincopado do inglês americano é o que o excitava e não o hebraico clássico), mas a história judaica de fugas está presente e reaparece, de forma dramática, com a fuga de seu irmão para Israel.

Assim, penso que *O Averso da Vida* propõe algo que é difícil aceitar: a contrapartida, ou seja, somos uma coisa e outra ao mesmo tempo: cultura e fanatismo, amorosidade e intransigência, errância e necessidade de criar raízes - são tantas as contradições presentes em nosso psiquismo que, muitas vezes, optamos por simplificações ou afirmações taxativas. Isso não ocorre com a narrativa de Philip Roth. Ela nos deixa sem respostas, mas não nos ilude com saídas fáceis.

²⁶⁸ Ibidem, p. 63. No original: “Insofar as Zionism means taking upon oneself, rather than leaving to others, responsibility for one’s survival as a Jew, this was their brand of Zionism.” ROTH, op. cit., p. 53.

V. OPERAÇÃO SHYLOCK E A RELAÇÃO COM O DUPLO

israel

Un hombre encarcelado y hechizado,
un hombre condenado a ser la serpiente
que guarda un oro infame,
un hombre condenado a ser Shylock,
un hombre que se inclina sobre la tierra
y que sabe que estuvo en el Paraíso,
un hombre viejo y ciego que ha de romper
las columnas del templo,
un rostro condenado a ser una máscara,
un hombre que a pesar de los hombres
es Spinoza y el Baal Shem y los cabalistas,
un hombre que es el Libro,
una boca que alaba desde el abismo,
la justicia del firmamento,
un procurador o un dentista
que dialogó con Dios en una montaña,
un hombre condenado a ser el escarnio,
la abominación, el judío,
un hombre lapidado, incendiado,
y ahogado en cámaras letales,
un hombre que se obstina en ser inmortal
y que ahora ha vuelto a su batalla,
a la violenta luz de la victoria,
hermoso como un león al mediodía.

Jorge Luis Borges (1969)²⁶⁹

²⁶⁹ Borges, Jorge Luis. "israel". In: *Poesía*. Trad. Josely Vianna Batista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 440-441.

1. Contexto Histórico

A narrativa de *Operação Shylock*²⁷⁰ ocorre num momento crucial da história de Israel, quando marcos referenciais constitutivos da sociedade israelense são questionados e os palestinos tornam-se mais visíveis a partir de sua revolta. Penso ser importante entender esse contexto histórico e a forma encontrada por Philip Roth para confrontá-lo. O autor usou do recurso literário do duplo, o que lhe permitiu entrar em contato com os componentes antagônicos dessa sociedade tão complexa e mutante. Com isso, ampliou-se a possibilidade de análise dos conflitos daquela região, para além de maniqueísmos e simplificações.

Assim, o narrador Philip Roth e seu duplo “Moishe Pipik” travam sua batalha em Israel, no ano de 1988. O país tem como primeiro-ministro Yitzhak Shamir do partido Likud. Shamir sucedeu Menachem Begin, também do Likud, em 1983, após a renúncia de Begin devido às repercussões da Guerra do Líbano, de 1982, e à morte de sua esposa Aliza que o deixou muito abalado.

Após as eleições de 1984 Shamir é indicado como vice-primeiro ministro e ministro das relações exteriores no governo de União Nacional. Em 1986 retorna ao cargo de primeiro-ministro que compartilha com Shimon Peres, do Partido Trabalhista, de forma rotatória. Mas, nas eleições de 1988 cria o governo de União Nacional, sem o elemento rotatório e é bem sucedido por alguns meses ao formar uma coalizão governamental sem o Partido Trabalhista. Esse governo cai em 1990 devido à uma crise política.

Além desses elementos interessa destacar que Shamir após a “Operação paz para a Galiléia” empreendeu negociações com o Líbano, visando a um acordo de paz (que nunca foi ratificado pelo governo libanês), presidiu negociações com o Egito para uma normalização do processo de paz (estabelecido por Begin e Sadat) e iniciou negociações diplomáticas com alguns países africanos com os quais as relações diplomáticas estavam abaladas após a Guerra do Yom Kipur. Finalmente, após seu envolvimento na década de 60 com a campanha para a libertação dos judeus soviéticos, Shamir ordenou, em 1991, a “Operação Salomão” onde se deu o

²⁷⁰ ROTH, Philip. *Operação Shylock, Uma Confissão*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

resgate aéreo dos judeus etíopes. Representou também Israel na Conferência Internacional de Paz em Madrid em 1991²⁷¹.

Nas eleições de 1992, foi sucedido por Yitzhak Rabin do Partido Trabalhista que já havia sido ministro da defesa no governo de União Nacional de setembro de 1984 a março de 1990. Nesse período, em vista do recrudesimento dos conflitos com os palestinos e, em especial, em 1988, com o surgimento da primeira Intifada, Rabin teria ordenado “quebrar os ossos” dos palestinos a fim de conter o levante. Posteriormente voltou atrás nessa posição e dedicou-se a formalizar um acordo de paz com Yasser Arafat. Foi assassinado em 4 de novembro de 1995 por um jovem judeu ultraortodoxo durante uma manifestação pública pela paz²⁷².

Fugiria muito dos objetivos desse trabalho uma análise aprofundada do contexto político israelense e das dificuldades de governabilidade do país. Mas, tendo em vista o foco do capítulo - a presença do duplo, aquele que personifica tudo aquilo que é inadmissível em nós mesmos - é possível fazer uma primeira aproximação ao tema. Dois políticos conservadores, Menachem Begin e Yitzhak Shamir, que tiveram suas trajetórias marcadas por atos extremos em defesa de uma concepção muito particular de Estado Judeu, que em nada simpatizavam com a “causa palestina”, fizeram movimentos direcionados ao mundo árabe; ao passo que um outro político, mais à esquerda, com uma outra formação ideológica foi capaz, mesmo que informalmente, de autorizar algo que é de difícil visualização: quebrar literalmente os ossos de uma pessoa. Portanto, estamos diante de duplicidades, presentes no interior de cada ser humano, de cada político, de esquerda ou de direita ou mesmo no interior de uma sociedade.

Acrescentando mais alguns dados, Marta Francisca Topel analisa em sua tese de doutorado²⁷³ a profunda fratura que ocorreu na sociedade israelense no final dos anos 80 ocasionada, entre outros fatores, pela primeira Intifada palestina. A autora relata que “pela primeira vez na história” os israelenses entraram em contato com uma realidade que abalava sua lealdade a uma instituição que até aquele

²⁷¹ Fonte: <<http://www.pmo.gov.il/pmoeng/history/formerprimeminister/yitzhakshamir> > Data da consulta: 20/09/2008.

²⁷² Fontes: <<http://www.pmo.gov.il/pmoeng/history/formerprimeminister/yitzhakrabin.htm> > Data da consulta: 20/09/2008; *Yitzhak Rabin, O Soldado da Paz/Equipe da Revista The Jerusalem Report*. Trad. Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

²⁷³ Topel, M.F. *Uma Tradição Milenar, Uma Ciência Moderna: A Antropologia Israelense, Autores e Leitores*. 1996, 370 f. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas.

momento era um símbolo de integração nacional: o Exército Israelense. Soldados israelenses entrando nos territórios ocupados, assumindo uma função policial, confrontando-se com a população civil e fugindo dela tiveram como efeito uma reavaliação da sociedade sobre si mesma. Inicialmente o partido governista Likud tentou minimizar o problema, mas a sociedade israelense acabou dividida em duas partes “irreconciliáveis”: uma parte da população defendendo e exigindo uma ação mais dura contra os palestinos e a outra, cogitando “seriamente” a divisão do território israelense em dois, embora não se discutisse explicitamente a criação do estado palestino²⁷⁴.

Interessa salientar, nesse momento, o surgimento de um grupo de pessoas: os “sarban stachim” - aqueles que se recusavam a servir como reservistas nos territórios ocupados. Eles foram duramente criticados pela maioria da sociedade israelense. Entretanto, esse fato não pode ser visto, segundo a autora, como um apoio à política governamental nos territórios ocupados, mas sim como resultado do medo de ruptura dentro da comunidade judaica israelense. Esses soldados não se recusavam a cumprir seu dever como cidadãos - o dever de servir o exército. Solicitavam ser enviados para outras frentes, o que acabou sendo acatado em função do número relativamente alto de soldados nessa condição.

A divisão na sociedade israelense foi consequência de uma fratura moral e se refletiu na recusa de soldados a servirem nos territórios ocupados. A conquista desses territórios, em especial de Jerusalém e seus lugares sagrados, foi motivo de júbilo para o povo judeu. Entretanto, a cronificação do exercício de poder sobre outro povo acabou por erodir um dos mais arraigados símbolos dessa sociedade.

No capítulo anterior, salientei a entrevista dada pelo escritor israelense Haim Beer a Guila Flint e Bila Grin Sorj²⁷⁵. Retomo aqui essa entrevista para destacar mais um elemento importante. Haim Beer enfatiza a análise que Yeshayahu Leibowitz fez sobre as consequências da cronificação da presença israelense em Gaza e na Cisjordânia. Lembra que para esse pensador judeu a ocupação corromperia a sociedade israelense. Esse processo destrutivo faria com que essa

²⁷⁴ TOPEL, op. cit., p.226.

²⁷⁵ FLINT, G.; SORJ, B. G. “O Fundamentalismo ultraortodoxo e o Fundamentalismo Nacionalista – Entrevista com Haim Beer”. In: *Israel: Terra em Transe – Democracia ou Teocracia?* Trad. Yara Nagelschmidt. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 311-344.

sociedade se tornasse “opressora e cheia de agentes secretos”²⁷⁶. O escritor israelense exemplifica esse fenômeno visualmente: na década de sessenta o serviço de segurança tinha sua sede em Yafo num prédio de dois andares. Agora (década de 90) são dois prédios em Tel Aviv, de cinco e de oito andares, enormes. Em Jerusalém da mesma forma, a sede pequena agora é um conglomerado²⁷⁷.

Além disso Haim Beer acredita que, desafortunadamente, os israelenses não foram capazes de utilizar o choque causado pela Guerra dos Seis Dias para estabelecer um acordo razoável com os árabes. Agora o que predomina é o sonho messiânico do “Grande Israel” e acrescenta mais um elemento complicador: todos nós temos versões sobre fatos que ocorreram. Muitas vezes essas versões são antagônicas e levam a situações insolúveis. Ele se refere aos judeus que, determinados a evitar que novos pogroms e o Holocausto se repitam, definem sua vida a partir da batalha contra os árabes. Eles são vistos como os substitutos dos nazistas e a sobrevivência do povo judeu dependeria da vitória contra o novo inimigo.

Fala também sobre os árabes e sua versão. Quando estive nos Estados Unidos, comprou um álbum intitulado *Antes da Diáspora* - um álbum palestino sobre a Terra de Israel antes de os palestinos terem sido exilados. Não quer discutir essa versão. Não acredita nela mas não é isso o que lhe importa - saber qual das duas versões é verdadeira. Quer, por outro lado saber se há algum meio termo possível que interrompa o ciclo vicioso de retaliações. Acreditou que esse meio termo seria atingido com os acordos de Oslo. Assim, uma verdadeira reconciliação ocorreria, com ambos os lados cedendo em suas posições. Mas, o assassinato de Rabin e a eleição de Benjamin Netanyahu fizeram o processo voltar à estaca zero. Conclui sua análise com uma frase que parece um paradoxo, mas que na intrincada correlação de forças presente naquele país pode fazer sentido:

O desastre da eleição de Netanyahu destruiu todas as esperanças e nem sei se vamos poder recuperá-la, a não ser que ocorra uma guerra terrível. Só poderá haver reconciliação se houver outra guerra.²⁷⁸

²⁷⁶ Ibidem, pp. 330-331.

²⁷⁷ Ibidem, p. 331. Veremos mais adiante que todas essas modificações na sociedade israelense estão registradas em *Operação Shylock*, inclusive a onipresença do serviço secreto de Israel.

²⁷⁸ FLINT & SORJ, op. cit., p.335.

A entrevista realizada por Guila Flint e Bila Grin Sorj com Haim Beer ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 1999. Nos dez anos que separam essa entrevista da tese em pauta, é possível elencar fatos que só corroboram a hipótese do autor. Presenciamos a segunda Intifada palestina iniciada no ano 2000. Nela não se vêem jovens atirando pedras em soldados, mas transformados em homens-bomba, atacando supermercados e pizzarias com a promessa de atingirem o paraíso e vingarem o povo palestino “oprimido”. Um muro é construído separando os territórios ocupados de Israel. Seu objetivo é impedir os atentados terroristas com homens-bomba, mas há um problema com a delimitação das fronteiras. Trechos do muro invadem territórios palestinos o que fez tribunais israelenses determinarem a demolição desses trechos²⁷⁹. Com a maior dificuldade na realização de atentados terroristas, uma outra modalidade de ataque a Israel é perpetrada: o lançamento de foguetes pelo grupo Hamas a partir de prédios residenciais. Esse ciclo ininterrupto de violência atingiu seu ponto máximo com a ação militar israelense na Faixa de Gaza, em fins de 2008, visando acabar com esses ataques. Após o cessar-fogo unilateral de Israel e a posse do novo presidente americano, algumas tentativas estão em andamento para um cessar-fogo definitivo.

Finalmente, Benjamin Netanyahu, do partido Likud, é indicado por Shimon Peres para formar um gabinete ministerial após a eleição, em fevereiro de 2009. Num pleito muito disputado, o fiel da balança foi Avigdor Lieberman do partido ultradireitista Israel Beiteinu²⁸⁰.

Novas vozes se fazem ouvir na sociedade israelense sendo que de 1988, ano em que se passa a narrativa de Philip Roth, até os dias atuais, percebe-se uma progressiva deterioração das relações humanas. Essa deterioração pode ser sintetizada em duas declarações que formaram à base de um pequeno e

²⁷⁹ GRADSTEIN, Linda. “Muro estimula migração palestina”. In: *O Estado de São Paulo*, 14 dez 2008. Internacional, A17.

²⁸⁰ Até as recentes eleições, o fiel da balança tem sido os partidos religiosos como o SHAS, com concepções rígidas sobre judaísmo, conversões e educação judaicas. Lieberman não se encaixa nesse padrão. É declaradamente secular, mas radical em seu discurso antiárabe, preconiza um país menor, com concessões territoriais para os palestinos. Abriria mão de áreas densamente povoadas por palestinos na Cisjordânia e remodelaria as fronteiras de tal forma que cidadãos palestinos de Israel viveriam nas mesmas casas, mas sob jurisdição de outro país. Preconiza também um juramento de fidelidade ao país para concessão de cidadania e o fim do monopólio dos rabinos ortodoxos sobre o casamento no país. Fonte: “Chanceler de Bibi ataca plano de paz”. In: *O Estado de São Paulo*, 2 abril 2009. Internacional, A18.

contundente artigo escrito por Amós Oz em fevereiro de 2009²⁸¹. Amós Oz cita Ehud Olmert, então premiê israelense, que declarou: Israel dará uma resposta “desproporcional” a qualquer novo ataque do Hamas contra seus civis. O escritor e pacifista israelense afirma que uma resposta desproporcional é imoral assim como uma punição desproporcional é imoral. Afirma também que operações militares desproporcionais nada mais são que vingança e “vingança nada mais é do que a satisfação de instintos primitivos básicos.”²⁸²

Amós Oz também cita o líder do Hamas na Síria, Khaled Meshal que disse, para nossa estupefação: “A atual geração de palestinos pode ser sacrificada”²⁸³; ou seja, conclui Amós Oz, se o exército de Israel matar mais civis palestinos, o fato não causará nenhum impacto em seus líderes pois eles não se importam com essas mortes. Estão interessados apenas em mártires para sua causa.

Para romper esse círculo vicioso o escritor aponta duas saídas: Israel acertar seu alvo - afinal é preciso combater criminosos que não valorizam a vida humana - e um acordo de paz que interrompa esse derramamento de sangue, abrindo as portas para uma nova forma de contato entre esses dois povos tão sofridos.

²⁸¹ OZ, Amós. “É hora de romper o círculo vicioso”. In: *O Estado de São Paulo*, 10 de fevereiro de 2009. Internacional, A12.

²⁸² Ibidem, A12.

²⁸³ Ibidem, A12.

2. O Surgimento do Duplo

A aproximação em relação à realidade judaica e israelense feita em *Operação Shylock* se dá a partir de um recurso literário clássico: o duplo, esse outro eu que surge dizendo ou fazendo tudo aquilo que seria inadmissível para nós mesmos. Assim, logo no início da narrativa, somos confrontados com as seguintes situações: O narrador, Philip Roth, está se recuperando de uma crise psiquiátrica de despersonalização. Após uma cirurgia malsucedida de joelho, como as dores articulares persistissem gerando uma grande depressão e nada mais podendo ser feito cirurgicamente, o médico cirurgião prescreve o medicamento Halcion, um ansiolítico muito utilizado na época (década de oitenta). Não somente o humor do paciente não melhora como ele passa a não se reconhecer mais no próprio corpo; chora frequentemente e teme cometer suicídio. O medicamento já havia sido proibido na Europa, pois comprovou-se que esse delírio de auto não-reconhecimento estava a ele relacionado, mas ainda era prescrito nos Estados Unidos. Retirou-se a medicação e Philip Roth inicia sua recuperação mental. Esse fato realmente ocorreu e é relatado no livro autobiográfico de Philip Roth, *The Facts*²⁸⁴, mas surpreendentemente ele é relatado para um personagem, Nathan Zuckerman.

*Operação Shylock*²⁸⁵ também mescla personagens reais com imaginários. Essa mistura, que na vida real seria classificada como loucura, adquiriu ficcionalmente uma dimensão enriquecedora, permitindo uma percepção mais aprofundada da condição judaica. O narrador viaja para Jerusalém para se encontrar com seu amigo escritor Aharon Appelfeld. Philip Roth acreditava que esse encontro afetivo e intelectualmente estimulante colocaria definitivamente para trás as recordações tão aflitivas do período anterior.

O encontro de fato ocorreu, está registrado no livro *Shop Talk*²⁸⁶, e é interessante observar que Philip Roth reproduz na íntegra um importante trecho da conversa num dos capítulos de *Operação Shylock*. Dessa forma, ficcionaliza Aharon

²⁸⁴ ROTH, Philip. *The Facts, a Novelist's Autobiography*. New York: Vintage Books, 1997, p. 5.

²⁸⁵ ROTH, Philip. *Operação Shylock, Uma Confissão*. Trad. Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²⁸⁶ ROTH, Philip. "Conversation in Jerusalém with Aharon Appelfeld". In: *Shop Talk, a Writer and his Colleagues and Their Work*. New York: Vintage International, 2002, pp. 18-39.

Appelfeld e sua fala num contexto em que mais duas situações são adicionadas: o narrador vê seu duplo no tribunal onde está sendo julgado o suposto carrasco nazista Ivã, o Terrível, e fala com “o outro” Philip Roth pela primeira vez à saída do tribunal.

Com relação ao carrasco nazista, acusado de torturar prisioneiros judeus já a caminho das câmaras de gás, é preciso dizer que foi inocentado ao final por haver uma “dúvida razoável” com relação à sua identidade. O senhor que se apresentava ao tribunal não se reconhecia nas descrições terríveis das testemunhas e os documentos apresentados não foram conclusivos. Assim, no prefácio de *Operação Shylock* somos informados de que o julgamento, que se estendeu de 1988 a 1993, terminou com a revogação pela suprema corte israelense de uma condenação anterior, por insuficiência de provas.

A presença desses dois polos opostos reais - um suposto carrasco cuja identidade não se consegue provar e uma de suas possíveis vítimas, Aharon Appelfeld, intermediados por um duplo fictício preconizando a volta dos judeus ashkenazitas de Israel para a Europa, exatamente para os países onde foram massacrados, cria um contexto absurdo, irônico. É exatamente pela presença desse absurdo que outros personagens poderão ser introduzidos, suas vozes ouvidas e até compreendidas a partir de um novo ponto de vista.

Até uma voz shakespeareana se faz ouvir pelo título do livro: *Operação Shylock* evoca o odioso personagem judeu criado pelo autor inglês em *O Mercador de Veneza*. O trecho é conhecido: Antônio, o mercador de Veneza, pede um empréstimo a Shylock de três mil ducados para ajudar seu amigo Bassânio que pretende se casar com Pórcia, bela e rica herdeira. Shylock vê nesse pedido uma oportunidade para se vingar de Antônio que sempre o desconsiderou por emprestar dinheiro a juros, menosprezando essa atividade como tipicamente “judaica”. Estabelece então que, em caso de não pagamento, a dívida seria cobrada em libras de carne do próprio Antônio. Após muitas reviravoltas, tudo termina bem para Antônio, Bassânio, Pórcia e outros personagens, menos para Shylock. Ele foi surpreendido por uma cláusula da lei: poderia reivindicar sua cobrança em libras de carne de Antônio desde que nenhuma gota de “sangue cristão” fosse derramada.

Várias leituras podem ser feitas da obra shakespeareana, mas aqui destacarei elementos que vão ao encontro do que penso ser a percepção de Philip Roth sobre a peça. Um desses elementos está relacionado à fala de Shylock, quando acaba de saber que Antônio teve perdas no mar e não poderá pagar a dívida. É questionado por Salarino se cobraria a dívida: afinal, para que lhe serviria a carne? Shylock responde:

Para cevar os peixes. Se para mais nada servir, alimentará minha vingança. Ele me cobriu de opróbrio, impediu-me de ganhar meio milhão; riu-se de minhas perdas, ridicularizou meus lucros, menosprezou minha nação. (...) e que razão tem para fazer tudo isso? Sou um “judeu”.²⁸⁷

Shylock desabafa dizendo-se tão humano como qualquer cristão: afinal ele judeu não tem olhos, sentidos, paixões? Não se alimenta, fere-se e é acometido pelas mesmas doenças dos cristãos e, finalmente: “se nos picais, não sangramos?”²⁸⁸. Shylock reivindica ser visto como um homem e não como um estereótipo. Um homem possui um corpo com sangue; possui também uma alma que, ao ser ultrajada, pede vingança:

E se vós ultrajais, não nos vingamos? Se somos como vós quanto ao resto, somos semelhantes a vós também nisto. Quando um cristão é ultrajado por um judeu, onde coloca ele a humildade? Na vingança. Quando um judeu é ultrajado por um cristão, de acordo com o exemplo cristão, onde deve ele por a paciência? Ora essa, na vingança!²⁸⁹

Tenho ressaltado ao longo deste trabalho que Philip Roth retrata os judeus como seres humanos não-idealizados nem estereotipados, sujeitos às mais variadas

²⁸⁷ SHAKESPEARE, W. *O Mercador de Veneza*. Trad. F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 63.

No original: “To bait fish withal; If it will feed nothing else, it will feed my revenge. He hath disgraced me and hindered me half a million. Laughed at my losses, mocked at my gains, scorned my nation, (...) and what’s his reason? I am a Jew.” SHAKESPEARE, William. *The Merchant of Venice*. New York: Washington Square Press, 1992, p. 99.

²⁸⁸ SHAKESPEARE, op. cit., p. 63.

No original: If you prick us, do we not bleed? SHAKESPEARE, op. cit., p. 99.

²⁸⁹ SHAKESPEARE, op. cit., p. 63.

No original: “And if you wrong us, shall we not revenge? If we are like you in the rest, we will resemble you in that. If a Jew wrong a Christian, what is his humility? Revenge. If a Christian wrong a Jew, what should his sufferance be by Christian example? Why, revenge?” SHAKESPEARE, op. cit., p. 99.

paixões e sentimentos. Penso, portanto, que essa fala de Shylock diz respeito a essa humanidade negada aos judeus para quem é reservado apenas um papel: o de usurário vingativo. Nessa linha de pensamento estereotipada ele quer vingança não por ser um homem como qualquer outro, mas por ser judeu, único portador do sentimento de vingança. Aliviaria assim, o mundo cristão, da carga de ter que pensar sobre os seus próprios sentimentos de vingança.

Além da vingança, um outro sentimento é muito ressaltado na peça: a misericórdia. Antônio, ao saber que não poderá pagar sua dívida, vê seus amigos tentando demover Shylock de sua posição irredutível. Acaba por suplicar-lhes que não continuem, pois estão diante de um “coração judeu”, constituído de crueldade pela própria natureza (em contraste com a bondade natural do coração cristão). Mas Shylock, que não está preso a um estereótipo, retruca pois vê crueldade e falta de misericórdia também no mundo cristão:

(...) tendes entre vós numerosos escravos que comprastes e que empregais, como se fossem burros, vossos cães e vossas mulas, em trabalhos abjetos e servis, porque vós os comprastes. Posso dizer-vos: “dai-lhes liberdade, casai-os com vossas herdeiras!” (...) “Por que não lhes servis os mesmos alimentos que os vossos”? Vós me respondereis: “os escravos me pertencem.”²⁹⁰

Shylock conclui que a libra de carne de Antônio também lhe pertence e ele a reivindica, assim como os cristãos reivindicam seus escravos.

Ao colocar em Shylock falas que apontam para o seu lado humano, sujeito aos mesmos sentimentos que acometem os cristãos, o texto shakespereano acaba por permitir várias leituras, inclusive a antissemita. Entretanto, consta que Shakespeare não conheceu nenhum judeu - eles já haviam sido expulsos da Inglaterra três séculos antes. Como teria ele chegado então a esse sentimento antijudaico? Provavelmente através do preconceito cristão, cultivado através dos

²⁹⁰ SHAKESPEARE, op. cit., p. 88.

No original: “(...) You have among you many a purchased slave, which, like your asses and your dogs and mules, you use in abject and in slavish parts because you bought them. Shall I say to you ‘Let them free! Marry them to your heirs!’ (...) ‘be seasoned with such viands’. You will answer: ‘the slaves are ours!’” SHAKESPEARE, op. cit., p.147.

séculos e, de acordo com Erich Auerbach em sua obra *Figura*,²⁹¹ a partir da releitura feita por Paulo do Antigo Testamento.

Em seu estudo Auerbach assinala os diversos significados que o termo “figura” apresenta para diferentes autores. Para minha análise é importante ressaltar a concepção de Tertuliano sobre o termo: para ele figura indica “a representação concreta de algo que vai se realizar no futuro”²⁹². Tertuliano ressaltava o aspecto real e histórico, além de profético, nessa representação. Paulo, em seu trabalho de doutrinação cristã, interpreta a Bíblia Hebraica a partir dessa concepção de Tertuliano. Para Auerbach, Paulo efetuou uma interpretação figural da Bíblia Hebraica, tornando-a aceitável para povos tão distintos como os celtas ou os germânicos. A interpretação figural consiste em estabelecer uma conexão entre dois acontecimentos ou duas pessoas. Assim:

O primeiro (acontecimento) significa não apenas a si mesmo, mas também ao segundo, enquanto o segundo abrange ou preenche o primeiro. Os dois polos da figura estão separados no tempo, mas ambos, sendo acontecimentos ou figuras reais, estão dentro do tempo, dentro da corrente da vida histórica.²⁹³

No que diz respeito aos judeus, tratou-se de descrevê-los como “figuras de nós mesmos”; as leis da dieta judaica e os dias sagrados judaicos são descritos como a “sombra das coisas futuras, já que o corpo é Cristo”²⁹⁴. Mais ainda, parecia natural nessa expansão da doutrina cristã a procura de prefigurações e confirmações de Jesus na Bíblia Hebraica. Assim, havia uma noção corrente de que “o Messias seria o segundo Moisés, de que sua redenção deveria ser um segundo êxodo do Egito, no qual os milagres do primeiro seriam repetidos”²⁹⁵. Para Auerbach, a interpretação figural da Bíblia Hebraica está relacionada a uma hostilidade contra os judeus; daí a necessidade de descaracterizá-la, apresentando-a como a sombra do que virá. A obediência às leis judaicas é vista como inútil e até perniciosa tendo em vista o sacrifício de Cristo. Assim, a Bíblia Hebraica é interpretada como a “letra

²⁹¹ AUERBACH, Erich. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1994.

²⁹² Ibidem, p. 7.

²⁹³ Ibidem, p. 46.

²⁹⁴ Ibidem, p. 43.

²⁹⁵ Ibidem, p. 43.

que mata”²⁹⁶ ao passo que o Novo Testamento representaria uma nova aliança com a vida.

Evidentemente a imagem do judeu como imperfeito, a sombra de nós mesmos, a ser convertido para a nova doutrina com vistas à sua elevação espiritual, também está sendo construída. Ela é a base do preconceito cristão com o qual Shakespeare entrou em contato, mesmo sem ter conhecido nenhum judeu. Importa aqui salientar o poder dessas imagens, transmitidas intergeracionalmente e que acabam por desencadear reações violentas contra seres humanos transformados agora em representações mentais.

Em seu livro *História do Medo no Ocidente*²⁹⁷, Jean Delumeau apresenta um exemplo marcante de transmissão intergeracional do preconceito. Em 1523, Martinho Lutero publica seu tratado *Jesus Cristo nasceu judeu*. No começo de sua carreira como reformador, Lutero acalentava a esperança de converter os judeus à sua doutrina cristã. Está repleto de amabilidades em relação a eles e culpabiliza o papismo e seus escândalos pelo afastamento dos possíveis fiéis. Ao confinar os judeus à usura, a Igreja, segundo Lutero, impedia que esse povo trabalhasse em conjunto com o cristianismo. Assim, Lutero inicia uma intensa campanha para a conversão dos judeus. Mas, os judeus não querem se converter e mesmo alguns convertidos insistem em fazer-se circuncidar e comemorar o sabá²⁹⁸.

Tomado então por uma grande fúria, Lutero publica em 1543, um panfleto de duzentas páginas intitulado *Contra os judeus e suas mentiras*, seguido de outro ainda mais violento, *Shem Hamephoras*,²⁹⁹ onde a linguagem é obscena e histérica. Lutero ressalta nessas obras o papel de usurários dos judeus, mas o principal rancor é religioso: “Eis mil e quinhentos anos que estão exilados e perseguidos; entretanto recusam-se a fazer penitência.”³⁰⁰ Há trechos em que a violência atinge graus extremos, com Lutero preconizando o desaparecimento dessa “doutrina de blasfêmia” através da destruição de todas as sinagogas e a proibição de todos os

²⁹⁶ Ibidem, p. 44.

²⁹⁷ DELUMEAU, Jean. *A História do Medo no Ocidente*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

²⁹⁸ Ibidem, p. 432.

²⁹⁹ É preciso dizer que Shem Hamephoras é o “nome às claras” de Deus (o tetragrama consonântico IHWH munido de duas vogais) que os fiéis estão proibidos de pronunciar.

³⁰⁰ DELUMEAU, op. cit., p. 433.

cultos judaicos³⁰¹. Essas obras foram rejeitadas pelos reformadores suíços por sua agressividade e nos séculos XVII e XVIII os judeus encontraram nos países protestantes alguma tolerância. Coube a Hitler recolocá-las em circulação, com milhões de exemplares. Elas forneceram argumentos e programas de ação para os nazistas.

Assim, percebe-se que o preconceito é construído a partir de vários elementos: a interpretação figural de acordo com Auerbach; ou a luta pelo poder como no caso de Lutero e seu imenso rancor contra aqueles que não se adaptavam a seus objetivos. Circunstâncias históricas acabam por exacerbá-lo, daí o reaproveitamento pelo nazismo das obras virulentas de Lutero.

Retornando ao *Mercador de Veneza*, acredita-se que essa obra foi escrita em 1594, mas alguns estudiosos estão mais propensos a acreditar que tenha sido escrita dois anos depois³⁰². A pregação antissemita de Lutero data de 1543 e medidas de segregação dos judeus vêm sendo tomadas, como identificá-los por vestes específicas ou isolá-los em determinados bairros. Em Veneza surge o termo “ghetto”, em 1516, para designar o recém-instalado bairro israelita, com fisionomia de prisão³⁰³. Assim, Jean Delumeau afirma que o Shylock de Shakespeare só se tornou verossímil devido às injúrias que por séculos vinham sendo feitas aos judeus e acarretaram em sua progressiva segregação³⁰⁴.

Shakespeare captou todos esses elementos constitutivos da figura estereotipada do judeu; criou a partir deles um personagem que reivindica ser tratado como humano sujeito aos mesmos sentimentos e paixões dos cristãos. Penso ser essa a leitura feita por Philip Roth da peça shakespeareana, uma vez que ela vem ao encontro de uma das temáticas centrais de sua obra ficcional: a não-idealização positiva ou negativa de seus personagens. Eles são retratados como seres de carne e osso, de acordo com a reivindicação de Shylock.

³⁰¹ Ibidem, p. 433.

³⁰² SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*. Trad. F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.13.

³⁰³ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 2009, p. 446.

³⁰⁴ Ibidem, p. 423.

3. Incontrolabilidade das Coisas Reais

3a. Personagens num hotel

No capítulo intitulado “A Incontrolabilidade das Coisas Reais”³⁰⁵, o narrador Philip Roth acaba de chegar, ileso, ao hotel no bairro árabe de Jerusalém onde está hospedado. Encontra lá seu duplo que agora defende um plano para fazer Demjanjuk confessar que é o carrasco nazista Ivã, o terrível. Quer sequestrar o filho de Demjanjuk, enviando ao pai partes do corpo do filho até que finalmente ocorra a confissão. O “real” Philip Roth está mortificado, pois ele mesmo havia pensado nesse plano, mas não teria coragem de realizá-lo. Entretanto, o “falso” Philip Roth está empenhado em sua realização e quer o apoio de rabino Meir Kahane e seus seguidores ultraortodoxos.

O “real” Philip Roth chega ileso ao hotel o que é um grande acontecimento. Isso porque ele próprio acaba de viver uma situação extremamente perigosa: estava em Ramalah com seu amigo palestino George Ziad que o levava a assistir a um julgamento de jovens palestinos. Eles haviam jogado coquetéis molotov em soldados israelenses e Ziad queria que Philip Roth presenciasse a parcialidade dos tribunais israelenses. Ao lado disso, mostrou a Philip Roth um muro em Ramalah ensanguentado, prova da truculência dos soldados israelenses no combate à Intifada.

Na volta de Ramalah, Philip Roth que foi colocado por Ziad num táxi conhecido, vive uma situação inusitada: o motorista árabe havia comido algo que lhe fez mal e teve que parar várias vezes na estrada para evacuar e vomitar. Já era noite e numa dessas paradas, uma patrulha israelense abordou-os truculentamente. A situação só não se transformou em algo mais grave porque um dos soldados, o tenente Gal Metzler, reconheceu Philip Roth, dizendo-lhe que, por coincidência, acabara de ler naquela tarde um de seus livros. Os dois estabeleceram uma conversa afetuosa em que o soldado se diz farto do exército. Acredita que deva defender seu país, mas angustia-se diante de mulheres e crianças palestinas que o

³⁰⁵ ROTH, Philip. “A Incontrolabilidade das Coisas Reais”. In: *Operação Shylock*. Trad. Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 215-252.

vêm como o carrasco que as separa de irmãos e filhos, “um monstro israelense de óculos escuros e coturnos”. O pai do soldado é sobrevivente do Holocausto; durante toda sua vida o tenente Gal fez tudo para que seu pai dele se orgulhasse. Assim, tornou-se oficial, mas envergonha-se por não suportar as pressões do exército. Philip Roth, diante desse soldado israelense em crise, armado com revólver, musculoso, com barba por fazer e prestes a desmoronar psiquicamente acaba por se colocar numa situação inusitada: assume a identidade de seu duplo discursando enfaticamente sobre o diásporismo como solução para “problema judaico”.

Elaine Safer, em sua análise sobre *Operação Shylock*³⁰⁶, sublinha o fato de que o romance constrói e desconstrói premissas ininterruptamente. Efetivamente observa-se nesses dois extratos iniciais como o romance é hábil em confrontar o leitor com situações para as quais teríamos respostas fáceis e rápidas; entretanto, pela desconstrução de premissas, passa-se a duvidar das respostas e um novo olhar pode ser lançado.

Assim, não deixa de ser cômico imaginar um grupo de rabinos ortodoxos sequestrando Demjanjuk Jr., cortando pedaços do corpo do rapaz (dedos) e enviando-os ao “suposto” carrasco nazista até que ele confesse sua identidade; ou um tenente israelense de noventa quilos chorando porque não consegue corresponder às expectativas do pai. Há uma comicidade, mas é uma comicidade ácida. Entendemos que estamos diante de situações complexas, carregadas de intenso sofrimento e é esse sofrimento que o narrador capta na situação sem saída apresentada pelo tenente Gal. O narrador reage a essa angústia apresentando a saída absurda de seu duplo para o “problema judeu”: a volta para a Europa onde os judeus seriam recebidos de braços abertos por Ceausecu ou Lech Walesa. Rimos novamente, mas é um riso ácido. Elaine Safer afirma então: “os leitores divertem-se com o absurdo dessa proclamação, mas então, a frase nazista “solução para o problema judeu” transforma o humor numa seriedade mortal.”³⁰⁷

A autora aponta também que o romance apresenta personagens divergentes colocados lado a lado; esse conjunto cria a sensação de uma não-realidade, algo no

³⁰⁶ SAFER, Elaine, B: “The Double, The Comic and The Quest for Identity”. In: *Mocking the Age, The Later Novels of Philip Roth*. New York: State University of New York Press, 2003, pp. 17-38.

³⁰⁷ Ibidem, p.39.

No original: “Readers are amused at the absurdity of such a proclamation, but then the Nazi phrase “solution to the Jewish problem” turns the humor to deadly seriousness.”

limite entre ficção e realidade³⁰⁸. Isso porque os personagens representam vozes da sociedade israelense real (alguns, como Aharon Appelfeld, são ficcionalizados), mas são colocados na trama a partir da perspectiva do narrador recém-saído de uma crise psiquiátrica. Assim, o próprio narrador duvida de si mesmo, de suas percepções ao mesmo tempo em que faz observações lúcidas a respeito de uma realidade, ela mesma enlouquecida.

Retornando à narrativa, Philip Roth, num outro momento, está pensando em seu duplo e classifica a plataforma política do “falso” Philip Roth de pós-sionista. O narrador então se apropria de um termo sociológico dando-lhe uma conotação inusitada. Sabemos que o movimento pós-sionista em Israel surgiu em meados da década de oitenta a partir da abertura de arquivos históricos após cinquenta anos, da fundação do Estado como estabelecia a lei. A partir daí, historiadores, sociólogos e antropólogos passaram a revisitar a história oficial de Israel, tendo em mãos outros elementos. Mitos nacionais foram questionados; as relações entre os judeus em Israel (com suas diferentes origens) e as relações com o mundo árabe foram redimensionadas. De qualquer forma, o pós-sionismo real parte da existência de um Estado, da existência de judeus nele e de qual o seu futuro. O duplo de Philip Roth ironicamente radicaliza essa discussão apregoando que não há futuro para os judeus em Israel, especialmente os ashkenazitas que teriam diferenças culturais intransponíveis com o mundo árabe. O futuro seria um segundo Holocausto judeu, provocado, agora, por uma guerra nuclear. É preciso, portanto, evitá-lo e o retorno à diáspora é a solução.

Assim, o narrador está imerso nesses pensamentos ao mesmo tempo em que recorda seu colapso mental provocado, ao que tudo indica, por uma medicação psicotrópica. Lembra raivosamente que deu a seu duplo o nome pejorativo de “Moishe Pipik” que em ídiche significa “Moisés Umbigo”. Isso quer dizer que seu duplo só pensa em si mesmo, não enxergando nada além de seu umbigo.

Nesse ponto, ocorre um longo desfile de personagens que começa pela amante de “Moishe Pipik”. Ela quer falar com Philip Roth. Para se identificar, passa por debaixo da porta de seu quarto a estrela de Davi de pano, amarela, com a qual Lech Walesa presenteou “Moishe Pipik”, quando de sua recente visita à Polônia. A

³⁰⁸ Ibidem, p. 40.

estrela de Davi de pano amarela, que os judeus eram obrigados a usar, foi dada a “Moishe Pipik” como símbolo da reaproximação da Polônia em relação aos “seus” judeus e para marcar o início de negociações para esse retorno à diáspora.

Em seguida, vemos o narrador no saguão do King David Hotel, onde “Pipik” está hospedado. Nesse saguão Philip Roth entrará em contato com outros personagens. Mas é preciso dizer que após o encontro com a amante de “Pipik”, Philip Roth arrumou suas malas e já estava de partida de Israel. Foi demovido dessa ideia pela lembrança de uma charge antissemita publicada num jornal de Beirute, durante a guerra do Líbano. Nela, um judeu narigudo estava em pé, no alto de uma montanha de cadáveres, encolhendo os ombros, desresponsabilizando-se por aquela matança. A charge pretendia retratar Menachem Begin, mas retornava à imagem antissemita clássica do judeu narigudo, com perfil diabólico, conspirando contra a humanidade. Assim, o narrador decide permanecer em Israel e se confrontar com seus personagens.

Elaine Safer cita o crítico D. M. Thomas que afirma: “O duplo de Roth permite que ele explore territórios que, mesmo para um escritor judeu de notável coragem e independência, devem ainda parecer interditados.”³⁰⁹ Um desses territórios é o antissemitismo e suas graves consequências. Pois não é em vão que o narrador decide ficar em Israel após lembrar-se dessa charge. Ela condensa de tal forma diferentes componentes da mesma situação, que se torna difícil pensar e encontrar alguma solução para o conflito.

O massacre de Sabra e Shatila era evidentemente a referência; mas, ao retratar o judeu narigudo como seu perpretador, saímos do terreno factual - o massacre foi perpetrado por seres humanos, libaneses, acobertados por soldados israelenses - e entramos no terreno dos estereótipos. Na vida real, encontramos soldados mais brutalizados ou menos brutalizados (como o tenente Gal). No terreno dos estereótipos, só encontramos o judeu narigudo, colonizador, conspirando contra a humanidade. O próximo passo aqui é a negação do Holocausto, como atesta uma fita cassete antissemita, deixada no quarto de Philip Roth. Mas, na vida real,

³⁰⁹ Ibidem, p. 45.

No original: “Roth’s double permits him to explore territory that, even for a Jewish writer of notable courage and independence, must still seem impermissible.”

encontramos seres humanos profundamente abalados pelas atrocidades cometidas naquele período.

Apter, um primo do narrador, é sobrevivente do Holocausto. Abusado sexualmente por oficiais nazistas, conseguiu manter-se vivo e chegar a Israel. Vive em Jerusalém, mas sofre com o terror de ser atacado a qualquer momento pelos “árabes”. Quando está em Israel, Philip Roth sempre encontra tempo para almoçar com ele. Nessa viagem, porém, quando quis marcar o almoço, descobriu que já havia estado com seu primo. Exatamente quando se encontrava com Aharon Appelfeld, seu duplo almoçava com Apter. Durante esse almoço “Moishe Pipik” prometeu a Apter levá-lo aos Estados Unidos. Instalaria o primo na edícula de sua casa onde não haveria mais razão para temer o ataque dos “árabes”. Assim, finalmente sua paz de espírito seria restaurada. Invaso pela raiva, Roth estabelece o seguinte diálogo com “Pipik”:

Você fez mesmo isso com ele? Provocou mesmo nesse ser banido, que mal consegue manter o equilíbrio, essa beatífica visão de um Jardim do Éden Americano onde ele estará a salvo do infortúnio e tumulto de seu passado? Me responda “Pipik” !

Ao que “Pipik” respondia:

Não pude resistir, não podia fazer outra coisa, tanto como diásporista quanto como ser humano. Toda palavra que ele dizia ressumava dos medos dele. Como podia eu negar aquilo por que ele ansiou a vida toda? Porque está tão indignado? Que fiz eu de tão terrível? Nada mais do que um judeu faria por um parente judeu assustado e em perigo.

Agora você é minha consciência também? eu gritava. Você, você vai me dar aulas em questões de decência, responsabilidade e obrigação ética?

Será que não há nada que você não polua com sua boca? (...) que prazer você sente em despertar falsas esperanças e semear toda essa confusão?³¹⁰

³¹⁰ ROTH, Philip. “A Incontrolabilidade das Coisas Reais”. In: *Operação Shylock*. Trad. Marcos Santarita, São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 237.

No original: “Did you really excite in this banished being who can barely maintain his equilibrium this beautiful vision of an American *Gan Eden* where he will be saved from the blight and din of his past? Answer me, Pipik. Whereupon Pipik replied: I couldn’t resist, I couldn’t do otherwise, neither as a Diasporist nor as a human being. Every word he spoke was filled with his fears. How could I deny him what he’s craved all his life? Why are you so outraged? What have I done that’s so awful? No more than any Jew would do for a frightened Jewish relative in trouble. And now you are my conscience, too? I cried. You, you are going to instruct me in matters of decency, responsibility, and ethical obligation? Is there nothing that you will not pollute with your mouth? I want a serious answer! Is there nothing that you will not befoul? Is there anyone you will not mislead? What joy do you take in raising false hopes and sowing all this confusion?” ROTH, Philip. *Operation Shylock*. New York: Vintage Books, 1993, p. 264.

Penso que nesse diálogo alguns elementos de difícil compreensão vêm à tona. Em primeiro lugar a questão da esperança. “Pipik” advoga a ideia de que prometeu a Apter algo por ele muito ansiado: um lugar onde poderia finalmente viver em paz. Philip Roth advoga a ideia de que esse lugar não existe e é desumano fazer alguém acreditar nessa ilusão. Ambos têm razão, ambos não têm razão, mas a questão de difícil abordagem é: o que fazer com nossos demônios internos especialmente quando eles, de alguma forma, foram corroborados por uma realidade externa cruel e devastadora? Em Israel essa pergunta pode ser feita para ambos os lados do conflito, pois Apter tem medo dos “árabes”, substitutos dos nazistas em sua mente aterrorizada e os “árabes” temem os “judeus narigudos”, postados sobre seus cadáveres.

É nesse contexto, que mais um personagem entra em cena no saguão do King David Hotel: George Ziad. O amigo palestino de Philip Roth está aflito. Pergunta sobre o ocorrido na noite anterior. Quer saber se a patrulha israelense maltratou Roth, se bateram nele. O leitor se surpreende, então, com a resposta ingênua do narrador: tudo estava bem, não tinha sido nada de mais. Bater nele? Não, imagine! Sabemos que poderia ter ocorrido algo pior, talvez o próprio narrador saiba e saiba também que foi salvo graças a uma coincidência: o tenente Gal reconheceu-o como o autor do livro que estava lendo. E se essa coincidência não tivesse ocorrido? E se o mal-entendido perdurasse? Segundo Ziad, o Estado Judeu é um estado militar opressivo e repressor. Philip Roth não vê dessa forma e não acredita em slogans. O fato é que um táxi parado na estrada de Ramalah para Jerusalém, dirigido por um árabe, num contexto tão explosivo, poderia levar a um desfecho terrível.

Finalmente, um último personagem: David Supposnik antiquário e negociante de livros antigos. George Ziad acreditava que ele era do serviço secreto israelense. Na verdade, David Supposnik tem uma proposta editorial para Philip Roth.

3b. Shylock entra em Cena (em condições muito específicas)

David Supposnik, antiquário e negociante de livros usados, também estava no saguão do King David Hotel. Interferira numa conversa de Philip Roth com jovens estudantes israelenses. Eles haviam lido para suas aulas de inglês dois de seus contos: “Eli, o Fanático” e “O Defensor da Fé”. Esses estudantes queriam convidar o autor para algumas palestras em seu colégio, onde debateriam sobre o tema da identidade judaica. Philip Roth precisava se desvencilhar deles para ir em busca de seu duplo. Supposnik, observando a impaciência do autor, falou-lhes energicamente para que o deixassem em paz. Aproveitou então, para se apresentar e dizer o que queria. O narrador conta que ouviu com interesse a descrição que Supposnik fez de si mesmo.

Quem sou eu? Sou uma das crianças, como seu amigo Appelfeld. (...) éramos cem mil crianças judias na Europa, vagando. Quem ia nos aceitar? Ninguém. Estados Unidos? Inglaterra? Ninguém. Após o Holocausto e o vagar, decidi me tornar judeu. Os que me faziam mal eram não-judeus, e os que me ajudavam eram judeus.³¹¹

Tornou-se um colecionador de livros em quatro línguas. Especializou-se em literatura inglesa. Seu interesse maior recaía sobre a obra de Shakespeare e, mais especificamente, sobre *O Mercador de Veneza*:

(...) Logo na primeira linha, a linha de abertura da terceira cena do primeiro ato, vi com um choque as três palavras com que Shylock se introduziu no palco mundial, há quase quatrocentos anos. É, há já quatrocentos anos o povo judeu vive à sombra desse Shylock.³¹²

³¹¹ ROTH, Philip. “A Incontrolabilidade das Coisas Reais”. In: *Operação Shylock*. Trad. Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.246.

No original: “Who I’am? I’am one of the children, like your friend Appelfeld - Supposnik told me. We were one hundred thousand Jewish children in Europe, wandering. Who would take us in? Nobody. America? England? No one. After the Holocaust and the wandering, I decided to become a Jew. The ones who harmed me were the non-Jews, and the ones who helped me were the Jews.” ROTH, Philip. *Operation Shylock*. New York: Vintage International, 1993, p. 274

³¹² ROTH, op. cit., p.246.

No original: “And in the very first line, the opening line of the third scene of the very first act, I came with a shock upon the three words with Shylock introduced himself onto the world stage nearly four

Para o livreiro, desde Shylock as três palavras que passaram a definir o judeu são três mil ducados. O interessante é que nesse momento Supposnik relaciona o conteúdo da peça de Shakespeare com a forma pela qual ela foi interpretada. Isso porque ele se lembra de Charles Macklin, o ator irlandês que por cinquenta anos, no século XVIII, esmerou-se em pronunciar essas três palavras com tal “untuosidade” que as plateias entravam numa espécie de delírio antissemita: “Quando o Sr. Macklin afiava a faca para cortar do peito de Antônio sua libra de carne, as pessoas desmaiavam - e isso no zênite da idade da razão. Admirável Macklin.”³¹³

Charles Macklin (1690-1797) construiu sua carreira teatral a partir da projeção que adquiriu com seu Shylock. Sabemos que não quis representá-lo de modo cômico, como era habitual. Para isso pesquisou o que seriam as características dos judeus italianos, já que na Inglaterra não havia mais judeus. Numa gravura de época é possível observar sua caracterização de Shylock: um pouco calvo, com nariz pronunciado, olhar malévolo, pés chatos e segurando uma balança, a própria encarnação do diabo. Compreende-se o porquê do delírio das plateias, já predispostas ao antissemitismo ao ver essa personificação malévola pronunciar “untuosamente” três mil ducados. Sua representação de Shylock permitiu que se transformasse de um obscuro ator irlandês, no mais famoso ator de seu tempo. Sabe-se que o rei George II, ao ver sua encenação, ficou tão emocionalmente perturbado que não pôde dormir aquela noite.

Além disso, mais um dado biográfico chama a atenção: Macklin matou acidentalmente um colega ator, puxando-o pela barba. Assim, as plateias tinham uma grande dificuldade em separar Macklin de seu personagem, muitas vezes acreditando que o próprio Macklin fosse a encarnação do diabo³¹⁴. Assim, pode-se pensar que uma personalidade mais violenta (sabe-se que na juventude Macklin fora boxeador) aliada à discriminação que sofria por ser irlandês, encontraram uma forma

hundred years ago. Yes, for four hundred years now, Jewish people have lived in the shadow of this Shylock.” ROTH, op. cit., p. 274.

³¹³ ROTH, op. cit., p. 247

No original: “When Mr. Macklin whetted his knife to carve from Antônio’s chest his pound of flesh, people in the pit fell unconscious – and this at the zenith of the age of reason. Admirable Macklin.” ROTH, op. cit., p. 275.

³¹⁴ Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/charles_macklin> Data da consulta: 20/09/2008.

de exteriorização em sua caracterização antissemita de Shylock e no sucesso que ela obteve. De qualquer, forma David Supposnik talvez tenha razão ao afirmar que:

O conceito vitoriano de Shylock (...) como o judeu injustiçado e justamente vingativo - o retrato que vem dos Kean a Irving ao nosso século, é uma ofensa sentimental vulgar não apenas à autêntica antipatia pelo judeu que animava Shakespeare e sua era, mas à longa e ilustre crônica de açalamento contra o judeu.³¹⁵

Edmund Kean, em sua encenação de Shylock de 1814, salientou traços de seu caráter mantendo sua energia não para reivindicar seus três mil ducados mas para denunciar uma perseguição: ele seria um mártir perseguido que, pelas forças das circunstâncias, finalmente torna-se um vingador. Não vemos em sua composição física de Shylock um nariz adunco ou pés chatos, mas uma barba mais contemporânea, assim como uma vestimenta digna e de acordo com o momento histórico. Seu olhar é humano, não diabólico e reflete o estado de espírito de alguém muito acuado. O mesmo pode ser dito da caracterização feita em 1880 por Henry Irving. Porém, o lado demoníaco do judeu retorna nas caracterizações expressionistas alemãs na década de 20 feitas por Albert Basserman, Rudolf Schildkraut, Paul Wegener e Werner Krauss não citadas por Supposnick, mas que acabam por corroborar sua tese de que há sempre um antissemitismo latente, prestes a se manifestar de acordo com as circunstâncias externas³¹⁶.

Finalmente, numa associação vertiginosa de ideias, Supposnik lembra que, após Shylock perder sua filha, sua riqueza e ser obrigado a se converter, há uma rubrica teatral que diz: “sai o judeu”. Supposnik, ao contrário, quer que um judeu entre na história: Leon Klinghoffer, sequestrado e morto pela OLP, quando fazia uma viagem turística no navio Achille Lauro, em 8 de outubro de 1985. Esse fato real tornou-se mais impactante pois se tratava de um senhor judeu preso a uma cadeira de rodas. Jogaram-no, indefeso, no Mar Mediterrâneo.

³¹⁵ ROTH, op. cit., p. 247

No original: “The Vitorian conception of Shylock however – Shylock as wronged Jew rightfully vengeful – the portrayal that descends through the Keans to Irving and into our century, is a vulgar sentimental offense not only against the genuine abhorrence of the Jew that animated Shakespeare and his era but to the long illustrious chronicle of European Jew-baiting”. ROTH, op. cit., p.275

³¹⁶ Fonte: <<http://geocities.com/athena/acropolis/7221/-7k/shylock>> Data da consulta: 20/09/2008.

Leon Klinghoffer costumava viajar e escrever diários de viagem. O diário dessa viagem desapareceu, mas Supposnik tem diários de outras viagens e acaba por mostrá-los a Philip Roth. Eles não têm valor literário: são relatos sobre o tempo, a comida servida no almoço ou os passeios realizados. Mas, para surpresa de Philip Roth, Supposnik compara-os aos *Diários de Anne Frank* e quer que o autor os prefacie (assim como Eleonor Roosevelt o fez com os *Diários de Anne Frank*). Para o livreiro, Anne Frank e Leon Klinghoffer são mártires a serem reverenciados. Isso dá uma oportunidade para o narrador lançar mão de sua ironia e acabamos por rir do absurdo da situação. Lemos, então:

O cheque de um milhão de dólares de Smilesburger(*). A estrela de seis pontas de Lech Walesa. Agora os diários de viagem de Leon Klinghoffer. Que viria a seguir, o nariz falso usado pelo admirável Macklin? Todo tesouro judeu que não está pregado em algum lugar vem voando direto para a minha cara!³¹⁷

³¹⁷ ROTH, op. cit., pp. 251-252. *Smilesburger, outro personagem polêmico da história, inicialmente se apresenta como adepto do diásporismo e acreditando que o “real” Philip Roth fosse seu duplo, entrega-lhe um cheque de 1 milhão de dólares para financiar a causa. Ao longo da narrativa revelará sua real identidade: é um agente do Mossad que investiga judeus adeptos ao diásporismo e aliados da OLP.

No original: “The Smilesburger million-dollar check. The Lech Walesa six-pointed star. Now the Leon Klinghoffer travel diaries. What next, the false nose worn by the admirable Macklin? Whatever Jewish treasure isn’t nailed down comes flying straight into my face!” ROTH, op. cit., p.280.

3c- Luigi Pirandello: personagens e humor

Luigi Pirandello é uma referência explícita e implícita para Philip Roth em *Operação Shylock*. Referência explícita, pois num determinado momento da narrativa, seu duplo desaparece após várias aparições desestabilizadoras do recém-adquirido equilíbrio psíquico do narrador. O duplo desaparece após ter enviado uma mensagem de que sequestraria, com o auxílio do rabino Kahane e seus seguidores, o filho de Demjanjuk. Na portaria do hotel, o “real” Philip Roth recebe a informação de que “Moishe Pipik” viajou para a Romênia, acompanhado por sua amante, e que nenhum judeu ortodoxo esteve no hotel. O narrador telefona então para Demjanjuk Jr. para se certificar de que ele está vivo. Conclui então:

Ele estava lá, eu estava ali, eles tinham ido embora. Desliguei. Tinham ido embora, ele estava a salvo. Tinham fugido de sua própria trama! E o objetivo dessa trama? Apenas furto? Ou seria toda a impostura simplesmente isso, impostura, duas incógnitas fazendo uma farra?

(...) e parecia-me agora que provavelmente jamais saberia a resposta - e o que me fascinara desde o início fora essa questão! Teriam eles querido apenas que eu pensasse que toda a sua falsidade era real, ou teriam eles próprios imaginado que era real, ou estaria a excitação deles na criação do efeito pirandelliano de desrealização de tudo e de todos, a começar por si mesmos? Bela impostura, esta!³¹⁸

Pirandello é também uma referência implícita em toda a narrativa de *Operação Shylock*, pois toda ela gira em torno de temas muito caros ao autor: as duplicidades existentes em todos nós: amor, ódio, sanidade, loucura, compaixão,

³¹⁸ ROTH, Philip. *Operação Shylock*, Uma Confissão. Trad. Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 226. No original: “He was there, I was here, they were gone. I hung up. They were gone, he was safe. They'd fled their own plot! And that plot's purpose? Only larceny? Or was the whole hoax, merely that, a hoax, two crazy X's off on a lark?”

Standing at the phone and thinking that this entire mishap might just have come to a sudden end, I was more mystified than ever, wondering if these were two X's who were themselves escaping the world or two X's whom the world itself was escaping or two X's who'd only been falsifying everything so as to befuddle me . . . though why that should be a goal of anyone's was the most mystifying question of all. And it looked now as though I'd probably never know the answer - and as though what had enthralled me from the start was the question! Had they wanted only me to think that all their falseness was real or had they themselves imagined it to be real, or was their excitement in creating the Pirandellian effect by derealizing everything and everyone, beginning with themselves? Some hoax that was!”

ROTH Philip. *Operation Shylock*. New York: Vintage Books, 1994, p. 251.

crueidade e tantas outras; assim como as máscaras que criamos para interagir socialmente e que acabam por nos confundir e angustiar.

Um outro traço comum entre Philip Roth e Pirandello é o humor. Ambos os autores tratam de assuntos graves, de difícil resolução, ou mesmo insolúveis; mas, o riso surge quando se depara com a imagem de um narrador atolado por estrelas de Davi de pano, diários de Anne Frank, narizes aduncos e outras tantas “heranças judaicas” a serem metabolizadas.

O riso surge também quando Pirandello em seu conto “Personagens”³¹⁹ coloca o leitor diante da seguinte situação: o narrador está em seu escritório e recebe das 9 às 12 horas os “senhores personagens” de seus futuros romances. Reflete, então, porque todos aqueles tipos desafortunados o vêm procurar. Não os trata bem - pelo contrário, trata-os “feito cachorros”; mesmo assim, eles o procuram, reivindicando “petulantemente” voz e vida. Um dos personagens, Leandro Scotto, chega a citar Shylock, Hamlet, Julieta, Dom Quixote, personagens imortais que teriam uma vida mais verdadeira que a real. Ele quer igual destino para si: a vida, a imortalidade. A petulância irrita o narrador que não encontra meios de se livrar do personagem e explode quando Leandro Scotto lhe suplica que não o abandone. Garante que, sondando-o bem, o narrador encontrará “matéria para uma obra prima”. Lemos então: “‘Ufa!’ Não aguento mais. Dou um salto. ‘Caro doutor Leandro Scotto’ - digo - ‘ouça: quanto à obra prima, retorne amanhã’.”³²⁰

A imagem de um narrador sentado em seu escritório, recebendo das 9 às 12 horas seus personagens, irritando-se, exasperando-se ou até simpatizando com alguns deles, assemelha-se à imagem de um narrador num saguão de hotel interagindo com os diversos tipos humanos que compõem a sociedade israelense, a tal ponto que o recepcionista do hotel afirma:

‘Isso aqui não é mais o saguão do King David Hotel, é a corte rabínica do rabino Roth. Os admiradores dele não o deixam em paz. Toda manhã fazem fila, colegas, jornalistas, políticos - nunca tivemos nada igual’ disse com uma risada, ‘desde que Sammy Davis Jr. veio rezar no Muro das Lamentações.’³²¹

³¹⁹ PIRANDELLO, Luigi. “Personagens”. In: *40 novelas de Luigi Pirandello*. Seleção, Tradução e Prefácio: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia da Letras, 2008, pp. 346-352.

³²⁰ Ibidem, p. 352.

³²¹ ROTH, op. cit., p. 243. No original: “‘This is no longer the lobby of the King David Hotel, it’s the rabbinical court of Rabbi Roth. All his fans won’t leave him alone. Every morning, they are lining up, he

Aqui, mais uma vez o humor nos permite ver por um outro ângulo uma situação problemática: afinal, o que todas essas pessoas esperavam ouvir de Philip Roth ou, nos termos de Pirandello, qual máscara ele deveria usar: a do defensor de Israel, a do defensor dos árabes, a do judeu americano que não se envolve nos problemas locais? Quanto a Sammy Davis Jr. no Muro das Lamentações, percebemos que o muro se transforma de um lugar sagrado num palco para celebridades ou para outras máscaras.

No saguão do King David Hotel, todos os personagens reivindicam sua participação na história de maneira enfática: jovens estudantes querem discutir com Roth a questão da identidade judaica; George Ziad quer demonstrar a brutalidade do estado colonialista judaico; David Supposnik quer um prefácio escrito por Philip Roth e Philip Roth quer saber apenas se seu duplo concretizará o sequestro e mutilação de Demjanjuk Jr.

O narrador está à deriva e mais entretido com aquelas histórias do que deveria. Esse envolvimento com as falas dos personagens ele credita a uma fraqueza profissional: considera-se um “implacável colecionador de roteiros” e fica excitado “quase eroticamente” por histórias tão diferentes das dele. Percebe que deve se despedir, como Pirandello, de alguns personagens e essa despedida será abrupta. Porém, nesse momento o recurso utilizado não será o humor, segundo a definição de Pirandello, mas a ironia.

Assim, ao receber do livreiro Supposnik diários que inicialmente não sabe de quem são, começa a lê-los e percebe que são diários de viagem tratando de passeios, comidas e clima. Diz ele ao livreiro que afinal eles não foram escritos por “nenhum André Gide”, ou seja, não há valor literário neles. Mas, foram escritos por Leon Klinghoffer “o indefeso aleijado judeu na cadeira de rodas, no qual os bravos combatentes da liberdade palestinos deram um tiro na cabeça e jogaram no Mar Mediterrâneo.”³²² Assim, nesse pequeno extrato permeado por ironia, somos jogados no centro de um furacão de sentimentos e situações traumáticas da história judaica. Judeus foram mortos desde sempre de formas as mais dolorosas e

schoolchildren, the journalists, the politicians – we have had nothing like it’, he said, with a laugh, ‘since Sammy Davis Jr., came to pray at the Wailing Wall’. – ROTH, op. cit., p. 270.

³²² ROTH, op. cit., p. 250

No original: “the defenseless Jew crippled in a wheelchair that the brave Palestian freedom fighters shot in the head and threw into the Mediterranean sea.” – ROTH, op. cit., p.278

degradantes; contudo, de que serve idealizá-los parece se perguntar o narrador. Da mesma forma, atirar e jogar um senhor preso a uma cadeira de rodas exige um grau de crueldade que não é possível ser avaliado se idealizarmos o grupo que cometeu essa atrocidade.

Pirandello em seu estudo sobre humor³²³ demonstra como o artista do humor, através de sua arguta percepção das relações humanas, acaba por desidealizá-las. O humorista, através do jogo dos contrários que gera o riso, trata de mostrar que estamos todos sujeitos a sentimentos os mais variados, contraditórios e, em última análise, risíveis. A desidealização efetuada pelo humorista é radical e não poupa nem os mortos. Pirandello, como é de seu feitio, apressa-se em nos dar um exemplo desse “desrespeito”. Lemos então:

O mundo, se não propriamente nu, ele o vê, por assim dizer, em mangas de camisa.
(...) e não compondo com demasiada pompa os mortos nas câmara ardentes sobre seus cadafalsos, porque o humorista é capaz de não respeitar nem essa composição, nem todo esse aparato; é capaz de surpreender, por exemplo, em meio à compunção dos presentes, naquele morto, frio e duro, porém condecorado e em casaca, algum barulho lúgubre no ventre e exclamar (porque certas coisas se dizem melhor em latim):
-digestio post mortem.³²⁴

Esse desapego às aparências, às idealizações (ou aos mitos judaicos) mostrou-se fundamental na composição de *Operação Shylock*; permitiu ao autor criar uma narrativa em que aspectos contraditórios da sociedade israelense, dos personagens e da traumática história judaica fossem apresentados, provocando riso e reflexão.

Aqui está a chave daquilo que esses dois escritores transmitem em seus escritos: eles acreditam que a desidealização pode levar não à banalização e simplificação dos conflitos humanos, mas à percepção de máscaras sociais sufocantes e que dão origem, muitas vezes, a conflitos trágicos.

³²³ GUINSBURG, J. “O Humorismo”. *Pirandello do Teatro no Teatro*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 43-178.

³²⁴ Ibidem, p. 175.

Em seu estudo “O Humorismo”³²⁵ Pirandello faz uma análise pormenorizada dos elementos que acredita serem partes fundamentais dessa manifestação artística. Polemiza com autores que não vêem no humor nenhuma singularidade, confundindo-o com a ironia ou com a comicidade. Pirandello, ao contrário, aponta no humor uma atividade da consciência e da reflexão muito particulares. Logo de início mostra-nos a seguinte situação:

Vejo uma velha senhora, com os cabelos retintos, untados de não se sabe qual pomada horrível, e depois toda ela torpemente pintada e vestida de roupas juvenis. Ponho-me a rir. Advirto que aquela velha senhora é o contrário do que uma velha e respeitável senhora deveria ser. Assim posso, à primeira vista e superficialmente, deter-me nessa impressão cômica. O cômico é precisamente um advertimento do contrário. Mas se agora em mim intervém a reflexão e me sugere que aquela velha senhora não sente talvez nenhum prazer em vestir-se como um papagaio, mas que talvez sofra por isso e o faz somente porque se engana piamente e pensa que, assim vestida, escondendo assim suas rugas e as cãs, consegue reter o amor do marido, muito mais moço do que ela, eis que já não posso mais rir disso como antes, porque precisamente a reflexão, trabalhando dentro de mim, me leva a ultrapassar aquela primeira advertência, ou antes, a entrar mais em seu interior: daquele primeiro advertimento do contrário ela me fez passar a esse sentimento do contrário. E aqui está toda a diferença entre cômico e o humorístico.³²⁶

Mais adiante Pirandello cita um poema de Giusti onde o autor se vê numa igreja em Milão e depara ali com soldados inimigos. Tem ímpetos de ódio, pois os soldados recordam-lhe a pátria escrava. Mas, do órgão da igreja surge o som de um “cântico tedesco lento” e o poeta se vê tomado por um sentimento de “doçura amarga dos cantos ouvidos em criança”. Compadece-se, então, daqueles soldados, tão longe de seus lares. É obrigado a fugir da igreja para não se ver abraçando um dos soldados e consolando-o em sua solidão³²⁷. Rimos e percebemos o jogo de contrários presente na obra de humor, jogo esse que para Pirandello exige do artista um trabalho de consciência:

³²⁵ GUINSBURG, J. “O Humorismo”. *Pirandello do Teatro ao Teatro*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 43-178.

³²⁶ Ibidem, p. 147.

³²⁷ Ibidem, p. 147.

A consciência (...) não é uma potência criadora porém o espelho interior em que o pensamento vai remirar-se; pode-se dizer antes que ela é o pensamento que se vê a si mesmo, assistindo àquilo que este faz espontaneamente.³²⁸

Pirandello introduz um outro conceito, o de reflexão, que juntamente com a consciência, seriam dois elementos centrais na concepção da obra humorística. Esses dois conceitos trazem dentro de si a imagem do espelho, pois se a consciência é o espelho em que o pensamento vê a si mesmo, a reflexão é:

como um espelho de água gelada, em que a chama do sentimento não se mira somente, mas mergulha e se apaga, o chiado da água é o riso que o humorista suscita; o vapor que dela exala é a fantasia muitas vezes um pouco fumacenta da obra humorística³²⁹.

Além disso, o humor apresenta outras características como a decomposição, a interrupção e as digressões porque a reflexão introduz na obra humorística uma quebra no movimento espontâneo das obras de arte no sentido da organização das ideias. Isso permite ao humorista ser um crítico de si mesmo e do mundo à sua volta.

Completando esse quadro Pirandello introduz um elemento subjetivo: acredita que o humorista apresenta uma “inata ou hereditária melancolia”, vivenciou amargas experiências ou vicissitudes na vida e apresenta um peculiar “ceticismo” em relação a existência humana. Daí sua particular “disposição de ânimo” ou uma visão humorística das relações humanas. Esses elementos por si só não criam uma obra de arte. Ela terá aí um terreno fértil para se desenvolver, todavia o nascimento e desenvolvimento dessa planta devem ser espontâneos³³⁰. Mais adiante Pirandello afirma que “uma obra de arte não pode ser o resultado da reflexão consciente.”³³¹

O autor apresenta aqui uma ideia bastante complexa: ele acredita que uma consciência e uma reflexão “não-conscientes” estão em jogo aqui determinando que o artista saiba e não saiba o que está fazendo, ao mesmo tempo. Lemos então:

³²⁸ Ibidem, p. 146.

³²⁹ Ibidem, p. 152.

³³⁰ Ibidem, p. 154.

³³¹ Ibidem, p. 154.

Portanto, a reflexão de que falo não é uma oposição do consciente frente ao espontâneo, é uma espécie de projeção da própria atividade fantástica, nasce do fantasma, como a sombra do corpo; tem todos os caracteres da “ingenuidade” ou natividade espontânea; está no próprio germe da criação e emana de fato dela isso que eu chamei sentimento do contrário.³³²

O artista do humor tem uma especial habilidade para perceber as sombras, os contrários ou as máscaras. Isso se deve à sua “arguta intuição” que lhe permite não descrever - como os sociólogos - a vida social, mas apresentá-la em imagens. Essas imagens, ao caírem na água gelada da reflexão (não-consciente), provocam o riso e, agora sim, a reflexão consciente sobre as complexas inter-relações humanas.

³³² Ibidem, p. 154.

3 d. O duplo e suas consequências

Em seu artigo “The Double, Comic Irony, and Posmodernism in Operation Shylock”³³³ Elaine Safer salienta o fato de que a sátira e a comédia em Philip Roth frequentemente são dirigidas aos judeus e a seus costumes. Essa mordacidade acabou por enfurecer alguns membros da comunidade judaica, culminando com a crítica contundente de Irwing Howe, eminente crítico literário, que considerou *O Complexo de Portnoy* uma obra vulgar e denunciou o tratamento “raso” feito por Roth sobre a vida judaica³³⁴.

Todas essas críticas marcaram profundamente Philip Roth e as consequências desse embate podem ser vistas em *Operação Shylock* a partir da construção de um personagem - o falso Philip Roth ou “Moshe Pipik” - nome pejorativo com o qual o narrador passa a denominá-lo em toda obra. “Moshe Umbigo”, aquele que não vê nada além de si mesmo e de seus interesses. O “real” Philip Roth reage ironicamente às investidas de seu duplo, pois percebe uma agressividade embutida em algo que aparentemente pode parecer ingênuo: “Moshe Pipik” acredita que Ceausesco, o ditador da Romênia, e Lech Walesa, na Polônia, receberão de braços abertos os “seus” judeus assim como a população desses países em função da culpa gerada pelo massacre dos judeus. Além disso, o diásporismo seria válido apenas para os judeus ashkenazitas, com cultura europeia e mais desambientados no Oriente Médio do que os sefaraditas, que teriam elementos culturais em comum com os árabes. O narrador percebe aí um discurso segregacionista e, principalmente, contrário à própria existência do Estado de Israel. Esse fato acaba por exasperá-lo.

Elaine Safer aponta, então, em seu artigo, para uma importante declaração feita por Philip Roth relativa à construção desse duplo tão odiável. Em um artigo para o *New York Times Book Review* intitulado “A Bit of Jewish Mischief”, Philip Roth declarou que “Moshe Pipik” permitiu que ele confrontasse a impertinência do duplo. Ela era tão “irritante”, “enraivecadora” e “pessoalmente ameaçadora” como a sua

³³³ SAFER, Elaine. “The Double, Comic Irony, and Posmodernism in *Operation Shylock*”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 101-118.

³³⁴ Ibidem, p. 102.

própria impertinência para seus interlocutores. Roth declarou também que “Pipik” o enlouquecera talvez mais ainda do que ele próprio havia enlouquecido alguns de seus leitores³³⁵. Assim, a construção de um personagem permitiu ao autor uma mudança de posição: ele não estava mais na posição do “enfant terrible” confrontando a coletividade judaica e dizendo-lhe algumas “verdades”; estava agora do outro lado, ouvindo um discurso que lhe parecia inaceitável e exasperante.

Para o crítico D. M. Thomas, a construção do duplo dá a Philip Roth a oportunidade de explorar territórios que até mesmo para ele, um autor corajoso e independente, estariam interditados³³⁶. Um desses territórios é a própria condição judaica, ou a definição do que é ser judeu. Definição difícilíssima desde sempre em função de uma história marcada por tragédias e matanças. O Holocausto Judeu, como fato traumático, faz com que o próprio narrador perceba o absurdo da situação de um retorno à Europa. Não há um retorno possível exatamente porque Polônia e Romênia foram palcos das maiores atrocidades³³⁷.

Nesse sentido é interessante observar a abordagem do julgamento de Demjanjuk em *Operação Shylock*. A dúvida com relação à sua identidade proporciona mais um elemento narrativo no jogo de espelhos criado por Roth. Na vida real, chegou-se à conclusão recentemente de que Demjanjuk é mesmo Ivã, o terrível. Mas, esse senhor tem agora quase noventa anos, está doente e seus advogados afirmam que não pode ser removido dos Estados Unidos para a Alemanha, onde seria julgado³³⁸.

Como punir, então, um ser humano que usou uma furadeira para perfurar a pele de prisioneiros judeus já a caminho das câmaras de gás? Fatos como esse são traumáticos não só para os judeus, mas para a humanidade como um todo. Mostram lados obscuros e extremamente perigosos da mente humana e impulsionam

³³⁵ Ibidem, p. 109.

³³⁶ Ibidem, p. 110.

³³⁷ Com relação às atrocidades cometidas contra os judeus, em 2 de junho de 1943, Hans Frank, governador da Polônia, escreve em seu diário: “quando começamos, havia três milhões e meio de judeus, dos quais sobraram apenas algumas frentes de trabalho. Todo o resto, digamos assim, emigrou”. Fonte: LEBERT, Nobert & Stephan, *Tu carregas meu nome*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 105.

³³⁸ Fontes: “Justiça suspende extradição de nazista”. In: *O Estado de São Paulo*, 15 abril 2009. Internacional, A16; “O Destino dos velhos nazistas”. In: *Revista da Semana*, São Paulo, 23 abril 2009. p. 39.

escritores “corajosos e independentes” como Philip Roth a procurar diversos recursos narrativos para uma maior aproximação em relação a eles.

Deter-me-ei aqui sobre duas referências literárias - uma citada explicitamente pelo narrador e outra que penso estar presente na constituição de uma consciência moral, tanto do narrador como de seu duplo.

A obra de Robert Louis Stevenson *O Médico e o Monstro* é citada explicitamente pelo narrador no momento em que faz uma avaliação da própria trama. Pensa em sair de sua história, voltando para os Estados Unidos, mas algo o impede: a ideia obsessiva de que “Moishe Pipik” realizará o sequestro de Demjanjuk Jr. e ele quer impedir que isso ocorra.

Faz então uma longa avaliação sobre seu desempenho como escritor - acredita que sua trama está se esgarçando, perdendo todo o sentido e o pior, não tem mais nenhum controle sobre ela. Chega à conclusão de que, na verdade, quem está ditando as regras é o seu duplo, assim como Mr. Hyde, ao final, ditava as regras para Dr. Jekyll. Conclui que, mesmo o sequestro sendo efetivado e mesmo “Moishe Pipik” alegando que foi contratado por Philip Roth para realizá-lo como um doublé, Philip Roth seria inocentado. Atribuiriam esse ato tresloucado a seu colapso mental, ocasionado pela medicação psiquiátrica. A medicação aqui funcionaria como a poção do Dr. Jekyll, despertando um lado tenebroso do escritor sobre o qual não teria mais nenhum controle. Para recuperar algum tipo de controle sobre os personagens, o narrador permanece em Israel. Tentará evitar o sequestro que, afinal, não ocorre, porque “Moishe Pipik” e sua amante vão para a Romênia. Desaparecem, portanto, da narrativa.

Há vários níveis em que esse fragmento de história pode ser analisado. Em primeiro lugar, encontramos um narrador à procura de seus personagens que, ao modo pirandelliano, são independentes e exigem algum tipo de participação. O personagem Philip Roth está à deriva, mas o autor não. Isso porque a falta de controle e o enlouquecimento das situações vividas são explicitados de forma contundente, perfeitamente compreensível nas quatrocentas páginas do romance.

Portanto, as dobras que o texto faz sobre si mesmo, com o narrador em permanente autoavaliação e recriminando-se (assim como recriminando seu duplo)

acabam por fornecer a base para que outras situações possam ser incorporadas: o Holocausto Judeu e as profundas divisões na sociedade israelense.

Um outro nível que pode ser analisado diz respeito ao próprio conteúdo da trama. Sabemos que Dr. Jekyll começa a perder controle sobre Mr. Hyde a partir do episódio que envolve uma criança (numa correria pela rua, Mr. Hyde passa por cima de uma criança, machucando-a), e a perda do controle é total a partir do momento em que Mr. Hyde mata um homem. Esses dois episódios são narrados pelo próprio Dr. Jekyll que, angustiadamente, tenta refletir sobre a origem desse mal absoluto, encarnado em seu duplo. Acredita que “aquele filho do inferno” não tinha nada de humano³³⁹, odiava e temia “a besta” que dormia dentro de si³⁴⁰ e percebia que, dia após dia, só com muito custo as drogas faziam-no ostentar novamente as feições de Dr. Jekyll³⁴¹. Numa conclusão surpreendente, e após conseguir os sais para sua poção através de um médico amigo Dr. Jekyll diz: “o primeiro suprimento (de sais) era impuro e foi aquela impureza desconhecida que proporcionou eficácia à beberagem.”³⁴²

A temática de *O Médico e o Monstro* é instigante: Dr. Jekyll um médico bem comportado, cumpridor de seus deveres e cidadão respeitável quer experimentar outras sensações. Sua poção lhe dá essa oportunidade, mas ele se confronta com o próprio sadismo, que culmina num assassinato.

Philip Roth relata sua crise de despersonalização logo no início de *Operação Shylock*: após uma operação malsucedida de joelho, passa a ter crises de choro, não se reconhece no próprio corpo e, acometido de grande depressão, perguntava-se: “Onde está Philip”? Bom nadador, agora tinha medo de ser engolido pelas águas da piscina onde costumava nadar. Também não deixava sua mulher fechar as cortinas do quarto porque queria ver o dia amanhecer e quando amanhecia temia pelo dia que teria de suportar³⁴³. O interessante é que a relação entre os sintomas e a medicação ansiolítica quem estabelece é um amigo seu, para quem telefona,

³³⁹ STEVENSON, Robert Louis. *O Médico e o Monstro*. Trad. Flavia Villas Boas. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 95.

³⁴⁰ Ibidem, p. 96.

³⁴¹ Ibidem, p. 96.

³⁴² Ibidem, p. 96.

³⁴³ ROTH, Philip. *Operação Shylock, Uma Confissão*. Trad. Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 19.

chorando³⁴⁴. William Styron, escritor e também amigo de Philip Roth, descreve da seguinte maneira sua experiência com o Halcion em seu livro *Perto das Trevas*³⁴⁵:

Existem hoje muitas provas de que o Halcion, cujo nome químico é Triazolam, é um fator de aumento na produção da obsessão suicida e outras aberrações da mente, em indivíduos suscetíveis. Por causa dessas reações, o Halcion foi categoricamente banido dos Países Baixos e devia ser pelo menos monitorado mais cuidadosamente nos Estados Unidos. Não me lembro do Dr. Gold ter questionado nem uma vez a dose absurda que eu estava tomando.
(...) no meu caso, o Halcion não foi evidentemente o único vilão - eu estava caminhando para o abismo - mas acredito que sem ele eu não teria chegado onde cheguei.³⁴⁶

Lados obscuros da mente, despertados por algo mais ou menos indefinível originaram obras diferentes. No caso de William Styron, um intenso relato autobiográfico em que o autor apresenta a depressão em seus meandros mais insuportáveis e a saída desse estado a partir da mudança de ponto de vista.

Não deixa de ser cômica uma passagem do livro em que Styron descreve as odiosas sessões de artes plásticas para doentes mentais no hospital onde esteve internado. Ele obedecia, inicialmente humilhado, às orientações da terapeuta ocupacional - ela queria que ele, um senhor de cinquenta anos, desenhasse “a minha casa” e recebia elogios ao apresentar seu desenho infantil. Seu último trabalho foi uma máscara de argila: uma cabeça rosada e angelical com um sorriso que encantou sua instrutora pois “segundo ela era o símbolo de minha cura e, portanto, mais um exemplo do triunfo da terapia da arte sobre a doença.”³⁴⁷ Acabou por simpatizar quase involuntariamente com a instrutora e com a situação - afinal, o pior de tudo já havia passado. No caso de Philip Roth, a experiência depressiva possibilitou a abordagem de questões ligadas ao judaísmo a partir de outros ângulos que não lhe seriam possíveis se estivesse preso apenas à sua veia irônica.

³⁴⁴ ROTH, op. cit., p. 22.

³⁴⁵ STYRON, William. *Perto das Trevas*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

³⁴⁶ Ibidem, p. 78-79.

³⁴⁷ Ibidem, p. 87.

Há uma outra referência literária, essa implícita, e que diz respeito à formação de uma consciência moral. No conto de Edgar Allan Poe *William Wilson*³⁴⁸ o narrador pede para ser chamado por esse nome, embora não fosse seu verdadeiro nome, pois sua família já havia sido muito desonrada por ele. A história que será narrada está repleta de infâmias, vilezas e traições. Contudo, para o narrador, o mais assustador era a aparição de seu sócio, nos momentos em que suas falcatruas pareciam triunfar. O duplo William Wilson apresentava um detalhe físico, uma “fraqueza” que o impedia de erguer a voz “acima de um sussurro”³⁴⁹. Essa imperfeição, que a princípio apresentou-se como vantajosa para o narrador, mostrou-se aterrorizadora ao longo da história. A cada tentativa do narrador de obter vantagens ilícitas para si mesmo, ou entregar-se ao alcoolismo e ao jogo de azar, o duplo surgia, sussurrando seu nome e denunciando suas más intenções.

William Wilson foge, mas percebe que para onde for será encontrado por seu duplo. Numa última tentativa de viver uma vida independente dessa voz sussurrante, uma cena dramática ocorre. Ao tentar envolver-se com a esposa do velho e extravagante Di Broglio³⁵⁰, vê surgir seu oponente. Instiga-o para um combate com espadas, do qual sai vencedor. Um “vasto” espelho surge então no compartimento da luta e o narrador, tomado de “horror”, vê sua própria imagem ensanguentada. Ouve-se então, as palavras do duplo:

Venceste e eu me rendo. Mas de agora em diante, também estás morto... Morto para o mundo, para o céu e para a esperança! Em mim tu existias...
E vê em minha morte, vê por esta imagem, que é a tua, como assassinaste absolutamente a ti mesmo.³⁵¹

O desfecho para a relação entre Philip Roth e “Moishe Pipik” é outro, mas aponta para o mesmo dilema apresentado por Edgar Allan Poe em seu conto: a constituição de limites em nossa relação com o outro. Em *Operação Shylock* esse dilema surge de diversas maneiras. Uma delas é apresentada no extrato, já

³⁴⁸ POE, Edgar Allan, “William Wilson”. *Histórias Extraordinárias*. Trad. Breno Silveira e outros. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 83-108.

³⁴⁹ Ibidem, p. 93.

³⁵⁰ Ibidem, p. 106.

³⁵¹ Ibidem, p. 107.

mencionado anteriormente, em que Roth discute com seu duplo sobre as falsas ilusões que ele teria criado em seu primo Apter.

O “falso” Philip Roth apresenta-se aqui como uma consciência moral que diz: “mesmo que você pense que não há Jardim do Éden, não há paraíso na Terra, é preciso dar alguma esperança para um ser humano tão traumatizado pelos horrores da guerra”. Esse sussurro de esperança nos constitui enquanto seres humanos civilizados, para além de nossos umbigos (afinal, nessa passagem, Philip Roth é que se comporta como “Moishe Pipik”), respeitando as aflições do outro, que podem ser nossas também.

4. Conclusões

Freud inicia seu artigo sobre o humor³⁵² já com uma situação humorística: um réu conduzido na segunda-feira à força exclama: “Bela maneira de começar a semana!”³⁵³. É possível rir, mas percebe-se imediatamente a gravidade da situação: não há semana a ser começada. Comparativamente, Freud assinala que o réu poderia refletir: “Tudo isso não me importa. Quem se importa com um tipo como eu? O mundo não virá abaixo (pelo meu enforcamento)”, mas aqui não há nenhum humor e Freud passará a analisar as origens dessa voz que dá um outro tom para uma situação trágica. Afirma então:

O grandioso (no humor) reside (...) no triunfo do narcisismo, na vitoriosa confirmação da invulnerabilidade do ego. O ego recusa a se deixar ofender e se lançar ao sofrimento pelas influências da realidade. Afirma que os traumas do mundo exterior não podem afetá-lo. Mais ainda: demonstra que somente representam (para ele) motivos de prazer. Esse último traço é absolutamente essencial para o humor.³⁵⁴

O autor segue em sua análise e pontua que o humorista afirma sua superioridade ao provocar riso a partir de situações que, para o comum dos mortais, provocariam aflição. Adota a posição do adulto diante de uma criança assustada, afirmando que o mundo não é, afinal, tão monstruoso. Pode-se até rir dele.

Segundo a teoria psicanalítica, a instância psíquica, herdeira do Complexo de Édipo, e que assume as vozes anteriormente ouvidas das figuras parentais, é o superego. Fazendo a intermediação do ego com o mundo externo, impondo regras e limites, o superego encontraria no humor uma outra função: filtrar a realidade de seus aspectos terroríficos, liberando a energia, que seria empregada na produção de angústia, para a produção do riso. Ego e superego relacionam-se no humor de uma

³⁵² FREUD, Sigmund. “El Humor”. In: *Obras Completas*. vol. III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 2997 – 3000.

³⁵³ Ibidem, p. 2997.

³⁵⁴ Ibidem, p. 2998. A tradução é minha. No original: “Lo grandioso reside en el triunfo del narcisismo, en la victoriosa confirmación de la invulnerabilidad del yo. El yo rehúsa dejarse offender y precipitar al sufrimiento por los influjos de la realidad; se empecina en que no pueden afectarlo los traumas del mundo exterior; mas aún: demuestra que sólo le representan motivos de placer. Ese ultimo rasgo es absolutamente esencial para el humor.”

forma muito específica, pois a invulnerabilidade do ego depende exatamente da postura onipotente do superego diante de uma realidade terrorífica. Assim, o réu sabe que sua semana não está começando, mas comporta-se como qualquer cidadão numa segunda-feira diante de uma adversidade qualquer.

O barbeiro judeu criado por Chaplin em *O Grande Ditador*³⁵⁵, ao ver a vitrine de sua barbearia pichada com a palavra “judeu”, pega seu balde e seu sabão. Começa a limpá-la, normalmente, como se fosse uma simples pichação feita por moleques. O riso surge mas em seguida vemos os policiais nazistas arrastando o barbeiro para enforcá-lo num poste de luz. A cena só se resolve com a entrada em cena de um general alemão amigo do barbeiro - combateram juntos na Primeira Guerra - que o reconhece e ordena aos seus subordinados que retirem a corda de seu pescoço. O barbeiro, no melhor estilo “inglês” de etiqueta social, pergunta então ao general: “como tem passado”? A realidade horripilante de um gueto judeu é transformada pelo humor em algo possível de ser pensado e aceitamos, talvez com gratidão, a superioridade de Chaplin sobre nós, ao conseguir enxergá-la por esse ângulo inusitado.

É exatamente o contraste, ou como diz Pirandello, o sentimento do contrário, que motiva o riso. Não qualquer riso, mas o riso amargo, que evidencia a compreensão da gravidade do que está sendo apresentado. Pirandello afirma:

(...) E precisamente é isto o que distingue com nitidez o humorista do cômico, do irônico, do satírico. Nestes outros não nasce o sentimento do contrário, se nascesse, seria riso amargo, isto é, não mais cômico, mas o riso provocado no primeiro pelo percebimento de qualquer anormalidade; a contradição que no segundo é somente verbal, entre aquilo que se diz e aquilo que pretende que seja entendido, se tornaria efetiva, substancial, e, portanto não mais irônica; e cessaria o desdém ou, como quer que seja, a aversão à realidade, que é a razão de toda sátira.³⁵⁶

Penso que em *Operação Shylock* tanto o humor como a ironia foram utilizados de forma exaustiva, quase obsessiva; permeados pela presença do duplo,

³⁵⁵ O GRANDE Ditador. Direção de Charles Chaplin. EUA: United Artists, 1939 (128 min), Preto e Branco, leg.

³⁵⁶ GUINSBURG, J. “O Humorismo”. In: *Pirandello – do Teatro no Teatro*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 164.

tornam clara ao leitor a inapreensibilidade dos dilemas suscitados pela história judaica por qualquer simplificação ideológica.

O humor presente na imagem de um narrador soterrado por narizes aduncos e diários de Anne Frank; a ironia representada na situação do narrador diante dos diários de Leon Klinghoffer que não é “nenhum André Gide”; a presença de um duplo falando absurdos ou funcionando como uma consciência moral - todos esses elementos tornam a leitura de *Operação Shylock* instigante exatamente por estar permeada por esse riso amargo.

VI. COMPLÔ CONTRA A AMÉRICA, UMA DISTOPIA NECESSÁRIA

“Se Deus não existe, tudo é permitido”

Fiódor Dostoiévski - *Irmãos Karamazov*

1. Contexto Histórico

A narrativa de *Complô contra a América*³⁵⁷ ocorre entre os anos de 1940 e 1942, anos em que a máquina de extermínio nazista atingiu seu apogeu. Dois dos “doze anos do reinado de Hitler” ou “doze anos de erros” como os classificou um personagem do autor. Esse personagem, o duplo de Philip Roth em *Operação Shylock*³⁵⁸ acredita que “um simples meio século” é tudo o que separa os judeus do que Hitler destruiu e que as raízes dos judeus ashkenazitas ainda permanecem na Europa. Portanto, não seria difícil reassentá-los ali. Mais ainda, seriam bem recebidos de volta pois predominaria a história secular de convivência “pacífica” dos judeus na Europa e não os poucos doze anos de destruição³⁵⁹. Essa é uma simplificação grosseira tratada com ironia pelo narrador. Proferida por um personagem no contexto em que se discute novamente a sobrevivência dos judeus, agora em Israel, permite pensar na extensão e consequências dos males perpetrados nesses doze anos.

Primo Levi, no capítulo “Vanádio” do livro *A Tabela Periódica*³⁶⁰ faz a seguinte pergunta a seu interlocutor, Sr. Muller, químico como ele, que dirigia uma ramificação da fábrica IF-Farben em Auschwitz: “ele conhecia as “instalações” desse campo de concentração e extermínio que engoliam dez mil vidas por dia, a sete quilômetros das instalações para fabricação da borracha Buna?”³⁶¹ O autor foi químico e a influência da formação profissional em seus escritos faz-se sentir na presença de dados numéricos estarrecedores como esse; eles não deixam dúvidas sobre a magnitude do horror instalado na Europa.

Num outro texto, “A Zona Cinzenta”³⁶² Primo Levi descreve o gueto de Lodz e a autorização dada pelos nazistas a Chaim Rumkowski, presidente do gueto, para cunhar uma moeda metálica e também papel-moeda. Com eles os operários

³⁵⁷ ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

³⁵⁸ ROTH, Philip. *Operação Shylock*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

³⁵⁹ Ibidem, p. 38.

³⁶⁰ LEVI, Primo. “Vanadio”. In: *A Tabela Periódica*. Trad. Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, pp. 211-224.

³⁶¹ Ibidem, p. 217.

³⁶² LEVI, Primo. “A Zona Cinzenta”. In: *Os Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pp. 17-38.

extenuados eram pagos e podiam gastá-los na compra de sua ração alimentar: em média 800 calorias diárias!; Primo Levi acrescenta, entre parênteses: “(...) (recorde-se, de passagem, que são necessárias duas mil calorias para sobreviver em estado de absoluto repouso).”³⁶³ Números esclarecem a gravidade do que estava ocorrendo: tratava-se de matar de fome uma população.

Aharon Appelfeld em sua conversa com Philip Roth, reproduzida no livro *Shop Talk*³⁶⁴, afirma que a experiência judaica na Segunda Grande Guerra foi “ahistórica”: “forças míticas arcaicas” dominavam as ações humanas; um “subconsciente escuro” atuava e seu significado permanece inatingível. O autor admite não ter entendido as motivações dos assassinos e talvez nunca as entenda³⁶⁵. Portanto, *Complô contra a América* situa-se num momento crucial para os judeus - e o ano de 1941 mostra-se especialmente sombrio.

Em seu livro *Dez decisões que mudaram o mundo (1940-1941)*³⁶⁶, o historiador inglês Ian Kershaw localiza no período entre maio de 1940 e dezembro de 1941 fatos cruciais que determinaram, não somente os rumos da Segunda Grande Guerra, mas os caminhos que a humanidade trilhou desde então. Decisões políticas e militares são apresentadas, como a da Grã-Bretanha em combater Hitler (primavera de 1940) ou a de Hitler atacar a União Soviética (verão-outono de 1940); a de Roosevelt de sair do isolacionismo (verão-outono de 1941) e a contrapartida de Hitler, declarando guerra aos Estados Unidos (outono de 1941). Decisões de Stalin, Mussolini ou do imperador japonês também são elencadas, porém, a mais estarrecedora de todas foi a de Hitler: ele decide, no verão-outono de 1941, exterminar os judeus. Lemos então:

Por mais lógico que pudesse ter sido o caminho rumo ao genocídio, em vista da natureza da perseguição nazista aos judeus, a patologia do antissemitismo demoníaco que lhe servia de base é um desafio à racionalidade.³⁶⁷

³⁶³ Ibidem, p. 34.

³⁶⁴ ROTH, Philip. *Shop Talk, a Writer and His Colleagues and Their Work*. New York: Vintage Books, 2001, pp. 18-39.

³⁶⁵ Ibidem, p.25.

³⁶⁶ Kershaw, Ian. *Dez decisões que mudaram o mundo (1940-1941)*. Trad. Berilo Vargas, Celso Mauro Paciornik, Clovis Marques, Fernanda Abreu). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³⁶⁷ Ibidem, p.514.

Acrescenta porém que, de uma forma diferente, perseguir os judeus e exterminá-los era uma decisão de guerra; além disso, a fixação de Hitler nos judeus, culpabilizando-os por todos os males que assolavam a Alemanha e responsabilizando-os pela guerra, tornava o aniquilamento total desse inimigo um objetivo militar essencial.

O autor localiza em setembro de 1919 a primeira declaração política de Hitler em relação aos judeus: “A completa remoção dos judeus tinha que ser o objetivo final de qualquer governo nacional na Alemanha.”³⁶⁸ Hitler acreditava que somente assim os alemães reverteriam o curso da história, vingando-se das causas da catástrofe que permitira o surgimento da República “judaica” de Weimar. Concretamente os judeus eram uma pequena minoria da população alemã - (0,76% da população em 1933); mas sua demonização, por todos os meios de propaganda disponíveis, tornou possível acreditar que o extermínio, e não mais remoção, de onze milhões de pessoas, fosse necessário.

O autor é enfático em assinalar que o genocídio dos judeus não era inevitável, e que o ódio aos judeus por si só não levaria à “Solução Final”. Foram precisos outros elementos, que se agregaram a esse ódio, para que a lógica do extermínio fosse configurada. Salientarei aqui dois desses fatores: a figura de Hitler, organizando esse ódio, transformando-o num fator político e autorizando o genocídio; e o fato de que em 1938, após a intensificação das perseguições aos judeus, dois terços da população judaica de 1933 continuava morando na Alemanha. As autoridades nazistas concluíram, então, que a maior parte dessas pessoas não tinha para onde ir. Emigrar não era uma opção possível³⁶⁹. Acrescente-se a isso que a invasão da Polônia incorporou à “questão judaica” dois milhões de pessoas o que, juntamente com os quinhentos mil judeus alemães, pressionava os nazistas no sentido de uma resolução definitiva.

O quadro é tenebroso: pessoas sem ter para onde ir e um líder político dizendo que é preciso eliminá-las. Em um discurso no Reichstag, em 30 de janeiro de 1939, Hitler afirma:

³⁶⁸ Ibidem, p. 515.

³⁶⁹ Ibidem, p. 525.

No curso da minha vida, eu muitas vezes fui um profeta, o que em geral me levou a ser ridicularizado. Hoje serei novamente um profeta: se os financistas judeus internacionais dentro e fora da Europa tiverem êxito em mergulhar as nações mais uma vez em uma guerra mundial, então o resultado não será a bolchevização da Terra, e, portanto a vitória dos judeus, mas sim a aniquilação da raça judaica na Europa!³⁷⁰

A fixação paranóica de Hitler nos judeus, vendo-os onipresentes em todos os lugares e em todas as camadas sociais, colocando no mesmo discurso elementos opostos como financistas judeus levando à bolchevização da Europa, acabou por criar uma lógica própria para seu delírio. Mas essa lógica não era compartilhada por muitos alemães. O ódio aos judeus acabou sendo incorporado a uma “mensagem mais ampla de restauração da unidade e força nacionais”³⁷¹. Este foi o grande salto ideológico dado por Hitler: associar a glória da nação à necessidade de eliminação total daqueles que conspurcam essa glória.

A autorização para a matança estava dada e Ian Kershaw apresenta mais um dado: a decisão de matar os judeus só poderia ser reconstituída com base em “provas circunstanciais”³⁷². Não houve um momento em que ela ocorreu. Nenhum documento foi encontrado e nenhum pronunciamento preciso foi feito. Houve uma série de autorizações que somadas geraram uma decisão, mesmo que tenha sido uma decisão por partes. A primeira parte constitui-se na decisão de matar os judeus da União Soviética e, a seguir, estender essa matança para todos os judeus da Europa.

Finalmente o autor sublinha que sem Hitler a “Solução Final” para a “questão judaica” não existiria. Qualquer líder nacionalista alemão implementaria uma perseguição aos judeus, mas a determinação de eliminá-los é própria dos delírios paranóicos de Hitler. Goebbels, o ministro da propaganda de Hitler, definiu de outra maneira essa situação. Ele considerava Hitler como “o defensor e porta-voz incansável de uma solução radical para a ‘questão judaica.’”³⁷³

O historiador afirma que a “Solução Final” foi se delineando em paralelo com a evolução da guerra. Inicialmente havia a ideia de deportá-los para uma região

³⁷⁰ Ibidem, p. 514.

³⁷¹ Ibidem, p. 523.

³⁷² Ibidem, p. 518.

³⁷³ Ibidem, p. 519.

longínqua da União Soviética. Com as dificuldades enfrentadas pelo exército alemão na invasão da União Soviética, o ataque japonês a Pearl Habor e a entrada dos Estados Unidos na guerra, os planos para os judeus se alteraram. Hitler, em 1939, já havia dito que se a guerra se generalizasse, os culpados por ela - os judeus - seriam eliminados. Em 1941 a guerra se generalizou e então a promessa de Hitler devia ser cumprida.

É interessante retomar a afirmação de Aharon Appelfeld de que a experiência judaica na Segunda Grande Guerra foi ahistórica. Aparentemente, estamos diante de decisões a serem tomadas diante das circunstâncias de guerra. Mas, segundo Ian Kershaw a decisão de matar os judeus da Europa seguia uma lógica própria, assustadora, embora tenha sido tomada em circunstâncias “bastante especiais” em 1941. Essa lógica assustadora está relacionada com a imagem nazista do judeu. O historiador passa então a detalhar os componentes dessa imagem:

No imaginário nazista, o judeu, que dominava tanto o capitalismo por trás de seus inimigos “plutocráticos”, Grã-Bretanha e Estados Unidos, quanto o bolchevismo por trás do inimigo soviético, constituía a suprema ameaça à própria existência da Alemanha. Na verdade, o judeu representava um mundo que era um total anátema para o nazismo, um conjunto de valores morais vindos tanto do judaísmo quanto do cristianismo para formar as bases da civilização que Hitler, conforme deixou claro repetidas vezes, desejava erradicar.³⁷⁴

Portanto, não se tratava de erradicar a influência dos judeus sobre a sociedade mas eliminar os próprios judeus. A noção de que um crime seria cometido - um crime necessário, segundo a visão nazista - é corroborada pelo fato de que não há nenhum documento escrito que ateste a “Solução Final” para o problema judeu. Nenhuma ordem escrita foi encontrada:

Foi um segredo de Estado do mais alto grau que não podia ser discutido nem mesmo pelos iniciados. As ordens mais incriminatórias eram dadas verbalmente, uma linguagem camuflada era usada nas conversas do mais alto nível. O

³⁷⁴ Ibidem, p.517.

próprio Hitler nunca se referiu diretamente à matança dos judeus, nem mesmo em seu círculo mais íntimo.³⁷⁵

Esse fato vem ao encontro de uma análise feita por Amós Oz sobre a natureza do mal e a percepção que temos dele. Essa análise foi citada por Zygmunt Bauman em seu livro *A Arte da Vida*³⁷⁶ e os dois autores parecem estar de acordo com que, apesar de todas as motivações circunstanciais ou antecedentes sociais para suas ações (pode-se associar também aqui motivações inconscientes), o ser humano sabe que está cometendo um crime. Ele sabe que está infringindo dor a uma outra pessoa, sabe que está fazendo o mal. Amós Oz diz:

Pessoalmente, acredito que cada ser humano, em seu coração, é capaz de distinguir o bom do mau. (...) Às vezes pode ser difícil definir o bem, mas o mal tem um odor incomparável: toda criança sabe o que é dor. Portanto, cada vez que infligimos deliberadamente dor a outra pessoa, sabemos o que estamos fazendo. Estamos fazendo o mal.³⁷⁷

Assim, os nazistas sabiam o que estavam fazendo: estavam cometendo um crime. Tratava-se, portanto, de criar uma ideologia que o justificasse e, de qualquer forma, não deixar nenhum registro. Uma única referência explícita à matança dos judeus foi feita por Himmler, chefe da SS e responsável pela implementação do programa de extermínio. Mas, isso ocorreu num estágio avançado, em 1943, e com a derrota da Alemanha cada vez mais presente. Himmler invocou então “o direito e o dever moral de destruir esse povo que quer nos destruir.”³⁷⁸ Assim, a partir desse ideário, uma série de autorizações foram dadas, não-formalizadas, mas que em seu conjunto criaram uma decisão e a máquina industrial de extermínio foi acionada.

³⁷⁵ Ibidem, p. 517.

³⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *A Arte da Vida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

³⁷⁷ Ibidem, p. 127.

³⁷⁸ KERSHAW, op. cit., p. 518.

2. Personagens históricos ficcionalizados

Ao final de *Complô contra a América* há um extenso apêndice. Nele Philip Roth concentrou dados biográficos de personagens históricos, tratados ficcionalmente no romance. O autor coletou também alguns documentos, em especial o discurso proferido por Charles Lindbergh (1902-1974), no comício do Comitê América em Primeiro Lugar realizado em Des Moines, em 11 de setembro de 1941. Trechos desse discurso são citados no romance e é a partir dele que uma mudança de rumo na história (real) é introduzida. Isso porque na ficção Charles Lindbergh é eleito presidente dos Estados Unidos com um discurso claramente antissemita.

Charles Lindbergh tornou-se famoso em maio de 1927 por ser o primeiro aviador a atravessar o Atlântico (Nova York - Paris) sozinho, num voo sem escalas. Pilotava então seu lendário monomotor “Spirit of St. Louis”. Em 1930 um fato trágico ocorre: seu filho ainda bebê é sequestrado e encontrado morto, em estado de putrefação, num bosque perto de casa. Um imigrante alemão ex-presidiário, Bruno R. Hauptmann é acusado e condenado pelo sequestro em 1934.

O aviador é enviado nos anos seguintes à Alemanha para observar e relatar o desenvolvimento da aeronáutica naquele país. Assiste às Olimpíadas de Berlim (1936) e avalia muito positivamente Adolf Hitler, que considera um “grande homem”. Em 1938 é condecorado com a “Cruz de Serviço da Águia Alemã”. Recebe a homenagem das mãos do marechal do ar Herman Göring³⁷⁹. Sua indisposição contra os judeus é notória e chega a afirmar: “Preocupa-nos o efeito da influência judaica na nossa imprensa, rádio e cinema (...) é uma pena, porque alguns poucos judeus de tipo apropriado, são, creio eu, uma vantagem para qualquer país.”³⁸⁰

Em seu discurso de 1941, Lindbergh afirma que a grande maioria do povo americano é contra a guerra. Entretanto, os judeus e sua propaganda mentirosa

³⁷⁹ ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 457.

³⁸⁰ Ibidem, p. 458. No original: “We are disturbed about the effect of the Jewish influence in our press, radio, and motion pictures (...) it is too bad because a few Jews of the right type are, I believe, an asset to any country.” ROTH, Philip. *The Plot Against America*. New York: Vintage International, 2004. p. 370.

acabariam por arrastar os Estados Unidos para uma guerra que não lhes dizia respeito. Lemos então:

(...) não podemos lhes negar o direito de defender seus próprios interesses, porém devemos também cuidar dos nossos. Não podemos permitir que as paixões e os preconceitos naturais de outros povos levem nosso país à destruição.³⁸¹

Nesse ponto do discurso Lindbergh fala de uma raça britânica e uma raça judaica, ambas interessadas em defender seus próprios interesses. Entretanto, o discurso torna-se especialmente pernicioso contra os judeus porque não havia um plano alemão de extermínio da “raça” britânica (e sim uma guerra contra a Inglaterra), ao passo que a “raça” judaica era o foco do extermínio. Para Lindbergh os únicos judeus “apropriados” ou “de visão” seriam os que perceberam as artimanhas de sua “raça” e eram contra a intervenção americana na guerra.

Mais adiante veremos dois judeus “apropriados” ou “de visão” criados por Philip Roth: o rabino Bengelsdorf e sua esposa, “tia Evelyn”, envolvidos em um programa de deslocamento de judeus. Mas, nesse momento interessa apresentar um personagem real também pesquisado por Philip Roth: Henry Ford (1863-1947), pai da indústria automobilística americana e que na ficção torna-se o secretário do interior do governo Lindbergh.

Esse americano tão inventivo nutria dentro de si um antissemitismo virulento. Quando eclode a Primeira Guerra, numa reunião com funcionários da Ford, afirma: “Eu sei quem causou a guerra. Os banqueiros judeus-alemães. Tenho as provas aqui. São fatos. Os banqueiros judeus-alemães causaram a guerra.”³⁸² Concorre então ao senado. É derrotado e atribui sua derrota aos “interesses” de Wall Street e aos judeus.

Em 1920 passa a publicar o jornal *Deaborn Independent*. Nele estampa uma série de noventa e um artigos cujo tema é “o judeu internacional: problema mundial”

³⁸¹ ROTH, op. cit., p. 459. No original: “We cannot blame them for looking out for what they believe to be their own interests, but we also must look out for ours. We cannot allow the natural passion and prejudices of other peoples to lead our country to destruction.” ROTH, op. cit., p. 371.

³⁸² ROTH, op. cit. p.467. No original: “I know who caused the war. The German-Jewish bankers. I have the evidence here. Facts. The German-Jewish bankers caused the war.” ROTH, op. cit., p. 378.

e na sequência, publica em folhetim “Os Protocolos dos Sábios de Sião”³⁸³. Seus funcionários são obrigados a fazer a assinatura do jornal e os artigos antissemitas são reunidos posteriormente numa edição intitulada “O judeu internacional: o principal problema mundial”.

Interessa salientar como os destinos desses dois homens, Charles Lindbergh e Henry Ford, tão inventivos por um lado mas com um lado obscuro da mente igualmente grandioso, acabam por se cruzar. Pois quando Lindbergh vai a Detroit, em agosto de 1927, no “Spirit of St. Louis”, Ford recepciona-o no aeroporto e voam juntos no famoso avião. Lindbergh desperta o interesse de Ford na produção de aviões. Encontram-se muitas vezes ao longo dos anos e, em 1939, Ford observa: “Quando Charles vêm aqui, nós só conversamos sobre os judeus.”³⁸⁴

Ora, para além da extensa biografia de Ford e Lindbergh, surge aqui um questionamento: por que dois homens inventivos, empreendedores, com uma grande capacidade de trabalho, elegeriam os judeus como tema principal de suas conversas? A imagem do judeu é tão poderosa e adquire tamanha força que amalha energias e acaba por se transformar numa força motriz.

De fato, segundo Edmund Wilson em seu artigo sobre Henry Ford “Motores de Detroit”³⁸⁵, o pai da indústria automobilística americana era portador de uma intensa instabilidade de humor. Há um Henry Ford “caloroso, impulsivo e idealista” ao lado de um Henry Ford “gasto e exausto”, abatido pelos confrontos e responsabilidades do trabalho. O lado impulsivo emerge quando elabora os aprimoramentos em seus carros, em suas indústrias e quando imagina formas de conter seus inimigos, os judeus. Edmund Wilson diz:

O déspota de River Rouge, com toda a tenacidade e ousadia de sua carreira como inventor e industrial, é cheio de desconfianças e prevenções. Sua cruzada contra os judeus foi aparentemente inspirada pela noção de que os banqueiros judeus estavam conspirando contra ele, e quando os Estados Unidos entraram na guerra, consta que ele explicou sua recusa em permitir que o filho Edsel se alistasse com base no

³⁸³ Ibidem, p. 467.

³⁸⁴ ROTH, op. cit., p. 468. No original: “When Charles comes out here, we only talk about the Jews.” ROTH, op. cit., p. 379.

³⁸⁵ WILSON, Edmund. “Motores de Detroit”. In: *Revista Serrote*, nº 1, São Paulo: Instituto Moreira Sales, março-2009, pp. 159-189.

argumento de que certamente forças sinistras de Wall Street o alvejariam pelas costas.”³⁸⁶

Considerando que, na fantasia de Henry Ford, essas forças sinistras de Wall Street também seriam comandadas por judeus, configura-se um homem poderoso, com extrema capacidade de trabalho - afinal fez sua fortuna a partir do nada - mas profundamente acuado. Sua campanha antissemita fez com que nutrisse imensa simpatia pelo regime nazista (recebeu a mesma condecoração de Lindbergh), mas seus delírios persecutórios não o levaram a almejar o extermínio dos judeus. Imaginou sim possibilidades de deslocamento dos judeus para outras regiões.

Em seu artigo “A Pastoral Americana”³⁸⁷, Carlos Haag analisa a criação da Fordlândia no interior do Pará. Esse projeto tinha por objetivo estabelecer uma plantação de borracha na Amazônia que atendesse às demandas crescentes dessa matéria-prima, seguindo um modelo de produção mais moderno. Assim, em 1927, chegaram ao Brasil dois navios com material tecnológico de última geração suficiente para criar uma “cidade americana” na selva. No que diz respeito a seu conflito com os judeus, Carlos Haag relata que, em 1938, Henry Ford viajou à Alemanha para receber uma alta condecoração por seu apoio ao nazismo e à luta antissemita (sabe-se inclusive que Hitler tinha uma foto de Ford em seu gabinete. Lemos então: “Na ocasião disse aos repórteres que a Fordlândia (...) estava à disposição para receber judeus ‘indesejados’ pelos alemães, já que são os melhores trabalhadores lá na América.”³⁸⁸

Os judeus indesejados não vieram e a Fordlândia, que consumiu entre 1927 e 1945 mais de US\$ 20 milhões em valores da época, fracassou. Grande parte desse fracasso foi devido a conflitos culturais: os trabalhadores brasileiros não se adaptaram às casas em estilo americano construídas com capricho para sua moradia, nem com o relógio de ponto e muito menos com a alimentação americana a eles imposta. Ford almejou criar um “Éden Americano” em meio à “selva” ou quis salvar o trabalhador brasileiro de suas péssimas condições de trabalho. Não levou em conta a cultura local pois estava se relacionando com um trabalhador brasileiro imaginário, assim como se relacionava com um judeu imaginário.

³⁸⁶ Ibidem, p.185.

³⁸⁷ HAAG, Carlos. “A Pastoral Americana”. In: *Revista Pesquisa FAPESP*, nº 158. Abril 2009, pp. 16/22.

³⁸⁸ Ibidem, p.17.

3. Seguidores de Cristãos

A narrativa de *Complô contra a América* é construída a partir da mescla entre ficção e realidade. Tem como substrato principal um sentimento básico: o medo na comunidade judaica. Ela passa a ser ameaçada por um programa governamental segregacionista, que até então parecia só ter condições de sedimentação na Europa. Entretanto, Philip Roth descobriu em suas pesquisas históricas que, em 1940, o Partido Republicano cogitou seriamente lançar Charles Lindbergh como candidato à presidência da república. Partindo desse dado real, o autor construiu seu romance baseado numa hipótese: o que ocorreria nos Estados Unidos se Charles Lindbergh vencesse Franklin Delano Roosevelt e se tornasse presidente?

Philip Roth tinha sete anos em 1940 e seu irmão (Sandy) era seis anos mais velho. Seu pai (Herman) era corretor de seguros, sua mãe (Bess) dona de casa e a família vivia em Newark cercada por outras famílias de origem judaica. Essa família real é transportada para a ficção e constitui o núcleo que sofre as consequências de um discurso ideológico desagregador.

Aumentando a sensação de desamparo e medo, a história é contada por um narrador adulto, Philip Roth, que recorda suas vivências de infância nesse período. A procura pela verossimilhança é tão bem-sucedida que o autor teve diversas vezes que explicar, em entrevistas, que o livro não é autobiográfico³⁸⁹. Afinal, Charles Lindbergh nunca foi presidente dos Estados Unidos e a comunidade judaica americana não foi perseguida da forma como o é em *Complô contra a América*. Mas, o autor acredita que conseguiu retratar o antissemitismo latente na sociedade americana a partir dessa distopia.

No capítulo intitulado “Junho de 1941 - Dezembro de 1941 - Seguidores de Cristãos”³⁹⁰ personagens odiosos entram em cena, não mais em comícios políticos ou em transmissões radiofônicas, mas na sala de estar de uma família judaica. Passo a passo caminha-se num contexto que inclui o rompimento do pacto de não-

³⁸⁹ CELESTINO, Helena. “Apenas um modesto escritor”. In: *O Globo on line*. Rio de Janeiro, 24 set 2005. Disponível em: <<http://www.revistaagulha.nom.br/philiproth>> Data da consulta: 20 julho 2007.

³⁹⁰ ROTH, Philip. “Junho de 1941 – Dezembro de 1941 – Seguidores de Cristãos”. In: *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 110-156.

agressão entre Alemanha e União Soviética, com Hitler avançando para o leste europeu, a manutenção pelos Estados Unidos de sua postura não-intervencionista na guerra até a implantação, por Charles Lindbergh, da política de reassentamento dos judeus. Essa política está camuflada e adquire a fachada do programa “Gente como a Gente”, promovido pela Agência de Absorção Americana. O programa pretende levar jovens judeus de doze a dezoito anos para o oeste americano, onde poderão “conhecer melhor” seu país, e vivenciar “outras realidades”, longe dos centros urbanos, etc.

O irmão do narrador, Sandy, está com treze anos e anseia por sair das asas dos pais. Como qualquer adolescente, quer ter suas próprias vivências, explorar seu corpo e testar suas aptidões. Gosta de desenhar - pensa, então, que poderá desenhar muito na fazenda do Kentucky onde trabalhará durante o verão. Sandy não percebe o que está em jogo mas seus pais sentem a gravidade da situação. Entretanto, a forma como explicitam seus temores serve apenas para enfurecer o filho: o pai fala de antissemitismo que o filho refuta afirmando que a viagem para Kentucky é apenas uma grande oportunidade para ele. A mãe preocupa-se com as mãos do filho - afinal ele quer ser desenhista e o trabalho na fazenda pode machucá-las. O narrador, um adulto tentando se colocar no papel de uma criança que observa a angústia de sua família, conclui ironicamente:

O objetivo declarado da AAA (Agência de Absorção Americana) era implementar programas “que estimulasse as minorias religiosas e nacionais dos Estados Unidos a se incorporarem mais integralmente à sociedade maior” mas até a primavera de 1941 a única minoria em que a nova Agência parecia interessada era a nossa.³⁹¹

A ironia surge aqui evidenciando o contraste entre aquilo que se fala e aquilo que realmente está acontecendo. A situação agrava-se enormemente com a entrada em cena de “tia Evelyn”, irmã de Bess Roth. Ela está envolvida no programa “Gente como a Gente” e é convidada para jantar por sua irmã exatamente num dia em que

³⁹¹ Ibidem, p. 122. No original: “The announced purpose of the OAA was to implement programs “encouraging America’s religious and national minorities to become further incorporated into larger society”, though by the Spring of 1941 the only minority the OAA appeared to take a serious interest in encouraging was ours.” Roth, Philip. *The Plot Against America*. New York: Vintage Books, 2004, p.85.

Sandy não está. Assim, a discussão ácida entre Herman Roth e “tia Evelyn” não será presenciada por esse adolescente:

‘Está me dizendo que não vai deixar ele ir?’
‘E por que é que eu devia deixar? Por quê?’ - perguntou ele.
‘Não vejo por que não’ - respondeu tia Evelyn ‘a menos que você seja um desses judeus que têm medo até da própria sombra’.³⁹²

Sandy vai ao Kentucky e integra-se bem com a família que o recebe. Esses americanos nunca haviam visto um judeu, mas simpatizaram com o rapaz. Sandy retorna bronzeado, musculoso e com muitos desenhos feitos.

O círculo se fecha quando o rabino Bengelsdorf, representante judeu oficial do programa “Gente como a Gente”, vem jantar na casa dos Roth para comemorar o retorno de Sandy. Quer saber as impressões do rapaz sobre a viagem, ouve pacientemente a descrição de Sandy sobre sua rotina na fazenda, sobre o que aprendeu, os amigos que fez; vê seus desenhos e conclui num discurso agora ideológico:

A meu ver, Sandy e outros meninos judeus como ele que participam do Programa Gente como a Gente deviam servir de modelo não apenas para todas as crianças judias neste país mas também para todos os judeus adultos. E isso não é apenas um sonho meu; é também o sonho de presidente Lindbergh.³⁹³

Herman Roth já havia se irritado com a “condescendência” do rabino em ouvir as “aventuras” de seu filho numa fazenda do Kentucky. Saíra da sala alegando ter que ajudar sua esposa na cozinha com o mesmo tom de voz, segundo o narrador, “em que teria dito: vou me suicidar pulando pela janela.”³⁹⁴

³⁹² ROTH, op. cit., p. 114. No original: “You mean to tell me you’re not letting him go? Why should I? Why would I he asked her. Why on earth wouldn’t you aunt Evelyn replied, unless you’re another Jew afraid of his shadow”. ROTH, op. cit., p.86.

³⁹³ ROTH, op. cit., p. 138. No original: “I believe that Sandy and other Jewish boys like him in the Just Folks Program should serve as models not only for every Jewish child growing up in this country but for every Jewish adult. And this is not merely a dream of mine; it is the dream of President Lindbergh”. ROTH, op. cit., p. 107.

³⁹⁴ ROTH, op. cit., p. 138.

Nesse momento, Herman Roth exaspera-se e faz uma longa preleção contra Lindbergh e seu amigo Hitler. O rabino Bengelsdorf inicialmente não rebate as acusações, mas no final diz que esteve “ontem mesmo” na Casa Branca e que o presidente Lindbergh garantiu-lhe que nada parecido ao que estava ocorrendo com os judeus na Europa ocorrerá com os judeus americanos. Pergunta então a Herman Roth se essa declaração o tranquilizava. Herman Roth responde dizendo-se mais aflito ainda. Isso porque ele percebeu que uma mentira foi dita a um rabino que a aceitou para manter seus privilégios. No dia seguinte Herman Roth é informado que seu filho Sandy fora escolhido como “agente de recrutamento” do programa para todo o estado. O narrador conclui, então: “Foi essa a vingança do rabino. O filho mais velho de seu pai era agora membro honorário do novo governo.”³⁹⁵

Sandy aceita inicialmente o papel de porta-voz do programa “Gente como a Gente” mas acaba perdendo o interesse por esse papel. A angústia de seu pai diante de figuras como “tia Evelyn” e o rabino Bengelsdorf, repercute nele. Ao mesmo tempo o pai toma uma decisão crucial: decide permanecer em Newark. Recusa a proposta de sua empresa para que inaugurasse uma filial numa região onde os componentes de sua família seriam os únicos judeus da vizinhança. Além disso, sua função consistiria em supervisionar o trabalho dos outros corretores, avaliando desempenho e frequência de seus subordinados. O pai avaliou que estaria novamente no papel do judeu fazendo o “trabalho sujo”, sujeito a possíveis represálias antissemitas. Demitiu-se do emprego e passou a trabalhar com o irmão.

O narrador Philip Roth pondera que a partir de então ocorreu uma transformação em Sandy. Ele começou a andar com garotas, exibindo seus recém adquiridos dotes físicos e exercendo uma atividade que adorava: desenhar muito, especialmente as meninas por quem se apaixonava. Philip Roth conclui então: “O fazendeiro judeu de Lindbergh descobre os seios femininos, e de uma hora para outra se transforma em um adolescente como outro qualquer.”³⁹⁶ Penso que o narrador está correto em sua avaliação pois trata-se aqui de redimensionar o papel desse pai diante de sua família. Ele não é o todo-poderoso capaz de prever os

No original: “(He) said “I have to help Bess”, the way he might have said, “I’m now going to jump out the window and kill myself” – ROTH, op. cit., p. 106

³⁹⁵ ROTH, op. cit., p. 144. No original: “Thus did the rabbi extract his revenge. Our father’s older son was now an honorary member of the new administration.” ROTH, op. cit., p. 112.

³⁹⁶ ROTH, op. cit., p. 318. No original: “Lindbergh’s Jewish tobacco farmer discovers breasts, and suddenly he turns up as just another teenager.” ROTH, op. cit., p. 253.

rumos de uma guerra; contudo, é capaz de tomar decisões que estejam de acordo com seus valores éticos e com seus afetos.

Herman Roth amava seus filhos; todavia, num momento histórico tão contaminado por ódios e disputas, não encontrava uma forma de demonstrar sua exasperação quanto ao futuro de Philip e Sandy. Encontrou essa forma a partir de sua recusa em se deslocar. Seus filhos então puderam igualmente tomar suas decisões: Sandy com relação às meninas e Philip com relação a Seldon, um menino de sua idade, seu vizinho e sobrevivente de um “pogrom” americano.

4. Tributo ao Pai

Herman Roth é o centro da narrativa em *Complô contra a América*. Esse homem de quarenta anos acredita na democracia americana; ingenuamente pensa que o governo Lindbergh é apenas uma nuvem negra passageira mas que as bases da liberdade continuam ali, solidamente fincadas na sociedade americana. A duras penas passa a enxergar com mais clareza o fanatismo embrutecedor que está sendo incentivado pela nova administração da Casa Branca.

Num episódio salientado por Elaine Safer em seu artigo “The Plot Against América - Paranoia or Possibility”³⁹⁷ Herman Roth leva a família para um passeio em Washington. Visitam o memorial de Lincoln; ali Herman Roth fala contra Lindbergh e é contestado por uma mulher, que elogia o novo presidente. O que poderia ser apenas um debate de ideias transforma-se numa manifestação antissemita, quando um outro turista reclama desse “judeu tagarela” e outra mulher afirma que poderia até estapeá-lo.

Retornando ao hotel onde ficaria hospedada, a família Roth é abordada pelo gerente. Ele diz que houve um engano e uma outra família foi registrada e ocupará o quarto. Herman Roth reage citando o juramento de Gettysburg que afirma serem todos os homens criados de forma igual; ao que o policial chamado para apaziguar a situação rebate dizendo que isso não significava que todas as reservas de hotel foram criadas de forma igual.

Elaine Safer salienta o fato de que o contraste entre o idealismo e patriotismo do pai com os reais cidadãos do século XX, que ignoram a postura de Lincoln sobre a igualdade entre seres humanos, gera a ironia que faz rir, mas novamente é um riso amargo. Ao mesmo tempo, a presença de um narrador adulto, que se coloca na pele de uma criança assustada, cria um duplo efeito: o adulto Philip Roth é frequentemente crítico (e irônico) em relação aos episódios vividos entre 1940-1942 ao passo que a criança envolve-se nos episódios a partir de seus

³⁹⁷ SAFER, Elaine. “The Plot Against America – Paranoia or Possibility”. In: *Mocking the Age – The Later Novels of Philip Roth*. New York: State University of New York Press, 2006, pp. 147-162.

medos³⁹⁸. Essa criança teme que seu pai morra, que sua mãe desapareça ou que os fantasmas de sua família assustem-na durante a noite.

Mas a narrativa segue um rumo que, segundo a autora, acaba por se transformar num tributo ao pai: esse pai atemorizado e ridicularizado por uma ideologia segregacionista torna-se um contraponto, levando-se em conta seu otimismo e idealismo, aos fanáticos que tomaram conta do país³⁹⁹.

É possível ver também, através dessa dupla face do narrador (adulta e infantil), a transformação desse pai. Herman Roth afasta-se da idealização infantil de seu país, imaginando-o como baluarte inabalável da democracia e da liberdade e aproxima-se do que realmente está ocorrendo. Aceitará então a ajuda de seu filho Sandy para uma tarefa que se propôs a fazer: resgatar Seldon, seu vizinho deslocado com a mãe para o Kentucky. A mãe fora linchada por membros da Ku Klux Klan local e o resgate de Seldon tornar-se-ia impossível sem a participação da família de fazendeiros que hospedaram Sandy.

Pai e filho viajam para o Kentucky, retiram a criança do palco onde a barbárie estava sendo perpetrada e reaproximam-se definitivamente. Dessa forma ocorre uma revalorização da figura paterna e marcos civilizatórios são retomados por essa família.

³⁹⁸ Ibidem, p. 149.

³⁹⁹ Ibidem, p.154.

5. Conclusões

Em sua análise da peça *Fim de Partida* de Samuel Beckett⁴⁰⁰, Theodor Adorno apresenta um elemento central na obra beckettiana: a concepção de que, após a Segunda Guerra Mundial e as atrocidades ali cometidas, tudo foi destruído, inclusive aquilo que denominou cultura ressuscitada. Adorno acredita que a extensão dessa destruição não é integralmente percebida. Assim, “a humanidade continua vegetando e se arrastando em torno de eventos dos quais nem as próprias vítimas podem realmente sobreviver.”⁴⁰¹ Beckett esmerou-se em demonstrar como as palavras perderam seu poder de representação. Elas passaram a ser algo concreto que se abate contra as pessoas, desqualificando-as, segregando-as ou, no auge da ideologia nazista, levando-as ao extermínio.

Em *Fim de Partida* encontramos quatro personagens em cena: Hamm, o filho cego e paralítico, Clov, o criado que está sempre se movimentando e Nagg e Nell, os pais que estão, cada um, numa lata de lixo. O cenário é desolador: um abrigo com janelas que dão para uma paisagem devastada. A peça foi concebida em 1954, apresentava só um ato que foi subdividido em dois. Segundo Fábio de Souza Andrade em seu estudo sobre a obra⁴⁰², ela pode ser situada na Picardia, ao norte da França, região particularmente destruída na Primeira Guerra e novamente castigada na Segunda Guerra. Assim, através de diálogos resumidos ao mínimo, entre personagens também reduzidos ao mínimo num cenário devastador, relações de poder e dominação são visualizados.

Salientarei aqui um aspecto que vem ao encontro da análise que está sendo feita de *Complô contra a América*: a forma encontrada por Beckett de apresentar a relação intergeracional. Os pais estão em latas de lixo e Adorno assinala:

Como em Kafka, a frase coloquial é tomada literalmente: “hoje, as pessoas mais velhas são jogadas fora” - e isso acontece.

⁴⁰⁰ ADORNO, Theodor. “Trying to Understand Endgame”. In: *Notes to Literature*. vol. I. New York: Columbia University Press, 1991, pp. 241-275.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 244. No original: “Humankind continues to vegetate, creeping along after events that even the survivors cannot really survive.”

⁴⁰² SOUZA, Andrade. Fábio de. “Matando o Tempo: o impasse e a espera”. In: *Fim de Partida – Samuel Beckett*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 7-32.

Fim de partida é uma verdadeira gerontologia. Pelo critério do trabalho produtivo, elas não são mais capazes - são supérfluas e devem ser colocadas de lado.⁴⁰³

E, mais adiante:

Fim de Partida nos prepara para um estado de coisas em que qualquer um que abrir a tampa da lata de lixo mais próxima poderá encontrar seus pais ali. A conexão natural (biológica) entre os seres vivos transforma-se em lixo orgânico.

Os nazistas superaram irrevogavelmente o tabu da velhice. As latas de lixo de Beckett são emblemas da cultura reconstruída após Auschwitz.⁴⁰⁴

Sandy inicialmente tratou de jogar seu pai na lata do lixo classificando-o como paranóico ou como judeu do gueto, com medo de sua própria sombra. Percebeu finalmente que estava diante de uma situação mais grave, que extrapolava sua competição com o pai ou seus legítimos desejos de liberdade. Tratava-se de eliminar esse judeu indesejado, pernicioso e contaminador. Para isso todos os meios poderiam ser utilizados - como ocorreu com a mãe de Seldon espancada e queimada dentro de um carro, a caminho de casa.

Esse judeu indesejado, ou o judeu conceitual segundo a definição de Zygmunt Bauman⁴⁰⁵, é uma síntese de todos os medos nele depositados ao longo dos séculos e que, com a ascensão do nazismo, adquiriu mais um elemento: poderia ser eliminado com métodos científicos e organizacionais próprios da era moderna⁴⁰⁶.

⁴⁰³ ADORNO, Theodor W. "Trying to Understand Endgame". In: *Notes to Literature*. vol. I. New York: Columbia University Press, 1991, p. 266. A tradução é minha. No original: "As in Kafka, the colloquial phrase is taken literally: "Today the old people are thrown on the garbage heap" and it happens. *Endgame* is true gerontology by the criterion of socially useful labor, which they are no longer capable of, the old people are superfluous and should be tossed aside."

⁴⁰⁴ Ibidem, pp. 266-267. No original: "Endgame prepares us for a state of affairs in which everyone who lifts the lid of the nearest trashcan can expect to find his own parents in it. The natural connection between the living has now become organic garbage. The nazis have irrevocably overthrown the taboo on old age. Beckett's trashcans are emblems of the culture rebuilt after Auschwitz."

⁴⁰⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 61.

⁴⁰⁶ Utilizo o termo era moderna no mesmo sentido dado por Zygmunt Bauman para o termo Modernidade: "um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII com uma série de transformações socioculturais e intelectuais profundas e atingiu sua maturidade primeiramente como projeto cultural com o avanço do Iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumada com o desenvolvimento da sociedade industrial (capitalista e mais tarde, comunista)". BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 299.

A era moderna proporcionou ao homem avanços científicos e técnicos que, de acordo com a forma pela qual são utilizados, proporcionam um aumento da consciência e possibilidade de reflexão ou a manipulação perniciosa dos sentimentos humanos. O cinema, por exemplo, como avanço técnico, nas mãos de Charles Chaplin permite a reflexão; mas, nas mãos de Leni Riefenstahl, a cineasta do nazismo, é uma poderosa arma de manipulação das massas.

Assim, o judeu com pés chatos, face de diabo, nariz adunco, bolchevique ou capitalista, que conspira contra os cristãos agora também infecta a Europa. Himmler em 1942 proferiu a seguinte afirmação:

A descoberta do vírus judaico foi uma das grandes revoluções que tiveram lugar no mundo. A batalha em que estamos empenhados hoje é semelhante à que travaram, no século passado, Pasteur e Koch. Quantas doenças tem sua origem no vírus judaico. (...) Só recobramos a saúde eliminando o judeu,⁴⁰⁷

É interessante observar que para manter essa afirmação e torná-la uma verdade incontestável foi preciso utilizar recursos técnicos próprios da era moderna, como o cinema. Assim, Leni Riefenstahl, que dispunha de orçamentos ilimitados para a realização de seus filmes, tidos como documentários, esmerou-se na produção de imagens que glorificassem a beleza e saúde dos corpos. Susan Sontag em sua análise sobre a trajetória dessa polêmica cineasta⁴⁰⁸ aponta para o fato de que essa apologia dos corpos saudáveis já estava presente nos filmes de montanha em que Leni Riefenstahl participava como atriz. São filmes de alpinismo, dirigidos por Arnold Fanck entre 1926 e 1933 que já apresentavam, segundo a autora, sentimentos protonazistas:

O alpinismo nos filmes de Fank era uma metáfora visualmente irresistível para uma aspiração ilimitada em direção à elevada meta mística, tão bela quanto aterradora, que mais tarde se concretizou na adoração ao Führer.⁴⁰⁹

Hitler viu esses filmes e interessou-se pela atriz, que também começava a dirigir seus próprios filmes sobre alpinismo. Contratou-a para dirigir *O Triunfo da Vontade* cujo foco era o Primeiro Congresso do Partido Nacional Socialista, após a tomada de poder por Hitler, em 1935. Apresentado como um documentário, na verdade sabe-se que a cineasta estava inteirada de todo o planejamento do comício, concebido para ser um espetáculo cinematográfico. A própria cineasta relatou os

⁴⁰⁷ BAUMAN, op. cit., p. 93.

⁴⁰⁸ SONTAG, Susan. "Fascinante Fascismo". In: *Sob o Signo de Saturno*. Trad. Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. Porto Alegre: LP&M, 1986, pp. 59-84.

⁴⁰⁹ Ibidem, p. 61.

preparativos das filmagens. Em seu livro há inclusive uma foto dela com Hitler debruçando-se sobre alguns planos de filmagem. Sob a foto encontra-se a legenda: “As preparações para o congresso do partido foram feitas de mãos dadas com as preparações para o trabalho de câmera.”⁴¹⁰

O *Triunfo da Vontade* apresenta discursos inflamados de Hitler e dos principais líderes do partido, filmados em close-up. Essas imagens despertam grande interesse: o espectador se vê muito próximo dos “pais” salvadores da Alemanha e que eliminarão o “vírus” judaico que a contamina. Alternando com essas imagens, há cenas de soldados perfilados, carregando bandeiras, marchando ordenadamente, filmadas de vários ângulos e com várias luzes o que dá uma grandiosidade ao espetáculo. O espectador, que já havia visto seus “pais salvadores” sente-se agora parte integrante de uma grande massa humana protetora.

O artigo de Susan Sontag é de 1974, período em que uma reabilitação da obra de Leni Riefenstahl estava sendo feita. Exortava-se a sua procura pelo belo e negava-se o conteúdo racista de suas obras (afinal, seu mais recente trabalho enfocava a tribo Nuba do Sudão). Acreditava-se também em suas declarações de que nada sabia dos crimes nazistas e de que foi sistematicamente boicotada por Goebbels (ministro da propaganda da Alemanha nazista). Todas essas afirmações são refutadas pela autora, mas aqui é importante ressaltar um aspecto: Susan Sontag afirma que sem a perspectiva histórica, essa complacência para com a diretora “prepara o caminho para a aceitação curiosamente distraída da propaganda de todos os tipos de sentimentos destrutivos.”⁴¹¹ Afirma também que, em algum lugar, todos sabem que algo mais está em jogo, além da procura do belo⁴¹².

Essa afirmação vem ao encontro de outra, feita por Amós Oz, de que ao infligirmos dor a alguém sabemos o que estamos fazendo: estamos fazendo o mal. “E o mal tem um ‘odor incomparável’.”⁴¹³ No caso da Alemanha nazista, o odor dos fornos crematórios que só puderam ser concebidos como algo “natural” a partir de algo que Susan Sontag denominou estética fascista. Nela as situações de controle,

⁴¹⁰ Ibidem, p. 64.

⁴¹¹ Ibidem, p. 77.

⁴¹² Ibidem, p. 77.

⁴¹³ BAUMAN, Zygmunt. *A Arte da Vida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p.127.

comportamento submisso, esforço extravagante e resistência à dor são hiperglorificadas. Além do que relações de dominação e escravização adquirem uma “pompa” característica, qual seja: “a transformação de pessoas em coisas (...) e o agrupamento de pessoas/coisas ao redor de uma força toda poderosa e hipnótica ou de uma figura/líder.”⁴¹⁴

Ora, todos os quatro filmes feitos por Riefenstahl, encomendados pelos nazistas quer retratem os congressos do partido ou competições atléticas (como “Olympia” - sobre os jogos olímpicos de 1938) exaltam os corpos belos, atléticos, disciplinados e vitoriosos. Não há lugar para fraquezas e dificuldades. Tudo o que vemos é uma sucessão de imagens “belas”, de corpos “belos” observados por um líder que os aprova. Massas humanas submetidas a esse nível de manipulação imagética estão prontas para o passo seguinte: eliminar aqueles que não correspondam a esse ideal (lembramos dos ensaios feitos pelos nazistas para seus programas de extermínio a partir da “eutanásia”, com a eliminação de deficientes físicos e mentais)⁴¹⁵ ou que contaminem esse ideal (os judeus).

Penso que Susan Sontag em sua análise alerta para a consequência desse processo: a inutilidade em esperar dos protagonistas o reconhecimento de suas atrocidades. Leni Riefenstahl sustentou até o fim de sua vida que era apenas uma artista e que não sabia do extermínio dos judeus. Adolf Eichmann, encarregado dos trens que transportavam os judeus para os campos de extermínio, sustentou até o fim de seu julgamento em Jerusalém, presenciado por Hanna Arendt, que era apenas um funcionário cumprindo suas ordens. Porém Hanna Arendt em seu livro *Eichmann em Jerusalém*⁴¹⁶ aponta que em seus diários Eichmann explicita uma noção muito particular sobre as razões de seu nascimento. Ele teria sido enviado à Terra por um Deus, colocado acima dos homens numa escala hierárquica militar (na língua alemã: Höheren Sinnesträger - portador de sentido mais amplo). Esse Deus determinou que ele fosse um “portador de ordens” (Befehlsträger) e que as cumprisse sumariamente. Portanto, essa era sua missão na Terra.

⁴¹⁴ SONTAG, op. cit., p. 72

⁴¹⁵ Fonte: AMÉM. Direção: Costa-Gavras. França: TF1 Production, 2007, (132 min.), DVD, son, color, leg.

⁴¹⁶ ARENDT, Hanna. *Eichmann em Jerusalém*. Trad. Sonia Orieta Heinrich. São Paulo: Diagrama & Texto, 1983, p. 43.

Finalmente, o que esperar de Rudolf Hoess, comandante de Auschwitz de 1940 a 1943 que, ao ser entrevistado pelo médico psiquiatra Leon M. Goldensohn⁴¹⁷ afirma que não é possível saber o número exato de judeus mortos em Auschwitz. Ele “estimava” que fossem 2,5 milhões de judeus. A sequência da entrevista é estarrecidora. O entrevistador pergunta se esses 2,5 milhões eram somente judeus:

‘Sim’

‘Mulheres e crianças, também?’

‘Sim’

‘O que você acha disso?’ Hoess pareceu confuso e apático.

Repeti a pergunta e indaguei se aprovava o que acontecera em Auschwitz.

‘Eu recebia minhas ordens pessoais de Himmler’

‘Você alguma vez chegou a protestar?’

‘Eu não podia - tinha que aceitar as razões dadas por Himmler’.

‘Em outras palavras, você acha que se justificava matar 2,5 milhões de homens, mulheres e crianças?’

‘Não se justificava - mas Himmler me disse que, se os judeus não fossem exterminados àquela altura, o povo alemão seria exterminado para sempre pelos judeus’.⁴¹⁸

A descrição das Câmaras feita por Hoess é a seguinte:

‘...(essas) câmaras eram feitas de madeira e cimento, cada uma delas tinha o tamanho dessa cela (cerca de 2,4 por 3,4 metros) mas os tetos eram mais baixos do que este cômodo. Ao longo da lateral das câmaras de extermínio, motores de tanques ou caminhões velhos foram instalados, e os gases dos motores, o exaustor, direcionados para dentro das celas, e era assim que as pessoas eram exterminadas’.⁴¹⁹

Hoess “estimava” que cerca de duzentas pessoas eram enfiadas na cela a cada vez, “bem comprimidas”⁴²⁰. Foi a isso que a estética fascista nos levou, herança com a qual devemos conviver e tentar elaborar.

Philip Roth está atento ao grau de obnubilação hipnótica a que uma estética fascista pode levar. Já no início de *Complô contra a América* há um extenso relato sobre a convenção republicana que indicou Charles Lindbergh candidato à presidência da república. O narrador e seu irmão Sandy, assim como toda a vizinhança judaica, ouvem a transmissão pelo rádio. Havia um impasse e nenhum

⁴¹⁷ GOLDENSOHN, Leon. “Rudolf Hoess”. In: *As Entrevistas de Nuremberg*. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 317-369.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 348.

⁴¹⁹ Ibidem, p. 353.

⁴²⁰ Ibidem, p. 353.

candidato atingia o consenso. Lindbergh não era esperado porque estava num congresso de engenharia no meio-oeste. A monotonia tomava conta do congresso e da transmissão radiofônica. Então, “inesperadamente” Charles Lindbergh chega à convenção às 3 horas e 18 minutos da madrugada. Surge em seu traje de aviador, pois havia pousado minutos antes em seu próprio avião no aeroporto da Filadélfia. Belo, atlético e confiante é recebido esfuziantemente pela plateia, num surto de entusiasmo “redentor”. “Lindy! Lindy” Lindy” foram os gritos ouvidos por trinta “gloriosos” minutos. Às 4 horas da manhã, por aclamação, seu nome foi indicado⁴²¹.

Há um jogo de cena envolvido aqui pois, uma plateia já acostumada a um discurso segregacionista, fica à espera de um “pai salvador” que a defenda do inimigo. Esse “pai” surge “inesperadamente” do céu, em seu avião, com seu porte atlético e olhar confiante. A plateia recebe-o, então, infantil e hipnoticamente, aos gritos. Para o narrador esse foi o apogeu da pregação racista de Charles Lindbergh. Em 28 de junho de 1940, um homem que se referira aos judeus como “outros povos que utilizavam sua influência com o objetivo de levar nosso país à destruição começava seu caminho rumo à Casa Branca.”⁴²²

Ficcionalmente as consequências da ascensão de Lindbergh são funestas, mas a família Roth encontra um caminho para a saída da barbárie. Na vida real, para os sobreviventes do Holocausto resta tentar contar sua história inverossímil, em alguma língua.

Imre Kertész, sobrevivente do Holocausto e Prêmio Nobel de Literatura, escreve em húngaro e em alemão. Em seu texto *A Língua Exilada*⁴²³, o autor fala das dificuldades, muitas vezes intransponíveis, dos sobreviventes do Holocausto em transmitir suas experiências para aqueles que não vivenciaram os horrores da perseguição nazista. É preciso contar, mas aquilo que é contado é inabsorvível e a língua torna-se estranha por não poder conter as vivências. Assim, a própria vítima do Holocausto acaba por se sentir um estranho, um exilado da sociedade. Kertész fala de uma inadequação e de uma dificuldade do judeu dizer afinal o que é dele nessa sociedade pós-Auschwitz e conclui: “Bem, Auschwitz é sem dúvida dele, do

⁴²¹ ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 27.

⁴²² Ibidem, p. 27.

⁴²³ KERTÉSZ, Imre. “A Língua Exilada”. In: *A Língua Exilada*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 194-208.

judeu, mas com Auschwitz, com essa propriedade terrível, ele, ao mesmo tempo, perdeu a língua.”⁴²⁴

A partir desse fato, um problema se coloca: o que fazer com a transmissão intergeracional dessa tragédia? Nesse ponto o autor analisa uma obra cinematográfica *A Lista de Schindler* de Steven Spielberg. Kértecz acredita que Spielberg aborda o tema a partir do voyeurismo, ou seja, apresenta uma visão externa, glamourizada que, segundo suas palavras, passa por cima “de pilhas de cadáveres” e “montes de ruínas”, inclusive ruínas de valores morais soterrados pelas câmaras de gás. Spielberg acaba por inserir essa tragédia numa continuidade histórica o que lhe permite utilizar imagens coloridas e música triunfal para celebrar a sobrevivência dos judeus. Eu acrescentaria que esse voyeurismo fez com que o diretor filmasse judeus nus dentro das câmaras de gás e em vários ângulos. Assim, o que Kértecz presenciou em Auschwitz, não foi o que Spielberg retratou em seu filme e, a partir desse exemplo mais gritante, percebemos o abismo que há entre os que viram e os que não viram Auschwitz.

Philip Roth deparou-se com esse abismo mas, ao invés de grandiloquência, lições de moral ou efeitos pirotécnicos, criou uma distopia aterradora que transporta imediatamente o leitor para um cenário em que o medo e o desamparo são os componentes principais ao lado de corajosas reações à barbárie. Ao mesmo tempo, permeou sua narrativa com algo próprio e que penso ser a base de seu interesse e amizade pelos sobreviventes do Holocausto: o respeito pela herança paterna.

⁴²⁴ Ibidem, p. 196.

VII. CONCLUSÕES FINAIS

Philip Roth é, a meu ver, um escritor judeu não porque ele se considere como tal ou porque outros nele coloquem essa etiqueta, mas porque ele escreve sobre pessoas que se chamam Zuckerman, Epstein ou Kepesh, sobre suas mães, sobre suas vidas e suas subversões como um romancista que conhece essas coisas intimamente.

Consequentemente, ele compreende os gestos visíveis e os movimentos dissimulados de seus personagens. Quando é possível, ele os observa minuciosamente e sem intervir em suas vidas. Ele nunca idealiza os judeus, ele nunca os santifica ou os torna anônimos: ele os faz seres de carne e osso, mostra seus defeitos e seus sucessos. Eu utilizo a expressão “de carne e osso” porque não encontro outra melhor para descrever a essência da existência humana.

Não encontramos na ficção de Philip Roth a filosofia judaica, as tradições, o misticismo, a religião ou a discussão sobre quem é judeu. Encontramos nela aqueles que acreditam em seu judaísmo e aqueles para os quais o judaísmo não tem nenhuma importância. Os judeus de Roth são judeus sem judaísmo. (Aharon Appelfeld).⁴²⁵

⁴²⁵ Appelfeld, Aharon. “L’artiste en tant qu’écrivain juif” (1988-extrait). Reading Philip Roth – Dossier Philip Roth”. In: *Transfuge, Le Magazine de Littérature Étrangère*, nº 4, Septembre, 2004, p.85. A tradução é minha.

No original: “Philip Roth est à mon sens un écrivain juif, non pas parce qu’il se considère comme tel ou parce que d’autres lui prêtent cette étiquette mais parce qu’il écrit sur des gens qui s’appellent Zuckerman, Epstein ou Kepesh, sur leurs mères, sur leurs vies et ses bouleversements à la manière d’un romancier qui connaît ces choses intimement. Par conséquent, il comprend les gestes visibles et les mouvements dissimulés de ses personnages. Quand cela est possible, il les observe à la loupe et sans intervenir dans leurs vies. Il n’a jamais idéalisé les juifs. Il ne les a jamais sanctifiés ou rendus anonymes: il en fait des êtres de chair et de sang, il montre leurs défaites et leurs succès d’êtres humains. J’utilise l’expression “de chair et de sang” car je ne trouve rien de mieux pour décrire l’essence de l’existence humaine. Dans les fictions de P. Roth, on ne trouve guère de philosophie juive, de traditions, de mysticism, de religion ou de discussion sur qui est juif ou ce que c’est que d’être juif. Il y en a qui sont fiers de leur judaïsme et ceux pour lesquels cela n’a aucune importance. Les juifs de Roth sont des juifs sans judaïsme.”

Retomando questões disseminadas ao longo da tese e tentando amarrá-las, é preciso dizer que pude acompanhar as diferentes formas que Philip Roth encontrou para enfrentar temas difíceis relacionados à vida judaica como a sexualidade reprimida, relações entre judeus e não-judeus, a tensão da sociedade israelense e a perseguição nazista. Tive igualmente oportunidade de entrar em contato com muitas análises sobre sua obra e observar o grau de controvérsia que ela suscita.

Acusações de antissemitismo e auto-ódio até a proclamação de Philip Roth como o porta-voz de uma nova judeidade, engendrada nos Estados Unidos, fizeram parte de meu material de pesquisa. Porém, minha leitura de Philip Roth aproxima-se muito da leitura feita pelo escritor em língua hebraica Aharon Appelfeld, conforme citação. Assim, concordo com Appelfeld quando afirma que Philip Roth é um escritor judeu e essa classificação ocorre para além do próprio autor ou do que os críticos acreditem que ele seja. Ela ocorre porque seus narradores são judeus e esse romancista conhece-os profundamente.

É interessante pensar que a obra literária propõe questões para o próprio autor. Ao ser reiteradamente questionado sobre se sua literatura pode ser considerada judaica, Philip Roth reiteradamente nega essa classificação. Insiste em afirmar que não acredita em literatura étnica ou segmentada. Empenha-se em fazer boa literatura.

Mas, Aharon Appelfeld parte de um fato: os narradores de Roth são judeus e isso tem uma significação. Por outro lado, Zuckerman, Epstein, Kepesh ou mesmo o narrador Philip Roth não são idealizados; são seres de “carne e osso” e isso também tem uma significação. Philip Roth interessa-se por retratar os judeus como pessoas e não como símbolos. Ao fazê-lo escapa de reducionismos que acabam por empobrecer a obra literária.

Hana Wirth-Nesher⁴²⁶ aponta um deles: o judeu como símbolo da humanidade no século XX, devido à sua vitimização, falta de raízes e história de sofrimento. Assim, ele pode se visto como um herói existencial, um moderno “homem comum”⁴²⁷.

⁴²⁶ Wirth-Nesher, Hana. “From Newark to Prague: Roth’s Place in the American Jewish Literary Tradition”. In: *What is Jewish Literature? Edited with an Introduction by Hana Wirth-Nesher*, Philadelphia – Jerusalem – 5754-1994, pp. 216-229.

⁴²⁷ Ibidem, p. 216. No original: “Everyman”.

Se, por um lado, reduzir o judeu a um símbolo não interessa a Philip Roth, ele dá muita importância à história de perseguições, de sofrimento e de falta de raízes que culminou com o Holocausto Judeu.

Como autor, percebe-se sua preocupação com os aspectos sombrios da mente humana que, em determinadas circunstâncias, conduzem os indivíduos a situações inimagináveis como, por exemplo, o assassinato do escritor judeu-polonês Bruno Schulz. Esse assassinato transformou-se em fonte inspiradora de um romance seu, *The Prague Orgy*⁴²⁸ no qual o narrador, Nathan Zuckerman, vai em busca dos manuscritos perdidos de um escritor judeu morto em Praga pelos nazistas. Foi também um dos temas tratados em sua conversa sobre o autor com Isaac Bashevis Singer⁴²⁹.

Na vida real, Philip Roth empenhou-se na publicação dos escritos de Bruno Schulz, assim como de outros escritores da Europa Oriental pouco conhecidos nos Estados Unidos. Tornou-se editor, em 1973, de uma série de brochuras, editadas pela Penguin International, *Writers from the Other Europe*, com obras de autores poloneses entre eles Bruno Schulz, húngaros, como Gyorgy Konrád, tchecos, como Milán Kundera e iugoslavos, como Danilo Kiš, que só então se tornaram conhecidos. A série durou até 1989.

Hana Wirth-Nesher em seu artigo "From Newark to Prague, Roth's Place in American Jewish Literary Tradition"⁴³⁰ traça um interessante paralelo entre a procura de Nathan Zuckerman pelos escritos do autor judeu, morto em Praga, com o que acredita ser a procura de Philip Roth por uma vinculação com a história judaica. Essa vinculação não se fará através da religião ou tradição judaicas, mas a partir do fato de que num determinado momento histórico, decretou-se que um agrupamento humano não deveria existir.

Aqui penso estar a ligação entre a história trágica de Bruno Schulz com a dos escritores censurados do leste europeu: em relação a eles também se decretou a proibição de existir. Philip Roth trata de publicá-los, insurgindo-se contra esses decretos de não-existência. Com isso admite que a história da humanidade continua

⁴²⁸ ROTH, Philip. *The Prague Orgy*. New York: Vintage International, 1996.

⁴²⁹ ROTH, Philip. "Conversation with Isaac Bashevis Singer about Bruno Schulz". In: *Shop Talk: a Writer and His Colleagues and Their Work*. New York: Vintage International, 2001, pp.78-89.

⁴³⁰ Wirth-Nesher, Hana. "From Newark to Prague, Roth's Place in the American Jewish Literary Tradition". In: *What is Jewish Literature? Edited with an introduction by Hana Wirth-Nesher*. Philadelphia, Jerusalém: The Jewish Publication Society. 5754-1994, pp. 216-229.

com seus desatinos e que é preciso reagir a eles. Sua forma de reação é através da literatura. Avesso à participação política direta, Philip Roth esmera-se em procurar recursos narrativos que permitam uma aproximação inteligente e instigante a temáticas complexas.

Robert Greenberg ressalta em sua análise da obra de Roth⁴³¹ uma definição dada por Nathan Zuckerman para a existência judaica nos Estados Unidos:

A primeira geração, a do pai americano, possuída pelos demônios judaicos; a segunda geração, a do filho americano, possuída pelo exorcismo (desses demônios): essa foi toda a sua história.⁴³²

Para dar conta desses demônios, como foi visto, vários recursos narrativos são utilizados. Ironia e humor são traços marcantes na obra rothiana. Eles se mostraram efetivos na descrição da vida caótica de Alexander Portnoy⁴³³ mas tiveram que ser redimensionados em obras como *O Avesso da Vida*⁴³⁴ e *Operação Shylock*⁴³⁵ que abordam a questão do Estado de Israel e sua relação com a diáspora. Em *Complô contra a América*⁴³⁶, que se passa entre os anos de 1940-1942, ironia e humor passam pelo crivo da depressão e do medo que permeia toda a obra transformando-se em seu oposto, em estupefação diante de uma realidade brutal.

Aqui é preciso acrescentar mais um recurso narrativo, denominado pelo autor como “blocos de consciência”: é a presença de conglomerados de material de variados tamanhos, colocados lado a lado, numa espécie de “associação livre”, não obedecendo a uma ordem cronológica. Isso dá a narrativa um tom vertiginoso que só é interrompido quando um personagem chega a alguma conclusão, mesmo que seja absurda ou irônica. Esses “blocos de consciência” quando associados à

⁴³¹ Greenberg, Robert, M. “Transgression in the fiction of Philip Roth”. In: *Philip Roth, Edited and with an introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2001, pp. 81-100.

⁴³² Ibidem p. 93. No original: “A first generation American father possessed by Jewish demons; a second generation American son possessed by their exorcism: that was his whole story.”

⁴³³ ROTH, Philip. *O Complexo de Portnoy*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴³⁴ ROTH, Philip. *O Avesso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

⁴³⁵ ROTH, Philip. *Operação Shylock*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁴³⁶ ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

presença de um duplo, como em *Operação Shylock*, dão à narrativa um aspecto delirante.

Assim, o narrador, Philip Roth ouve com impaciência seu duplo discorrer sobre o diásporismo. Está diante de palavras como “Holocausto Judeu”, “bomba nuclear dos árabes”, “retorno dos judeus à Polônia, Romênia, Alemanha”, onde seriam recebidos de braços abertos ao som dos gritos: “nossos judeus voltaram”! Até que, não mais se contendo, Philip Roth exclama:

(...) Me diga, por favor (...) já há uma fila de judeus romenos morrendo de vontade de voltar para a Romênia de Ceausescu? Já há uma fila de judeus poloneses morrendo de vontade de voltar para a Polônia comunista? Os russos que lutam por sair da União Soviética, o senhor planeja fazer com que dêem meia-volta no aeroporto de Tel-Aviv e sejam colocados à força no próximo vôo para Moscou?⁴³⁷

Aqui o narrador usa de ironia para interromper uma sequência de ideias que desqualifica a história trágica dos judeus europeus. O duplo tenta convencer Philip Roth de que “erros” foram cometidos e que agora haverá uma correção nos rumos da história. Anteriormente já havia afirmado que a longa história judaica na Europa não poderia ser confundida com os poucos doze anos do reinado de Hitler e ouvimos o narrador dizer, agora não em tom irônico, mas exasperado:

Aqueles doze anos **não podem** ser mais expurgados da história do que apagados da memória (...) o significado da destruição dos judeus europeus não pode ser medido ou interpretado pela brevidade com que foi realizada.⁴³⁸

Ao permitir que um personagem fale absurdos com relação a uma história trágica e apresentando um contraponto a esses absurdos pela ironia ou pela exasperação, a narrativa amplia o raio de visão sobre atos de extrema crueldade. É

⁴³⁷ ROTH, Philip. *Operação Shylock*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 43. No original: “Tell me, please (...) are they lining up, the Romanian Jews who are dying to go back to Ceausescu’s Romania? Are they lining up, the Polish Jews who are dying to return to Communist Poland? Those Russians struggling to leave the Soviet Union, is your plan to turn them around at the Tel Aviv airport and force them onto the next flight back to Moscow?” Roth, Philip. *Operation Shylock*. New York: Vintage International. 1994, p. 47.

⁴³⁸ ROTH, op. cit., p. 39. No original: “Those twelve years **cannot** be expunged from history any more than they can be obliterated from memory (...). The meaning of the destruction of European Jewry cannot be measured or interpreted by the brevity with which it was attained.” ROTH, op. cit., p. 43.

possível rir de uma cena inimaginável (“nossos judeus voltaram!”) e ao mesmo tempo chorar, especialmente quando lembramos da pergunta feita por Primo Levi em seu texto “Vanádio”⁴³⁹: “Por que as ‘instalações’ de Auschwitz engoliam dez mil vidas por dia?”⁴⁴⁰ Assim, os doze anos de Hitler não são apenas uns poucos anos, mas uma eternidade na qual se criou um marco: a possibilidade da matança industrializada de seres humanos.

Em *Complô contra a América*⁴⁴¹ esse tema retorna e Philip Roth cria uma narrativa que não dá margem a qualquer simplificação da história vivida. A partir de um giro da história - a eleição nos EUA de um presidente simpatizante do nazismo - toda uma comunidade passa a ser ameaçada. A ameaça não ocorre apenas de fora para dentro, através de decretos governamentais e programas de reassentamento para os judeus; ela ocorre também a partir de membros da própria coletividade, que aderem à política governamental em busca de privilégios ou de ascensão social. Tudo isso visto sob a ótica de um narrador adulto, contando sua história enquanto criança, nos anos 40.

Complô contra a América tem uma moralidade própria sem cair nas armadilhas da simplificação. As possíveis razões para atitudes positivas ou negativas dos personagens são apresentadas, mas há uma visão de mundo que permeia a narrativa: a que admite a existência do outro, mesmo desse outro com o qual não concordamos, não simpatizamos ou que nos assusta. Essa visão se contrapõe evidentemente à visão nazista, para a qual a existência do judeu é inadmissível e precisa ser eliminada. Nessa obra, o extermínio dos judeus é representado pelo programa de deslocamento para o oeste americano, especialmente para regiões mais racistas onde certamente seriam mortos.

Finalmente, a visão de mundo que admite a existência do outro é incorporada também em *O Averso da Vida*⁴⁴² e de uma forma surpreendente. A partir da morte do irmão na mesa cirúrgica e seu reaparecimento, em Israel, como um colono judeu na Cisjordânia, o narrador, Nathan Zuckerman entrará em contato com as diversas vozes que compõem a sociedade israelense e com as diversas

⁴³⁹ LEVI, Primo. “Vanádio”. In: *A Tabela Periódica*. Trad. Luis Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, pp. 211-224.

⁴⁴⁰ Ibidem, p. 217.

⁴⁴¹ ROTH, Philip. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁴⁴² ROTH, Philip. *O Averso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

vozes que o compõem. Ele, que se considera um intelectual, não afeito a questões religiosas e que não tem Israel como seu ponto de referência afetivo, surpreender-se-á emocionado diante do Muro das Lamentações ou até ouvindo atentamente um rabino ortodoxo discorrer sobre a necessidade dos judeus de se protegerem contra novas “Treblinkas”, agora representadas pela ameaça árabe.

Irrita-se com discursos de esquerda reducionistas sobre os judeus colonizadores e os árabes vítimas da colonização; mas, principalmente, ouve seu irmão Henry discorrer sobre a insatisfação que sentia com sua vida nos Estados Unidos.

Ao adotar uma premissa absurda como ponto de partida - um irmão morto nos Estados Unidos que reaparece vivo em Israel, *O Averso da Vida* faz pensar em algo que é muito importante para Philip Roth: a percepção de que somos compostos de duplicidades, que elas estão presentes em nosso psiquismo e que atuam simultaneamente. Na maior parte das vezes, não admitimos essas duplicidades e ingenuamente definimos a nós mesmos a partir de um lado apenas da moeda: somos de esquerda ou de direita, sionistas ou antissionistas, intelectuais ou religiosos, etc. Porém, a vida é mais complexa do que isso e uma ficção como a de Philip Roth, preocupada em desestabilizar o leitor, fazendo-o percorrer caminhos que não tinha imaginado para si mesmo, contribui para que ampliemos nossa percepção sobre ela.

Ao ser questionado por Alain Finkielkraut⁴⁴³ sobre o significado da leitura, Philip Roth declara que lê ficção para se libertar de sua própria perspectiva de vida estreita e sufocante e para ser absorvido por um mundo imaginativo, criado a partir de um outro ponto de vista que não o dele. E esse também é o motivo pelo qual escreve⁴⁴⁴.

Num outro artigo,⁴⁴⁵ Philip Roth afirma que a ficção não é feita para reafirmar o que já sabemos sobre nós mesmos ou sobre o mundo e que “uma das grandezas da arte é que ela permite, tanto para o escritor como para o leitor, responder as

⁴⁴³ ROTH, Philip. “Interview with Le Nouvel Observateur”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, pp. 98-110.

⁴⁴⁴ Ibidem, p.103.

⁴⁴⁵ ROTH, Philip. “Writing about Jews”. In: *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001, pp. 193-211.

experiências de maneiras não disponíveis em nosso dia-a-dia.”⁴⁴⁶ Mais adiante, Philip Roth afirma algo que me parece fundamental: “Podemos nem mesmo saber que temos essa gama de sentimentos e respostas até que entramos em contato com o trabalho da ficção.”⁴⁴⁷

Nathan Zuckerman não sabia que iria se emocionar diante do Muro das Lamentações. Ao emocionar-se, transmite ao leitor a percepção de que aquele conjunto de pedras simboliza elementos muito profundos da história judaica como “transitoriedade, resistência, destruição e esperança”⁴⁴⁸. Essa percepção talvez permita ao narrador e ao leitor enfrentarem a complexa realidade israelense, escapando dos estereótipos reducionistas e empobrecedores.

Penso que Aharon Appelfeld se refere a esse nível de conflito quando afirma que a ficção de Roth não trata de filosofia, misticismo, religião ou tradição judaicas. Nela encontramos judeus que acreditam ou que não acreditam no seu judaísmo. Em *O Avesso da Vida*, Philip Roth adiciona mais um elemento: judeus que acreditam e não acreditam no seu judaísmo ao mesmo tempo; emocionam-se e enraivecem-se com os mesmos componentes do judaísmo, redimensionados por condições políticas atuais que tornam a situação de Israel extremamente perigosa.

Assim, o mesmo Muro das Lamentações que emocionou Nathan Zuckerman é fonte de infinitas discussões sobre quem tem mais direito àquelas terras ou a paralelismos entre a situação no Oriente Médio com a perseguição nazista. As palavras são usadas de maneira tão rápida e intempestiva que o narrador, confuso e angustiado, sente que a linguagem não é mais o seu domínio⁴⁴⁹.

Aqui é preciso dizer que o uso intempestivo das palavras não é feito só pelo mundo judaico. Num dos momentos mais angustiantes da narrativa, Nathan Zuckerman toma conhecimento da análise feita por um jornalista sobre o conflito no

⁴⁴⁶ Ibidem, p. 195. No original: “(...) One of the greatneses of the arts is that it allows both the writer and the reader to respond to experience in ways not always available in day-to-day conduct.”

⁴⁴⁷ Ibidem, p.195. No original: “We may not even know that we have such a range of feelings and responses until we have come into contact with the work of fiction.”

⁴⁴⁸ ROTH, Philip. *O Avesso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 98. No original: “Transience, endurance, destruction, hope.” ROTH, Philip. *The Counterlife*. New York: Vintage International, 1996, p. 84.

⁴⁴⁹ ROTH, op. cit., p. 149.

Oriente Médio. Sinteticamente o jornalista afirma que os judeus aprenderam muito em Auschwitz - aprenderam a ser nazistas com os árabes⁴⁵⁰.

Diante de um narrador estupefato, é possível lembrar de uma passagem em *Operação Shylock* em que outro narrador, Philip Roth, está diante de um advogado que tenta convencê-lo de que os métodos utilizados por Israel para conter a Intifada palestina são os mesmos métodos dos nazistas. O advogado faz referência especificamente à autorização, dada por Itzhak Rabin, para que se quebrassem os ossos dos palestinos insurgentes. O narrador se surpreende então com suas palavras, que saem num turbilhão incontrolável. Ele diz:

Escute, (...) os nazistas não quebravam mãos. Eles praticavam aniquilamento industrial de seres humanos. Fizeram da morte um processo de manufatura. Por favor, nada de metáforas onde há registro histórico!⁴⁵¹

Na vida real, esse turbilhão de palavras nos atinge e a reação mais imediata a elas é a tomada de posições fixas com prós e contras muito definidos. Philip Roth cria em sua ficção um sentido que hesita, para não cair nas armadilhas das posições enrijecidas. Seus narradores têm dúvidas, são e não são judeus, integram-se e não se integram à sociedade americana. Para exacerbar essa hesitação, há personagens que morrem e renascem, duplos que falam absurdos ou um presidente americano nazista.

Chega-se assim, à última afirmação de Aharon Appelfeld: a de que os judeus de Roth são judeus sem judaísmo. Eu acrescentaria, são judeus diante de um judaísmo modificado por um extermínio em escala industrial e a criação de um Estado a partir dessa aniquilação quase total. Esses fatos criam para Philip Roth um dilema moral no sentido de que ele se vê compelido a retratá-los, mas evidentemente, a partir de sua visão de mundo.

Assim, ele se coloca a favor do direito de existir de um povo perseguido e quase aniquilado totalmente, mas sem idealizá-lo. Em relação a algumas figuras

⁴⁵⁰ ROTH, op. cit., p. 77.

⁴⁵¹ ROTH, Philip. *Operação Shylock*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 128. No original: "Look (...) Nazis didn't break hands. They engaged in industrial annihilation of human beings." They made a manufacturing process of death. Please, no metaphors where there is recorded history! ROTH, Philip. *Operation Shylock*. New York: Vintage International, 1994, p. 142.

desse povo, sua admiração e respeito são amplamente explicitadas (como em relação a Primo Levi e Aharon Appelfeld), ao passo que manifesta o profundo desgosto que sente em relação a atitudes preconceituosas e claustrofóbicas desse mesmo grupo humano.

A partir dessas duplicidades, explicitadas em sua ficção em diversas formas literárias, Philip Roth cria uma literatura densa, não confortadora ou tranquilizadora. Mas, não será essa a grande literatura?

VIII. APÊNDICE

VIII.1- A Psicanálise e o Processo Civilizatório

O ideário psicanalítico sempre esteve presente na obra de Philip Roth e permeia a construção de seus personagens. Há nesse autor uma profunda percepção de que as atitudes humanas são motivadas por sentimentos muitas vezes antagônicos e dos quais nem o próprio personagem se dá conta.

A obra de Philip Roth permite também uma aproximação aos fenômenos de massa a partir da valorização de um fato: o de que massas humanas são formadas por indivíduos que aderem (ou não) à ideologia vigente a partir de seus conflitos psíquicos e história pessoal. Assim, encontramos seus narradores envolvidos em situações sobre as quais não têm nenhum controle. Esses narradores tentarão entender o que está ocorrendo, num processo que poderá ou não ser bem sucedido; de qualquer forma, percebe-se que há uma identidade pessoal sendo construída.

Em *O Complexo de Portnoy*⁴⁵², encontramos Alexander Portnoy debatendo-se com seus fantasmas num divã psicanalítico, diante de um analista silencioso, mas atento. Após longas e sofridas páginas, permeadas de intensa ironia e críticas ferozes aos pais, ao judaísmo e a si mesmo (no auge de sua fúria, Alexander Portnoy proclama que ele não é uma piada judaica - é um ser humano angustiado!) o analista silencioso pergunta se agora eles poderiam começar (o processo analítico).

A pergunta do analista faz pensar que ao longo das duzentas páginas do livro Alexander Portnoy contou a sua versão da história que, evidentemente, não é a única e talvez por isso sofra tanto. Ele está preso a alguns elementos, a algumas imagens, que repetidamente retornam em sua mente e fazem-no reagir sempre da mesma forma.

Assim, Alexander Portnoy descreve uma mãe superprotetora, controladora dos movimentos intestinais do marido e da sexualidade do filho, com poderes até “antigravitacionais” - como na imagem da gelatina com pedaços de pêssego boiando. Essa imagem é hilariante, mas ao mesmo tempo demonstra o grau de

⁴⁵² ROTH, Philip. *O Complexo de Portnoy*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

desespero de um filho diante de uma mãe vista como onipotente, ou diante de um pai que não reage a essa onipotência. Mas, essa é uma versão da história e, no processo analítico brechas ou lacunas poderão vir à tona e outras histórias poderão ser contadas.

No capítulo dedicado ao livro *Operação Shylock* destaquei um texto de Freud, “O Humor”⁴⁵³ em que o autor afirma que essa forma de comunicação humana é a vitória de uma instância psíquica - o superego, ou a consciência moral - herdeira do Complexo de Édipo. O superego finalmente diria ao ego que ele não precisa temer o mundo externo: por mais terrorífica que a realidade possa ser, é sempre possível rir dela. Ao afirmar isso, mostra-se poderoso, capaz de controlar nossas angústias. Ego e superego relacionam-se então de uma forma muito específica, pois o superego, ao filtrar a realidade, fortalece o ego e este é capaz de criar o riso a partir de situações dramáticas.

Em seu texto “Construções em Análise”⁴⁵⁴ Freud dá mais um passo no sentido de compreender qual é, afinal, a verdadeira história do indivíduo que está sendo analisado: o que realmente aconteceu? O que é fruto da fantasia desse indivíduo?

Essas questões foram, desde sempre, os elementos centrais da psicanálise. Inicialmente Freud cogitou que, pela associação livre, sonhos, lapsos e pela interpretação do analista fosse possível encontrar focos traumáticos, situações específicas que tivessem gerado as neuroses ou psicoses. Posteriormente pensou que fantasias inconscientes do paciente sobre o que tenha (ou não) vivenciado fossem as geradoras de neuroses ou psicoses.

Em “Construções em Análise”, texto de 1937, Freud muda o rumo de suas cogitações e afirma: o que importa é a história que será criada durante o processo analítico. Isso porque o analisando, ao contar sua versão dos fatos, repleta de lacunas e brechas, ouvirá do analista aquilo que Freud denomina aqui de construção: uma reconstituição dos fatos, de acordo com a visão do analista, preenchendo lacunas, semelhante a reconstrução feita pelo arqueólogo de um sítio arqueológico destruído. O paciente poderá acatar ou não essa versão; de qualquer forma, algo novo estará sendo construído. Freud afirma que, se a análise estiver

⁴⁵³ FREUD, Sigmund. “El Humor”. In: *Obras Completas*. vol. III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 2997-3000.

⁴⁵⁴ FREUD, Sigmund. “Construcciones en Psicanalisis”. In: *Obras Completas*. vol. III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 3365-3373.

sendo conduzida corretamente, esse algo novo poderá funcionar como uma recordação verdadeira e ter efeito terapêutico.

Penso que Freud está falando aqui de um trabalho ficcional, realizado entre duas pessoas, e do valor que a ficção tem para o psiquismo humano. Por outro lado, o delírio também é uma ficção, mas com efeito deletério para o indivíduo. Quando esse delírio é assumido socialmente, gera catástrofes (como o Holocausto Judeu).

Freud em seu artigo também analisa a gênese do delírio, mas aqui é importante ressaltar um elemento assinalado pelo autor: o de que na gênese do delírio há uma verdade histórica, algo percebido pelo indivíduo, mas distorcido por seus desejos e repressões, o mesmo podendo ocorrer com grandes massas humanas⁴⁵⁵. Essa distorção, ao ser canalizada por uma ideologia, gera imagens ameaçadoras como a do judeu conspirador ou a do vírus judaico contaminando a Europa.

Lembremos que o artigo data de 1937, com o nazismo e seus delírios antijudaicos em pleno apogeu. Penso, portanto, que Freud alarmou-se com o poder que imagens distorcidas pela repressão, revestidas por um discurso ideológico, exercem sobre multidões de pessoas, e seu artigo reflete sua preocupação.

Anteriormente, em seu trabalho “O Mal-Estar na Cultura”⁴⁵⁶ de 1930, Freud afirma que a conquista de bens culturais⁴⁵⁷ é feita às custas da repressão dos instintos. Como um bom contador de histórias, Freud narra a descoberta do homem primitivo de que estava “literalmente em suas mãos melhorar seu destino na Terra por meio do trabalho.”⁴⁵⁸ O homem primitivo percebe sua impotência diante de alguns fenômenos; mas descobre também formas de enfrentá-los, através das ferramentas que produz.

Nesse processo, apreende mais um elemento do mundo externo: a presença do outro que pode agir de forma colaboradora ou de forma antagônica. Surge, então,

⁴⁵⁵ Ibidem, p. 3373.

⁴⁵⁶ FREUD, “El Malestar en la Cultura”. In: *Obras Completas*. vol. III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 3018-3067.

⁴⁵⁷ Freud define cultura da seguinte maneira: a soma das produções e instituições que distanciam nossa vida da (vida) de nossos antecessores animais e que servem a dois fins: proteger o homem contra a Natureza e regular as relações dos homens entre si.

No original: “La suma de las producciones y instituciones que distancian nuestra vida de la de nuestros antecesores animales y que sirven a dos fines: proteger al hombre contra la Naturaleza y regular las relaciones de los hombres entre si.” Ibidem, p. 3033.

⁴⁵⁸ Ibidem, p. 3038. No original: “(...) literalmente em sus manos mejorar su destino en la Tierra por medio del trabajo.”

a noção de amigos e inimigos que, para Freud, tem um valor psíquico muito grande. Assim, não passou despercebido para Freud o fato de que comunidades vizinhas, ou com origens comuns, são as que mais combatem entre si e cita exemplos de espanhóis e portugueses, alemães do norte e do sul, ingleses e escoceses, etc. Para esse fenômeno deu o nome de narcisismo das pequenas diferenças⁴⁵⁹.

Desafortunadamente, de 1930 para os dias de hoje só podemos concordar com Freud quando diz que a ênfase dada às pequenas diferenças entre grupos humanos reforça a coesão no interior de cada grupo envolvido, sendo que o grupo inimigo será atacado com todos os recursos disponíveis. Nesse processo estaria envolvida uma ilusória onipotência e invencibilidade, antípoda à percepção, já feita pelo homem primitivo, de um brutal desamparo diante do mundo que o cerca.

A percepção do desamparo é uma via de mão dupla: gera a necessidade de enfrentá-lo através da criação de ferramentas que auxiliem o homem nessa tarefa; ao mesmo tempo, estimula o que Freud denominou instinto agressivo⁴⁶⁰, agora voltado para o outro, visto como inimigo, como causador do desamparo, ou da frustração diante de um mundo que não funciona de acordo com os nossos desejos.

Esse é um processo psíquico muito intrincado, mas aqui é importante salientar a preocupação de Freud, também expressa no artigo “Construções em Análise”, de que a imagem do inimigo é concebida a partir de um processo repressivo, daí a sua periculosidade. Imaginamos que ao destruí-lo voltaremos a um estado de não repressão, onde tudo é permitido e nossos desejos completamente satisfeitos, a qualquer momento. Essa imagem é contrária ao que, para Freud, significa o processo civilizatório. Assim o processo repressivo também é uma via de mão dupla: se, por um lado é um fator de geração de bens culturais, também pode gerar imagens distorcidas e violentas.

Partindo de um outro ponto de vista, o jornalista, escritor e filósofo espanhol José Ortega y Gasset⁴⁶¹ caracterizará o homem-massa e sua tendência a reagir às frustrações com violência.

⁴⁵⁹ Ibidem, p. 3048.

⁴⁶⁰ Ibidem, 3047.

⁴⁶¹ ORTEGA y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. Trad. Marylene Pinto Michael. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; São Paulo: Martins Fontes, 2006.

É interessante observar que sua coletânea de textos sobre esse tema começou a ser publicada num diário madrileno em 1926. O prólogo e o epílogo do livro são dedicados aos franceses e aos ingleses e foram escritos em 1937, mesmo ano em que Freud publicou seu artigo “Construções em Análise”.

Ortega y Gasset, assim como Freud, preocupava-se com esse homem infantilizado, à mercê de seus desejos irrefreáveis e arregimentado por ideias delirantes que predominavam no período entre guerras.

O autor aponta que o século XIX foi um divisor de águas. Cria-se nele um novo cenário para a existência do homem tanto no sentido da sobrevivência física como no convívio social⁴⁶². Isso se deve a três princípios que regeram o século XIX: a democracia liberal, as experiências científicas e a industrialização.

Esses três princípios viraram a existência humana pelo avesso: mais liberdade, menos pressão, ou opressão como diz o autor, e um progresso técnico que permitiu o “domínio” da natureza, engendraram no homem do século XIX uma noção de não-limite, de que tudo o que quisesse seria permitido - e se não o fosse, sublevações ocorreriam, pois acreditava ser seu direito obter tudo o que quisesse.

Para Ortega y Gasset o espantoso é a concepção desse novo homem, segundo a qual o mundo técnico e socialmente “perfeito” é obra da natureza e não algo conquistado a partir dos esforços de homens dedicados e geniais. Lembremos, por exemplo, de Pasteur, tristemente citado por Himmler, e suas descobertas no campo da microbiologia que tantas vidas salvaram. Nesse sentido, o autor apresenta uma imagem que sintetiza os contrastes entre o homem dos séculos XVI, XVII e XVIII e o homem do século XIX: o primeiro, mesmo sendo rico e poderoso, estava à mercê de doenças e desconfortos ao passo que o homem do século XIX pode se dar ao luxo de pensar: “o que importa não ser mais rico que os outros se o mundo lhe proporciona magníficos caminhos, estradas de ferro, telégrafo, hotéis, segurança física e aspirina?”⁴⁶³ O problema está na naturalização dessas conquistas e na “ingratidão” para com tudo que tornou possível a facilidade de sua existência⁴⁶⁴.

A partir dessa naturalização, surge uma ahistoricidade (daí a ingratidão, nos termos do autor): considera-se que as conquistas civilizatórias sempre existiram e

⁴⁶² ORTEGA y GASSET, José. “Começa a Dissecção do Homem-Massa”. In: *A Rebelião das Massas*. Trad. Marylene Pinto Michael. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 87.

⁴⁶³ Ibidem, p. 88.

⁴⁶⁴ Ibidem, p. 88-89.

existirão, e não é preciso fazer nada para conservá-las. Assim como o por-do-sol existe, independentemente de nossa ação, o telégrafo e a aspirina estão e estarão sempre presentes.

Em seu artigo “Primitivismo e História”⁴⁶⁵, o autor analisa esse empobrecimento psíquico do homem-massa e afirma:

A civilização não está aí, não sustenta a si mesma. É artifício e requer um artista ou artesão. O que quer aproveitar as vantagens da civilização, mas não se preocupa em sustentar a civilização se enfatiou. E, num piscar de olhos, fica sem civilização.

Um pequeno descuido e, quando se abrem os olhos, tudo se evaporou como se tivessem retirado os tapetes que cobriam a pura natureza, torna a aparecer, revigorada, a selva primitiva.

A selva sempre é primitiva. E vice-versa. Todo primitivo é selva.⁴⁶⁶

O que foi o nazismo senão o retorno desse primitivo? O detalhe é que agora não mais sob uma forma eventualmente contornável, ou corrigível de uma criança mimada (como diz Ortega y Gasset), que se sente no direito de ter tudo o que quer, não percebendo os esforços que são necessários para obter esse “tudo”. O primitivo retorna agora sob a forma de massas enlouquecidas e perigosas, agindo em torno da ideia delirante de purificação da raça alemã.

Nesse sentido, Ortega y Gasset enfatiza que os políticos não estão à altura da complexidade existente na sociedade. Desconhecem a história, brincam com ela, ou tratam de anulá-la. Com tudo isso, partem novamente da estaca zero, da selva:

Ambos - bolchevismo e fascismo - são duas pseudo alvoradas; não trazem a manhã do amanhã, mas a de um arcaico dia, já usado, uma ou muitas vezes; são primitivismo e assim serão todos os movimentos que incorram na ingenuidade de entabular um pugilato com qualquer parte do passado, em vez de digeri-la.⁴⁶⁷

⁴⁶⁵ ORTEGA y GASSET, José. “Primitivismo e História”. In: *A Rebelião das Massas*. Trad. Marylene Pinto Michael. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 113-120.

⁴⁶⁶ Ibidem, p. 114.

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 118.

Além disso, com o nazismo estarrecedoramente aprendeu-se mais uma lição: é possível incorporar os progressos técnicos à selva, o que aumenta exponencialmente a envergadura da destrutividade humana.

Assim, concluímos que a civilização não é algo dado; é preciso cultivá-la e para tanto a interlocução com o outro é fundamental. Ouvir e ser ouvido, encontrar ressonâncias para nossas angústias mais profundas, essa parece ser uma das saídas para o empobrecimento psíquico a que um mundo ahistórico e excessivamente tecnicizado pode nos levar.

Há mais de um século Freud criou um método terapêutico baseado na interlocução. A psicanálise é um bem cultural que introduziu para sempre a percepção de que em todo indivíduo há uma dinâmica psíquica relacionada a sentimentos e desejos humanos. Richard Ellman em seu artigo “Freud e a biografia literária”⁴⁶⁸ afirma que, a partir de Freud houve inclusive uma modificação da linguagem. Ellman diz:

Podemos nos abster da terminologia técnica de Freud, palavras como ego, superego, id, fase anal, fase oral, fase genital (...). Mas dificilmente passaríamos sem palavras como agressão, ansiedade, complexo, compulsão, consciente, mecanismo de defesa, narcisismo (...) sentimento de culpa, sublimação, gratificação dos desejos.⁴⁶⁹

O autor também sublinha que Freud nos deu a certeza de que “dentro de nós há uma vida secreta ativa, apenas parcialmente sob nosso controle.”⁴⁷⁰ A nova linguagem trata de se aproximar dessa vida secreta, mas é só na interlocução com o outro que os sentimentos e desejos poderão ser dimensionados.

Na vida real, Philip Roth vem procurando intensamente essa interlocução; acabou por encontrá-la em dois sobreviventes do Holocausto. Do encontro com Aharon Appelfeld e Primo Levi resultou o aprendizado de que a abordagem desse fato traumático requer cuidado e introspecção. Ironia e humor não são as formas

⁴⁶⁸ ELLMANN, Richard. “Freud e a Biografia Literária”. In: *Ao longo do riocorrente*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 287-302.

⁴⁶⁹ Ibidem, p. 287.

⁴⁷⁰ Ibidem, p. 287.

mais adequadas de abordagem dessa catástrofe humanitária, pois as feridas são profundas e definitivas.

Assim, ficcionalmente Philip Roth criou *Complô contra a América*, uma obra densa e depressiva. Na vida real, esmerou-se em declarações de amizade e respeito a dois homens que, através da literatura, preservaram sua curiosidade e esperança. Uma dessas declarações é a que cito agora na íntegra. Nela há uma contundente e emocionada descrição de Primo Levi:

Ao contrário do que pode parecer de saída, não causa surpresa a constatação de que os escritores, tal como o resto da humanidade, se dividem em duas categorias: os que sabem ouvir e os que não sabem. Levi sabe ouvir, com o rosto inteiro, um rosto modelado com precisão que, terminando na barbicha branca, aos 67 anos parece juvenil, lembrando o deus Pã, e ao mesmo tempo tem um ar de professor, a expressão de curiosidade irreprimível do estimado **dottore**. Acredito em Fausone quando ele diz a Primo Levi no início de **A chave-estrela**: “Você é mesmo incrível, me faz contar essas histórias que eu nunca havia contado a ninguém”. Não admira que as pessoas estejam sempre lhe contando coisas e que tudo seja registrado fielmente antes mesmo de ser escrito: quando ele escuta, Levi fica tão concentrado e imóvel quanto um esquilo ao observar algo desconhecido do alto de um muro de pedra.⁴⁷¹

Esses dois homens efetivamente souberam ouvir um ao outro.

⁴⁷¹ ROTH, Philip. *Entre Nós*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 11. No original: “It is not as suprising as one might initially think to find that writers divide like the rest of mankind into two categories: those who listen to you and those who don’t. Levi listens, and with his entire face, a precisely modeled face that, tipped with is white chin beard, looks at sixty-seven youthfully Panlike and professorial as well, the face of irrepressible curiosity and of the esteemed **dottore**. I can believe Fausone when he says to Primo Levi early in **The Monkey’s Wrench**, ‘You’re quite a guy, making me tell these stories that, except for you, I’ve never told anybody.’ It’s no wonder that people are always telling him things and that everything is already faithfully recorded before it is written down: when listening he is as focused and as still as a chipmunk spying something unknown from atop a stone wall.” ROTH, Philip. “Conversation in Turin with Primo Levi”. *Shop Talk, a Writer and this Colleagues and Their Work*. New York: Vintage International, 1989, p. 3.

VIII.2- Autores em busca da Civilização

Ao longo do processo de pesquisa percorrido durante meu trabalho de tese, tive oportunidade de entrar em contato com materiais que provocaram diferentes níveis de questões. Eles dizem respeito a homens que, através de gestos simbólicos ou concretos, rompem com um círculo vicioso de violência e retaliações.

Quando analiso o livro *O Averso da Vida*, introduzo um interlocutor que acredito Nathan Zuckerman gostaria de ter: Haim Beer, escritor israelense, religioso que, indignado com o assassinato de Itzhak Rabin por um jovem ultraortodoxo judeu, deixou de usar a sua “kipá”*. Justificou seu gesto dizendo que Yigal Amir, o assassino de Rabin, usava “kipá” e Haim Beer não quer ter nenhuma ligação com a religiosidade fanática.

Introduzo aqui dois outros nomes cujas atitudes são muito marcantes: David Grossman, escritor israelense e Niklas Frank, filho de Hans Frank - nomeado governador da Polônia por Adolf Hitler.

Começo por David Grossman, escritor israelense cuja obra *Ver: Amor*⁴⁷² foi referência para mim ao estudar formas encontradas para abordar acontecimentos trágicos - como a morte do escritor polonês Bruno Schulz. David Grossman abordou-a construindo uma narrativa fantástica, “Bruno”⁴⁷³, na qual o escritor não morreu - ele teria conseguido fugir para Dantzig e se atirado no mar, sobrevivendo junto aos peixes. O próprio oceano que o acolheu torna-se o narrador da história e dessa forma seu assassinato pôde, enfim, ser posto em palavras.

Interessou-me, na época, comparar essa forma com a encontrada por Philip Roth para abordar o assassinato do escritor em *The Prague Orgy*⁴⁷⁴. Nessa obra o narrador vai em busca do manuscrito perdido de um autor judeu que teria sido morto por um oficial nazista em Praga. A referência à morte de Bruno Schulz é explícita, mas a versão sobre a morte do escritor tcheco será posta em dúvida. A partir daí a narrativa faz pensar que talvez essa morte trágica não tenha ocorrido com esse

* Kipá – solidéu usado pelos judeus.

⁴⁷² GROSSMAN, David. *Ver: Amor*. Trad. Nancy Rosenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴⁷³ GROSSMAN, David. “Bruno”. In: *Ver: Amor*. Trad. Nancy Rosenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 99-228.

⁴⁷⁴ ROTH, Philip. *The Prague Orgy*. New York: Vintage International, 1996.

personagem, mas ocorreu com alguém e isso é inadmissível num mundo que se diz civilizado.

Portanto, as formas encontradas por David Grossman e Philip Roth em sua aproximação de um fato traumático são muito diferentes: uma narrativa fantástica, depressiva e uma narrativa irônica, desmistificadora respectivamente.

Porém aqui interessa abordar um artigo recente de David Grossman em que relata a morte de seu filho na última guerra do Líbano e o empobrecimento das relações humanas a partir de uma única visão de mundo: a de que existe um inimigo e que ele precisa ser eliminado.

Assim, em seu artigo “Um mundo cada vez mais estreito”⁴⁷⁵ o autor fala do estreitamento da linguagem num país em guerra permanente. Ela se transforma num emaranhado de clichês que desembocam numa “dicotomia absoluta, falaciosa e sufocante”. A complexidade humana é reduzida a uma divisão de papéis: ser vítima ou ser agressor, “sem ter uma terceira alternativa, mais humana”.

O autor afirma então que nunca escrevera sobre a realidade de seu país diretamente. Interessava-se em escrever sobre relações humanas permeadas por amor, ódio, ciúmes, solidão, mas quando seu filho Uri estava em vias de servir o exército, sentiu urgência em escrever sobre seu país. Agora que o filho está morto, sente a urgência em completar o livro. Quer encontrar as palavras exatas para exprimir sua dor e empolga-se ao imaginar-se escrevendo em sua escrivaninha, concentrado nessa busca. Acredita que nesse processo há um alargamento do mundo estreitado pela dor da perda:

Quando escrevo, posso ser uma criatura humana cujas partes têm passagens naturais e vitais entre si: um humano que é capaz de sentir-se próximo dos sofrimentos de seu inimigo e reconhecer suas reivindicações justas sem abrir mão do mais mínimo traço de sua própria identidade.⁴⁷⁶

Não vemos no artigo nenhum sinal de revanchismo ou necessidade de vingança. Ele é uma conclamação à civilidade e à ampliação da consciência através de palavras mais precisas, não simplificadoras.

⁴⁷⁵ GROSSMAN, David. “Um mundo cada vez mais estreito”. In: *O Estado de São Paulo*. Caderno Aliás. J3, 20 de maio de 2007.

⁴⁷⁶ Ibidem, J3.

Para o escritor, o trabalho com as palavras revela um mundo que se move, flexível, cheio de possibilidades. Esse processo contrasta com a realidade dura de declarações oficiais e noticiários sobre guerra. Escrevendo, mantém-se vivo e quer transmitir isso a seus leitores. É sua forma de sair do encurralamento que pode ser visualizado a partir de uma historieta de Kafka por ele citada: em a “Pequena Fábula” há um rato, uma ratoeira que se fecha e um gato que se aproxima. O rato então exclama: “Ah! O mundo torna-se cada dia mais estreito.”⁴⁷⁷ David Grossman, apesar de sua dor, quer ampliá-lo.

Niklas Frank, agora um senhor de quase setenta e cinco anos é filho de Hans Frank, governador da Polônia durante a Segunda Grande Guerra e responsável direto por dois milhões de mortos naquele território.

Esse senhor rompeu completamente com a terrível herança paterna e dedica-se, como jornalista, ainda nos dias de hoje, a recolher todo material que documente as atrocidades cometidas direta ou indiretamente por seu pai. Essa não foi a atitude tomada por todos os filhos de carrascos nazistas e as diversas reações desses filhos à tenebrosa história de seus pais foi amplamente documentada por Norbert e Stephan Lebert⁴⁷⁸.

Mas a história de Niklas Frank faz pensar que não há meios termos possíveis diante da barbárie: é preciso uma posição frontalmente contrária a ela se quisermos adotar uma “terceira alternativa, mais humana” como diz David Grossman e nos mantermos dentro de marcos civilizatórios. Assim, os dilemas de consciência de Niklas Frank ao constatar que foi criado por um assassino impiedoso, levaram-no a um rompimento com a família e a uma dedicação obsessiva na busca de documentos inequívocos sobre a participação de seu pai na matança de judeus.

Em 1941, Hans Frank tinha um problema: o que fazer com dois milhões de judeus poloneses? Recebe, então, a advertência de que seria inútil insistir com a deportação de judeus e é incentivado a recorrer ao assassinato em massa.

Estima-se agora em três milhões e meio de judeus a serem assassinados na Polônia (um milhão e meio de judeus vindos de outros territórios, sem contar os judeus soviéticos que já estavam sendo assassinados ‘in loco’!). Estamos em 12 de dezembro de 1941 e Hans Frank ainda não sabe a forma que será adotada para o

⁴⁷⁷ Ibidem, J3.

⁴⁷⁸ LEBERT, Nobert & Stephan. *Tu carregas meu nome – a herança dos filhos de carrascos nazistas*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2004.

extermínio. Ela será revelada oficialmente na conferência de Wansee, em 20 de janeiro de 1942 embora Adolf Eichmann tenha se esmerado em retirar das atas da reunião termos “excessivamente diretos”. Algumas semanas após essa reunião, em março de 1942, as câmaras de gás de Belzec, Sobibor e Treblinka iniciaram suas operações na Polônia⁴⁷⁹.

Chegamos então a Niklas Frank e seu pai em um passeio dominical a um campo de concentração. Lá havia homens esqueléticos que eram colocados, por braços fortes, sobre um burro que saltava; os homens esqueléticos caíam e Niklas Frank criança ria. O burro era golpeado para saltar mais, os homens esqueléticos caíam mais e Niklas Frank ria mais.

Esse era o passeio dominical proporcionado por um pai ensandecido a um filho que terá de se confrontar com lembranças macabras. Até hoje esses fantasmas o assombram. Mas, assim como seu pai tomou a decisão de exterminar os judeus, Niklas Frank também tomou a sua: é repórter na revista *Stern* e nela saiu publicada, nos anos 80, a série escrita por ele: “Meu pai, o nazista assassino”. Instaurou-se imediatamente uma polêmica: seria lícito tratar um pai dessa maneira? Muitas cartas chegaram à revista *Stern* que afirmavam o seguinte: não importa o que o pai fez, ele precisa ser honrado.

Mas, para Niklas Frank, o fardo era pesado: o que fazer com um pai responsável por milhões de mortes? A imagem de pilhas de cadáveres acompanha-o desde sempre e seu pesar aumenta na medida em que reconhece que, na época, não entendia o que estava acontecendo e até se divertia em algumas situações proporcionadas pelo pai⁴⁸⁰.

Com o profundo pesar sentido por esse senhor, chego a uma questão central: para seguir vivendo, Niklas Frank teve que destruir seu pai, romper com uma herança de milhões de cadáveres e escrever seus textos para uma revista. Não há aqui meios termos. Se para uma criança ainda é possível divertir-se com a cena do prisioneiro esquelético sobre o burro - isso porque ela tem apenas uma visão parcial

⁴⁷⁹ KERSHAW, Ian. “Berlim/Prússia Oriental – verão-outono de 1941 – Hitler decide exterminar os judeus”. In: *Dez decisões que mudaram o mundo (1940-1941)*. Trad. Berilo Vargas, Celso Mauro Paciornik, Clovis Marques, Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 552-553.

⁴⁸⁰ LEBERT, Nibert & Stephan. “Um homem que quer destruir o pai”. In: *Tu carregas meu nome – a herança dos filhos de nazistas notórios*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2004, pp. 115-126.

do acontecimento, baseada em sentimentos de competição e rivalidade - como adulto não infantilizado, e tendo a dimensão das consequências dessa cena, não há como tolerá-la.

Philip Roth também é um senhor de quase setenta e cinco anos. Viveu sua infância em Newark e as repercussões da Segunda Grande Guerra chegavam até ele através de sua família, sua vizinhança judaica e pela admiração que todos sentiam por Franklin Delano Roosevelt. Seu pai, Herman Roth, é uma figura central em sua vida e os esforços desse pai, um corretor de seguros que teve que se defrontar com cotas para judeus na firma em que trabalhava, não passaram despercebidos para aquela criança. Em *Complô contra América* há uma explícita declaração de amor a esse pai, aqui ficcionalizado, mas com várias referências biográficas. Em *Patrimônio - Uma História Real*⁴⁸¹ Philip Roth encontra-se com a doença e morte de seu pai e a intensidade dos afetos que os unia. São descrições comoventes de um filho que tomou para si a tarefa de cuidar de um pai gravemente doente e que, nesse caminho, viu-se ele mesmo gravemente doente. Acometido de um enfarte do miocárdio, Philip Roth recuperou-se e refletiu dessa forma sobre o fato:

Percebi que nunca estivera tão perto de meu pai quanto naquele momento: nunca desde a faculdade, quando costumava fazê-lo entrar às escondidas na classe junto comigo, o homúnculo intelectual por cujo desenvolvimento eu me sentia igualmente responsável, nossas vidas tinham sido, senão idênticas, pelo menos tão interligadas e fantasmagoricamente intercambiáveis. Impotente no centro do pequeno tumulto médico, vi-me num choque esclarecedor, diante da inevitabilidade em que, para ele, estava imerso cada segundo da existência.⁴⁸²

É possível visualizar a cena do filho do corretor de seguros, que conseguiu chegar à universidade e que agora sente-se responsável pelo desenvolvimento intelectual desse homem que o criou. Quer retribuir o que recebeu ao mesmo tempo

⁴⁸¹ ROTH, Philip. *Patrimônio – uma história real*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Siciliano, 1991.

⁴⁸² Ibidem, p. 191. No original: “I realized that never had I been more at one with my father than I was at that moment: not since college, when I used to smuggle him secretly into class with me, the intellectual homunculus for whose development I felt as responsible as I did for my own, had our lives been, if not identical, so intermeshed and spookily interchangeable. Helpless at the center of this little medical hubbub, I confronted, with a clarifying schock, the inevitability in wich, for him, every second of existence was awash now.” ROTH, Philip. *Patrimony, a true story*. New York: Vintage International, 1996, p. 225.

que vai se tornando mais independente. Agora, aos cinquenta e seis anos, cuida novamente desse pai que caminha inexoravelmente para a morte.

Assim, a partir de um escritor israelense, judeu religioso que rompe com a religiosidade fanática; de um escritor israelense, pai enlutado não vingativo que procura, através de palavras precisas, uma ampliação do mundo em que vive; de um jornalista alemão que rompe com a herança horripilante de seu pai e do escritor americano judeu, que presta um tributo a seu pai, sigo acreditando que seja possível a criação de um mundo civilizado. Mas é preciso para isso muita atenção e cuidado, elementos que não faltaram a esses homens e que foram ressaltados por Susan Sontag, escritora e ensaísta norte-americana, também judia, em seu discurso ao receber um prêmio literário alemão. Para ela, um escritor

é alguém que presta atenção no mundo. Isso significa que ele tenta compreender, assimilar, incorporar qualquer maldade que os seres humanos são capazes de praticar e não se corromper - tornar-se cínico, superficial - por conta de tal compreensão.⁴⁸³

É interessante observar que a autora, ao dizer que o escritor tentará compreender e não se tornar cínico a partir dessa compreensão, apresenta o escritor na sua dimensão humana, não-idealizada. Ele é um ser “de carne e osso”, sujeito a deslizos e simplificações. Mas, ao exercer seu ofício com seriedade, terá mais condições de perceber suas falhas e seguir sua procura pela melhor forma de expressar os dilemas humanos. Foi o que ocorreu com Philip Roth ao se confrontar com os fatos traumáticos da história judaica, irredutíveis a qualquer simplificação e que exigem formas cuidadosas de abordagem.

Italo Calvino, numa conferência proferida em 1955⁴⁸⁴ afirmava que naquele momento havia uma “consciência de (se) viver no ponto mais baixo e trágico de uma parábola humana, de (se) viver entre Buchenwald e a bomba H”⁴⁸⁵ e que essa consciência era o ponto de partida para toda fantasia, para todo pensamento humano.

Cinquenta e cinco anos já se passaram desde então e os homens não cessaram sua busca de formas mais ou menos bem sucedidas de se maltratarem uns aos outros. Felizmente, escritores sérios também não cessaram sua busca por

⁴⁸³ SONTAG, Susan. “Literatura é liberdade – discurso ao receber o Prêmio Friedenspreis”. In: *Ao mesmo tempo*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 215.

⁴⁸⁴ CALVINO, Italo. “O Miolo do Leão”. In: *Assunto Encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 9-26.

⁴⁸⁵ Ibidem, p. 22.

formas que melhor expressem a verdade da existência humana. Tornam assim mais difícil, usando novamente as palavras de Susan Sontag, acreditar nos “saqueadores da mente.”⁴⁸⁶

⁴⁸⁶ SONTAG, Susan. “A Consciência das Palavras – discurso ao receber o Prêmio Jerusalém”. In: *Ao mesmo tempo*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 162.

IX- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. *Notes to literature*. New York: Columbia University Press, 1991.

_____. "Trying to Understand Endgame". In: *Notes to literature*. New York: Columbia University Press, 1991, pp. 241-275.

_____. *La posición del narrador en la novela contemporánea, Notas de literatura*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.

ALTER, Robert. "Jewish Dreams and Nightmares". In: *What is Jewish Literature? Ed. Hana Wirth-Nashier*. Philadelphia/Jerusalem: The Jewish Publication Society, 1974-1994, pp. 53-61.

_____. *Anjos necessários, tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem*. Trad. André Cardoso. São Paulo: Imago, 1992.

ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. "Trajetos de uma Forma Literária". Trad. Milton Omata. In: *Revista Novos Estudos Cebrap*, nº 77, março 2007, pp. 205-220.

APPELFELD, Aharon. *Badenheim, 1939, Tzili Novelas de Aharon Appelfeld*. Trad. Rifka Berezin e Nora Rosenfeld. São Paulo: Summus, 1986.

_____. "L'Artiste en tant qu'écrivain Juif (1988 - extrait), Reading Philip Roth - Dossier Philip Roth". In: *Transfuge, Le Magazine de Littérature Étrangère*. Paris nº4, september, 2004, p. 89.

_____. "Depois do Holocausto". Trad. Alexandre Daniel de Souza Feldman. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica - nº 2*, São Paulo: Humanitas, 1999, pp. 81-92.

_____. *L'Héritage Nu*. Trad. Inglesa: Michel Gribieski. Conde-sur-Noireau: Editions do Seuil, 2006.

_____. *Histoire D'une Vie*. Trad. Valérie Zenatti. Paris: Editions de L'Olivier, 2004.

ARENDT, Hanna. *Eichmann em Jerusalém*. Trad. Sonia Orieta Heinrich. São Paulo: Diagrama & Texto, 1983.

_____. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASSIS, Machado de. "O Alienista". In: *Os Melhores Contos de Loucura - Flavio Moreira da Costa org.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, pp. 254-300.

AUERBACH, Erich. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.

_____. "A Cicatriz de Ulisses". In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Estudos; 2/dirigida por J.Guinsburg), pp.1-20.

AUGUSTO, SÉRGIO. "O Holocausto chique de Hollywood". In: *O Estado de São Paulo*, 08/março/2009. Caderno Aliás, J7.

BARTAL, I. "From Traditional Bilingualism to National Monolinguisism". In: *Hebrew in Ashkenazi a language in exile*. Ed. Lewis Glinert. Oxford: Oxford University Press, 1993, pp. 141-150.

BARTOLETTI, Susan Campbell. *Juventude Hitlerista*. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

_____. *A Arte da Vida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

_____. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

_____. *Modernidade de Ambivalência*. Trad. Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

_____. *Amor Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

_____. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama/Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

BECKETT, Samuel. *Fim de Partida*. Trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BELLEMIN - NOËL, Jean. *Psychanalyse et Litterature*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

BELLOW, Saul. *Herzog*. Trad. Silvia Rangel. São Paulo: Símbolo, 1977.

_____. *Jerusalém, ida e volta*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

BEN-GURION, David. *O despertar de um Estado*. Edições "DROR". Rio de Janeiro: Montes Scopus, 1957.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. "Sur le langage en general et sur le langage humain". Trad. Maurice de Gandillac revista por Rainer Rochlitz. In: *Œuvres*, tomo I, Paris: Gallimard, 2000, pp. 142-165.

BERLIN, Isaiah. "As Origens de Israel". In: *A Força das ideias - Organização: Henry Hardy*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 202-227.

_____. *Estudos sobre a humanidade*. Trad. Rosaura Eischenberg. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. "Portnoy Psychoanalyzed". In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 13-23.

_____. *Sobrevivência e outros Estudos*. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. *Freud e a Alma Humana*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

_____. "Os homens não são formigas". In: *O Coração Informado - autonomia na era da massificação*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 209-233.

_____. "Filhos do Holocausto". In: *A Viena de Freud e outros ensaios*. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Campos, 1991, pp. 209-224.

BLEIKASTEN, André. *Philip Roth*. Paris: Belin, 2001.

BOOTH, Wayne. "Distance et point de vue". In: *Poétique 4*. Paris: Seuil, 1970, p. 511-524.

_____. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1970.

BORGES, Jorge Luís. "Funes, o memorioso". In: *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. Porto Alegre: Globo, 1976, pp.89-98.

_____. "O outro". In: *O livro de areia*. Trad. Lígia Morrone Averbuck. São Paulo: Globo, 2001, pp. 7-16.

_____. "O espelho e a máscara". In: *O livro de areia*. Trad. Davi Arrigucci Junior. São Paulo: companhia das Letras, 2009.

_____. *Poesia*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOULET-GERCOURT, Philippe. " 'Je suis à la tête d'une usine à fiction' - un entretien exclusif avec Philip Roth". In: *Le Nouvel Observateur*, Paris, Nov 2007, nº 2243, pp. 106-108.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2008.

_____. *A Personagem*. São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL, Ubiratan. "Escrita Salvador - David Grossman apoiou-se em seu novo livro, *A Mulher Foge*, para suportar a perda do filho". In: *O Estado de São Paulo*, 29 agosto 2009. Caderno 2, D1.

_____. "Obama pode mediar nossa crise - para David Grossman a origem multiétnica do presidente americano o credencia a trabalhar pela paz no Oriente Médio". In: *O Estado de São Paulo*, 29 agosto 2009. Caderno 2, D5.

BURKETT, Elinor. *Golda*. New York: Happer Collins Publishers, 2008.

CALVINO, Italo. *Assunto Encerrado*. Trad. Roberto Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANDIDO, Antonio. "A Personagem do Romance". In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000, pp. 51-80.

CANETTI, Elias. *A língua absolvida - História de uma Juventude*. Trad. Kurt Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Massa e poder*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARTANO, Tony. "Philip Roth, L'antidépresseur". In: *Les Collections du Magazine Littéraire*, Paris, Octobre - Novembre 2005, nº 8, pp. 88-89.

CARVALHO, Bernardo. *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CELESTINO, Helena. "Apenas um modesto escritor", In: *O Globo on line*, Rio de Janeiro, 24 setembro 2005, [http://www.revistaagulha.nom.br/ Philip Roth](http://www.revistaagulha.nom.br/PhilipRoth).

CHADE, Samil. "Brasileira confessou farsa, diz jornal suíço. In: *O Estado de São Paulo*, 19 fevereiro 2009. Internacional, A18.

"Chanceler de Bibi ataca plano de paz". In: *O Estado de São Paulo*, A18, Internacional, 2 abril 2009.

CHRIST, Ronald. "Jorge Luis Borges". In: *Os Escritores - As Históricas Entrevistas da Paris Review*. Trad. Alberto Alexandre Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 195-224.

CONY, Carlos Heitor. "O Carrasco de Sobibor". In: *Folha de São Paulo*, 17 janeiro 2009, p. 2.

COOPER, Alan. "The Irony and the Tragedy". In: *Philip Roth and the Jews*. New York: State University of New York Press, 1996, pp. 1-23.

_____. "Zuckerkow". In: *Philip Roth and the Jews*. New York: State University of New York Press, 1996, pp. 210-251.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DEMANT, Peter. "Identidades Israelenses e Palestinas: questões ideológicas". Trad. Eliane Maria Rosemberg Colorni. In: *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global / org: Gilberto Dupas, Tullio Vigevani*. São Paulo: Editora Unesp, 2001, pp. 201-259.

DERRIDA, Jacques. *Le Monolinguisme de L'Autre*. Paris: Galilée, 1996.

_____. "Abraham, L'Autre". In: *Judéités: questions pour Jacques Derrida - sous la direction de Joseph Cohen et Raphael Zagury - Orly*. Paris: Galilée, 2003, pp. 11-42.

DERRIDA redimensionou o estudo literário. In: *The Times*. Trad. Alexandre Moschella. São Paulo: O Estado de São Paulo. 11 outubro 2004. Caderno D, p. 5.

DOSTOIEVSKY, Fiodor. *Irmãos Karamazov*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2007.

EISENSTADT, Sh. N. *A Sociedade Israelense*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

EISNER, Will. *O Complô: A História Secreta dos Protocolos dos Sábios do Sião*. Trad. André Conti. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Fagin, O Judeu*. Trad. André Conti. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ELIAS, Norbert. "O Colapso da Civilização". In: *Os Alemães - a luta pelo poder e a evolução do **habitus** nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-356.

ELLMANN, Richard. *Ao longo do riocorrente*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ERTEL, R. *Le roman juif américain, une écriture minoritaire*. Paris: Payot, 1980.

EYTAN, Freddy. *Sharon - o braço de ferro*. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Barcarolla, 2008.

FAUCONNIER, Bernard. "Un divan en Amérique. Dossier: Les écrivains et la psychanalyse". In: *Le Magazine Littéraire*, Paris, nº 473, pp. 41-42, Mars 2008.

FEIGE, M. "Rescuing the person from the symbol: 'Peace Now' and the ironies of modern myth". In: *History and Memory*. 11 (1), 1999.

FELMAN, Shoshana. "Educação e crise, ou vicissitudes do Ensino". Trad. Cláudia Valladão de Mattos. In: *Catástrofe e representação*. (Arthur Nestrovsky; Márcio Seligmann-Silva - org.) São Paulo: Escuta, 2000, pp. 13-72.

FERNÁNDEZ, Vanesa Casanova. "Sionismo y postsionismo - la 'Nueva Historia' de Israel". In: *Nacion Árabe*. nº 47, año XV, Verano 2002, pp. 123-141.

FLENDER, Harold. "Isaac Bashevis Singer". In: *Os Escritores - As Históricas Entrevistas da Paris Review*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 225-239.

FLINT, Guila & GRIN, Bila. "O Fundamentalismo Ultraortodoxo e o Fundamentalismo Nacionalista - entrevista com Haim Beer". In: *Israel, Terra em Transe - Democracia ou Teocracia*. Trad. Yara Nagelschmidt. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp.311-344.

FOLMAN, Ari. *Valsa com Bashir*. Trad. Pedro Gonzaga. Porto Alegre: LP&M, 2009.

FREEDLAND, Jonathan. "Lieberman luta pela pureza nacional". In: *O Estado de São Paulo*, 15 fevereiro 2008. Internacional, A22.

FREUD, Sigmund. "El Humor". In: *Obras completas*. volume III, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 2997-3000.

_____. "El malestar en la cultura". In: *Obras completas*. volume III, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 3017-3067.

_____. "Contrucciones en psicoanalisis". In: *Obras completas*. volume III, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 3365-3373.

_____. "Análisis terminable y interminable". In: *Obras Completas*. volume III, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 3339-3364.

_____. "Duelo y Melancolia". In: *Obras Completas*. Volume II, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 2090-2100.

_____. "Personajes psicopaticos en el teatro". In: *Obras completas*. volume II, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp.1273-1276.

_____. “El poeta y los sueños diurnos”. In: *Obras Completas*. volume II, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp.1343-1348.

_____. “El ‘Moisés’ de Miguel Ángel”. In: *Obras completas*. volume II, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp.1876-1891.

_____. “Mas allá del principio del placer”. In: *Obras Completas*. volume III, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 2507-2541.

_____. “Lo siniestro”. In: *Obras Completas*. volume II, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 2483-2505.

_____. “Psicología de las masas y análisis del ‘Yo’”. In: *Obras Completas*. In: volume III, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 2563-2650.

_____. “El porque de la guerra”. In: volume III, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, pp. 3207-3215.

FURMAN, Andrew. “A New Other Emerges in American Jewish Literature: Philip Roth’s Israel Fiction”. In: *Philip Roth - Edited with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 145-162.

GALERA, Daniel. “Ficção como Amplificação das Dores”. In: *O Estado de São Paulo*, Caderno Cultura, D4, 15 de julho de 2008.

GOLDENSOHN, Leon. “Rudolf Hoess”. In: *As Entrevistas de Nuremberg*. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 347-369.

GOLDMANN, L. *Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

GONÇALVES FILHO, Antonio. “Nosso pensamento está muito preso ao passado: para Edgar Morin, intelectuais devem ampliar participação nas reformas do mundo atual”. São Paulo, In: *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2009. Caderno Cultura, D6-D7.

GRADSTEIN, Linda. “Muro estimula migração palestina”. In: *O Estado de São Paulo*, Internacional, A17, 14 de dezembro de 2008.

GRANGER, Bernard. “William Styron, au coeur de la dépression”. In: *Les Collections du Magazine Littéraire*, Paris, nº 8, pp. 92-97, Octobre - Novembre 2005.

GREENBERG, Robert M. "Transgression in the Fiction of Philip Roth". In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp 81-100.

GROSSMAN, David. *Ver: Amor*. Trad. Nancy Rosenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. "Um Mundo Cada Vez Mais Estreito". In: *O Estado de São Paulo*, 20 maio 2007, Caderno Aliás - J3.

GUINSBURG, Jacob. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. "O humorismo". In: *Pirandello, do Teatro no Teatro*. Trad. Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 43-178.

GUREVITCH, Z. & ARAN, G. (The Hebrew University). "The Land of Israel: myth and phenomenon". In: *Studies of Contemporary Jewry*. volume 10. Ed. Jonathan Finkel. New York: Oxford University Press, 1994, pp. 195-210.

HAAG, Carlos. "A Pastoral Americana". In: *Revista Pesquisa FAPESP*, nº 158, Abril de 2009, pp. 16-22.

_____. "Zeev Maoz - A Razão dos Outros: professor da Universidade da Califórnia revisita as raízes do conflito árabe-israelense". In: *Revista Pesquisa FAPESP*, nº 156, Fevereiro de 2009, pp. 10-15.

_____. "Cálculos Mortais - Estudos sobre a 'Diplomacia dos Campos' e a 'Economia do Holocausto' revelam as sutilezas da banalidade do mal". In: *Revista Pesquisa FAPESP*, nº 162, Agosto de 2009, pp. 80-89.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANDELMAN, D. "Contradictions between Citinzip and Nationality". In: *Journal of Politicts, Culture and Society*, 7 (3), 1994.

HARPER, Gordon Lloyd. "Saul Bellow". In: *Os Escritores - As Históricas Entrevistas da Paris Review*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 159-176.

HEINE, Heinrich. *Das memórias do Senhor de Schnabelewopski*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

_____. “Deuses no exílio”. In: *Os melhores contos fantásticos*. (Flávio Moreira da Costa, Org.) Trad. Cláudia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, pp.195-210.

HENRY LÉVY, Bernard. LANZMANN, Claude. WIESEL, Elie. “Um antissemita na direção da Unesco”. In: *Revista da Semana*, São Paulo, p. 18, 04 junho 2009.

HIRSCHFELD, A. “Lócus and Language: Hebrew Culture in Israel, 1890-1990”. In: D. Biale (ed.) *Culture of the Jews, a new history*. New York: Schocken, 2002, pp. 1011-1060.

HOBBSAWM, Eric. *O Novo Século. Entrevista a Antonio Polito*. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

HOWE, Irving. *A Política e o Romance*. Trad. Margarida Goldstajn. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ISRAEL 60 ANOS - Dossiê Especial. São Paulo. In: *Revista 18 / Centro de Cultura Judaica*, São Paulo, ano VI, nº 23, pp. 12-31, março/abril/maio 2008.

JAFFE, Noemi. “Para Roth, Escrever é uma Questão de Invenção, não de Sentimento”. In: *Folha de São Paulo*, Ilustrada, E4, 21 agosto 2005.

JAMES, Henry. *Retrato de uma Senhora*. Trad. Gilda Stuart. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JAMESON, Fredric. *Espaço e Imagem, Teorias do Pós-moderno e outros Ensaios*. Org. e Trad. Ana Lúcia de Almeida Gazzola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. *A virada cultural - Reflexões sobre o pós-moderno*. Trad. Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. “O Romance Histórico Ainda é Possível?”. Trad. Hugo Mader. In: *Revista Novos Estudos, Cebrap*, nº 77, março 2007, pp.185-222.

“Justiça suspende extradição Nazista”. In: *O Estado de São Paulo*, Internacional, A16, 15 abril 2009.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome/A construção*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Narrativas do espólio*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. “A construção de uma cidade”. In: *Entre dois mundos*. Trad. Anatol Rosenfeld e Roberto Schwarz. São Paulo: Perspectiva, 1967, pp.411-414.

_____. *Carta ao pai*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KARNAL, Leandro et al. “A Segunda Guerra e os EUA como ‘world cup’”. In: *História dos Estados Unidos - das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 217-234.

_____. “Rupturas do consenso: 1960-1980”. In: *História dos Estados Unidos - das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 235-256.

KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária*. 2 ed. Coimbra: Amênio Amado Editor, volume II, 1958.

_____. “Qui raconte le roman?” In: *Poétique 4*. Paris: Seuil, 1970.

KERSHAW, Ian. *Dez decisões que mudaram o mundo (1940-1941)*. Trad. Berilo Vargas, Celso Mauro Paciornik, Clovis Marques, Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KERTÉSZ, Imre. “A Língua Exilada”. In: *A Língua Exilada*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 194-208.

KIMMERLING, B. “Religion Nationalism and Democracy in Israel”. In: *Contellations*. 6 (3), 1999.

KLEMPERER, Victor. *LTI-A Linguagem do Terceiro Reich*. Tradução, Apresentação e Notas: Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KRASNIK, Martin. “Em Busca da Salvação”. In: *Folha de São Paulo*, 12 março 2006, *Caderno Mais*. p.2.

KRESH, Daniela. “Eleição de Israel consagra triunfo do 3º colocado”. In: *O Estado de São Paulo*, 15 fevereiro 2008. Internacional, A22.

KUNDERA, Milan. *A Brincadeira*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Anna Lucia Moojen de Andrada. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LAFER, Celso. "Declaração Universal dos Direitos Humanos - 1948". In: *História da paz*. Demétrio Magnoli, org. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 297-330.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *O Discurso Melancólico*. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

LANDA, Fábio. "Loucura da Língua e o Assassinato do Vivente". In: *Pro-posições*. Volume 13, nº 3 (39), setembro/dezembro 2002.

_____. "E. Lévinas e N. Abraham: um encadeamento a partir da Shoah. O Estatuto Ético do Terceiro na Constituição do Simbólico em Psicanálise". In: *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes / Marcio Seligmann - Silva (org.)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, pp. 113-124.

LEBERT, Norbert & Stephan. "Um homem que quer destruir o pai". In: *Tu carregas meu nome - A Herança dos filhos de Nazistas Notórios*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004, pp.115-126.

LEIBOWITZ, Y. *Judaism, Humanism Values and the Jewish State*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

LEE, Hermione. " 'Nathan Dedalus': Jewish Sons, Jewish Novelists, Jewish Jokes", *Philip Roth*. London and New York: Methuen, 1982, pp. 13-22.

_____. "Philip Roth". In: *Os escritores - As históricas entrevistas da Paris Review*. nº 2. Trad. Bárbara Theoto Lambert; Cecília C. Bartalotti; Celso Nogueira; Luiza Helena M. Correia. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, pp. 343-366.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico - de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LESSING, Theodor. *La Haine de Soi, Le Refus d'être Juif*. Paris: Berg International Editeurs, 1990.

LEVI, Primo. *É isso um homem?* Trad. Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. *A Tabela Periódica*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Os Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

_____. *71 Contos de Primo Levi*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. *Quatro Leituras Talmúdicas*. Trad. Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *Entre Nós – Ensaio sobre a Alteridade*. Coordenador da Tradução: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LEVY, Gideon. "An open response to A.B. Yehoshua". In: *Haaretz*, 18 janeiro 2009. Disponível em:

<http://www.haaretz.com/hasen/objects/pages/printarticle.en.jhtml?itemno=1056269>.

Data da consulta: 02/02/2009.

LEWI, H. *Isaac Bashevis Singer - La Génération du Déluge*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2001.

LIEBMAN, S. C. & DON-YEHIYA, E. "Israel's Civil Religion". In: *The Jerusalem Quarterly*, nº 23, spring, 1992.

LISIAS, Ricardo. "Philip Roth, A Degradação Social Sublinhada". In: *Panorama da Literatura Americana*, Cadernos Entre Livros. nº 3. São Paulo: Dueto Editorial, 2008, pp. 66-69.

LITERATURA NORTE-AMERICANA do século 20 - *Dossiê Revista Cult*. São Paulo. Ano 12. nº 135, maio-2009, pp. 44-65.

MAFFEI, M. "SINGER, I. B". *Os escritores - as históricas entrevistas da Paris Review*. Trad. Alberto Alexandre Martins e Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 230-249.

MANGUEL, Alberto. *A cidade das palavras*. Trad. Samuel Titan Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MANN, Thomas. *Ouvintes Alemães! - Discursos contra Hitler (1940-1945)*. Trad. Antonio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MANTILLA, Jesús Ruiz. "Habemus Obama". In: *Folha de São Paulo*, 08 junho 2008, Caderno Mais, pp. 2-3.

MARCZYK, Marta Bernadete Froline de Aguiar. *Representações cristãs do povo judeu em As minas de prata, de José de Alencar*. Dissertação de Mestrado, 102p. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP - Departamento de Letras Orientais, São Paulo, 2006.

MAUPASSANT, Guy de. "Uma Aparição". In: *Freud e o Estranho - Contos Fantásticos do Inconsciente*. Organização e Seleção: Bráulio Tavares. Trad. Luiz Guerra. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007, pp. 266-273.

MAYER, Hans. "Shylock". In: *Lês marginaux, femmes, juifs et homosexuels dans la littérature européenne*. Paris: Albin Mic, 1994, pp. 327-480.

McCRUM, Robert. "Philip Roth: Retrato Del Escritor Indignado". In: *Ñ-Revista Cultura*, 4 abril 2009.

MEIR, Golda. *Minha vida*. Trad. Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.

MEKHENNET, Soud; KULISH, Nicholas. "O Cotidiano Secreto do Dr. Morte no Egito". In: *Revista da Semana*, São Paulo, edição 74, ano 3, nº 5, pp.38-39, 14 fevereiro 2009.

MILNER, Marion. "Psicanálise e Arte". In: *A Loucura Suprimida do Homem São: quarenta e quatro anos explorando a psicanálise*. Trad. Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 193-215.

MODERNISMO: GUIA GERAL - 1890-1930. Organização: Malcom Bradbury e James McFarlane. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

MONEY-KYRLE, Roger. "A Psicologia da Propaganda". In: *Obra Seleccionada*. Trad. Ester Hadassa Sandler e Paulo Sandler. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, pp. 177-193.

_____. "O Desenvolvimento da Guerra: uma abordagem psicológica". In: *Obra Seleccionada*. Trad. Ester Hadassa Sandler e Paulo Sandler. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, pp. 155-176.

_____. "Sobre o Preconceito: uma abordagem psicanalítica". In: *Obra Seleccionada*. Trad. Ester Hadassa Sandler e Paulo Sandler. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, pp. 370-377.

_____. “Psicanálise e Ética” In: *Obra Seleccionada*. Trad. Ester Hadassa Sandler e Paulo Sandler. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, pp. 283-302.

MORIN, Edgar. *O Mundo Moderno e a “questão judaica”*. Trad. Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MORRIS, Benny. *1948: A History of the First Arab-Israeli War*. New Haven and London: Yale University Press, 2008.

NASCIMENTO, Lyslei de Souza. “Por uma estética contra a ordem: dois contos de Jorge Luis Borges sobre o nazismo”. In: *Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Helena Lewin (coordenação). Rio de Janeiro: Programa de Estudos Judaicos, 2005, pp. 203-211.

ORICCHIO, Luiz Zanin. “Filme israelense fica com o Leão de Ouro - ‘Líbano’, de Samuel Maoz, descreve o horror da guerra no Oriente Médio”. In: *O Estado de São Paulo*, 13 setembro 2009. Caderno Vida &, p. 27.

_____. “O cinema em campo minado”. In: *O Estado de São Paulo*, 14 setembro 2009. Caderno 2, p. 1.

ORTEGA Y GASSET, José. *A Desumanização da Arte*. Trad. Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____. *A Rebelião das Massas*. Trad. Marylene Pinto Michael. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OZ, Amós. “Uma questão de pesos e medidas”. In: *Revista 18*, ano VI, nº 21, setembro/outubro/novembro 2007.

_____. *Contra o Fanatismo*. Trad. Denise Cabral de Oliveira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. “É hora de romper o círculo vicioso”. In: *O Estado de São Paulo*, Internacional, A12, 10 fevereiro 2009.

_____. *A Caixa Preta*. Trad. Nancy Rosenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *In the Land of Israel*. Trad. Hebraico-Inglês de Mauri Goldberg-Bartura. London: Fontana Publishers, 1984.

_____. “Ninguém bate palmas com uma mão”. In: *O Estado de São Paulo*, Internacional, A-14, 20 março 2007.

_____. Dossier Israël: Amos Oz entre Dechirures et Engagement. In: *Transfuge, Le Magazine de Littérature Etrangere*. nº 2, Avril 2004, pp. 75-93.

_____. “Quem é a mulher na janela?”. In: *O Estado de São Paulo*, 04 novembro 2007. Caderno Aliás, J7.

OZICK, Cynthia. *O Xale*. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAPPE, Ilan. “Fifty years through the eyes of ‘Newhistorians’ in Israel”. In: *Middle East Report*. 28 (2), 1998.

PARFITT, T. “Ahad Há-Am’s Role in the Revival and Development of Hebrew”. In: Jacques Knouberd (ed.), *The Crossroads on Ahad Ha-Am*. Albany/New York: Suny, 1983, pp. 12-27.

PARISH, Timothy. L. “Imagining Jews in Philip Roth’s Operation Shylock”. In: *Philip Roth, Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 119-144.

PERETZ, I. L. “Bontzie, o silencioso”. In: *Contos de I.L. Peretz (seleção, tradução e introdução de J. Guinsburg)*. São Paulo: Perspectiva, 1966.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. “O Triunfo do Reich de Mil Anos: Cinema e Propaganda Política na Alemanha Nazista (1933-1945)”. In: *História e Cinema - Dimensões Históricas do Audiovisual / Maria Helena Capelato... [et al]*. São Paulo: Alameda, 2007, pp. 255-270.

PÉTILLON, Pierre-Yves. *Histoire de la Littérature Américaine - 1939-1989*, Paris: Fayard, 2003.

PIRANDELLO, Luigi. “Male di Luna”. In: *Os Melhores Contos de Loucura - Flavio Moreira da Costa org.* Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, pp. 97-104.

_____. *40 Novelas de Luigi Pirandello*. Seleção, Tradução e Prefácio: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

POLIAKOV, León. *Do Antissionismo ao Antissemitismo*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PRIMAVERA para Hitler - sátira sobre nazistas faz sucesso na Alemanha. In: *Revista da Semana*, São Paulo, edição 89, ano 3, nº 20, p.17, 28 maio 2009.

RABIN, Y. *The Rabin Memoirs*. Bnei Brak: Steimatzky, 1994.

REMICK, David. "Em Campo Aberto: Philip Roth". In: *Dentro da Floresta*. Trad. Álvaro Hattner, Celso Nogueira, Ivo Kurytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 137-152.

RILKE, Rainer Maria. *Carta a um jovem poeta*. Trad. Pedro Sússekind. Porto Alegre: LP&M, 2006.

ROSENFELD, Anatol. *Letras e Leituras*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. *Reflexões sobre o Romance Moderno - Texto/Contexto*, São Paulo: Perspectiva, 1970, pp. 73-96.

_____. "Literatura e Personagem". In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000, pp. 9-50.

_____. "Shakespeare e o Pensamento Renascentista". In: *Texto e Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996, pp. 123-146.

ROSSET, Clément. *O real e o seu duplo - ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROTH, Philip. *Goodbye, Columbus e outros contos*. Trad. Luís Horácio da Matta. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

_____. *Adeus, Columbus*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001.

_____. *Portnoy's Complaint*. New York: Vintage International, 1994.

_____. *O Complexo de Portnoy*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Zuckerman Unbound*. New York: Vintage International, 1996.

_____. *The Anatomy Lesson*. New York: Vintage International, 1996.

- _____. *Lição de Anatomia*. Trad. Lya Luft. Porto Alegre: LP&M, 1984.
- _____. *The Prague Orgy*. New York: Vintage International, 1996.
- _____. *The Counterlife*. New York: Vintage International, 1996.
- _____. *O Averso da Vida*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *The Facts - A Novelist's Autobiography*. New York: Vintage International, 1997.
- _____. *Traições*. Trad. Filomena Andrade e Sousa. Lisboa: Bertrand Editora, 1990.
- _____. *Deception*. New York: Vintage International, 1998.
- _____. *Patrimônio, Uma História Real*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Siciliano, 1991.
- _____. *Patrimony, a true story*. New York: Vintage International, 1991.
- _____. *Operation Shylock, A Confession*. New York: Vintage International, 1993.
- _____. *Operação Shylock - Uma Confissão*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O Teatro de Sabbath*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Pastoral Americana*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Casei com um Comunista*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *A Marca Humana*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Entre nós*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Shop Talk, A Writer and his Colleagues and Their Work*. New York: Vintage International, 2002.

_____. *O Animal Agonizante*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *The Plot Against America*. New York: Vintage International, 2005.

_____. *Complô contra a América*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Everyman*. New York: Vintage International, 2006.

_____. *Homem Comum*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Exit Ghost*. Boston/New York: Houghton Mifflin Company, 2007.

_____. *Fantasma Sai de Cena*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Indignation*. Boston/New York: Houghton Mifflin Company, 2008.

_____. *Indignação*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Novels and other narratives: The Counterlife, The Facts, Deception, Patrimony*. New York: The Library of America, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. "As Confissões de Auschwitz". In: *A parte obscura de nós mesmos - uma história dos perversos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, pp. 125-162.

ROZENCHAN, Nancy. "Entrevista com Aharon Appelfeld". In: *Caderno de Língua e Literatura Hebraica*, n.º 2, São Paulo: Humanitas, 1999, pp. 125-138.

RUBIN-DORSKY, Jeffrey. "The Question of Authenticity". In: *Philip Roth - Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 205-232.

SACCO, Joe. *Palestina: na Faixa de Gaza; prefácio de Edward W. Said*. Trad. Cris Siqueira. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

SAFER, Elaine, B. "From the Ghost Writer to the Counterlife - Comic Incongruity and the Road to Postmodernism". In: *Mocking The Age, The Later Novels of Philip Roth*. New York: State University of New York Press, 2006, pp. 17-37.

_____. "The Double, Comic Irony and Post Modernism in Operation Shylock". In: *Philip Roth - Edited and with an Introduction by Harold Bloom*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003, pp. 101-118.

_____. "The Plot Against America". In: *Mocking The Age - The Later Novels of Philip Roth*. New York: State University of New York Press, 2006, pp. 147-162.

SAID, Edward. *Orientalismo*. Trad. Rosaura Eishenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALMON, Christian. "Milan Kundera". In: *Os Escritores - As Históricas Entrevistas da Paris Review*. Trad. Alberto Alexandre Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 315-327.

SALKELD, Audrey. *A portrait of Leni Riefenstahl*. London: Pimlico, 1997.

SCHNITZLER, Arthur. "A Profecia". In: *Freud e o Estranho - Contos Fantásticos do Inconsciente. Organização e Seleção: Bráulio Tavares*. Trad. William Lagos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007, pp. 274-303.

SCHOLEM, Gershom. *De Berlim a Jerusalém*. Trad. Neusa Messias de Soliz. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SEGALL, Hanna. *Sonho, Fantasia e Arte*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SEGEV, T. *1949: The First Israelis*. London: MacMillan Press, 1986.

SEMPRUM, Jorge. "O Dia da Morte do Primo Levi". In: *A Escrita ou a Vida*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 219-244.

SHACKED, Gershom. "Shadows of Identity: A Comparative Study of German Jewish and American Jewish Literature". In: *What is Jewish Literature? - Edited with an Introduction by Hana Wirth-Nesher*. Philadelphia - Jerusalém: The Jewish Publication Society, 5754, 1994, pp. 167-187.

SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*. Trad. F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. *The Merchant of Venice*. New York: Washington Square Press, 1992.

SHELLEY, Mary. *Frankestein*. Trad. Éverton Ralph. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

SHIMERUK, Ch. "Hébreu, Yidish, Polonais: une culture juive". In: Jean Baugartem et David Bunis (org.), *Le Yiddish: langue, culture, société*. Paris: CNRS Éditions, 1999, pp.177-209.

SIMION, Eugen. "Le doublé, comme modèle cultural et existenciel". In: *Figures du Doublé dans lês littératures européennes*. Lausanne-Suisse: Editions L'Age D'Homme, 2002, pp. 268-274.

SINGER, I. B. *A família Moskat*. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. *Escória*. Trad. Hélio Pólvora. São Paulo: Siciliano, 1992.

_____. "Gimpel, o tolo". In: *O conto ídiche* (introdução de Meyer Kutchinsky, seleção e notas de J. Guinsburg). São Paulo: Perspectiva, 1966, pp. 323-338.

_____. *Inimigos: Uma história de amor*. Trad. Carmem Vera Cirne Lima e Julia Tettamanzy. Porto Alegre: LP&M Pocket, 1998.

_____. *O penitente*. Trad. Jimi Joe. Porto Alegre: LP&M Pocket, 1998.

_____. *Satã em Gorai*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

SMOOHA, S. "Minority Status in an Ethnic Democracy: The Status of Arab Minority in Israel". In: *Ethnic and Racial Studies*, 13, 1992.

SONTAG, Susan. "Fascinante Fascismo". In: *Sob o Signo de Saturno*. Trad. Ana Maria Capovila e Albino Poli Júnior. Porto Alegre: LP&M, 1986, pp. 59-84.

_____. *Sobre a fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Ao mesmo tempo*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Diante da dor dos outros*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SORJ, Bernardo. "Diáspora, Judaísmo e Teoria Social". In: *Experiência Cultural Judaica no Brasil* / org: Monica Grin & Nelson H. Vieira. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004, pp. 53-80.

SOUZA, Fábio de Andrade. "Matando o tempo: o impasse e a espera". In: *Fim de Partida - Samuel Beckett*. São Paulo: Cosac e Naify, 2002, pp.7-32.

SPIEGELMAN, Art. *Maus - A história de um sobrevivente*. Trad. Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A sombra das torres ausentes*. Trad. Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STAROBINSKI, Jean. *Le melancolie au miroir, trois lectures de Baudelaire*. Paris, Joilliard, 1989.

STEINER, George. *Diez (Posibles) Razones para la Tristeza del Pensamiento*. Trad. Maria Condor. Madrid: Ediciones Siruella, 2007.

_____. *Extraterritorial, A Literatura e a Revolução da Linguagem*. Trad. Julio Castañon Guimaraes. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

STEVENSON, Robert Louis. *O Médico e o Monstro*. Trad. Flávia Villas Boas. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

STYRON, William. *Perto das Trevas*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

TABACOF, D. "Ano Novo, Vida Velha". In: Revista *Shalom*, São Paulo, n.º 390, pp. 26-28, outubro 2005.

THE WAR - 1967. Editors: Zeev Anner, Yoseph Alkon; Picture Editor: Alex Gal; Design: Kerman Studio. Tel Aviv: Ot Paz Ltda. Julho, 1967.

TOLEDO, Karina. "Trauma pode modificar cérebro - estudo da UNIFESP liga stress pós-traumático a alteração cerebral que acarreta problemas de concentração e memória". In: *O Estado de São Paulo*, 22 janeiro 2009, Caderno Vida &, A18.

TOPEL, Marta Francisca. *Uma Tradição Milenar, Uma Ciência Moderna: A Antropologia Israelense, Autores e Leitores*. (360 f.) Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

_____. “Neopentecostais e neo-ortodoxos em São Paulo: diferenças e semelhanças nas estratégias de recrutamento de novos membros”. In: *Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Helena Lewin (coordenação). Rio de Janeiro: Programa de Estudos Judaicos, 2005, pp. 452-461.

URIS, Leon. *Exodus*. Trad. Vera Pedroso. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VAN CREVELD, Martin. *Moshe Dayan - Uma Biografia*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Globo, 2006.

YEHOSHUA, A. B. “An open letter to Gideon Levy”. In: *Haaretz*, 16 janeiro 2009. Disponível em:

<http://www.haaretz.com/hasen/objects/pages/printarticle.en.jhtml.no=1055977>. Data da consulta: 02 fevereiro 2009.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor. História e Memória Judaicas*. Trad. Lina G. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. *O Moisés de Freud – Judaísmo Terminável e Interminável*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

YITZHAK RABIN, O soldado da Paz. Equipe da Revista The Jerusalem Report. Trad. Maria Jones Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

YOUNG, James E. “The U. S. Holocaust Memorial Museum: Memory and Politics of Identity”. In: *The Jew in the text - Modernity and the construction of identity*. London: Thames and Hudson Ltda., 1995, pp. 292-306.

WAJNBERG, Daisy. “Teoria da Memória em Freud”. In: *Jardim de Arabescos - Uma Leitura das Mil e Uma Noites*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: FAPESP, 1997, pp. 97-109.

WALDMAN, Berta. *Entre Passos e Rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *Linhas de força: Escritos sobre Literatura Hebraica*. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. *Romance e Política: alguns aspectos da obra de Amós Oz - comunicação pessoal*, 2006.

_____. "Badenheim, 1939: Ironia e Alegoria". In: *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Marcio Seligmann - Silva (org.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003, pp. 173-190.

WELLEK, René - WARREN, Austin. "Natureza da Literatura". In: *Teoria da Literatura*. Trad: José Palia e Carmo. Lisboa: Publicações Europa América, 1971, pp. 25-34.

WIESEL, Elie. *Uma vontade louca de dançar*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

_____. *Testamento de um poeta judeu assassinado*. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

_____. "O discurso do ódio perdeu". In: *Revista Veja*, n.º 19, 13 de maio de 2009, pp. 17-21.

WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Trad. Mariana Gaspari. São Paulo: PubliFolha, 1998.

WILSON, Edmund. "Motores de Detroit". In: *Revista Serrote*, n.º 1. São Paulo: Instituto Moreira Salles, Março de 2009, pp. 159-189.

WINNICOTT, D. W. *Realidad y Juego*. Trad. Floreal Mazia. Barcelona: Gedisa, 1982.

_____. *Privação e Delinquência*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WIRTH-NESHER, Hana. "From Newark to Prague: Roth's Place in the American Jewish Literary Tradition". In: *What is Jewish Literature? Edited with an Introduction by Hana Wirth-Nesher*. Philadelphia - Jerusalém: The Jewish Publication Society, 5754, 1994, pp. 216-230.

ZERUBAVEL, Y. "'The Mythological Sabra' and the Jewish Past: Trauma, Memory and Contested Identities". In: *Israel Studies*. 7 (2), 2002.

_____. *Recovered Roots: Collective Memory and The Making of National Tradition*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real - cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Filmes

A LISTA de Schindler. Direção: Steven Spielberg. EUA: Universal Pictures, 1993. (134 min), DVD, son, p&b/color, leg.

AMÉM. Direção: Costa-Gavras. França: TF1 Films Productions, 2007. (132 min), DVD, son, color, leg.

EXODUS. Direção: Otto Preminger. EUA: United Artists, 1960. (208 min), DVD, son, color, leg.

O GRANDE Ditador. Direção: Charles Chaplin. EUA: United Artists, 1940. (128 min), VHS, son, p&b, leg.

OLYMPIA. Direção: Leni Riefenstahl. Alemanha: [s.n.], 1938. (3 horas e 24 min), 2 DVDs, son, p&b, legendas em português, alemão e espanhol. Distribuidora Amazon Digital.

O TRIUNFO da Vontade. Direção: Leni Riefenstahl. Alemanha: [s.n.], 1935. (124 min), DVD, son, p&b, leg.

SHOAH. Direção: Claude Lanzmann. França: New York Filmes, 1985. 3 fitas VHS. (613 min - França), (503 min - EUA), (566 min - Inglaterra), (544 min - Suécia). Línguas faladas: ingles, alemão, hebraico, polonês, yidish, francês.

Páginas da Internet

Charles Macklin. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/charles_macklin>. Data da consulta: 20/09/2008.

Menachem Begin. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/menachembegin>>. Data da consulta: 20/09/2008.

Yeshayahu Leibowitz. Disponível em:

<<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/yleibhtml>>. Data da consulta: 28/08/2006.

Yitzhak Rabin. Disponível em:

<<http://www.pmo.gov.il/pmoeng/history/formerprimeminister/yitzhakrabin/html>>. Data da consulta: 15/08/2008.

Yitzhak Shamir. Disponível em:

<<http://www.pmo.gov.il/pmoeng/history/formerprimeminister/yitzhakshamir/html>>.

Data da Consulta: 15/08/2008.

Shylock. Disponível em:

<<http://www.geosites.com/athens/acropolis/7721/-7k/shylock>>.

Data da consulta: 20/09/2008.